

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**WENDELL RAMOS MAIA**

**“O DESAFIO DO NOSSO TEMPO”**

**O ATIVISTA POLÍTICO SOB A SOMBRA DO ROMANCISTA: A ATUAÇÃO  
DE E.M.FORSTER NA IMPRENSA BRITÂNICA ENTRE AS DÉCADAS DE  
1920 E 1940**

MARINGÁ  
2015

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**WENDELL RAMOS MAIA**

**“O DESAFIO DO NOSSO TEMPO”**

**O ATIVISTA POLÍTICO SOB A SOMBRA DO ROMANCISTA: A ATUAÇÃO  
DE E.M.FORSTER NA IMPRENSA BRITÂNICA ENTRE AS DÉCADAS DE  
1920 E 1940**

Dissertação apresentada como requisito parcial para  
obtenção do grau de Mestre em História Política pelo  
Programa de Pós-graduação em História da  
Universidade Estadual de Maringá.  
Orientador: Prof. Dr. João Fábio Bertonha.

MARINGÁ  
2015

M731d MAIA, Wendell Ramos

**“O Desafio do Nosso Tempo”: O ativista político sob a sombra do romancista: A atuação de E. M. Forster na imprensa britânica entre as décadas 1920 e 1940.** Maringá-PR.: UEM., 2015.  
p. 257.

**Mestrado em História**

Área de Concentração: História Política

Orientador: Profº. Dr. João Fabio Bertonha

1. História Política. 2. Imprensa Britânica. 3. E.M.Forster.

Universidade Estadual de Maringá-UEM. I. Título.

CDD 22ª Ed. 320

NBR 12899 - AACR/2

À memória do meu amigo Thiago Rodrigo Nappi, que alcançou, como último porto, a sua Ítaca.

## AGRADECIMENTOS

Sou imensamente grato ao meu orientador, Prof.Dr. João Fábio Bertonha, por sua paciência, ponderação e disposição ao longo desses anos de convivência acadêmica. Meus sinceros agradecimentos pelo que foi capaz de fazer para chegarmos até aqui.

Agradeço aos pesquisadores e professores da banca examinadora pela atenção dedicada a este estudo. Nomeadamente o Prof. Dr. José Augusto Costa Avanici, que gentilmente me recebeu em Porto Alegre anos atrás, quando iniciava os preparativos para o Mestrado, e que, na ocasião da minha qualificação, fez inúmeras sugestões às quais acolhi; o Prof.Dr. Sindnei José Munhoz, a quem agradeço as observações e apontamentos feitos e o apoio manifestado para a continuidade deste estudo; e ao Prof.Dr. Alexandre Busko Valim, que gentilmente aceitou nosso convite e que deu sua contribuição para este trabalho.

Agradeço também a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro obtido e que foi fundamental para a realização deste trabalho.

Agradeço também o Prof.Dr. Jaime Estevão dos Reis pelo empurrão e o apoio cedido para que eu tivesse a coragem de abandonar os planos de me tornar um novo Jacques Le Goff, e seguir em frente para ingressar na galeria de biógrafos de E.M.Forster.

Agradeço, sobretudo, ao apoio incondicional de minha família, em especial meus pais, Mauro e Luciana Maia. Por detrás do esforço intelectual empreendido por mim para compor este trabalho, existiu, o tempo todo, o esforço de vocês para que eu tivesse condições e meios de fazê-lo. A cabeça pensante dificilmente faria alguma coisa sem que houvesse, por detrás, quem se dispusesse a ampará-la de todas as formas possíveis. Agradeço também, imensamente, ao apoio e estímulo dado por minha irmã, Aline Ramos Maia, meus avós e meus tios, sempre dispostos a complementarem os esforços perpetrados pelos meus pais para que eu tivesse a chance de chegar até aqui.

Agradeço imensamente aos amigos de sempre, companheiros de viagem e de leituras, com quem compartilhei vários momentos nesses anos de pesquisa — que não foram poucos. A plêiade não é grande, porque, como descobri através de vocês, um homem não pode contar senão com um punhado de amigos verdadeiros: Nathália Sene Garieri — minha Dora Carrington —, que pela sintonia me faz imaginar cenas que ainda não vivemos em lugares que ainda não conhecemos; Mellvy Cerizza — minha Virginia Woolf — que de seu autoexílio na Itália tem sido o depósito das minhas confissões, e eu a das suas; Sarah Tortora Boscov — minha Florence Barger — que no curso dos anos esteve presente, mesmo que a distância, e que foi quem me levou a encontrar pessoas por quem tenho, hoje, grande respeito e admiração; André Boscov, uma das pessoas com quem mais tenho discutido e partilhado ideias, e uma das que mais contribuíram para reforçar minhas convicções; Alan Trevisan Borges, cuja lealdade, paciência e cumplicidade que encontrei em você nos últimos meses tem feito de mim um homem melhor; Leandro Pivato, cuja amizade me é especial e sei que é verdadeira, apesar da distância; e Adriano Oliveira, que, embora não saiba, foi testemunha ocular do processo de gestação deste trabalho.

“Quando houver essa colisão de princípios, você será a favor do individuo as expensas da comunidade como eu creio? Ou você prefere uma economia justa às expensas das liberdades individuais?” *The Challenge of Our Time* [O Desafio do Nosso Tempo], 1946.

“Uma obra de arte, e todos nós concordamos nisso, é um produto único. Mas por quê? Ela não é única por ser engenhosa, nobre, bela, iluminada, original, sincera, idealista, útil, ou instrutiva — de fato, ela pode incorporar e ter todas essas qualidades —, mas porque é o único objeto do universo que possui harmonia interna. (...) A obra de arte existe por si só, e nada mais é assim. Ela possui algo que a sociedade frequentemente promete, mas sempre em vão.” *Art for Art's Sake* [A Arte pela Arte], 1949.

“As pessoas que mais admiro são aquelas que têm sensibilidade e que desejam criar ou descobrir algo sem contemplar a vida [a partir] da perspectiva do poder. (...) [São] ‘pessoas comuns’, que são criativas em suas vidas privadas e que, por exemplo, criam seus filhos decentemente, ou ajudam seus vizinhos. Todas essas pessoas precisam se expressar; e elas não podem fazer isso a não ser que sua sociedade as permita, e a sociedade que as permite ter tal liberdade é a democrática.” *What I Believe* [No que eu acredito], 1938.

“O final feliz era imperativo. Estava decidido que, ao menos em uma obra de ficção, dois homens se apaixonariam e permaneceriam unidos nesse para sempre que a ficção permite; e nesse sentido, Maurice e Alec ainda vagam pelos bosques. E a única penalidade que a sociedade lhes impõe, é um exílio que eles alegremente abraçam.” *Maurice*, nota final, setembro de 1960.

## RESUMO

---

MAIA, Wendell Ramos. “O Desafio do Nosso Tempo”: O Ativista Político sob a sombra do romancista: a atuação de E.M.Forster na imprensa britânica entre as décadas de 1920 e 1940. 257 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

Depois de uma carreira bem sucedida como romancista profissional, que se encerrou com a publicação de *A Passage to India*, em 1924, o escritor inglês Edward Morgan Forster (1879-1970), saiu de sua torre de marfim por força das circunstâncias. Como a maioria dos intelectuais de seu tempo, que serviram de ponta de lança para o embate ideológico que teve lugar naquele momento, ele se colocou à frente para se opor às aquelas ideologias que se apresentavam como portadoras das soluções para os problemas prementes — nomeadamente, o fascismo e o comunismo. De fato, ele não se intimidou e, na medida em que a situação caminhava claramente na direção do conflito, ele assumiu certas responsabilidades e se utilizou da influência que tinha na tentativa de mover a opinião pública na direção contrária à onda revolucionária. E esse é nosso objetivo: ver o posicionamento político E.M.Forster nessa conjuntura. Compreender os meandros de sua atuação na imprensa e a maneira como se posicionou ao longo daqueles anos em que ideias revolucionárias e antirrevolucionárias foram propaladas e se enfrentaram até a derrocada da Alemanha nazista, em 1945.

Palavras-chave: E.M.Forster. Imprensa. Intelectuais.

---



## ABSTRACT

---

MAIA, Wendell Ramos. "The Challenge of Our Time": The Political Activist under the shadow of the novelist: the E.M.Forster of action in the British press between 1920 and 1940. 258 f. Programa de Pós-Graduação em Historia da Universidade Estadual de Maringa, Maringa, 2015.

After a successful career as a professional novelist, which ended with the publication of *A Passage to India* in 1924, the English writer Edward Morgan Forster (1879-1970), went out of their ivory tower under the circumstances. Like most intellectuals of his time, which served as the spearhead for the ideological struggle that took place at that time, he put forward to oppose those ideologies that were presented as having the solutions to the pressing problems — in particular, the fascism and communism. In fact, he was not intimidated and, to the extent that the situation clearly walked toward the conflict, he took some responsibility and used the influence that he had in trying to move public opinion in the opposite direction to the revolutionary wave. And this is our goal: to understand the E.M.Forster political position at this juncture. Understanding meanders of his performance in the press and the way that he positioned over those years in which revolutionary and anti-revolutionary ideas were divulged and faced up to the collapse of Nazi Germany in 1945.

Keywords: E.M.Forster. Press. Intelligentsia.

---

## SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS .....	5
RESUMO .....	8
ABSTRACT .....	9
SUMÁRIO.....	10
PARTE I – DE CAMBRIDGE A ALEXANDRIA .....	11
INTRODUÇÃO .....	12
<b>CAPÍTULO I – MARIANNE THORNTON: A FORMAÇÃO DE UM ESPÍRITO: 1879-1887</b> .....	22
Battersea Rise: A Mansão dos Thornton .....	23
<b>CAPÍTULO II – ENTRE CAMBRIDGE E O <i>BLOOMSBURY</i>: A FORMAÇÃO DO INTELLECTUAL: 1897-1901</b> .....	34
King’s College .....	35
O Grupo de <i>Bloomsbury</i> .....	36
O Homossexualismo .....	48
O Abandono da ficção .....	57
<b>CAPÍTULO III – SAINDO DA TORRE DE MARFIM: 1915-1924</b> .....	69
“Personagens não podem vir à vida, lutar ou guiar o mundo”.....	70
As ideologias do século XX .....	76
PARTE II – NA ENCRUZILHADA .....	112
<b>CAPÍTULO IV – A ERA DA REVOLUÇÃO FASCISTA</b> .....	113
O “Fabio-Fascismo”: O Fascismo na Inglaterra .....	114
O Fascismo no Continente: 1934-1939 .....	141
Na B.B.C. durante a Segunda Guerra Mundial: 1940-1941.....	168
<b>CAPÍTULO V – A ERA DA REVOLUÇÃO COMUNISTA</b> .....	193
“Mais humano do que o fascismo” .....	194
“Ele fez coisas que eu acho muito ruins”.....	217
<b>CAPÍTULO VI – DOIS VIVAS À DEMOCRACIA</b> .....	236
No que eu acredito.....	237
CONCLUSÕES.....	243
CRONOLOGIA .....	249
BIBLIOGRAFIA .....	252

PARTE I  
DE CAMBRIDGE À ALEXANDRIA

## **INTRODUÇÃO**

Nascido em Londres, em 1879, filho de Edward Morgan Llewellyn Forster (1853-1880) e Alice Clara Whichelo (1855-1945), E.M.Forster foi um dos mais destacados escritores e intelectuais ingleses do século XX. Como seu pai, ingressou na Universidade de Cambridge, em 1897, mas ao invés de arquitetura, estudou História e Letras Clássicas no King's College. E diferente dele, experimentou e viveu num ambiente menos austero, quase totalmente depurado da influência religiosa que caracterizara o ensino nas universidades britânicas até a primeira metade do século XIX. “Cambridge o transformou, e ele sempre reconheceu esse débito. [Ali] ele ‘se encontrou’, ou pelo menos foi onde esse processo teve início,”<sup>1</sup>, como observou seu primeiro biógrafo, P.N.Furbank. As influências das amizades travadas ali com o embrião do *Grupo de Bloomsbury*, além da de alguns de seus professores, especialmente Lowes Dickinson e Edward Dent — que foi quem o incentivou a seguir a carreira literária —, foram decisivas para sua formação. Como frisou Nicola Beuaman, não fosse Cambridge, ele não teria enveredado pelo caminho da escrita.<sup>2</sup>

Sua carreira literária foi meteórica, mas curta. O primeiro romance, *Where Angels Fear to Tread* (1905), publicado pela Edward Arnold foi seguido por *The Longest Journey* (1907), *A Room with a view* (1908), cuja uma das versões chegou aos cinemas em 1986, protagonizado por Maggie Smith e Helen Bonham-Carter, *Howards End* (1910), que também foi filmado e saiu em 1992 tendo à frente do elenco Vanessa Redgrave, Emma Thompon, Antonin Hopkins e Helen Bonham-Carter, *A Passage to India* (1924), o último romance publicado em vida, cuja versão no cinema foi dirigida por David Lean, de *Doutor Jivago*, e *Maurice* (1971), o romance póstumo, mas escrito entre 1913-1914, que teve sua versão cinematográfica lançada em 1987 contando com James Wilby, Hugh Grant e Rupert Graves interpretando os protagonistas.

A despeito do sucesso repentino que deu a ele uma nova perspectiva ante as incertezas que o haviam consumido nos anos que se seguiram após ter deixado Cambridge, a morte de sua avó materna, Louisa Whichelo, em 1911, e o estouro do

---

<sup>1</sup> FURBANK, P.N. *E.M.Forster: a life*. Vol. I. New York: A Harvest Book & Harcourt Brace & Company, 2010, p.49.

<sup>2</sup> BEUAMAN, Nicola. *Morgan: A biography of E.M.Forster*. London: Hodder & Stoughton, 1993, p.83.

conflito em agosto de 1914 dinamitaram o mundo no qual ele se refugiava. Nos meses que se seguiram a publicação e o sucesso de *Howards End* já era possível ter um vislumbre das dificuldades que iriam despontar em sua vida. Em seu diário, em dezembro daquele ano, ele escreveu: “Hoje um dia depressivo. Minha mãe não esta bem, e não vejo que se possa fazer. (...) Quando penso na infelicidade que se aproxima — com a morte da minha avó — não sei o que ela fará. (...) Minha mãe pode ir à ruína.”<sup>3</sup> E foi o que aconteceu. A morte de sua avó, em janeiro de 1911, destruiu a vida de sua mãe e modificou totalmente o seu caráter. Como frisou P.N. Furbank, “a vida deles nunca mais foi a mesma depois disso.”<sup>4</sup>

Se ele já temia por sua esterilidade como escritor antes mesmo da morte de sua avó materna, como ele registrou em seu diário em dezembro de 1910 — “Devo me forçar a começar um livro ou esperar para [ver] se a inspiração venha em algum momento?”<sup>5</sup> —, o que veio depois simplesmente soterrou a possibilidade dele de se recompor. O estouro do conflito em agosto de 1914 o deixou ainda mais perturbado e depressivo do que de costume, o que o impedia de trabalhar — “Sinto que essa guerra acontece por minha causa. Se eu morrer, isso termina,”<sup>6</sup> escreveu em seu diário.

De todo, as mudanças provocadas pelo conflito demorariam a ser completamente absorvidas por uma Europa cambaleante e incrédula ante ao que tinha acontecido — e E.M.Forster não reagiria de maneira muito diferente. A inversão na tendência política que se verificou ao longo das décadas de 1920 e, sobretudo na de 1930, quando o fascismo e o comunismo emergiram como alternativa ao liberalismo político e econômico, acabou gerando não só uma instabilidade emocional e um bloqueio criativo em sua carreira, mas também uma nostalgia com relação a um mundo que parecia fadado a desaparecer e que dava sinais claros de debilidade. Diante dessa perspectiva, o que se operou na década de 1920 na carreira de E.M.Forster foi uma reação frente a essa

---

<sup>3</sup> To day depression. Mother not happy, but I see nothing to do. (...) When I think of an unhappiness that is probably approaching of her — Grand’s death — I cannot think what she will do. (...). Mother would be ruined. FORSTER, Edward Morgan; GARDNER, Philip (org.) *The Journals and Diaries of E.M.Forster*. Vol. II. New York: Ashgate, 2011, p. 18.

<sup>4</sup> FURBANK, P.N. *E.M.Forster: a life*. Vol. I. New York: A Harvest Book & Harcourt Brace & Company, 2010, p. 197.

<sup>5</sup> Shall I force myself to begin a book & trust to inspiration dropping in some time? FORSTER, Edward Morgan. GARDNER, Philip (org.) *The Journals and Diaries of E.M.Forster*. Vol. II. New York: Ashgate, 2011, p.18.

<sup>6</sup> Feel the war exists on my account. If I died it would stop. Ibidem, p.49.

conjuntura política, então polarizada — e é essa reação que nos permitirá compreender um pouco melhor o próprio contexto.

Nessa conjuntura ele acabou percebendo, como acabou registrando em seu *Commonplace Book*, que sua ficção de nada serviria — “Personagens não podem vir à vida, lutar ou guiar o mundo.”<sup>7</sup> Ele também percebeu que as ações concretas é que poderiam fazer a diferença nessa conjuntura — em carta à Virginia Woolf, quando formalizou o pedido para que ela e seu marido Leonard Woolf integrassem a comitiva britânica que seria liderada por ele em Paris no *Congresso Internacional dos Escritores*, em 1935, ele descreveu o espírito que o movia: “Não creio que a conferência em si seja de qualquer utilidade — as coisas já foram longe demais. Mas não tenho dúvidas quanto à importância de pessoas como nós *dentro* dessas conferências. Nós representamos as últimas manifestações do [mundo] civilizado.”<sup>8</sup> Ou seja, ele reconhece a responsabilidade, a sua como intelectual, de agir e de se manifestar sobre as questões que estavam postas e esperava que seus amigos, que também estavam engajados em causas próximas as que ele defendia, fizessem o mesmo. E é isso que diferencia seu comportamento nessa época da anterior, quando ele era um escritor bem sucedido. “Nosso dever imediato,” escreveu ele em 1934, “é o de detê-lo [ao fascismo], e a melhor maneira de fazê-lo é convencer os partidários de Sir Oswald [Mosley, líder do partido fascista britânico] de que isso não vale a pena.”<sup>9</sup> “Nós representamos,” “Nosso dever” — é visível a mudança de atitude aqui, que foi moldada pela conjuntura política que se encarregou de empurrá-lo na direção do debate interno sobre questões que estavam colocadas naquele momento.

Mas a despeito disso, de não ter ficado alheio à realidade política que identificou nessa conjuntura, existe algo de atípico nele quando observamos o comportamento de outros intelectuais nesse momento — e esse detalhe também será importante mais adiante. Enquanto Ezra Pound, Mircea Eliade, Henri Montherlant ou Drieu la Rochelle se mostraram entusiasmados com as ideias de Hitler, ou Sidney e Beatrice Webb, Louis Aragon e Henri Barbusse faziam loas a Stalin, E.M.Forster manteve-se fiel aos valores

---

<sup>7</sup> Characters cannot come alive and fight and guide the world. FORSTER, E.M. *Commonplace Book*. Aldershot: Wildwood House, 1987, p.150-151.

<sup>8</sup> FORSTER apud FURBANK, P.N. *E.M.Forster: a life*. New York: A Harvest Book & Harcourt Brace & Company, 2010, p.193.

<sup>9</sup> Our immediate duty is to stop it, and perhaps we can do that by convincing Sir Oswald’s backers that will not pay. *Ibidem*, p. 2282-283.

que herdou do mundo anterior a 1914, o mundo dos Thornton e da tradição liberal do século XIX.

Como outros intelectuais naquele momento, quando entrou na arena política, E.M.Forster tinha um propósito. De fato, não foi o de Pound, de idolatrar Mussolini, e nem o de Henri Barbusse, que fazia o mesmo com Stalin. Sua atuação na imprensa também não serviu para dar vazão às pretensões que encontramos em um Bernard Shaw ou um H.G.Wells. Sua atitude, sua atuação na imprensa foi uma resposta, uma resposta a um mundo que, como ele mesmo escreveu, ele tinha “dificuldades” de compreender — “Lamento de ter de viver nesses anos trinta — e não é porque sejam ameaçadores, é porque não estou equipado para compreendê-los,”<sup>10</sup> escreveu ele.

Essa dificuldade é significativa — trata-se de uma dificuldade de adaptação à realidade carregada da década de 1930 que ele sempre comparou com a de antes de 1914. Foi essa conjuntura, em conjunto com o distanciamento da ficção e a busca por uma saída por um bloqueio criativo que imperou desde a publicação e o sucesso de *Howards End*, que o forçou a fazer, como outros intelectuais naquele momento, uma *escolha*. E temos que frisar isso. Temos de frisar porque não havia nada que pudesse determinar que regime ou que ideologia cada uma deveria ou poderia estar apoiando. Mesmo estando na França ocupada, um intelectual tinha opções — as opções eram reduzidas, é verdade, mas elas existiam. Ele poderia se silenciar, poderia consentir e fingir que apoiava o regime ou simplesmente ingressar na Resistência Francesa.

De todo, essas escolhas são sempre íntimas e determinadas pela consciência de cada indivíduo, que pode ou não externa-la, dependendo da situação — não é difícil imaginar o porquê de muitos opositores do regime nazista e soviético terem simplesmente se silenciado. Mas externado ou não, elas estão lá. Nesse sentido, temos que nos atentar para aquilo que Isaiah Berlin disse a respeito da conduta do homem em sociedade e da produção do conhecimento histórico: o comportamento humano e seu universo interior podem ser moldados pela condição de classe, pelo gênero, pelas tradições culturais, no entanto, como indivíduo, o homem tem a capacidade de escolha moral, e assim esta livre de fatores determinantes. Nesse sentido, a função da compreensão histórica é justamente a de identificar a margem de manobra que os atores históricos tinham para a ação com base nas alternativas concretas que se tinha à época e

---

<sup>10</sup> I am sorry to have lived on into these 1930 — not because they are dangerous, but because I am not equipped to understand them. HEALTH, Jeffrey M. *The Creator as Critic and other writings by E.M.Forster*. Toronto: Dundurn Press, 2008, p.106.



compreender como e porque os homens usaram sua liberdade dessa ou daquela maneira.<sup>11</sup>

Aplicado a este trabalho, esta noção nos coloca diante dessa possibilidade de análise: se escolhas foram feitas, cabe compreender como e o porquê de se ter feito determinada escolha. Nessa conjuntura a intelectualidade europeia, incluindo E.M.Forster, tinha a chance de ingressar, por exemplo, nas fileiras fascistas, comunistas, trotskistas, socialdemocratas, liberais, conservadoras. Podia-se até mesmo saltar de um para outro, como chegou a acontecer. Jacques Doriot (1898-1945) e Marcel Déat (1894-1955) tiveram um passado comunista antes de fundarem um dos muitos partidos com tendências fascista na França, o *Parti Populaire Français* e o *Rassemblement National Populaire*, respectivamente. Como compreender isso? E mais importante: em que medida, ao analisarmos o caso de E.M.Forster, teremos a chance de compreender melhor esse contexto e o comportamento da intelectualidade europeia?

Trata-se de um fenômeno histórico complexo, um fenômeno que exige, como observou Sirinelli, em primeiro lugar, o exame e a análise das ideias externadas por esses intelectuais por meio do material produzido reinserindo-as no ambiente em que despontaram para que tenhamos condições de compreender de onde veio não só o impulso que os levou a se engajar politicamente, mas também as escolhas que fizeram. E para que tenhamos a chance de compreender isso, temos que nos atentar para suas biografias e observar sua intimidade. Em outras palavras, observar o seu *itinerário*, na expressão cunhada por Sirinelli.<sup>12</sup> A diversidade de experiências e vivências particulares não pode ser ignorada aqui — Robert Brasilach era mais católico, monarquista e neoclassicista do que Pierre Drieu La Rochelle, e isso certamente fez toda a diferença, ainda que os dois tenham optado pelo fascismo.

Para além das muitas experiências e das particularidades das vidas desses intelectuais, temos também que atentar para a evolução e para a diversidade de interesses e ideias defendidas no *interior* dos núcleos aos quais esses intelectuais pertenciam. Pela própria profusão dos espaços nos quais esses intelectuais atuavam — aquilo que Sirinelli chamou de *estruturas de sociabilidades* —, ou seja, as redações de jornais, as editoras, e da dificuldade que uma abordagem desses centros acarretaria, iremos concentrar nossos esforços não nesses lugares, mas naquilo que ocorreu no

---

<sup>11</sup> BERLIN, Isaiah. *Quatro Ensaios Sobre a Liberdade*. Brasília: Editora UnB, 1981, p. 75-126.

<sup>12</sup> SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais IN: RÉMOND, René. *Por uma história política*. São Paulo: p.245-247.

interior dos dois nichos que compunham os pólos políticos de então, *revolucionários* e *antirrevolucionários* — mais adiante teremos a oportunidade de esclarecer isso, mas para evitar confusões, já adiantamos que não estamos usando o termo *antirrevolucionário* para designar aquilo que Arno Mayer chamou de *contrarrevolucionários*.<sup>13</sup> Os *contrarrevolucionários* de Mayer são, por definição, conservadores autoritários. Os *antirrevolucionários* aqui, como entendemos, são todos aqueles que se opuseram a qualquer revolução, independente dela projetar anseios de esquerda ou de direita. Com efeito, os *contrarrevolucionários* de Mayer integram e formam um setor dentro esse grupo que chamamos de *antirrevolucionários*.

A ideia aqui, ao privilegiarmos esses espaços mais amplos em detrimento desses pequenos núcleos que os compõem, é o esmiuçar não só sua dinâmica, mas também as principais tendências representadas por alguns intelectuais no seu interior. No final da década de 1930, André Gide se filiou a um grupo de intelectuais marxistas ligados ao Partido Comunista Francês. Mas isso não quer dizer que ele trabalhou para o *partido*. Ao contrário, ele manteve uma certa independência, o que o levou a escrever e publicar um pequeno livro sobre o que viu após seu retorno da União Soviética. Com isso, os mesmos que, poucos anos antes, haviam celebrado sua adesão ao comunismo, a partir da publicação de *Retour de l'URSS*, acusaram-no de ser manipulado por agentes antissoviéticos, de ser um laçao de fascistas e trotskistas. “Na pior das hipóteses”, como escreveu Winock, “Gide, agora, é um inimigo; na melhor, ele é um ‘amigo fraco.’ Em Paris, o Partido Comunista trata, de organizar, o mais que depressa, reuniões informativas sobre essa obra afrontosa para minimizar seus efeitos.”<sup>14</sup>

O ostracismo no qual Gide caiu nos anos subsequentes evidencia alguns aspectos da dinâmica interna desses grupos — o dos revolucionários comunistas —, que, a cada momento vê seus quadros se alterarem de acordo com as ondas de adesões e deserções que ocorrem. A natureza da adesão de alguns intelectuais é um fenômeno interessante, e daremos atenção a ela. Nem todos aderiam com a mesma convicção, ou demonstraram seu apoio seja ao fascismo ou comunismo, ou até mesmo a democracia, com o mesmo afinco. Dentro desse grupo, o dos revolucionários comunistas, Gide seria um “amador”, ao passo que André Malraux e Henri Barbusse seriam “profissionais” — trabalhavam para e seguiam a linha do Partido, que era ditada por Moscou. Como muitos Gide não se

---

<sup>13</sup> MAYER, Arno. *Dinâmicas da Contra-Revolução na Europa*. São Paulo: Paz e Terra, 1977.

<sup>14</sup> WINOCK, Michel. *O Século dos Intelectuais*. Rio de Janeiro: Bertand, 2000, p.378.

entregou ao partido, ele apenas aderiu à sua causa. Ele não desempenhou um papel relevante dentro desse grupo como, por exemplo, Paul Nizan e Antonio Gramsci, ou E.M.Forster, T.S.Eliot e Hillaire Belloc, do lado liberal e conservador. Gide pode não ter tido o desempenho comparado ao de Sartre no pós-guerra dentro do grupo revolucionário, mas sua adesão causou um verdadeiro furor no círculo de intelectuais ligados para Partido Comunista Francês. E por esse motivo, além do conjunto da obra, em especial *Coridon*, de que E.M.Forster gostava, daremos ênfase à sua atuação, a de Gide, no seio desse grupo para compreender sua dinâmica.

Um critério parecido foi adotado no momento em que selecionamos os intelectuais que seriam utilizados em nossa análise — relevância da obra e proeminência dentro do grupo ao qual pertence foi um dos muitos critérios utilizados. Nem Robert Brasillach ou Drieu la Rochelle tem uma obra literária significativa, mas são dois dos escritores colaboracionistas mais famosos. Henri Barbusse escreveu uma das primeiras biografias de Stálin, publicada ainda na década de 1930, pouco antes de sua morte. André Malraux é o autor de *A Condição Humana*, e sua atuação no cenário político francês se estendeu também no pós-guerra, quando participou do governo de de Gaulle.

Assim, a ideia é que toda essa discussão com relação à atuação desses intelectuais nesse contexto nos ajude a alumiar questões referentes ao posicionamento e a própria atuação de E.M.Forster. Do mesmo modo, a análise do caso de E.M.Forster poderá ser útil para que tenhamos a chance de compreender melhor o de muitos de seus contemporâneos. Em suma: trata-se de uma análise comparativa que parte do pressuposto colocado por Isaiah Berlin a respeito da rejeição de determinismos na esfera individual e que se completa com o uso de alguns instrumentos fornecidos por Sirinelli, que provém da História Política dos Intelectuais, para termos uma outra dimensão do comportamento da intelectualidade europeia à época.

Uma vez tendo aclarado essas questões de ordem teórica e metodológica, podemos nos deter sobre alguns aspectos da estrutura do nosso trabalho. Tentaremos, em um primeiro momento, analisar algumas questões referentes à carreira e a vida de E.M.Forster que tiveram reflexo direto e que contribuíram para sua formação — as influências que as famílias de seus pais exerceram sobre ele, a homossexualidade, os anos vividos em Cambridge. Nesse sentido, os capítulos *Marianne Thornton* e *Entre Cambridge e o Bloomsbury* visam dar conta dessas questões. De fato, tudo o que abordarmos aqui, a influência de sua mãe, de sua tia-avó, de seus amigos do

*Bloomsbury*, o processo de abandono da ficção e o peso que sua homossexualidade cabou tendo em sua vida e em sua carreira, nos permitirá compreender tudo o que veio depois — de suas atitudes quando iniciou sua carreira como crítico e ensaísta ao seu posicionamento político.

Em *Saindo da Torre de Marfim*, até pelo contexto histórico em que E.M.Forster definiu seu posicionamento, faremos um pequeno balanço a respeito da fissura provocada pelas duas das principais ideologias radicais que se digladiaram na primeira metade do século XX no campo político. O estouro do conflito em 1914 gerou profundas dissensões internas na maioria dos países envolvidos, especialmente naqueles que saíram derrotados. As necessidades eram prementes, e as democracias recém-criadas, com as soluções que ofereciam, não foram capazes de aplacar os ânimos. Assim, essa situação acabou abrindo as comportas para que o radicalismo dominasse o debate político e se impusesse como alternativa viável para fazer frente a um mundo em decomposição e fragmentado. Se por um lado divergia sobre qual regime apoiar, não há dúvida de que o grosso da intelectualidade europeia não só reconhecia como compartilhava a mesma noção de que o mundo da democracia liberal estava liquidado, e de que era necessária uma reformulação completa da sociedade. Foi sob esse impulso que ela agiu e sob esse impulso que ela buscou em soluções autoritárias o meio para sair do impasse em que viviam. E é por isso que queremos frisar os elementos e práticas que essas ideologias compartilhavam, uma vez que eles serão úteis para a discussão que se dará na sequência.

Por fim, num terceiro momento faremos um mergulho nas décadas de vinte e trinta para tentarmos compreender o posicionamento de E.M.Forster nessa conjuntura. E pretendemos fazê-lo discutindo sua relação com o fascismo, o comunismo e a democracia de forma comparativa. O confronto entre as ideias defendidas nos permitirá compreender que valores E.M.Forster defendia frente àqueles que eram considerados mais modernos ou necessários por fascistas e comunistas.

Assim, o que estamos tentando compreender aqui é o grau de atração exercido por essas ideologias radicais sobre a intelectualidade — e o caso de E.M.Forster será a ferramenta com a qual vamos cavar esse túnel em direção à luz. Nessa época, a intelectualidade parecia ter atendido a um chamado. E isso não era novo. Como E.M.Forster ao longo das décadas de vinte e trinta, vários dos intelectuais franceses do século XIX sobre os quais Winock se debruça em *As Vozes da Liberdade* acreditavam ter responsabilidades e que deviam de agir dada a conjuntura que se apresentava. Muitos

ambicionavam cadeiras no Parlamento, tendo alguns chegado até a serem ministros, quando não chefes de estado. Sendo aristocratas por nascimento, ou aristocratas pelo saber e talento, consideravam que, se pensam e comentam a política, também precisavam praticá-la. Não é a toa que redigissem profissões de fé, que fizessem campanhas, que participassem de banquetes cívicos, que ocupassem cadeiras no Parlamento, que interpelassem e participassem dos governos, que bradassem ao povo. Seu desejo era o de guiar.<sup>15</sup> E E.M.Forster agiu sob o impulso dos mesmos instintos — o de que ele tinha responsabilidades e de que não se podia furtar delas —, embora jamais tenha chegado ao extremo de se filiar a um partido e concorrer a uma cadeira no Parlamento. Nesse sentido, a discussão que se dará nas páginas que se seguem girará em torno das atitudes de um intelectual com relação à política, e por isso, não se difere muito da de Winock em termos objetivos. A política esta no centro da arena. A intelectualidade esta debatendo ideias políticas e planos de ação. Até a conjuntura é complexa e turbulenta. A diferença é que estamos do outro lado da Mancha e sob pressão não de dois regimes, mas de duas ideologias.

---

<sup>15</sup> WINOCK, Michel. *As vozes da liberdade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, p.16.

## **CAPÍTULO I**

### **MARIANNE THORNTON: A FORMAÇÃO DE UM ESPÍRITO: 1879-1887**

## BATTERSEA RISE: A MANSÃO DOS THORNTON

Desde 1852 a filha mais velha de Henry Thornton, Marianne Thornton, vivia em seu “exílio.” Em virtude de querelas familiares, ela foi obrigada a deixar Battersea Rise, a mansão dos Thornton, e se “exiliar”, numa casa próxima. Ali ela vivia de forma despretensiosa e com o conforto que o dinheiro dos Thornton podia lhe proporcionar. Não se casou, não teve filhos. Mas depois que seu médico particular, o Dr. Tayloe apareceu em sua casa, *East Side*, com a filha mais velha de uma família pouco tradicional dali, Alice Clara Whichelo (1855-1945), conhecida como Lily, sua vida mudou. O seu pai, o de Lily, tinha morrido havia pouco, e como a situação financeira da família não era das melhores, ele, o médico, resolveu ajuda-la da maneira que podia, ou seja, colocando-a em contato com aquela que era uma das famílias mais influentes dali. E como talvez tivesse imaginado, Marianne acabou se afeiçoando a essa menina que, à época, tinha pouco mais que 12 anos, mas que já demonstrava ter muitas qualidades. Ela se dispôs a adotá-la e chegou a pagar seus estudos em uma escola mantida por Mademoiselle Collinet, em Brighton, para que ela recebesse a educação necessária para seguir a carreira como governanta.

No entanto, ao que tudo indica Marianne não se limitou a isso. É provável que nos anos seguintes ela tenha movido esforços para que seu sobrinho favorito, Edward, conhecido como Eddie, filho de sua irmã mais nova, Laura e do reverendo irlandês Charles Forster, se casasse com sua *protégée*. Se de fato ela moveu esforços para isso, ela obteve sucesso. Os dois acabaram se conhecendo melhor anos depois quando Lily foi trabalhar em Abinger Hall, a casa dos Farrer, amigos de Marianne, em 1876. Em questão de alguns meses eles ficaram noivos, tendo o casamento se consumado no começo do ano seguinte.

Os Forster se estabeleceram no nº 6 da Melcombe Place, na Dorset Square, em Londres, onde seu filho nasceria quase dois anos depois de seu casamento. Em meados de março eles se hospedaram em *East Side* para que a criança fosse batizada na igreja local que, no final do século XVIII, era frequentada por Henry Thornton, Wilberforce e Zachary Macaulay. E a despeito do pequeno incidente envolvendo o nome da criança, que tinha sido registrada como Henry Morgan Forster e que fora batizada como Edward Morgan Forster, as coisas seguiram um curso um tanto previsível no um ano e meio que se seguiu. Os Thornton se esforçaram para ajudar os Whichelo e Marianne cada vez mais estendendo sua influência sobre os Forster. As coisas chegaram ao extremo com a

morte de Eddie, em outubro de 1880, o que suscitou uma discussão a respeito do futuro da criança. Por ter sido uma morte súbita, provocada por uma febre tifoide que deixou todos atônitos, ela levantou dissensões entre Lily, que queria criar seu filho sozinha, e Marianne, que agora movia suas atenções para seu futuro herdeiro e, por isso, o queria por perto. “A morte de seu sobrinho abriu caminho para que Marianne renovasse seu controle sobre Lily, um controle que havia cessado quando de seu casamento.” “Ela sentiu”, como escreveu Beauman, “que era o seu direito e dever vigiar não só a vida do bebê, mas também a de Lily.”<sup>16</sup>

Lily obviamente não aceitou essa intromissão, e reagiu a isso apartando seu filho e protegendo-o da ação e da influência de Marianne, que, ao que tudo indica não se intimidou com essa atitude. Com os ânimos acirrados, e talvez temendo pelo futuro de seu sobrinho-neto favorito, tido por ela como o legítimo herdeiro do espírito de *Clapham* e, portanto, dos Thorntons, Marianne retalhou deixando sua fortuna para ele — se não havia muito o que pudesse fazer para tê-lo sob sua proteção, ao menos isso daria segurança para ele no futuro. O próprio Forster reconheceria e interpretaria esse gesto como sendo uma benção numa biografia idealizada em forma de tributo a ela publicada em 1956: “Estas 8000 libras foram a salvação financeira da minha vida. Com isso pude ir para Cambridge — o que seria impossível de outra forma porque não consegui uma bolsa. E depois disso, pude viajar durante alguns anos e foi isso o que me levou a escrever.”<sup>17</sup>

Marianne morreu em 1897, tendo conseguido completar aquilo que talvez ambicionasse: inculcar em seu sobrinho-neto valores que ele perseguiria ao longo de toda sua vida — e esse foi o seu legado. Quanto ao dinheiro que deixou, ele cumpriria seu papel, dando a E.M.Forster a estabilidade necessária para desenvolver sua carreira literária naqueles anos após ter deixado Cambridge.

Se por um lado a influência de Marianne, quando se fez sentir, lhe proporcionou equilíbrio na sua conduta e na sua visão de mundo, sendo algo que ele chegou até mesmo reverenciar, a exercida por sua mãe foi simplesmente sufocante. A relação entre eles se deu sem grandes sobressaltos até 1911, quando começou a se deteriorar por conta da morte da mãe de Lily, Louisa Whichelo. De todo, ela nunca se recuperaria

<sup>16</sup> BEUAMAN, Nicola. *Morgan: A biography of E.M.Forster*. London: Hodder & Stoughton, 1993. p.32.

<sup>17</sup> This £8000 has been the financial salvation of my life. Thanks to it, I was able to go to Cambridge — impossible otherwise, for I failed to win scholarships. After Cambridge I was able to travel for a couple of years, and travelling inclined me to write. FORSTER, Edward Morgan. *Marianne Thornton: a domestic biography*. New York: Harvest Book, s/d, p.324-325.



dessa perda, e isso teve reflexos na relação com seu filho — “Minha mãe não esta bem”, escreveu Forster a seu amigo Malcolm Darling. “Nada definitivo, mas ela perdeu a cabeça desde a morte da mãe dela um ano atrás, e duvido que ela venha a se recuperar completamente.”<sup>18</sup> Além disso, os próprios acontecimentos dos anos seguintes não ajudaram a amortecer o golpe de 1911. Como frisou Nicola Beuaman, pouco depois, em 1912, ele foi para a Índia. Ele voltou no ano seguinte, mas com o estouro na guerra, ele acabou partindo para Alexandria para servir como voluntário na Cruz Vermelha, tendo retornado somente em janeiro de 1919. Embora ignorasse o que elas pudessem trazer, essas viagens tiveram um efeito duradouro sobre ele, não só porque lhe deram elementos que contribuiriam para sua literatura, mas para seu próprio desenvolvimento moral e espiritual. O Forster que deixou a Weybridge em 1915 não foi o mesmo que retornou de Alexandria em 1919. E Lily parece não ter se dado conta disso — ela continuou tratando ele do mesmo modo, continuou agindo da mesma maneira com relação a tudo — como ele escreveu em carta a Florence Barger, datada de 10 de agosto de 1915: “Ela sempre quis que eu voltasse a ter 5 anos.”<sup>19</sup> Não de outro modo, a harmonia que existia entre eles durante os anos em que Forster escreveu seus primeiros romances nunca mais foi a mesma, e o distanciamento, bem como as atitudes e a incompreensão de Lily, contribuíram para isso.<sup>20</sup>

Ela jamais conseguiu se desvencilhar dessa atitude controladora, e ele jamais conseguiu se opor a isso. Como lembrou Wilfred Stone, há um episódio interessante em *The Longest Journey* na qual os seus amigos de Cambridge perguntam a Rickie se ele odeia o pai. Ele se mantém em silêncio, mas percebe-se que a sua resposta é sim. Quando perguntado se ele odeia a mãe, “Rickie ficou corado.”<sup>21</sup> Não podemos dizer se esse corar é resultado de vergonha ou raiva, mas é sugestivo. Mesmo na meia idade, ele era agasalhado pela sua mãe com cachecóis e casacos, e não há dúvida de esse diálogo

---

<sup>18</sup> Nothing definite, but loss of spirit since her mother’s death a year ago, and I doubt whether she will ever recover them entirely. FURBANK, P.N.; LAGO, Mary. (ed.) *Selected Letters of E.M.Forster: 1879-1920*. Cambridge: Belknap Press and Harvard University, 1983, p.134.

<sup>19</sup> Tom and my Brunswick Square rooms between them have made me independent of mother. Poor dear, how she figures! In my memory she does not cause me the pain. FORSTER, Edward Morgan. GARDNER, Philip (org.) *The Journals and Diaries of E.M.Forster*. Vol.II. New York: Ashgate, 2011, p.77.

<sup>20</sup> BEUAMAN, Nicola. *Morgan: A biography of E.M.Forster*. London: Hodder & Stoughton, 1993, p.280-282.

<sup>21</sup> “Not even your father?” Rickie was silent. (...) “Did you hate your mother?”, asked Widdrington. Rickie turned crimson. FORSTER, Edward Morgan. *The Longest Journey*. London: Oxford University Press, 1960, p.23-24.

seja, na essência, um registro de umas das cenas habituais em Harnham e depois em West Hackhurst:

“Vista o seu sobretudo, querido,” disse ela.  
 “Acho que não o quero,” respondeu Rickie, lembrando-se que já tinha 15 anos.  
 “O vento esta terrível. Devias de vesti-lo.”  
 “Mas é tão pesado.”  
 “Vá, veste lá querido.”  
 Ele não era frequentemente irritadiço ou mal educado, mas respondeu, “Eu não vou apanhar nenhum resfriado. Gostaria que parasse de me chatear.”<sup>22</sup>

Em carta a sua amiga Florence Barger ele escreveu: “Tanta felicidade [a que vinha tendo em sua estadia em Alexandria] é obviamente impossível para ela, e ela nunca percebeu que o fato crucial em minha vida é minha escrita e que no momento eu não estou [conseguindo] escrever. (Ela sabe que não estou escrevendo, mas ela não percebe o quão isso é importante para mim.”<sup>23</sup> Em seu diário, em 1925, ele escreveria: “Tom e meus quartos em Brunswick Square, com eles eu fico livre [da minha] mãe. Pobre coitada, como ela é! Em minhas memórias ela já não me causa toda aquela dor.”<sup>24</sup>

Viviam em mundos completamente diferentes, sem ter a chance de compartilharem muitas coisas — ela nunca foi muito intelectualizada, e seus amigos eram pessoas cujo comportamento ela simplesmente reprovava. E, muito embora sempre tenha demonstrado profundo respeito por ela, isso não impediu de ser tomado por certa revolta com sua situação — em seu diário, em 31 de dezembro de 1911, quando fazia seu costumeiro balanço do que tinha sido o seu ano, ele esmiúça sua situação, a difícil convivência com a ela:

Ano terrível. Houve algo de bom com a mãe, eu acho, mas a vontade de ficar em casa se foi. (...) Velha, embora fisicamente forte: muitas vezes um perfeito diabo. Tenho sido influenciado muito pouco por ela, e já não a

---

<sup>22</sup> “Put on your greatcoat, dearest,” she said to him. “I don’t think I want it” answered Rickie, remembering that he was now fifteen. “The wind is bitter. You ought to put it on.” “But it’s so heavy.” “Do put it on, dear.” He was not very often irritable or rude, but he answered “Oh, I shan’t catch cold. I do wish you wouldn’t keep on bothering.” FORSTER, Edward Morgan. *Ibidem*, p.31-32.

<sup>23</sup> So happiness is obviously impossible for her, and she never realizes that the cardinal fact in my life is my writing, and that present I am not writing. (She knows I am not writing, but she can’t realize it is serious for me). FURBANK, P.N.; LAGO, Mary. (ed.) *Selected Letters of E.M.Forster: 1879-1920*. Cambridge: Belknap Press and Harvard University, 1983, p.229.

<sup>24</sup> Tom and my Brunswick Square rooms between them have made me independent of mother. Poor dear, how she figures! In my memory she does not cause me the pain. FORSTER, Edward Morgan. GARDNER, Philip (org.) *The Journals and Diaries of E.M.Forster*. Vol.II. New York: Ashgate, 2011, p.77.

respeito como costumava [fazer]. (Odeio escrever isso, estou de mau humor: ela tem sido meiga, [e agora] foi de novo, nos últimos dez dias, se divertiu em Londres. Talvez ela tenha se recuperado [da morte de Louisa]. Mas ao longo de todo o ano, especialmente entre novembro e dezembro, me senti exatamente como estou escrevendo. Sou feliz só quando estou longe de casa. Se ao menos ela pudesse ficar um pouco mais...<sup>25</sup>

Em outra passagem, ele relata uma explosão em 1º de novembro do mesmo ano:

Na última noite, tive um ataque satânico de raiva contra minha mãe por causa de suas queixas e suas censuras, e imaginei uma cena em que eu empurrava [todos os objetos] que estavam no consolo da lareira e depois batia as portas ou cortava minha garganta. Fiquei todo vermelho e tremia. Fui escrever particularmente [porque] tinha a esperança de que, com isso, pudesse ver o absurdo disso [tudo] e [como] me recusaria a admitir isso novamente.<sup>26</sup>

Anos depois, em uma carta a Joe Ackerley, de 1938, em um tom de revolta, ele escreveu:

Ainda que minha mãe tenha sido intermitentemente infeliz nos últimos trinta anos, ela sufocou e deturpou meu gênio, prejudicou minha carreira, bloqueou e arruinou minha casa, boicou meu amante, e eu ainda tenho que admitir que ela forneceu um tipo rico de subsolo no qual pude repousar e crescer.<sup>27</sup>

Tudo isso evidencia o seu distanciamento e a maneira como, com o tempo, ele passou a olhar para sua mãe. Talvez por isso, por essa proximidade e pelo fato de não conseguir mudar sua atitude com relação a ela, que ele não conseguia enxergar o quanto essa convivência com sua mãe o influenciou. De todo, essas duas mulheres, Lily Forster e Marianne Thornton, cada uma a sua maneira, exerceram uma influência prolongada sobre sua vida e sua personalidade, dando-lhe um caráter dúbio e oscilante — e isso

---

<sup>25</sup> Terrible year on the whole. Have cheered mother a little, I think, but the pleasure of home life has gone. (...) Ageing, though strong psychically: often feel a perfect devil. Am influenced very little now by her, for I cannot respect her as I used. (Hate writing this, for am in tender mood: she has been sweet and herself again the last ten days, and enjoyed in London. So perhaps she is on the mend. But all through the year, and in Nov. Dec. especially, have felt as I write. Am only happy away from home. If only she would come away more! Ibidem, p.34.

<sup>26</sup> Last night, alone, I had a Satanic fit of rage against mother for her grumbling and fault finding, and figured a scene in which I swept the mantelpiece with my arm and then rushed out of doors or cut my throat. I was red & trembling after. I write it down partly in the hope that I shall see its absurdity & so refuse it admittance again. Ibidem, p.32.

<sup>27</sup> Though my mother has been intermittently tiresome for the last thirty years, cramped and warped my genius, hindered my career, blocked & bugged up my house & boycotted my beloved, I have to admit that she has provide a sort of rich subsoil where I have been able to rest and glow. FORSTER, Edward Morgan apud BEAUMAN, Nicola. *Morgan: A biography of E.M.Forster*. London: Hodder & Stoughton, 1993, p.341.

ficará mais claro quando formos analisar o seu posicionamento político. Suas lealdades, como frisou Wilfred Stone, sempre estiveram em permanente conflito. As famílias de seus pais tinham aspectos completamente distintos e viviam distantes socialmente — os Thornton, através de Marianne, representavam a riqueza, o poder e a sobriedade; os Whichelo, através de Lily, representavam a pobreza e o amor.<sup>28</sup>

E tudo isso se viu condensado em sua personalidade e em seu comportamento ao longo de toda sua vida. Essa dicotomia se manifestou em diversos momentos e de formas diferentes. Quando na década de 1920 manifestou uma certa nostalgia com relação à velha ordem, que desapareceu com a Grande Guerra, ele demonstrou o quão sensível era à noção de continuidade. No entanto, E.M.Forster era o primeiro a reconhecer que Battersea Rise era uma cidadela de privilegiados sustentados por um corpo de serviçais desfavorecidos. Esse sistema lhe parecia injusto, e por isso tinha que acabar. Apesar disso, de sustentar essa visão, ele nunca conseguiu se desvencilhar dos valores provenientes desse mesmo sistema, os quais herdou dos Thornton, e que fizeram com que ele desenvolvesse aquilo que Oakeshott chamou de “disposição conservadora”<sup>29</sup> — o culto a *beleza*, o senso de ordem e de continuidade, o respeito pelo passado. A questão é que ele queria alinhar esses valores com justiça social.<sup>30</sup>

Assim, quando saiu de sua torre de marfim e teve que definir um posicionamento político, ele experimentou certo desconforto por conta do choque entre seu temperamento conservador e sua aversão ao conservadorismo político britânico. De todo, ele encontrou dificuldades para conciliar essa *disposição conservadora* com ideias que encontrou na esquerda política. E encontrou porque, assim como seus amigos de Cambridge, em especial Lowes Dickinson (1862-1932), ele tinha sérias objeções àqueles elementos que formavam a espinha dorsal da ação política do Partido Conservador britânico: a devoção ao Império e a Igreja Anglicana.

Como frisou Lord Cecil, dois homens haviam influído no direcionamento que o conservadorismo tomaria na Inglaterra depois da Revolução Francesa — William Pitt,

---

<sup>28</sup> STONE, Wilfred. Forster on Love and Money IN STALLYBRASS, Oliver (ed.). *Aspects of E.M.Forster*. New York: A Harvest Book & Harcourt Brace & Company, 1969, p.111-114.

<sup>29</sup> Na definição de Oakeshott: “Ser conservador é preferir o familiar ao desconhecido, preferir o tentado ao não tentado, o fato ao mistério, o real ao possível, o limitado ao ilimitado, o próximo ao distante, o suficiente ao superabundante, o conveniente ao perfeito, a felicidade presente à utópica.” OAKESHOTT, Michael. *Ser Conservador*. Gabinete de Estudos Gonçalo Bergonha.

<sup>30</sup> STONE, Wilfred. *The Cave and the Mountain: a study of E.M.Forster*. Stanford: Stanford University Press, 1966, p.17.

que foi primeiro-ministro entre 1783 e 1801, e Edmund Burke, autor de *Reflections on the Revolution in France* [Reflexões sobre a Revolução na França]. Quando Pitt capitaneou a luta contra a Revolução Francesa, outros elementos e tendências, como a simpatia do rei George III pelo *torysmo*, a atuação de Burke e as ideias de engrandecimento do Império, que começava a se expandir, entraram em campo e ajudaram a formar esse amálgama do qual emergiu, na primeira metade do século XIX, o Partido Conservador. Todos esses elementos, sob a batuta de Pitt, se alinharam e ajudaram a moldar a resistência contra a França revolucionária por considera-la não só como sendo inimiga da Igreja e do Rei, e incompatível com tudo o que significasse ordem e tradição, mas também como uma ameaça para a segurança e a grandeza da própria Inglaterra.<sup>31</sup>

Sendo esse o eixo sobre o qual gravitaram as ações do Partido Conservador desde seus primórdios, é difícil imaginar E.M.Forster se aproximando dele. O que é seu romance mais famoso, *A Passage to India*, senão um libelo contra o imperialismo britânico? Se manifestava profundo desconforto pela política expansionista e colonialista dos políticos conservadores — que não era totalmente rejeitada ou desprezada pelos liberais, dada sua própria popularidade, diga-se de passagem —, sua atitude com relação à religião acabou definindo e sedimentando seu distanciamento. Num discurso proferido no verão de 1959, em Cambridge, ele explicou o processo de abandono da prática religiosa. Ela se iniciara quando de sua chegada ao King's College, e se deu por influência de seus amigos, em especial, Hugh Meredith, que posteriormente serviria de base para seu personagem Clive Durham, em *Maurice*. “No meu segundo ano, troquei de faculdade, [e ali] meu cristianismo desapareceu rápida e silenciosamente,”<sup>32</sup> disse ele. O mesmo acabou se dando com seu personagem Maurice Hall depois que conheceu Clive Durham. Após discussões e desentendimentos sobre o assunto, Maurice, tal como o próprio Forster, “percebeu que não tinha nenhuma compreensão sobre a existência de Cristo ou sobre Sua bondade (...).”

Seu descontentamento acerca do cristianismo, [então,] cresceu e aprofundou-se. Em dez dias desistiu de comungar, e em três semanas deixou de

---

<sup>31</sup> CECIL, Hugh. *Conservatism*. Barcelona: Labour, 1929, p.32.

<sup>32</sup> In my second year I moved into college where my Christianity quietly and quickly disappeared. FORSTER, Edward Morgan. *The Prince's Tales and other uncollected writings*. FURBANK, P.N. (ed.) London: Andre Deutsch, 1998, p.313.

frequentar a capela. Durham ficou perplexo com a rapidez. Ambos ficaram perplexos (...).<sup>33</sup>

A diferença do processo de Maurice e de seu criador se centra num detalhe que ele expõe a certa altura desse discurso proferido em Cambridge:

Talvez a maior barreira para me aproximar de Cristo tenha sido a arte cristã. Depois de apartar-se do antigo herói das catacumbas e talvez do herói nórdico da *Song of the Rood*, cria-se um Cristo quase sempre dolente ou com premonições de dor ou com recordações de dor. Nos dizem que sofre por nossa causa, e o efeito disso pode ser tremendo emocional e esteticamente — a *Crucificação* em Veneza de Tintoretto, a *Sepultura* de Tiziano na mesma cidade me ocorrem —, mas quando a emoção se vê controlada, penso: “Espero que nada disso tenha sido provocado por minha causa porque eu não sei do que se trata.”<sup>34</sup>

Trata-se de um misto de dificuldade de compreensão com um grau de ceticismo. Um ceticismo que foi estimulado pelo ambiente, mas que não conseguiu sufocar seu interesse por teologia — interesse esse que se manifestaria em diversas fases de sua vida. Para além dessas questões, é interessante observar que, a despeito das influências desse período em Cambridge, ele não teria abandonado a religião caso ela tivesse inteiramente enraizada. Até poderia, mas a impressão que se tem é que o golpe dado pela influência de suas amigas travadas ali só derrubou uma árvore velha, cujas raízes já não podiam mantê-la no chão. Os cupins já a haviam atacado, e solo há muito era árido. Como ele mesmo disse, “a semente caiu em um terreno, ainda que inferior, [mas] fértil.”<sup>35</sup> E era fértil porque ele nunca demonstrou ter qualquer tendência ou predisposição para ser um homem religioso. Sua mãe não era muito diferente. Embora ela pudesse ler orações matutinas para ele e as criadas, ou leva-lo à igreja aos domingos, ela parecia fazê-lo de forma superficial, quase indiferente, como se aquilo tivesse pouco

<sup>33</sup> He realized that he had no sense of Christ’s existence of His goodness (...).His dislike Cristianity grew and become profound. In then days he gave up communicating, in three weeks he cut out all the chapels he dared. Durham was puzzled by the rapidity. There were both puzzled (...). FORSTER, Edward Morgan. Maurice. London: Penguin Books, 2005, p.41.

<sup>34</sup> Perhaps my greatest barrier to approachin the Chirst has been Christian art. Having moved away from the antique hero in the catacombs and perhaps from the Nordic hero in the Song of the Rood, it creates a Christ who nearly always in pain or with premonitions of pain, or with recollections of pain. The sufferings, we are told, are undergone for our sake, and the effect can be tremendous emotionally and aesthetically — Tintoretto’s *Cruxifion in Venice*, Titian’s *Entombment* in the same city come into my mind — but when the emotion recedes, I think, ‘I hope none of this has been undertaken for my sake, for I don’t know what it’s about. FORSTER, Edward Morgan. *The Prince’s Tales and other uncollected writings*. FURBANK, P.N. (ed.) London: Andre Deutsch, 1998, p.317.

<sup>35</sup> The seed fell on fertile, if inferior, soil. Ibidem p.313.

significado — “ela nunca se emocionava, e tampouco creio que lia com grande atenção,”<sup>36</sup> como ele escreveu.

Assim, esse distanciamento consolidado no começo da vida adulta, em conjunto com uma série de outras objeções que ele nutria, sedimentou sua aversão aos valores defendidos pelos conservadores. Apesar disso, ele tinha uma *disposição conservadora*, muito embora não fosse, de modo algum, conservador em política. “O conservadorismo natural”, como escreveu Lord Cecil, “é aquela tendência da mente humana adversa às transformações e mudanças, e que obedece, em parte, o temor ante o desconhecido e a confiança nos caminhos da experiência em vez dos raciocínios teóricos.”<sup>37</sup> Em muitas ocasiões, foi essa tendência “natural” que ele manifestou. Mas em muitas outras, ele teve uma reação ou um atitude genuinamente conservadora diante do quadro que se apresentava. Embora desprezasse os conservadores por conta de sua defesa da Igreja e do Império, dificilmente discordaria deles quando o assunto era a tradição, a estabilidade, a família ou as instituições. Embora discordasse dos conservadores em muitas coisas, reagiria como eles diante da sanha revolucionária de fascistas e comunistas.

Do mesmo modo que Isaiah Berlin, suas ideias e tendências não se assentavam convenientemente em camadas superpostas. Nas convicções, Berlin era um liberal que se sentia mais a vontade entre os conservadores. Como E.M.Foster, Berlin era conservador nos valores e no temperamento, mas não em política. Berlin tentou manter as duas coisas, mas inevitavelmente foi chamado de duas caras. Ao longo de sua vida, conseguiu, sem que pretendesse, desagradar seus amigos de direita e esquerda com relativa frequência.<sup>38</sup>

Enquanto Berlin tentava driblar o descontentamento de seus amigos de esquerda e de direita, E.M.Forster oscilava entre os Thornton e os Whichelo, e, posteriormente entre *Clapham* e o *Bloomsbury*, que seriam, como frisou Wilfred Stone, os polos de sua experiência psicológica e histórica; os extremos que constituem a dialética fundamental de sua vida e sua arte.<sup>39</sup>

---

<sup>36</sup> She was never intense, and I suspect not very attentive. Ibidem, p. 310.

<sup>37</sup> CECIL, Hugh. *Conservatism*. Barcelona: Labour, 1929, p.9.

<sup>38</sup> IGNATIEFF, Michael. *Isaiah Berlin: uma biografia*. Rio de Janeiro: Record, 2000, p.213.

<sup>39</sup> STONE, Wilfred. *The Cave and the Mountain: a study of E.M.Forster*. Stanford: Stanford University Press, 1966, p.23.

De todo, ele nunca foi um Thornton por inteiro porque jamais renegou seu lado Whichelo. Seu avô materno provinha de uma família de artistas, era um paisagista chamado Henry Mayle Whichelo (1826-1867), que em 1850 ele se casou com Louisa Graham (1827-1911), uma mulher sensível, alegre e espirituosa que tinha um grande entusiasmo pela vida — ela acabou sendo o modelo para Lucy Honeychurch, a protagonista de *A Room with a view* (1908). O espírito leve, incomum e sentimental dos Whichelo talvez tenha exercido alguma atração sobre E.M.Forster, pois, como confessaria mais tarde, era em seu meio que ele se sentia mais a vontade — “Como eu adorava a minha avó! — brincávamos juntos durante horas. Posteriormente vim a me tornar arrogante e crítico, mas continuamos a ser amigos; e é com ela — com eles [os Whichelo] — que o meu coração se encontra,”<sup>40</sup> escreveria ele.

Quanto aos Thornton, esses eram ricos, influentes e devotos à Igreja da Inglaterra — William Cowper e seu amigo e mentor, o reverendo John Newton, autor do hino *Amazing Grace*, estavam entre os seus protegidos. Os Thornton não eram apenas uma das famílias mais antigas e tradicionais de Clapham à época que E.M.Forster nascia, mas uma das mais influentes em nível nacional. Henry Thornton viera de Yorkshire, onde seus antepassados viviam havia três gerações, e após comprar o pequeno palacete da Era Tudor, prosseguiu com seus contatos e o comércio com a Rússia, estabelecidos anteriormente em Hull, tendo depois também se tornado diretor do Banco da Inglaterra.<sup>41</sup> Não demorou muito para que saltasse dali para o Parlamento, tendo manifestado ali a mesma dubiedade que seu bisneto mostraria ao longo da vida, já que sempre oscilou entre os *whig* e os *tory* — ele morreria sem nunca ter se filiado a nenhum partido, tal como E.M.Forster. Com seu dinheiro e seu assento no Parlamento britânico ele criou condições para que o Movimento Evangélico liderado por ele e William Wilberforce ampliasse sua influência — não demorou muito para que *Clapham* se tornasse um verdadeiro recanto visitado por políticos e todo o tipo de missionários.<sup>42</sup>

---

<sup>40</sup> How I adored my grandmother! — we played for hours together. In later life I became high-minded and critical, but we remained friends, and it is with her — with them — that my heart lies. FORSTER, Edward Morgan. *Marianne Thornton: a domestic biography*. New York: Harvest Book, s/d, p. 279.

<sup>41</sup> FURBANK, P.N. *E.M.Forster: a life*. Vol. I. New York: A Harvest Book & Harcourt Brace & Company, 2010, p. 3-4. BEUAMAN, Nicola. *Morgan: A biography of E.M.Forster*. London: Hodder & Stoughton, 1993, p.19.

<sup>42</sup> FURBANK, P.N. *E.M.Forster: a life*. Vol. I. New York: A Harvest Book & Harcourt Brace & Company, 2010, p. 3-4.



*Clapham* foi responsável pela campanha que levou o Parlamento a abolir o mercado de escravos no Império (1807); pela emancipação dos escravos nas colônias (1833); pela fundação da sociedade missionária para patrocinar os ensinamentos Cristãos na Austrália, África e Oriente (1799); o estabelecimento do *The Christian Observer* (1802), que se tornou um jornal de enorme influência; pela fundação da *Sociedade Bíblica Estrangeira Britânica* (1804); a *Sociedade Dominical* (1785); e o apoio a todas as causas relacionadas a prisioneiros, cegos, viúvas de guerra, estrangeiros necessitados, duelos, desportos brutais, insubordinação.<sup>43</sup>

Na noite em que o Parlamento aprovou o projeto de lei para abolição da escravatura — depois de anos de agitação — William Wilberforce virou-se para Henry Thornton e perguntou: “Bem Henry, o que devemos abolir agora?” Thornton teria respondido: “Acho que a loteria.”<sup>44</sup> Eram, como essa pequena história ilustra, homens e mulheres incansáveis e determinados — como frisou Wilfred Stone, os homens de *Clapham* não hesitavam pois agiam e se imaginavam como agentes de Deus —, muito diferente dos Whichelo, que “não [nutriam] qualquer entusiasmo pelo trabalho”, como observou o próprio Forster. “Eram desprovidos de espírito público e avessos à religiosidade cuja, a falsidade que muitas vezes a acompanha, eles conseguiam detectar [muito] rapidamente.”<sup>45</sup>

De muitas maneiras, foi essa realidade, ao menos em termos simbólicos, que ele acabou compartilhando e que tentou conciliar: o legado dos Thornton e o sentimentalismo do Whichelo. E esse amálgama acabou gerando um homem de inclinações conflitantes e inteiramente passional. E mais do que qualquer outra coisa, como veremos mais adiante, isso teria um efeito decisivo sobre seu posicionamento político.

---

<sup>43</sup> STONE, Wilfred. *The Cave and the Mountain: a study of E.M.Forster*. Stanford: Stanford University Press, 1966, p.24. CREWS, Frederick. *E.M.Forster: The Perils of Humanism*. Princeton: Princeton University Press, 1967, p.7-18.

<sup>44</sup> STONE, Wilfred. *The Cave and the Mountain: a study of E.M.Forster*. Stanford: Stanford University Press, 1966, p.24.

<sup>45</sup> They had no enthusiasm for work, they were devoid of public spirit, and they were averse to piety and quick to detected the falsity sometimes accompanying it. FORSTER, Edward Morgan. *Marianne Thornton: a domestic biography*. New York: Harvest Book, s/d, p.278-279.

**CAPÍTULO II**  
**ENTRE CAMBRIDGE E O *BLOOMSBURY*:**  
**A FORMAÇÃO DO INTELLECTUAL: 1897-1901**

## KING'S COLLEGE

O período que se inicia em 1897 selou uma mudança sem precedentes. Do mesmo modo que, posteriormente, a temporada em Alexandria, no Egito, viria a ser significativa, esses anos em que esteve em Cambridge, suscitaram uma série de reflexões que resultaram num primeiro vislumbre a respeito de que carreira seguir. Naquele ano ele iniciou seus estudos de História na Universidade de Cambridge, tendo no ano seguinte migrado para as Letras Clássicas. “Foi ali que ele ‘se encontrou’, ou pelo menos onde esse processo teve início”<sup>46</sup>, como escreveu P.N. Furbank. Ali ele abandonou a religião — sua família pertencia à Igreja da Inglaterra —, conheceu Nathaniel Wedd, seu tutor, que lhe deu o incentivo de que precisava para seguir a carreira literária, fez amizade com Lowes Dickinson, que foi seu professor e que exerceu grande influência em sua vida, e, quando foi convidado para participar dos *Apóstolos* — um grupo de conversação fundado em 1820, no St. John College —, teve os primeiros contatos com o embrião do que depois seria o *Grupo de Bloomsbury*, Thoby Stephen, Lytton Strachey, Leonard Woolf e Maynard Keynes.

Dada a importância que teve, como no capítulo anterior, trataremos desse período abordando alguns aspectos que tiveram influência decisiva sobre sua vida e sua carreira e, posteriormente, sobre seu posicionamento político. De fato, todos os acontecimentos que serão abordados aqui tiveram lugar depois que ele deixou Cambridge, isto é, depois de 1900 — ele descobriu sua homossexualidade em 1902, publicou seu primeiro livro em 1905 e o *Bloomsbury* se formou em 1911, como sugeriu Leonard Woolf.<sup>47</sup> No entanto, foi enquanto esteve em Cambridge que conheceu o embrião do *Bloomsbury*, do qual faria parte mais tarde; foi enquanto esteve ali que começou a fazer as primeiras reflexões acerca de sua sexualidade que o levaram à confirmação em 1902; foi por incentivo de seu tutor, Nathaniel Wedd, que ele ingressou na carreira literária. O *Bloomsbury*, a descoberta da homossexualidade e a carreira literária podem ter despontado nos anos seguintes, mas suas raízes estão em Cambridge, razão pela qual abordaremos esses temas aqui.

---

<sup>46</sup> FURBANK, P.N. *E.M.Forster: a life*. Vol.I. New York: A Harvest Book & Harcourt Brace & Company, 2010, p.49.

<sup>47</sup> WOOLF, Leonard. *Beginning Again*. New York: Harvest Book & Harcourt Brace, 1972, p.21.

## O GRUPO DE *BLOOMSBURY*

De todo, o *Bloomsbury* é herdeiro da tradição liberal inglesa do século XIX. É verdade que muitos de seus membros iriam enveredar pelo utilitarismo de George Moore, mas na essência, ou pelo menos em política, eram liberais — o próprio Forster era um liberal, como ele mesmo veio a confessar no final da década de trinta: “O Liberalismo foi a esperança da minha juventude.”<sup>48</sup> Assim, para que tenhamos a chance de compreender não só a influência que o *Bloomsbury* pode ter tido na sua personalidade, mas também o que estava por detrás das ideias desse grupo, que marcou as letras e as artes na Inglaterra, é necessário que façamos um giro pela galeria das tradições Liberais inglesas do século XIX e suas particularidades.<sup>49</sup>

De muitas maneiras, a figura de John Stuart Mill (1806-1873) paira sob as correntes que compunham a tradição Liberal do século XIX, e que de uma maneira ou outra estavam bem representadas dentro do Partido Liberal. De todo, pelo fato de nunca ter conseguido galvanizar ou costurar os interesses tão diversos que formavam suas fileiras, o Partido Liberal nunca teve a mesma consistência que o Partido Conservador. Desde a época das guerras contra a França, no século XVIII, dois agrupamentos acabaram adquirindo certa consistência, os *tory* e os *whig*, que gravitavam em torno de figuras como Pitt e Fox. Enquanto os *whigs* defendiam às liberdades individuais, a conveniência de uma reforma política moderada, a tolerância religiosa e as prerrogativas do Parlamento, os *tory* que valorizavam mais a estabilidade social, a propriedade privada, a monarquia e a Igreja Anglicana. Eram diferença pontuais, muito embora fossem significativas.

De todo, os *tory* acabaram se mostrando mais consistente do que os *whigs*, porque sua base não era tão fragmentada quanto a de seus opositores. Como se mostraram se mais abertos às ideias de parlamentares mais radicais, muitos deles seguidores de Jeremy Bentham, os *whigs* costuraram uma aliança que, com o tempo, iria minar o partido. De fato, a união de forças com os radicais foi mutuamente benéfica, e resultou em ganhos eleitorais no começo. Mas a despeito disso, o trabalho em

---

<sup>48</sup> Liberalism, the hope of my own youth. HEALTH, Jeffrey M. *The Creator as Critic and other writings by E.M.Forster*. Toronto: Dundurn Press, 2008, p. 104.

<sup>49</sup> CREWS, Frederick. *E.M.Forster: The Perils of Humanism*. Princeton: Princeton University Press, 1967, p.29.

conjunto era difícil dado à dificuldade de conciliar posições que eram notadamente conflitantes.

Essa fissura no seio do partido seria reforçada nos anos subsequentes quando os seguidores de Peel, se desgarrando de sua matriz conservadora, foram atraídos para a órbita dos *whigs*, passando a colaborar com eles após a morte de seu líder, em 1850. Diferente dos Conservadores, que por conta da cisão peelita, adquiriram mais homogeneidade em sua base e em suas ideias, o que veio a ser o Partido Liberal na segunda metade do século XIX era, no fundo, um conglomerado de *Whigs*, Radicais e Peelitas que acabaram se unido mais por sua oposição a Disraeli do que por uma filosofia em comum.

De todo, a fragilidade dos liberais ficou exposta nas últimas décadas do século XIX quando, por uma série de dissensões internas, eles realmente acabaram se dividindo. O partido rachou em 1886 em razão da questão irlandesa, e daí em diante, os liberais foram perdendo terreno no cenário político inglês de maneira acentuada. Custando a se resolver, essa crise foi se arrastando, e entre os anos de 1886 e 1906, salvo por um breve período, de 1892 a 1895, os conservadores simplesmente dominaram a política britânica, tendo a frente a figura de Lorde Salisbury. Os conservadores teriam o mesmo desempenho até a Segunda Guerra Mundial, embora a partir da década de vinte já não polarizassem mais com os Liberais, mas com o Partido Trabalhista, fundado em 1900.

De todo, o conglomerado que formava os Liberais em meados do século XIX não conseguiu se transformar num autêntico Partido Liberal. A opção protecionista dos conservadores ajudou na identificação da defesa do livre comércio nas fileiras liberais — entre todas as correntes, na verdade, *whigs*, radicais e peelitas —, mas foi insuficiente para assegurar o fortalecimento do Partido. Posteriormente, o credo liberal, defesa do livre comércio, das liberdades individuais e de uma administração enxuta e eficiente, começou a ganhar corpo e a se disseminar na sociedade vitoriana. Isso poderia ter fortalecido sua posição, mas não foi o que aconteceu. Os radicais simplesmente não conseguiam se adaptar. São eles que iriam, no começo do século XX, se desgarrar definitivamente e partir para um radicalismo revolucionário. Henry Fawcett (1833-1884), Sidney (1859-1947) e Beatrice Webb (1853-1943),<sup>50</sup> Bernard Shaw (1856-1950)

---

<sup>50</sup> Os Webb estiveram na Rússia em meados da década de trinta, e quando de sua volta, publicaram um extenso e volumoso levantamento sobre a URSS intitulado *URSS: A new civilization* [URSS: Uma nova civilização]. De todo, os Webb não foram os únicos a fazê-lo nessa época. A ironia é que, como frisou

e H.G.Wells (1866-1946) formavam a ala dos liberais que acabou desaguando no socialismo.

De todo, eles se opunham ao *laissez faire* e suas ideias políticas pertenciam à tradição de Jeremy Bentham,<sup>51</sup> a do princípio do bem comum a expensas das instituições. Já o liberalismo defendido por Walter Bagehot (1826-1977),<sup>52</sup> T.H.Green (1836-1882) e, sobretudo por Matthew Arnold (1822-1888)<sup>53</sup> e Samuel Butler (1835-1902) — que influenciou muito E.M.Forster —, pertence a outra tradição. Essa ala do liberalismo nunca se preocupou muito com mudanças ou com adaptação a uma nova condição política e econômica a ser implantada, mas com a defesa das liberdades individuais. Era dentro dessa tradição que o *Bloomsbury* e E.M.Forster se enquadravam. E foi ela que abriu as comportas para que adotassem o utilitarismo de G.E.Moore.

Ao contrário do que comumente se pensa Mill não foi o fundador do utilitarismo. Esse epíteto costuma ser atribuído a Jeremy Bentham, que acabou eclipsado pelo trabalho de Mill. Bentham propôs sua doutrina na sua *Introdução aos Princípios da Moral e Legislação*, ainda em 1789, no entanto, por uma série de fatores, foi o *Utilitarismo*, de Mill, publicado em 1861, que se tornou o clássico da tradição utilitarista.<sup>54</sup> A influência de Bentham em Mill se fez sentir desde muito cedo — ele se declarou adepto do utilitarismo ainda na adolescência: “Isso deu unidade para as minhas concepções das coisas. [A partir daquele momento] tinha opiniões, um credo, uma

---

Anne Applebaum, no momento em que escreviam que “o oprimido camponês soviético aos poucos vai adquirindo a sensação de liberdade política,” milhares de trabalhadores viviam confinados nos campos de concentração espalhados pelo território russo.

<sup>51</sup> De todo, é importante frisar que muito embora Bentham e Mill tenham sido defensores de um governo estritamente limitado, ao longo do século XIX o utilitarismo foi usado pelos “novos liberais” para justificar uma maior e mais extensa regulamentação por parte do Estado, a fim de maximizar e potencializar a “felicidade” na sociedade. Não de outro modo, o socialismo fabiano de Shaw, Wells e dos Webb é, senão, uma dessas variantes da tradição liberal do século XIX que se desgarrou de sua matriz e enveredou por esses caminhos até chegar a adesão cega ao stalinismo na década de 1930. Em suas memórias, Malcolm Muggeridge comenta essa guinada: “George Bernard Shaw, Sidney Webb, Beatrice Webb e outros fabianos de destaque (...) opuseram-se com vigor à URSS em seus primeiros e laboriosos dias; somente começaram a admirá-la quando se havia fortalecido como regime autoritário. A admiração tornou-se adulação cega quando Josef Stalin assumiu o papel, e muito do estilo do czar deposto, só que de modo mais brutal, eficiente e arrogante.” KIRK, Russell. *A Política da Prudência*. São Paulo, 2014, p.204.

<sup>52</sup> Walter Bagehot foi um jornalista britânico e o primeiro editor da revista *The Economist*.

<sup>53</sup> No final de seu *Culture and Anarchy* [Cultura e Anarquia] Matthew Arnold definiria seu posicionamento: “Eu sou um Liberal, no entanto, sou um Liberal temperado pela experiência, reflexão e renúncia, e creio, acima de tudo, na cultura.” Não soubéssemos que se trata de um trecho de Arnold, poderíamos dizer que teria saído da pena de E.M.Forster. Essa síntese de Arnold diz muito a respeito das crenças de E.M.Forster, que apareceriam e que seriam defendidas por ele ao longo de toda a sua vida.

<sup>54</sup> GALVÃO, Pedro. Introdução IN MILL, John Stuart. *Utilitarismo*. Porto: Editora Porto, 2005, 9-17.

doutrina, uma filosofia e, num dos melhores sentidos da palavra, uma religião, cuja inculcação e difusão, poderiam se tornar o propósito da minha vida,”<sup>55</sup> escreveu ele na sua autobiografia. Isso se deve a seu pai, o filósofo e economista James Mill (1773-1836), fazia parte do grupo de “radicais filosóficos”, um grupo liberal orientado por Bentham que marcou a vida política da Inglaterra no princípio do século XIX.

Mill, como Bentham, propõe uma perspectiva hedonista do valor, isto é, o bem-estar consiste unicamente no prazer e na ausência de dor. A vida de um indivíduo é boa quando exhibe um forte predomínio das experiências aprazíveis sobre as dolorosas. Na verdade, tanto Mill quanto Bentham defendem um hedonismo total: o bem-estar consiste sim em experiências aprazíveis, mas essas experiências são boas ou valiosas devido ao prazer que proporcionam e não porque satisfazem nossos desejos ou porque estão de acordo com a vontade de Deus.<sup>56</sup>

De acordo com o hedonismo de Bentham o valor dos prazeres depende apenas de dois fatores: a sua duração e a sua intensidade. Parece até óbvio demais para dizer: os melhores prazeres são aqueles que — semelhante às piores dores — são mais prologados e intensos. Não de outro modo, Bentham tem uma visão quantitativa do bem-estar. A inovação de Mill repousa no fato de defender que, além da duração e da intensidade, temos de atentar para a qualidade dos prazeres, a sua natureza intrínseca. Alguns tipos de prazeres podem ser por sua natureza, superiores a de outros. Nesse sentido, para maximizarmos o nosso bem-estar, devemos dar preferência aos prazeres superiores, que para Mill são aqueles que resultam de nossas faculdades intelectuais — embora as físicas e materiais não sejam descartáveis.<sup>57</sup>

No entanto, ao longo do século XIX surgiram outras duas alternativas principais ao hedonismo. De acordo com uma delas, o bem estar do indivíduo consiste na satisfação dos seus desejos e preferências. Uma vida boa é aquela em que muitos desejos são satisfeitos e poucos se veem frustrados. Durante o século XX, alguns filósofos abraçaram esta noção e ensaiaram-na em novas perspectivas. Uma dessas limita o bem-estar à satisfação dos desejos racionais e informados. A segunda, tal como o hedonismo, explica o bem-estar sem apelas à satisfação das preferências, mas se opõe a ela reconhecendo uma pluralidade irreduzível de valores: além do prazer, há coisas que

---

<sup>55</sup> MILL, John Stuart. *Autobiography and Essays* IN: *Collected Works of John Stuart Mill*. Vol.1. Toronto: University of Toronto Press, 1981, p.69.

<sup>56</sup> GALVÃO, Pedro. Introdução IN: MILL, John Stuart. *Utilitarismo*. Porto: Editora Porto, 2005, p. 9-17.

<sup>57</sup> *Ibidem*, p. 9-17.

tornam nossa vida boa independente de serem desejadas ou de proporcionarem experiências aprazíveis, como o conhecimento, a amizade. O utilitarismo desenvolvido por G.E.Moore — seu *intuicionismo moral* —, se enquadra nessa segunda categoria. É essa tradição utilitarista que viria influenciar o *Bloomsbury*, e de reboque, E.M.Forster.

Refletindo sobre as ideias defendidas pelo embrião do *Bloomsbury* nos idos de 1903 em 1938, Maynard Keynes, agora uma figura pública de relevo, faz um exame crítico das ideias que ele e seus amigos acalentavam naquele momento. Ele descreve a percepção e as noções, bem como as preocupações que eles tinham à época:

Vivíamos por inteiro [à época] [centrados] na experiência presente, já que a ação social como fim em si mesmo e não meramente como um dever lúgubre, estava fora de nosso Ideal; e não só a ação social, mas [também] a vida da ação: o poder, a política, o êxito, a riqueza e a ambição (...). Na prática, ao menos no que me concerne, o mundo exterior não ficava esquecido ou proscrito, mas estou evocando o que era nosso ideal naqueles primeiros dias, quando se supunha que a vida de contemplação e comunhão apaixonada estava acima de qualquer outro propósito.<sup>58</sup>

Tão logo debruçamos sobre essas colocações, podemos perceber o tom idealista e utópico que os havia infectado, e por isso mesmo, podemos enquadrá-los dentro daquilo que Irving Babbitt chamou de *humanistas*. Como frisou Russell Kirk no prefácio de *Democracia e Liderança*, o humanista verdadeiro, para Babbitt, acredita que o homem é um ser distinto, regido por leis peculiares à sua natureza. Os códigos disciplinadores da *humanistas* ensinam o homem a controlar sua vontade e seus anseios. E tais controles são estabelecidos pela razão — não a racionalidade peculiar do Iluminismo, mas aquela razão elevada advinda do respeito pela sabedoria de nossos ancestrais e da conscientização da ordem na pessoa e na república.<sup>59</sup> Já o *humanista*, esse obedece aos impulsos. Ele acredita no “trabalho externo e no *laissez faire* interior,” ou seja, no ganho material e na libertação das obrigações morais. O humanista, por um ato de vontade, batalha para desenvolver uma natureza mais elevada no homem; o humanitarista busca a gratificação de todos os anseios.<sup>60</sup>

De todo, esse caráter *humanitarista* do *Bloomsbury* fica muito claro quando nos debruçamos sobre sua relação com a moral e os costumes e a influência do

<sup>58</sup> KEYNES, John Maynard. *Dos recuerdos*. Barcelona: Acantilado, 2006, p.107-108.

<sup>59</sup> KIRK, Russell. Prefácio IN: BABBITT, Irving. *Democracia e Liberdade*. São Paulo: TopBooks, 2003, p.15.

<sup>60</sup> *Ibidem*, p.15.



*intuicionismo moral* do filósofo G.E.Moore sobre eles. Em seu *Two Memoirs* [Duas Memórias], Maynard Keynes relata a atmosfera da Cambridge frequentada pelo embrião do *Bloomsbury* que, à época, fora fisgado pelo o *Principia Ethica*, de Moore.

Para nós, que estávamos ativos em 1903, Moore substituiu por completo McTaggart, [Lowes] Dickinson e [Bertrand] Russell. Sua influência foi avassaladora (...); foi excitante, alegre; o começo de um renascimento; a porta do novo céu em uma nova terra; éramos os arautos de uma nova religião; não temíamos nada. (...).

Pois bem, o que obtivemos de Moore não estava nem perto de tudo o que ele nos oferecia. Tínhamos um pé no umbral do novo céu, mas o outro em Sidgwick e no cálculo benthamita e nas normas gerais de comportamento correto. [De fato,] houve um capítulo em *Principia* que não prestamos a menor atenção. E por assim dizer, aceitamos a religião de Moore, e deixamos de lado sua moral [que é o assunto do capítulo que eles ignoraram ao qual Keynes fará menção mais adiante]. De fato, na nossa opinião, uma das maiores vantagens de sua religião era o seu desdém pela moral — entendo por “religião” a atitude de uma pessoa para consigo mesmo e o essencial, e por “moral” a atitude de uma pessoa para com o mundo exterior e acidental. (...).<sup>61</sup>

Na sequência ele explica o que era essa *religião*, deixando claro que o que lhes interessava era a realização ou a gratificação dos anseios, o que no fundo no fundo, tinha uma veia quase romântica:

(...) Nada importava salvo os estados mentais, os nossos e dos outros, sobretudo o nosso. Esses estados mentais não se associavam com a ação ou as conquistas ou as consequências. Consistiam em estados intemporais e apaixonados de contemplação e comunhão, em grande parte independente do “antes” e “depois.” Seu valor dependia, de acordo com o princípio de unidade orgânica, do estado de coisas considerado como um conjunto que era inútil tratar de dividir em partes. Por exemplo, o valor do estado mental de estar apaixonado não dependia meramente da natureza das próprias emoções, senão também da validade de seu objeto e da reciprocidade e da natureza das emoções do objeto; mas se me recordo bem, não dependia, ou não dependia muito do que acontecia ou do que um sentira um ano antes, embora eu sempre tenha sido um defensor da unidade orgânica ao longo do tempo, que segue hoje me parecendo mais sensata. Os sujeitos apropriados de contemplação e de comunhão apaixonada eram uma pessoa amada, a beleza, a verdade, e os objetos principais para um na vida era o amor, a criação, o desfrute da experiência estética e a perseguição do conhecimento.<sup>62</sup>

O *intuicionismo moral* de G.E.Moore estimulava o *laissez faire* interior; estimulava a busca e a saciedade dos impulsos — sejam eles intelectuais sexuais ou de qualquer outra matiz. O *Bloomsbury* estava interessado naquilo que torna a vida do indivíduo valiosa para si próprio. Assim sendo, como estavam convencidos de que o

<sup>61</sup> KEYNES, John Maynard. *Dos recuerdos*. Barcelona: Acantilado, 2006, p.91-92.

<sup>62</sup> *Ibidem*, p.92-93.

código moral instituído poderia ser descartado — a sabedoria acumulada por gerações de seres humanos encerra superstições e preconceitos que muitas vezes podem nocivos —, caminharam nessa direção, a de um vazio moral quase absoluto. Valores construídos e herdados versus vontades e condutas consideradas impróprias ou inadequadas — assim se estabelecem os conflitos se estabelecem em nosso cotidiano, e por isso temos de fazer escolhas pensando em nossa felicidade. No caso do *Bloomsbury*, os conflitos experimentados foram suscitados pela sexualidade de seus membros. E se tem um elemento que nos permite compreender a influência de Moore sobre o *Bloomsbury* é justamente esse. Nada disso, nem mesmo esse repúdio pela moral e pelos costumes seria possível, ou necessário, se não fosse esse detalhe. Em se tratando de um grupo cuja maioria de seus integrantes era ou homossexual ou bissexual, como era o caso de Keynes, a relação deles com a moral e religião só podia ser conflitante — dificilmente poderia ser diferente. E se tivesse sido, eles não seriam o *Bloomsbury*, porque sua característica mais marcante e sobressalente era justamente o desprezo pela moral e a religião, além da permissividade com relação à sexualidade.<sup>63</sup>

De todo, a filosofia de Moore lhes deu um método seguro para seguir a intuição, ao invés da moral cristã, que era a que imperava na sociedade vitoriana. Como tinha um caráter que lhes parecia “eminente científico e racional”<sup>64</sup> — e como muitas teorias ao longo do século XX, essa foi mais uma que adquiriu sua cientificidade pelas mãos de seus seguidores —, os membros do *Bloomsbury* sentiram-se livres para agir dentro de seus preceitos e aplicar seu método. Moore oferecia um instrumental segundo o qual a forma como podemos distinguir boas das más ações é através da intuição.

Um método que pode ser resumido da seguinte maneira: utilizar uma linguagem precisa e fazer as perguntas exatas. Como o que importa são as vontades individuais — a moral, os costumes e a ordem construída ao longo de séculos poderia ser facilmente descartada se se conflitasse com essas vontades —, a intuição era o instrumento capaz de discernir aquilo que deveria ser bom ou não, aquilo que valia a pena e aquilo que

---

<sup>63</sup> Nos primórdios do *Bloomsbury*, como frisou Virginia Woolf, o sexo não era o tema principal das conversas e dos debates. “Enquanto todas as questões intelectuais tinham sido debatidas, o sexo fora ignorado. (...) Sabíamos de tudo, mas nunca tínhamos conversado a respeito.” No entanto, quando esse assunto encontrou terreno e espaço, ele passou a ser amplamente discutido, e qualquer de suas manifestações, inteiramente aceitas — “Talvez seja verdadeiro que os amores dos sodomitas não têm — pelo menos para quem é do outro partido — grande interesse nem enorme importância,” escreveu Virginia Woolf. No entanto, “o fato de poderem ser mencionados abertamente requer que ninguém se importe que sejam praticados em particular. [E] assim, muitos costumes e muitas convicções foram revistos.” WOOLF, Virginia. *Momentos de uma Vida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1986, p. 225.

<sup>64</sup> KEYNES, John Maynard. *Dos recuerdos*. Barcelona: Acantilado, 2006, p.96.

não. E no que diz respeito à sexualidade e as paixões momentâneas, muitos dos membros do *Bloomsbury* não tinha dúvidas — era melhor se entregar do que se abster. Trata-se de uma matemática simples. Não é a toa que Lytton viveu sua sexualidade buscando justamente saciar os impulsos e com isso ter aqueles momentos de comunhão descritos por Keynes, muito diferente do tímido e retraído Morgan Forster, que em 1905, quando estava na Alemanha, escrevia em seu diário, “os primeiros impulsos sexuais foram suplantados por outros, esses mais nobres, e assim foram praticamente esquecidos.”<sup>65</sup>

E.M.Forster, como frisou David Garnett, foi influenciado por Moore,<sup>66</sup> ainda que não tenha chegado a lê-lo. E essa influência não se refletiu e nem se desdobrou na ação, como aconteceu com Lytton, mas no estado de espírito. Ele foi fisgado, mas não se tornou um adepto. E nesse ponto a personalidade e o temperamento foram decisivos. Como um membro marginal do *Bloomsbury* — o grupo se formou à época em que E.M.Forster frequentava Cambridge, mas a unidade *espiritual* do grupo foi definida em 1903, após a publicação de *Principia Ethica* —, ele parece ter se preservado de um modismo que contagiava seus amigos. Na verdade, enquanto seus amigos liam Moore, Forster se debruçava sobre *The Way of Flesh* [O Destino da Carne], de Samuel Butler, lançado postumamente naquele ano. Se alguma coisa teve um efeito duradouro sobre ele em 1903, foi pelas mãos de Butler não pela de Moore.

Aqui é importante fazermos um pequeno parêntese e frisar a influência de Butler. Sua influência está relacionada ao fato de E.M.Forster ter se mostrado sensível aos temas abordados por Butler em obras como *Erewhon* e *The Way of all Flesh*, que dizem respeito à realidade social que conheceram, ou seja, o período vitoriano tardio. “Ele acreditava”, como escreveu Forster, “que a verdadeira influência de um homem é exercida depois de sua morte, e que desse modo ele realmente passa a viver.”<sup>67</sup> O próprio título da edição francesa de *Howards End, Le Legs de Mrs. Wilcox* [O Legado da Senhora Wilcox], é sugestivo quando pensamos nesse, que é um dos temas de Butler —

---

<sup>65</sup> The earliest sex impulses are supplanted by other & nobler ones, and thus are almost entirely forgotten. FORSTER, Edward Morgan; GARDNER, Philip (org.) *The Journals and Diaries of E.M.Forster*. Vol. I. New York: Ashgate, 2011, p.136.

<sup>66</sup> GARNETT, David. Forster and Bloomsbury IN STALLYBRASS, Oliver (ed.). *Aspects of E.M.Forster*. New York: A Harvest Book & Harcourt Brace & Company, 1969, p.29-30.

<sup>67</sup> He believed that a man’s real influence is exerted only after his death, that it is then that he really begins to live. HEALTH, Jeffrey M. *The Creator as Critic and other writings by E.M.Forster*. Toronto: Dundurn Press, 2008, p. 312.

*erthly immortality* [imortalidade vicária].<sup>68</sup> Em *Howards End*, a figura da Senhora Wilcox paira sobre as demais personagens, o marido, os filhos e a família Schlegels depois de sua morte. Sua influência se faz sentir, a despeito da tentativa de seu marido e de seus filhos de quererem abortar seu último desejo, o de que sua casa de campo, Howards End, ficasse com Margareth Schlegels. Mesmo tendo sido o elo entre os Schlegels e os Wilcox enquanto viva esse elo não se quebrou com sua morte. Ao contrário, ele abriu caminho para que as duas famílias se unissem. Margareth acaba se casando com o Senhor Wilcox e assim se torna herdeira de Howards End. Embora tenha negado isso em entrevista a *The Paris Review*, a influência da noção de *imortalidade vicária* de Butler aqui é visível.

Mas para além dessa questão da *imortalidade vicária*, existe um outro tema desenvolvido por Butler em suas obras que precisamos frisar: a atitude com relação aos ganhos materiais, ao dinheiro. “Sim, Butler me influenciou, claro. Ele me mostrou como olhar para o dinheiro quando eu era jovem,”<sup>69</sup> disse E.M.Forster em entrevista em 1952. Como frisou Wilfred Stone, Forster recusava-se a ser pudico no que diz respeito a dinheiro, visto que ele financiou suas mais ricas experiências espirituais — suas viagens à Itália, Índia e Egito. De fato, ele fala abertamente sobre dinheiro como se estivesse mostrando que não tinha nada a esconder a esse respeito. Mas o dinheiro sempre foi para ele uma preocupação.<sup>70</sup> De todo, uma das suas interrogações mais sutis, e sérias, é uma inversão da ética da ortodoxia cristã que aparece em *The Longest Journey* [A Mais Longa Jornada]: “Será que teríamos grandes benefícios se salvarmos a nossa alma e perdermos o mundo todo?”<sup>71</sup> A resposta é não. O tesouro na terra e no céu são necessários e necessários em conjunto. Em conjunto, o que significa que não se deve dar prioridade a um e esquecer do outro.

De todo, sua crítica ao capitalismo e a industrialização, sua preocupação com o avanço da urbanização e a destruição da paisagem rural inglesa, tudo isso esta

---

<sup>68</sup> HEALTH, Jeffrey M. *The Creator as Critic and other writings by E.M.Forster*. Toronto: Dundurn Press, 2008, p. 716.

<sup>69</sup> STONE, Wilfred. Forster on Love and Money IN STALLYBRASS, Oliver (ed.). *Aspects of E.M.Forster*. New York: A Harvest Book & Harcourt Brace & Company, 1969, p.107.

<sup>70</sup> STONE, Wilfred. *The Cave and the Mountain: a study of E.M.Forster*. Stanford: Stanford University Press, 1966, p.33.

<sup>71</sup> Will it really profit us so much if we save our souls and lose whole world? FORSTER, Edward Morgan. *The Longest Journey*. London: Oxford University Press, 1960, p. 264.

relacionado não só a essa questão, mas acabou tendo reflexos em seu próprio posicionamento político, como veremos mais adiante.

A questão aqui, tanto para E.M.Forster como Matthew Arnold, diz respeito à mentalidade materialista gerada pela industrialização que corrompe a natureza humana fazendo com que ela se esqueça dos verdadeiros valores que deveriam ser apreciados — Arnold dizia que o livre comércio só produzia “filisteus.” E essa, mais do que qualquer outra coisa, era sua principal preocupação, assim como a de Arnold: o desenvolvimento do intelecto. De todo, Arnold não exerceu uma influência direta nisso. O mais provável é que tenha havido uma identificação da parte de E.M.Forster com algumas ideias expostas por Arnold em seu *Culture and Anarchy* [Cultura e Anarquia] que por sua vez veio corroborar as noções que ele havia desenvolvido por influência de Butler.<sup>72</sup>

Mas se Butler pode nos dar a resposta com relação a certos temas, com relação a sua sexualidade não podemos pensar em Moore ou na ligeira influência que exerceu sobre ele. Esse seria o caso se tratássemos aqui de Lytton Strachey ou Maynard Keynes. Com E.M.Forster as coisas foram diferentes. Que Moore não foi capaz de mudar sua atitude com relação a sua sexualidade, isso está claro. Que uma espécie de pudor o deteve isso também. A questão é entender de onde vem esse pudor. De todo, quando nos debruçamos sobre esse assunto vemos que havia um elemento que o impedia de estar em comunhão com seus amigos e que o levou a ter uma postura mais equilibrada no que diz respeito à política — *Clapham*. Ele compartilhava muitas das ideias defendidas por seus amigos, mas também preservava e cultivava suas simpatias pelos valores de *Clapham*, ainda que fosse impossível para ele compactuar totalmente com os valores de William Wilberforce e Henry Thornton — eles eram cristãos praticantes, sectários, críticos, antagonistas para com arte,<sup>73</sup> e segundo o próprio Forster, obcecados pelo ganho material e o dinheiro.

Apesar disso, jamais se desvincilhou de valores que eram sagrados para os Thornton — o respeito pelo passado, o senso de continuidade, a família. De fato, foram essas noções em conjunto com sua formação clássica tida em Cambridge que sedimentaram sua disposição conservadora — que ele conciliou com a tradição liberal inglesa do século XIX.

---

<sup>72</sup> Até o momento, existe apenas um trabalho que trata dessa relação, o de Lee Elbert Holt, *E.M.Forster and Samuel Butler*, de 1946.

<sup>73</sup> STONE, Wilfred. *The Cave and the Mountain: a study of E.M.Forster*. Stanford: Stanford University Press, 1966, p.33-34.

A influência dos Thornton pode ser encontrada na sua atitude durante a década de 1930, quando demonstrou verdadeiro horror por qualquer ruptura política, defendendo assim o familiar ao desconhecido — no caso a democracia ao invés do comunismo ou fascismo; pode ser encontrado na biografia de Marianne quando ele se abstém de discorrer sobre as atividades públicas de *Clapham* e se foca na vida familiar — *A Domestic Biography* [Uma biografia doméstica], este é o subtítulo da biografia de Marianne Thornton. Como frisou Wilfred Stone, os ambientes pelos quais E.M.Forster se interessa são aqueles dominados pelas mulheres e as crianças. A *família* como instituição, tal como é tida por Forster, é um valor quase tão absoluto quanto a *Beleza* — e tanto um como o outro ele herdou dos Thornton.

A influência desses elementos acabou suscitando essa bifurcação em sua personalidade e em seu temperamento que, posteriormente, vieram a se fazer sentir. Como Isaiah Berlin, ele tinha de lidar com o desagrado que seu meio-termo causava aos amigos de direita e esquerda.<sup>74</sup> Pouco antes da eleição, em 1949, quando os trabalhistas foram varridos do poder pelos conservadores, Berlin publicou *Winston Churchill em 1940*. Trata-se de um ensaio que, para além de examinar a retórica arcaica e barroca conscientemente forjada por Churchill durante o conflito, o exalta como líder — desnecessário dizer o profundo mal estar que essa peça provocou entre ele e seus amigos de esquerda.<sup>75</sup>

Muito embora metade do país tenha votado para tirar Churchill do cargo em 1945 por considera-lo uma relíquia reacionária, em 1949, o próprio Churchill ia comandar o ataque conservador à folha de serviços prestados por Clement Atlee — e ali estava um suposto liberal cantando loas a ele “como o maior ser humano do nosso tempo.” Quando, em dezembro daquele ano, os dois se encontraram na casa de Oliver Lyttleton, Berlin confirmou suas impressões: embora admirasse Churchill, não conseguia gostar dele. O velho leão rugia dizendo que ansiava por voltar ao poder e entrar na briga com Stalin. Com verdadeira ferocidade, disse achar que a Itália e a França podiam cair em mãos comunistas e que lhe agradava a ideia de uma nova guerra na Europa. A reação de Berlin ao ouvir isso não poderia ser outra — ficou ao mesmo

---

<sup>74</sup> IGNATIEFF, Michael. *Isaiah Berlin: uma biografia*. Rio de Janeiro: Record, 2000, p.213.

<sup>75</sup> *Ibidem*, p.213.

tempo fascinado e enjoado. “Ele era vulgar demais, brutal demais, e eu não o queria de volta ao poder,” confessou mais tarde. Assim, votou nos liberais.<sup>76</sup>

Nas convicções, Berlin era um liberal que se sentia mais a vontade entre os conservadores; como E.M.Forster, era conservador nos valores e no temperamento, mas não em política. Berlin tentou manter as duas coisas, mas inevitavelmente foi chamado de duas caras.<sup>77</sup> Com Forster não foi muito diferente. Se havia uma simpatia pela esquerda política — no caso os Trabalhistas, ao qual chegou a pensar em se filiar, como confessou em carta a Christopher Isherwood em outubro de 1938<sup>78</sup> —, por outro rejeitava as ideias autoritárias que parte dela pregava — notadamente as do comunismo —; embora visse com bons olhos os programas de habitação implementados na década de 1920, não concordava com destruição da paisagem rural de seu país para isso.<sup>79</sup> “Não posso equacionar [essa situação]. Há uma colisão de lealdades. Não posso abandonar a convicção de que algo insubstituível possa ser destruído e que partes da Inglaterra sejam destruídas como se bombas tivessem caído sob.”<sup>80</sup> E como ficou evidente aqui, ele não moveu esforços para resolver essa inadequação. Elas simplesmente pareciam não ter solução, assim como outro problema que ele acabou enfrentando a partir de 1902.

---

<sup>76</sup> Ibidem, p.205-207

<sup>77</sup> Ibidem, p.207

<sup>78</sup> ZEIKOWITZ, Richard. *Letters between Forster and Isherwood on Homosexuality and Literature*. New York: Palgrave MacMillan, 2008, p. 76.

<sup>79</sup> CREWS, Frederick. *E.M.Forster: The Perils of Humanism*. Princeton: Princeton University Press, 1967, p.21.

<sup>80</sup> I cannot equate the problem. It is a collision of loyalties. I cannot fee myself from the conviction that something irreplaceable has been destroyed, and that little piece of England has died as surely as a bomb had hit it. FORSTER, Edward Morgan. *Two Cheers for Democracy*. New York: Harcourt & Brace, 1951, p.59.

## O HOMOSSEXUALISMO

O conflito no campo da sua sexualidade parece tê-lo afetado mais do que o outro, o problema da religião, que foi resolvido com um distanciamento parcial. E essa questão é importante porque ela acabou influenciando não só sua literatura, mas também a maneira como ele se inseria no meio em que vivia, e até mesmo o seu posicionamento político, como veremos mais adiante. E a experiência de seu personagem Maurice Hall pode ser usada como parâmetro para compreendermos a maneira como ele lidou com sua sexualidade, desde a descoberta até a relativa aceitação que veio a encenar. De uma infância aparentemente normal, apesar de alguns sentimentos que ele não compreendia, ele salta para Cambridge, onde o contato com a literatura grega clássica o faz perceber o que eram aqueles sentimentos — “sempre fui como os gregos e não sabia,”<sup>81</sup> esclarece Maurice a Clive.

Clive quase não sofrera quando garoto. Sua mente sincera, com aguda percepção do que era certo e errado, o levou a acreditar que estava amaldiçoado. Profundamente religioso, com um desejo vivo de alcançar a Deus e Lhe agradecer, ele se viu tomado desde muito cedo por um outro desejo, obviamente o de Sodoma. Não teve dúvida a esse respeito: sua emoção, mais compacta do que a de Maurice, não se dividia entre o brutal e o ideal, ele [também] passou anos tentando transpor o abismo. Tinha dentro de si o *impulso* que destruiu a Cidade da Planície. Embora ele jamais devesse se tornar carnal, porque ele, de todos os cristãos, fora punido?

De início, imaginou que Deus o estivesse tentando e, se não blasfemasse, poderia ser recompensado, assim como Jó. Ele abaixou a cabeça, jejuou e se manteve distante de qualquer pessoa que fosse capaz de gostar. Seu décimo sexto ano foi uma tortura incessante. Não contou a ninguém e por fim sofreu um ataque de nervos e teve de ser tirado da escola. Durante a convalescença, viu que estava apaixonado por um primo que o conduzia em sua cadeira de rodas, um jovem casado. Não havia esperança, estava condenado.

*Esses terrores podiam ser encontrados em Maurice, mas de modo mais vago:* em Clive eles eram definitivos, contínuos e insistentes não apenas no momento da Eucaristia, mas em qualquer momento. Não se enganava, apesar das rédeas que mantinha sobre a carne. Podia controlar o corpo, mas era sua alma maculada que zombava de suas preces.<sup>82</sup>

---

<sup>81</sup> I have always been like the Greeks and didn't know. FORSTER, Edward Morgan. *Maurice*. London: Penguin Books, 2005, p. 54. As traduções dos trechos citados desse romance ao longo deste trabalho foram feitas com o auxílio da tradução brasileira feita pelo Professor Marcelo Pen. FORSTER, Edward Morgan. *Maurice*. São Paulo: Globo, 2006.

<sup>82</sup> Clive had suffered little from bewilderment as a boy. His sincere mind, with its keen sense of right and wrong, had brought him the belief that he was damned instead. Deeply religious, with a living desire to reach God and to please Him, he found himself crossed at an early age by this other desire, obviously from Sodom. He had no doubt as to what it was: his emotion, more compact than Maurice's, was not split into the brutal and the ideal, nor did he waste years in bridging the gulf. He had in him impulse that destroyed the City of the Plain. It should not ever become carnal, but why had he out of all Christians been punished with it?



Se na infância Maurice, como o próprio Forster, não conseguia perceber o que se passava, ou pelo menos não se via tendo com que comparar para decifrar o que sentia, quando chegou em Cambridge, parecia quase impossível continuar alheio a isso:

Perto do fim do período, tocaram num assunto ainda mais delicado. Eles haviam participado da aula de tradução do deão e, vendo um aluno forcejar em seu trabalho, o senhor Cornwallis fez uma observação em um tom de voz monótona: “Omita: referência ao vício indizível dos gregos.” [Clive] Durham comentou depois que o professor deveria perder seus subsídios de pesquisa por tal hipocrisia.

Maurice riu.

“Considero uma questão apenas de cultura pura e simples. Os gregos, ou a maioria deles, estavam inclinados [a essa prática], e omiti-la seria [o mesmo que] omitir o estio da sociedade ateniense.”

“É mesmo?”

“Você leu o *Banquete*?”

Maurice não tinha lido, e não mencionou que tinha explorado Marcial.

“Esta tudo ali; não é tema para crianças, decerto, mas você deveria ler. Leia nas férias.”

Nada mais foi dito ali, mas ele estava livre para explorar o assunto, um que jamais havia sido mencionado a qualquer alma viva. Não sabia que podia ser mencionado e, quando Durham o fez no meio do pátio banhado pelo sol, ele foi tomado por um sopro de liberdade.<sup>83</sup>

Em seu diário Forster se imaginava suspenso entre dois tipos hostis de má compreensão da sua conduta: entre aqueles que não conseguiam imaginar a ideia da homossexualidade, a sociedade em geral, e aqueles que, como Lytton Strachey,

---

At first je thought God must be trying him, and if he did not blaspheme would recompense him like Job. He therefore bowed his head, fasted, and kept away from anyone whom he found himself inclined to like. His sixteenth year was ceaseless torture. He told no one, and finally broke down and had to be removed from school. During he convalescence he found himself falling in love with a cousin who walked by his bath chair, a young married man. It was hopeless, he was damned.

These terrors had visited Maurice, but dimly: to Clive they were definite, continuous, and not more insistent at the Eucharist than elsewhere. He never mistook them, in spite of the rein je kept on grossness. He could control the body; it was the tainted soul that mocked his prayers. FORSTER, Edward Morgan. *Maurice*. London: Penguin Books, 2005, p. 59.

<sup>83</sup> Towards the end of term they touched upon a yet more delicate subject. They attended the Dean’s translation class, and when one of the men was forging quietly ahead Mr. Cornwallis observed in a flat toneless voice: ‘Omit: a reference to the unspeakable vice of the Greeks.’ Durham observed afterwards that he ought to lose his fellowship for such hypocrisy.

Maurice laughed.

‘I regard it as a point of pure scholarship. The Greeks, or most them, were that way inclined, and to omit it is to omit the mainstay of Athenian society.’

‘Is that so?’

‘You’ve read *Symposium*?’

Maurice had not, and did not add that he had explored Martial.

‘It’s all in there — not meat for babes, of course, but you ought to read it. Read this vac.’

No more was said at the time, but he was free of another subject, and one that he had never mentioned to any living soul. He hadn’t known it could be mentioned, and when Durham did so in the middle of the sunlit court a breath of liberty touched him. FORSTER, Edward Morgan. *Maurice*. London: Penguin Books, 2005, p. 41-42.

interpretavam sua “abstinência” como covardia ou algo risível.<sup>84</sup> De fato, essa foi um época difícil. Ele simplesmente não conseguia se adequar, e a despeito da ligeira influência de seus amigos *Apóstolos*, ele acabou desenvolvendo um tipo diferente de amante ideal. Na verdade, sua ideia de um “amigo”, um companheiro, que seria desenvolvida em seu romance *gay*, começou a se cristalizar somente após sua visita a Edward Carpenter, em 1913, e iria se concretizar poucos anos depois, em Alexandria, em 1917.

Nesse sentido, dada à influência que acabou tendo, pensaremos nos efeitos de sua homossexualidade nos seguintes termos: a) Ela afetou não só sua vida, pois enquanto homossexual ele tinha consciência dos problemas que sua condição lhe trazia em meio às convenções e os valores morais de sua própria sociedade, que não aceitava esse tipo de manifestação, mas também sua literatura. Desde a Lei Criminal de 1885, atos “de indecência grosseiras” entre homens se tornaram passíveis de punição com 2 anos de trabalho forçado — foi sob o efeito dessa lei que Oscar Wilde foi condenado e preso em 1895.<sup>85</sup> A homossexualidade masculina era reprovada socialmente por ser vista como uma transgressão da própria masculinidade. A crença em uma natureza e em atitudes completamente diferentes tanto para homens como para mulheres, marcou profundamente a sociedade inglesa. Ao homem e a mulher cabiam comportamentos completamente distintos e que deviam estar de acordo com as características atribuídas a cada um: ao homem a energia e a força e a mulher a fragilidade e a sensibilidade. Por esse motivo um homem não podia se expressar ou exteriorizar seus sentimentos ou debilidades e a mulher não podia fugir de seu papel que lhe era reservado no lar.<sup>86</sup>

Nesse sentido, sua sexualidade o levou a ter um comportamento *outsider*, para usarmos um termo de Norbert Elias.<sup>87</sup> Por pertencer a um grupo estigmatizado, seu comportamento não poderia ser outro senão o de viver as escuras — o bairro de Hammersmith, em Londres, era o reduto onde muitos homossexuais viviam e se encontravam, dentre eles, E.M.Forster e seus amigos Duncan Grant, Gerald Heard e Raymond Mortimer, isso na década de 1930. Como era de se imaginar, esse era um grupo fechado e com suas particularidades como frisou Virginia Woolf:

---

<sup>84</sup> MOFFAT, Wendy. *Morgan: A New Biography*. London: Bloomsbury, 2010, p.71.

<sup>85</sup> PUGH, Martin. *State and Society*. London: Bloomsbury, 2012, p.300.

<sup>86</sup> CANALES, Esteban. *La Inglaterra Victoriana*. Madrid, 2008, p.185-187.

<sup>87</sup> ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

Estou tentando esboçar o último capítulo — e não consigo; de modo que vou gastar dez minutos descrevendo o que observei na casa de Raymond. Principalmente o ambiente sodomita. O rosto de Lytton iluminado de amor e êxtase quando troquei as mulheres, deliciosas, e todos os seus dons por Mr. Williamson, brilhante e belo, mas desconhecido, de Oxford. O Raymond sentava-se no braço da cadeira de Lytton. Chegou o Morgan, vindo do *Meléagro* [tragédia em verso de R.C.Trevelyan que estava em cena no Rudolf Steiner Hall]. “E fui aos bastidores ver o Ronnie. Estava muito bem, de calções.” O Eddie veio da última sessão do *Cochran* [*Cochran’s 1930 Review* era a última de uma série de revistas dirigidas por C.B.Cochran (1872-1951)]. Teve de ficar de pé (...) e estava rabugento. “Enfim”, disse ele, “o Ensor (esqueci-me do resto) estava muito bonito, de fato branco — os outros estavam medonhos.” Ao ouvirem isto, todos eles arrebitaram a orelha e ficaram com um ar de pateta. Quero eu dizer, aos risinhos, muito sonsos. Um ambiente inteiramente segregado, íntimo dirigido para um único objetivo; todos gostavam das mesmas coisas. (...) Ao Morgan desconheci-o, a discutir as belezas do enteado de Hilton Young [parlamentar conservador com quem Virginia Woolf pensou em se casar no começo da vida adulta].”<sup>88</sup>

“Um ambiente inteiramente segregado, íntimo.” Havia um código de conduta, um comportamento nivelado no qual todos os seus membros estavam perfeitamente inteirados e que suscitou estranheza de quem era de fora, no caso, Virginia Woolf — trata-se de um comportamento-padrão que Elias observou serem frequentes em grupos sociais, os quais ele descreve em *Os Estabelecidos*.<sup>89</sup> Na verdade, isso não tinha como ser diferente já que pertencia a um grupo *estigmatizado*. Ele carregava esse estigma e, obviamente, tentava se adaptar a isso. E um dos meios de fazê-lo foi levar uma vida dupla — a com seus amigos no *Bloomsbury* e em *Hammersmith* e outra em Abinger Hammer, com sua mãe. De todo, sua homossexualidade traçou uma linha divisória em suas atitudes, de maneira que nunca pôde conciliar os diversos núcleos de sua vida. E foi isso que o impediu de desenvolver sua literatura, como ele chegou a sugerir na década de 1960 em seu diário. Como era socialmente condenável, sua homossexualidade não poderia ser abordada como tema literário como ele gostaria, ela tinha de ficar restrita — e é isso o que Wendy Moffat, em sua recente biografia, tentou mostrar.<sup>90</sup>

Não é a toa que *Maurice*, seu romance gay, ficou engavetado por quase 60 anos. E havia motivos de sobra para isso: em primeiro lugar, o tema. Em segundo, ele não queria se expor. Era um homem extremamente reservado que tinha uma mãe em seu

<sup>88</sup> WOOLF, Virginia. *Diário: 1927-1941*. Lisboa: Bertrand Editora, 1987, p.98-99.

<sup>89</sup> ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

<sup>90</sup> MOFFAT, Wendy. *E.M.Forster: a new life*. London: Bloomsbury, 2010.

encalço. Uma mãe que havia ficado horrorizada com o fato de Helen Schlegel ter ficado grávida de Leonard Bast, um homem da classe trabalhadora, em *Howards Ends*. O que significa dizer que ele não conseguiria publicar *Maurice* sem que Lily sofresse um ataque cardíaco! Em terceiro, ainda que chegasse a tanto e enfrentasse as consequências, ele seria censurado como acabou acontecendo com o romance lésbico *The Well of Loneliness*, de Radclyffe Hall, ou *The Lover of Lady Chatterly*, de D.H.Lawrence, que nem mesmo tratava da homossexualidade, mas que foi considerado obsceno. Ou seja, sua sexualidade, quando combinada com fatores externos, acabou dando os rumos para sua literatura, assim como para determinadas atitudes ao longo de sua vida.

b) O fetiche desenvolvido depois de conhecer Edward Carpenter, em 1913, por se envolver sexualmente com homens da classe trabalhadora, certamente influenciou sobre as reflexões que ele começou a fazer quando adentrava o universo político.

De todo, ele sofria da mesma inibição que Christopher Isherwood descreve em seu *Christopher and His Kind*: “Na escola, Christopher havia se apaixonado por vários rapazes e havia sido intensamente romântico com eles. Na universidade conseguiu, por fim, ir para a cama com alguém. (...) Logo seguiram outras experiências, todas agradáveis, mas nenhuma completamente satisfatória.” E era assim “porque Christopher sofria de uma poderosa inibição, [uma inibição] frequente entre homossexuais [provenientes] das classes altas; ela o impedia de relaxar-se sexualmente com um membro de sua própria classe ou país. Ele precisava de um trabalhador estrangeiro.”<sup>91</sup> E com E.M.Forster não era muito diferente, muito embora outros fatores tenham contribuído e sido decisivos para seu comportamento e abstinência sexual.

Independente do peso que essa inibição teve, o fato é que Forster viu realizado esse anseio por se envolver com um homem da classe trabalhadora em Alexandria, Egito, em 1917, quando se envolveu com Mohammed el Adl, um condutor de trem, e, posteriormente, com Bob Buckingham, com quem manteve uma relação ao longo de 40 anos. E.M.Forster o conheceu em 12 de abril de 1930 através de seu amigo, o poeta Joe Ackerley, que havia algum tempo, vivia no bairro Hammersmith, em Londres. Buckingham era amigo de Harry Daley, um policial com quem Forster tivera um relacionamento a partir de meados de 1926. Robert J. Buckingham (1902-1975) tinha nesse momento 28 anos. Ele viera de uma família pobre e numerosa que vivia em Somerstown, e antes de se tornar policial teve várias ocupações: carregador de uma

---

<sup>91</sup> ISHERWOOD, Christopher. *Christopher and his Kind*. New York: Farrar Strauss & Giroux, 1976, p.3.

firma de entrega de encomendas, aprendiz de fabricante de instrumentos, mecânico, vendedor de botas e sapatos. A ausência de seu pai em alguns momentos fez com que desde muito cedo ele tivesse que ocupar seu lugar e ajudar sua mãe com seus irmãos e irmãs mais novos. Buckingham vinha de um meio que, como frisou P.N.Furbank, em *Howards End* foi descrito como algo simplesmente “inimaginável.”<sup>92</sup>

Como Alec Scudder, o amante de Maurice Hall, Bob pertencia à classe trabalhadora e era inteiramente devotado, o que acabou sendo decisivo para a relação. No começo, dado às próprias frustrações das relações fugazes que tivera depois que retornara de Alexandria, E.M.Forster esperava por uma relação duradoura e pela satisfação física, ao passo que Bob tinha uma ligeira esperança de que sua vida tomasse novos rumos, que tivesse a oportunidade de se distanciar dos bairros degradados de Londres. Ele esperava que Forster pudesse leva-lo na direção de um mundo mais literário e intelectualizado, o que ele aspirava havia muito — de uma maneira até parecida com a de Leonard Bast, de *Howards End*. Essas expectativas seriam atendidas e, na medida em que o relacionamento amadurecia, e as eventuais crises, como a desencadeada quando Buckingham resolveu se casar com a enfermeira May Hockey, iam sendo superadas, o vínculo foi se estreitando. Em pouco mais de dois anos ela estaria totalmente consolidada. Como ele escreveu em seu *Commonplace Book* dois anos depois:

Felicidade. Tenho sido feliz por dois anos. Essa [felicidade] pode ter terminado já, mas quero registrar isso antes que ela se veja detonada pela dor — que é a coisa mais importante que a dor pode fazer com a vida interior: arruinar as coisas amadas que tenham algum espaço. (...) Dos 51 para os 53 anos tenho sido feliz, e gostaria de dizer aos outros que [eles] também podem ter isso. É a única mensagem que vale a pena dar.<sup>93</sup>

De fato, era uma relação que, a despeito de suas dificuldades, como o casamento e as responsabilidades de Buckingham, acabou dando certo. Em muitos aspectos, um encontrava no outro aquilo que lhe faltava. Bob remava, praticava boxe e jogava futebol. Tinha um corpo atlético e chegava a impressionar aqueles a quem Forster o apresentou — a exceção seria André Gide. Como frisou Beauman, é provável que

<sup>92</sup> FURBANK, P.N. *E.M.Forster: a life*. Vol. II. New York: A Harvest Book & Harcourt Brace & Company, 2010, p. 165-169

<sup>93</sup> Happiness. I have happy for two years. It may't be over yet, but I want to write it down before it gets spoiled by pain — which is the chief thing pain can do in the inside life: spoil the lovely things that got in there first. (...) From 51 to 53 I have been happy, and would like to remind others that their turns can come too. It is the only message worth giving. FORSTER, Edward Morgan. *Commonplace Book*. Aldershot: Wildwood House, 198, p.94.

Forster invejasse a vocação esportista que Bob, e Maurice Hall, exibiam. É provável também que, por conta do próprio senso de futilidade que o perseguia desde o começo da vida adulta, desejasse ter a autoestima que Bob tinha adquirido trabalhando duro e ganhando cada centavo para se sustentar. Por seu turno, Bob talvez lamentasse não ter a formação intelectual e o conforto material que Forster sempre tivera. No fim, cada um adentrou o mundo que pretendia explorar através do outro. E as eventuais invejas ou frustrações com a própria condição, ou limitações, acabaram demonstraram não ter capacidade para interferir em nada. Mas sem isso é pouco provável que essa relação tivesse durado tanto tempo.<sup>94</sup>

Assim, na medida em que se aproximou e teve contato direto com homens como Frank Vicary, um motorista de ônibus, e além do próprio Buckingham, E.M.Forster viu o quanto sua condição os limitava — em carta a Christopher Isherwood, quando esta comentando o possível final daquele que seria seu romance póstumo, ele tece uma série de comentários a respeito desse processo, do contato com homens de um estrato social diferente do seu: “Em 1914 [enquanto escrevia *Maurice*], eu era completamente ignorante com relação aos modos dessa classe — isso estimulava minha imaginação, e isso era tudo. Cerca de 10 anos depois eu conheci Reg Palmer, (e dezessete anos depois, eu conheci o Bob), o que me fez compreendê-la [melhor].”<sup>95</sup> Na entrevista a *The Paris Review* ele confirmou sua ignorância a respeito da classe trabalhadora inglesa quando lhe perguntaram se já tinha escrito algo sobre o qual não tinha conhecimento. A resposta foi taxativa: “A vida de Leonard e Jackie em *Howards End*. Provavelmente inventei tudo sozinho.”<sup>96</sup>

Esse contato com homens de uma condição material inferior a sua certamente suscitou alguns questionamentos a respeito dos privilégios que detinha. Ele começou a refletir, como o fez quando tomou contato com o comunismo, a respeito do sistema e de suas injustiças, o que o levou a se aproximar da esquerda em alguns momentos. Aos poucos ele começou a perceber que, por não terem tido as mesmas condições e oportunidades que ele, eles viviam alheios ao seu mundo. “Entrando bons dividendos,

---

<sup>94</sup> BEAUMAN, Nicola. *Morgan: A biography of E.M.Forster*. London: Hodder & Stoughton, 1993, p.347-352. MOFFAT, Wendy. *E.M.Forster: a new life*. London: Bloomsbury, 2010, p.221-225.

<sup>95</sup> I was in 1914 ignorant in this way class — it stimulated my imagination, that was all. About ten years later, I met Reg Palmer, (and seventeen years later Bob), which gave me knowledge.” FURBANK, P.N.; LAGO, Mary (ed). *Selected Letters of E.M.Forster: 1921-1970*. Cambridge: Belknap Press and Harvard University, 1985, p. 158-159.

<sup>96</sup> *As Entrevistas da The Paris Review*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p.17.

elevam-se os pensamentos,”<sup>97</sup> escreveu ele em *The Challenge of Our Time* [O desafio do nosso tempo], de 1946. Ou seja, as condições materiais e oportunidades de um homem, que na maioria dos casos é o dinheiro quem pode trazer e oferecer, e que ajudam no seu desenvolvimento intelectual e espiritual.<sup>98</sup> É por isso que ele ajudava e dava dinheiro a esses homens. Ele queria que eles fossem pessoas melhores e que vivessem de maneira digna. Ele não queria, e nunca chegou a ter a intenção de abrir mãos dos privilégios que detinha, mas achava justo e desejava que todas as pessoas no seu entorno tivessem as mesmas oportunidades que ele.

Assim sendo, se por um lado era um *outsider*, por outro, era também um *estabelecido* — para usarmos outro termo de Elias — por conta de sua posição social. Ele sempre se identificou e se sempre se sentiu como sendo *membro* da classe média alta inglesa — como veremos mais adiante, no *Congresso Internacional dos Escritores*, em Paris, ele se definiria como “um burguês que aderiu a Constituição Britânica.”<sup>99</sup> E é provável que isso tenha influído sobre ele de uma maneira muito particular; ele nunca conseguiu se desvencilhar totalmente da noção de distinção de classe, algo muito arraigado à mentalidade de homens de sua posição social<sup>100</sup> — sua tia-avó Marianne Thornton nunca permitiu que sua mãe esquecesse sua condição social inferior.<sup>101</sup>

A despeito disso, ele sempre foi um homem solidário e preocupado com o outro. Mais do que qualquer outro personagem de sua ficção, até mesmo mais do que Rickie, de *The Longest Journey* e Cecil, de *A Room with a view*, como ele sugeriu em sua entrevista a *The Paris Review*,<sup>102</sup> a Senhora Moore, de *A Passage to India*, tem, no

---

<sup>97</sup> In came the nice fat dividends, up rose the lofty thoughts. FORSTER, Edward Morgan. *Two Cheers for Democracy*. New York: A Harvest Book & Harcourt Brace & Company, 1951, p. 56.

<sup>98</sup> STONE, Wilfred. *The Cave and the Mountain: a study of E.M.Forster*. Stanford: Stanford University Press, 1966, p. 32-34.

<sup>99</sup> FORSTER, Edward Morgan. *Abinger Harvest*. London: Edward Arnold, 1946, p.63.

<sup>100</sup> A maneira como E.M.Forster encarava homens da classe trabalhadora transparece em alguns de seus personagens. Em Maurice Hall, em particular, porque ele, como o próprio Forster, se envolve com um rapaz dessa classe no romance. Após passar a primeira noite com Alec, o guarda-caças da propriedade de Clive, Maurice pergunta sobre o caráter do rapaz: “Ele é direito?”, ao que Clive responde: “Scudder? Um pouco esperto demais para ser direito. Anne dirá que estou sendo injusto. Não se pode esperar que os criados tenham nosso padrão de honestidade.” Posteriormente ele recebe uma carta com um “ar de chantagem”, e se recusa a responder. “Não devia responder [e] nem havia agora a possibilidade de dar um presente a Scudder. Ele havia se misturado com alguém de outra classe social, e agora aprendia a lição.” FORSTER, Edward Morgan. *Maurice*. London: Penguin Books, 2005, p. 182-183.

<sup>101</sup> STONE, Wilfred. *The Cave and the Mountain: a study of E.M.Forster*. Stanford: Stanford University Press, 1966, p.31.

caráter, a mesma essência que seu criador — como frisou Wilfred Stone, E.M.Forster, como a Senhora Moore, sempre ficou ao lado dos oprimidos porque ele sempre se identificou e sempre foi solidário com as minorias. Não era propriamente uma questão política, era de identificação.

Como sua homossexualidade o levou a tomar contato com pessoas que dificilmente teria interesse em conhecer se não fosse por isso, ele acabou desenvolvendo uma sensibilidade com relação à condição de vida dessas pessoas. E isso teve um impacto direto sobre seu posicionamento político — isso veio a reforçar a sua atitude com relação aos ganhos materiais, ao dinheiro e a industrialização, uma atitude que adquiriu por influência de Samuel Butler. De todo, até meados de 1914, ele vivia completamente alheio ao universo da classe trabalhadora inglesa — eram quase invisíveis para ele, como frisou Wendy Moffat.<sup>103</sup> E teria continuado assim se não tivesse conhecido Edward Carpenter e seu companheiro George Merrill, em 1913. Teria continuado alheio a isso se não tivesse se distanciado de muitos dos preconceitos que herdara de sua posição social — Marianne Thornton certamente não aprovaria nada disso, a começar por sua sexualidade.

---

<sup>102</sup> MOFFAT, Wendy. *E.M.Forster: A New life*. London: Bloosmbury, 2010, p.209.

<sup>103</sup> *Ibidem*, p. 209.



## O ABANDONO DA FICÇÃO

Embora essa questão o inquietasse em privado, paralelo a isso ele desenvolveu outras preocupações. Ele deixou Cambridge em 1900, e nos anos seguintes ainda não sabia que caminho seguir. Escrevendo em seu diário na madrugada do dia 31 de dezembro de 1904 para o dia 1º de janeiro, seu aniversário, como costumeiramente fazia — mas com um tom mais pessimista do que o habitual —, ele registrou alguns acontecimentos, e vaticinou outros:

Sempre pensei que os 25 anos seriam o início de uma era de desejável romantismo, e eu completarei isso em uma hora. [Mas] minha vida ruma numa direção bastante triste e tediosa, com certeza (...). Nada de grande sairá de mim agora: *fiz duas grandes descobertas, a religiosa há cerca de 4 anos atrás e a outra no inverno de 1902 — a reconstrução esta praticamente terminada*. Se eu naufragar agora será por [conta de] pequenas coisas — ociosidade, irritação, isso para não falar da timidez e do autoconhecimento que acabarão fazendo com que eu não seja cuidadoso (...). *A verdade é que vivo uma vida muito difícil*: meu contato com alguém nunca funcionou, o que torna as coisas [ainda] mais difíceis. (...) A perspectiva agora é essa: salvar apenas o que precisa de revisão, como *The Purple Ghost Envelope* [que foi publicada postumamente em *The Life to Come*], que precisa ser concluído, o romance de Lucy [*A Room with a view*], que esta na metade, o *Curate's Friends* [que foi publicado em 1907, em *The Celestial Omnibus*] e *Helping Hand* [também foi publicado postumamente em *The Life to Come*] pode resultar em algo e ser publicado, *Gemistus Pletho* e *The Story of the Siren* podem passar por uma [nova] rodada e falharem; *Cardan* e *The Eternal Moment* foram aceitos pela Independent [Revista que ele ajudou a fundar com Lowes Dickinson] (...). Poucas pessoas gostam do meu trabalho — mas a maioria deles gosta de mim. A mesma coisa com as palestras; vou para Guildford e talvez Cornwall no próximo semestre. Mas não sou bom nisso: nem eu acredito que [esse negócio de] Manchester dará em alguma coisa [um posto na Universidade]. (...)

Eu ainda quero de uma forma geral, uma grande felicidade, mas talvez isso me seja negado. A noite em Dartmoor e a caminhada em Winterbournes em setembro são as melhores lembranças que tenho desse ano. Insignificante como tem sido a minha juventude, essas coisas são menos importantes do que eu pensava e do que outras pessoas [podem] achar. Quero ardentemente uma boa e verdadeira perspectiva, pois eu não desprezo a mim mesmo ou acho que a vida não vale a pena por enquanto.

(...)

Bateu a meia noite. *Os próximos 25 anos serão certamente mais agitados, não no que diz respeito a desenvolvimento. Falo como se desse isso por certo: [mas] ninguém pode imaginar que será diferente.*<sup>104</sup>

<sup>104</sup> I've always thought that 25 is the boundary of the romantic desirable age, & I'm passing it in about about an hour. My life is now straightening into something — rather sad and dull to be sure (...). Nothing more great will come out of me: I've made my two great discoveries — the religious about 4 years ago, the other in winter of 1902 — and the reconstruction is practically over. If I'm wrecked now it will be on little things — idleness, irritability, & still more shyness, self-consciousness will do for me if I'm not careful (...). The truth is I'm living a very difficult life: I never come into contact with anyone's work, & that makes things difficult. (...). The prospects are at this moment thus: Rescue only needs revising "The Purple Ghost Envelope" wants finishing, Lucy novel half done: the "Curate's Friend" & the "Helping Hand" might be worked up & published, Gemistus Pletho & "The Society of Siren" have gone the rounds

Dessa passagem, devemos frisar aquelas que grifamos. Ele fala como se todas as possibilidades de amadurecimento ou de desenvolvimento intelectual e espiritual tivessem se esgotado; como se ele não pudesse mais desenvolver nenhuma ideia ou noção, como se não fosse possível encarar qualquer perspectiva de renovação em suas concepções. É interessante ele expressar isso pouco antes de escrever “a reconstrução esta praticamente terminada” — o que quer dizer que talvez ainda restasse alguma coisa a ser feita com relação a sua homossexualidade e, talvez até, a religião — o que acabou acontecendo, afinal.

Além disso, essa passagem mostra como, devido a frustração sexual, ele acabou desviando todas suas energias para a literatura e o trabalho — “a perspectiva agora é essa: salvar apenas o que precisa de revisão,” como escreveu. Foi isso que lhe deu uma sobrevida em meio às dificuldades que aos poucos foram minando suas forças e fazendo dele um homem cada vez mais tímido e recluso. E ao que tudo indica, ele parece ter levado a ideia de abstinência a sério: meses depois de escrever isso, ele partiu para a Alemanha para servir de tutor das filhas da Condessa Mary Annette Beachamp (conhecida como Elizabeth), prima da escritora Katherine Masfield (que chegou à Inglaterra em 1910), por indicação de seu amigo do *Bloomsbury* e sobrinho dela, Sydney Waterlow, e lá, em 29 de Maio, escreveu: “os primeiros impulsos sexuais foram suplantados por outros, esses mais nobres, e assim foram praticamente esquecidos.”<sup>105</sup>

No entanto, as coisas eram bem mais complexas. A sexualidade era apenas um dos problemas que o afligia nessa época. Como frisou Wendy Moffat, o problema era conseguir uma definição; era difícil, até para ele, dizer o que *ele era* a essa altura da

---

& failed; “Cardan” & “The Eternal Moment” have been accepted by the Independent which may however any moment smash. A few people like my work — but most of them like me. As to lecturing, I go to Guildford, & possibility to Cornwall next term. But I’m not good at it: not do I think that Manchester (...). I still want, in all moods, the greatest happiness, but perhaps it is well it should be denied me. The evening on Dartmoor, & the September walk to the Winterbournes are the things I best remember this year. Unimportant as my youth has, it’s been less unimportant than I expected & than other people think. And ardently as I desire beauty & strength & a truer outlook, I don’t despise myself, or think life isn’t worth while.

(...).

Twelve o’clock has struck. The next 25 years are certain to be more eventful, but not as regards development. I speak as if I have them for certain: one can’t imagine differently. FORSTER, Edward Morgan; GARDNER, Philip (org.) *The Journals and Diaries of E.M.Forster*. Vol. I. New York: Ashgate, 2011, p.130-131.

<sup>105</sup> The earliest sex impulses are supplanted by other & nobler ones, and thus are almost entirely forgotten. Ibidem, p.136.

vida. Na verdade, era mais fácil dizer o que ele *não era* — e, uma vez sendo complicado definir esses pontos, seria muito difícil decidir a melhor maneira para lidar com sua sexualidade.

A essa altura, ele já não era mais o mesmo filho que havia deixado Lily Forster para ir para o King's College. E nem ele não poderia mais fingir que era um graduando. Não era nem um escritor publicado ou um autêntico acadêmico ou detinha uma carreira de qualquer tipo. Nem mesmo era como seus amigos Malcolm Darling e Robert, irmão de George Trevelyan, que, um por um foram se casando. Até mesmo Hugh Meridith, que havia rompido um noivado no verão anterior, tinha planos para se casar novamente. Ele não chegava a invejar seus amigos, mas também não tinha pretensão de fazer qualquer esforço para ir pelo caminho que eles haviam escolhido.<sup>106</sup> “Eu não me pareço com as outras pessoas,”<sup>107</sup> escreveu ele em seu diário em 31 de dezembro de 1907.

A despeito dessas inquietações e dos conflitos internos que marcaram esses anos, poucos artistas tiveram um ano como o dele em 1904. Em um curto espaço de tempo, cerca de vinte meses, ele colocou o manuscrito de *A Room with a view* de lado e concebeu e escreveu a primeira parte inteira de seu primeiro romance publicado, *Where Angels Fear to Tread*, delineou seu segundo romance publicado, *The Longest Journey*, revisou, escreveu e publicou *The Story of a Siren*, *The Eternal Moment*, *The Road from Colonus*, *The Story of a Panic* e mais uma série de outras histórias que depois foram reunidas e publicadas em *The Celestial Omnibus*. Ele também começou a escrever uma série de histórias explicitamente homoeróticas, histórias essas que seriam publicadas postumamente, apenas.<sup>108</sup>

[Assim], os anos depois que ele deixou Cambridge, pareciam apáticos e incertos, mas eles [se mostraram] fecundos e reflexivos. *Através de sua ficção, que não era autobiográfica em um sentido estrito, ele trabalhou em três questões que o atormentaram desde sua adolescência. O que ele era, o que ele poderia fazer e o como ele estava interligado a sua sexualidade.* Em seu *annus mirabilis* ele respondeu a essas questões quase que de uma vez. Como Cezanne havia trabalhado incessantemente na silhueta do Monte Sainte-Victorie, ou Jane Austen havia esboçado sua visão moral (...) na vida provincial e doméstica, Morgan descobriu que a riqueza e a complexidade sua obra estava, assim todo seu aparato estético, em um tema simples: a busca de cada pessoa por uma ligação honesta com outro ser humano. Especialmente alguém como ele. [E que] ele poderia voltar sempre a isso. Ele

<sup>106</sup> MOFFAT, Wendy. *Morgan: A New Life*. London: Bloosmbury, 2010, p.68.

<sup>107</sup> FORSTER, Edward Morgan; GARDNER, Philip (org.) *The Journals and Diaries of E.M.Forster*. Vol. I. New York: Ashgate, 2011, p.157.

<sup>108</sup> MOFFAT, Wendy. *Morgan: A New Life*. London: Bloosmbury, 2010, p.68-69.

tinha ciência de que esse tema era uma herança espiritual de escritoras que vieram antes dele, e que ele tinha adotado suas formas fundamentais como modelo para seu mundo moral. Ele ancorou suas tramas na esfera doméstica que haviam sido amplamente exploradas por Austen e George Eliot.<sup>109</sup>

Assim, sua literatura acabou concatenando elementos do romance inglês do século XIX com questões que lhe pareciam pertinentes: a escolha certa para um casamento, o conflito entre propriedade e liberdade pessoal, a complexidade moral da vida interior, a pressão de uma pequena comunidade sob as ações individuais.<sup>110</sup>

De todo, sua literatura evidencia alguns de seus dilemas pessoais — embora Moffat insista que não, ela é puramente autobiográfica em diversos aspectos. E por isso mesmo talvez não tivesse fôlego para ser tão ampla como a de alguns de seus contemporâneos. Como frisou Nicola Beauman, os temas foram se esgotando até chegar ao ponto de não ter mais o que escrever — “a cada romance que se seguiu a *Where Angels fear to tread* Morgan [Forster] voltava e observava o conteúdo do balde que ia diminuindo,”<sup>111</sup> como escreveu Beuaman. E talvez mais do que a própria escassez de elementos de sua infância — que é a base de sua literatura para Beuaman —, existe um elemento que foi apontado por Wendy Moffat que nos ajuda a compreender o seu distanciamento da ficção. Moffat explora essa questão, a da substituição da literatura pelo sexo, que teria ocorrido no começo da década de 1920. Seu *E.M.Forster: a New Life* explora os efeitos de sua sexualidade em sua vida e em sua literatura, e como, depois que ele teve a chance de viver sua sexualidade, ele abandonou a ficção.

Embora faça sentido, essa interpretação sugere que sua vida sexual e sua literatura estava intimamente ligadas e que uma coisa dependia quase que exclusivamente da outra. Não era bem assim. A sexualidade pode ter afetado sua *produção literária* como ele chegou a escrever quando refletia sobre isso na década de 1960 — “poderia ter sido um escritor melhor ou mais famoso se tivesse escrito mais — mas questões sexuais impediram esse último.”<sup>112</sup> Embora proceda, essa análise tem suas limitações. Dependendo da situação, o próprio Forster dava uma determinada explicação para o

---

<sup>109</sup> Ibidem, p.68-69.

<sup>110</sup> Ibidem, p.68-69.

<sup>111</sup> BEAUMAN, Nicola. *Morgan: A biography of E.M.Forster*. London: Hodder & Stoughton, 1993, p.334.

<sup>112</sup> I should have been a more famous writer if I had written or rather published more, but sex has prevented the later. FORSTER, Edward Morgan; GARDNER, Philip (org.) *The Journals and Diaries of E.M.Forster*. Vol. I. New York: Ashgate, 2011, p.163.

abandono da ficção. Na própria entrevista a *The Paris Review* ele disse que se arrependia de não ter escrito mais, que o *corpus* de sua literatura não fosse maior — “Só me arrependo por não ter escrito um pouco mais. — que o volume, o *corpus*, não seja maior.”<sup>113</sup> Mas não entrou em detalhes sobre o porquê disso.<sup>114</sup> Assim sendo, paira no ar a sensação de que isso simplesmente aconteceu e que não havia nada mais a se dizer a respeito. No entanto, existe um detalhe que o próprio Forster, além de Wendy Moffat, Nicola Beaman e P.N.Furbank ignoraram: o contexto social e político da Inglaterra e da Europa depois de Versalhes.

*Howard End* foi publicado no momento em que a Era Eduardina chegava ao fim, em 1910 — e com ela findou o período mais prolífero de sua literatura. Nos anos que se seguiram até o início do conflito em agosto de 1914, ele viveu sobre crescente tensão e medo de não voltar a escrever — uma inquietação aparentemente legítima entre escritores. Clarice Lispector se inquietava a cada vez que via um romance concluído. Em sua última entrevista, concedida em 1º de fevereiro de 1977, após comentar que seu último livro estava pronto, e que por isso se sentia oca, ela disse: “Bem, agora eu morri... Mas vamos ver se eu renasço de novo... Por enquanto eu estou morta... Estou falando do meu túmulo...”<sup>115</sup>

Essa inquietação acabou criando um bloqueio que foi reforçado pela situação política e social que dominou a Inglaterra e a Europa a partir de 1914. Moffat não detectou no contexto nenhum elemento capaz de fazê-lo modificar suas aspirações literárias e como escritor. Em carta a Siegfried Sasson, de 1º de agosto de 1923, ele escreveu: “Não voltarei a escrever nenhum romance depois desse [*A Passage to India*]; minha paciência com pessoas comuns se esgotou. Mas seguirei escrevendo. Não creio que minha ‘capacidade’ tenha declinado.”<sup>116</sup> Poucos anos depois, em carta a Constantino Cavafis, ele escreveria: “Gostaria de criar algo. Mas sou incapaz de escrever romances e histórias, e imagino que, na minha idade, se esse processo criativo tem cessado, ele

---

<sup>113</sup> *As Entrevistas da The Paris Review*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p.22.

<sup>114</sup> *Ibidem*, p.22.

<sup>115</sup> GOTLIB, Nadia Battella. *Clarice Fotobiografia*. São Paulo: EDUSP/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009, p.443.

<sup>116</sup> I shall never write another novel after it — my patience with ordinary people has given out. But I shall go on writing. I don’t feel any decline in my “power.” FURBANK, P.N.; LAGO, Mary. (ed.). *Selected Letters of E.M.Forster: 1921-1970*. Cambridge: Belknap Press and Harvard University, 1985, p.45.

nunca irá se reverter.”<sup>117</sup> Importante frisar a passagem em que ele diz: “Mas seguirei escrevendo,” e o pessimismo demonstrado com relação a possibilidade de voltar a escrever romances. Assim sendo, o que se operou entre 1910 e 1924, quando seu último romance foi publicado, foi *o abandono da ficção e não o da escrita*, o que tem que ficar claro. Ele parou de escrever romance, mas isso não o impediu de se tornar um intelectual cuja fama “crescia a cada livro que ele não escrevia”, como diziam os críticos. Ele não caiu no ostracismo quando isso aconteceu, mas se reinventou e conseguiu com isso mais respeito do que quando era apenas o autor de *A Room with a view* ou *Howards End*.

O que precisamos ter em mente é que sua literatura estava mais ligada ao contexto — como se ele precisasse se harmonizar com o mundo a seu redor para que pudesse escrever ou para reproduzi-lo em forma de romance — do que a sua sexualidade, pois os distúrbios sociais e políticos não haviam se iniciado enquanto ele buscava inspiração para concluir *Maurice*, que foi concluído em 1914, pouco antes do estouro do conflito. Nesse sentido, é interessante observar que dali em diante, ele não conseguiria avançar com *A Passage to India*, iniciado em 1913 — embora o problema aqui fosse muito mais técnico e de disposição do que qualquer outra coisa.

Até por isso, pela dificuldade e pelo peso de um mundo que havia mudado substancialmente, sua impressão era de que o livro era algo um tanto forçado. Na verdade, ele sempre se queixou, e só concluiu o livro por insistência de Leonard Woolf.<sup>118</sup> Nesse sentido, a literatura de E.M.Forster esta intimamente ligada a um mundo que estava em vias de desaparecer. A sensação de ruptura a que muitos de seus contemporâneos como Oswald Spengler, Arnold Toynbee ou T.S.Eliot descreveram nos permite compreender o que ele sentia e a insegurança que passou a dominá-lo e que

---

<sup>117</sup> I wish I was inventing something. Novels and stories no longer form in my mind, and I suppose that, at my age, if that process once ceases it will never recommence. JEFFREYS, Peter. *The Forster-Cavafy Letters: Friends at Slight Angle*. Cairo: The American University in Cairo Press, 2009, p.104.

<sup>118</sup> Em 1953 ele publicou *The Hill of Devi*, que contém algumas cartas e alguns textos sobre suas duas estadias na Índia. Nesse livro ele comenta o processo de elaboração de seu último romance: “Comecei esse romance antes de minha visita de 1921, e levei alguns capítulos, em aberto, com a intenção de continua-los. Mas logo eles se viram confrontados com o país que supostamente descreviam, eles pareciam murchos e mortos e eu não podia fazer nada por eles. Muitas vezes eu os encarei em meu quarto em Dewas, e tudo o que sentia era desgosto e desespero. O fosso entre a Índia descrita e a Índia que eu experimentava era muito profundo. Quando voltei para a Inglaterra e o fosso se estreitou, me senti capaz para retomá-lo. Mas ainda assim o achava um livro ruim, e provavelmente não o teria concluído se não fosse o incentivo de Leonard Woolf.” FORSTER, Edward Morgan. *The Hill of Devi*. London: Penguin Books, 1983, p.153-154.

depois acabou afetando seu processo criativo, levando-o a um bloqueio que nunca conseguiu superar.

Nicola Beuaman frisou esse aspecto, o das mudanças pós-1918, embora não tenha pensado no contexto como um agente estimulador de sua carreira como crítico e ensaísta. Segundo ela, foram muitas as razões que, ao longo dos anos, foram surgindo e fazendo com que ele se distanciasse até chegar ao ponto de não conseguir escrever mais romances. No entanto, apesar de pensar no contexto histórico, ela acha que o que pode ter sido decisivo foi “a autocompreensão [que ele chegou de sua situação]. (...) Ele se entediava escrevendo sobre heterossexualidade, se entediava sendo infeliz como um homossexual e não sendo capaz de escrever sobre isso”<sup>119</sup> — ou seja, ela também se centra na sexualidade, ignorando o ambiente externo. Em seu diário em 16 de junho de 1911, ele escreveria sobre isso:

Cansaço do único assunto que posso e devo tratar — o amor de um homem por uma mulher e vice-versa. Paixão e dinheiro são as duas fontes para a ação (mas não para a existência) e eu só posso escrever sobre o primeiro, e imperfeitamente. O crescente interesse pela religião [também] não me ajuda. Depressão enervante. Minha vida será, se eu tiver uma, a de viver como uma pessoa que não pensa nada que valha a pena.<sup>120</sup>

Resumindo: Beuaman, assim como Moffat e Furbank, não viram no contexto os elementos que serviram de estímulo e que, quando combinado com inúmeros acontecimentos na esfera pessoal, resultaram nesse bloqueio — como biógrafos, se atentaram apenas a esses últimos. Para eles, esse bloqueio, ou essa decisão, foi um ato praticamente isolado e íntimo. Mas não o foi. Forster reagiu à sua maneira ao mundo que o rodeava — na infância se isolou dado o ambiente opressor em Tonbridge, a escola em que estudou; em Cambridge conseguiu se sair melhor, encontrando pessoas com que compartilhava suas ideias e que o fizeram amadurecer e a aderir a noções e concepções que sustentaria pelo resto de sua vida. No entanto, à época da eclosão do conflito, sua vida era outra, e seu enfrentamento se dava com o mundo real. E ele resistiu a esse mundo. Resistiu às mudanças, resistiu a sua dureza e a incerteza que o caracterizava

<sup>119</sup> BEUAMAN, Nicola. *Morgan: A biography of E.M.Forster*. London: Hodder & Stoughton, 1993, p.336.

<sup>120</sup> Weariness of only subject that I both can and may treat — the love of men for women & vice versa. Passion & money are the two main springs of action (not of existence) and I can only write of the first, & of that imperfectly. Growing interest in religion does not help me. Depressing & enervating surrounding. My life's work, if I have any, is to live with a person who thinks nothing worth while. FORSTER, Edward Morgan. GARDNER, Philip (org.) *The Journals and Diaries of E.M.Forster*. Vol. II. New York: Ashgate, 201, p.27.

adaptando-se a ele. Resistiu. Resistiu porque essa era uma reação quase tão natural quanto esperada. O interessante é que não era só ele que estava propenso a isso, o próprio rei George V também se mostrava avesso às mudanças que estavam em curso. “O mundo do pós-guerra [lhe] era estranho, frio, um mundo onde já não influíam tanto os códigos pelos quais fora criado. (...) Mais do que nunca, refugiava-se no passado e no familiar,”<sup>121</sup> como escreve Carter. Continuava vestindo-se como em 1900; na corte, insistia que todos trajassem os casacos, jaquetas e chapéus que haviam sido *de regueur* na época do pai. No fim da guerra, Lorde Esher escreveria: “Ou bem o mundo parou, ou então o Palácio de Buckingham se manteve inalterado. A mesma rotina. Uma vida feita de coisas insignificantes, mas ainda assim movimentada (...).”<sup>122</sup>

E.M.Forster não parou no tempo como o rei George V, mas também nunca se desvencilhou de muitos dos valores do mundo de antes de 1914 — tanto que na velhice ele foi se tornando cada vez mais saudoso e nostálgico com relação aos tempos de sua juventude. Depois que retornou de Alexandria, e durante a uma década que se seguiu, ele se sentia inseguro dada a imprevisibilidade daquele mundo ameaçado pela ideia de uma revolução comunista, pela crise econômica e pelo avanço do fascismo. Tinha dificuldades para assimilar as mudanças em curso e achava que tudo estava acabado — “Tudo com que me importo na civilização se foi para sempre e eu tenho tentado viver sem esperanças ou medo.”<sup>123</sup> Havia uma sensação de ruptura irreversível. O próprio Hobsbawm o admite: “Para os que cresceram antes de 1914, o contraste foi tão impressionante que muitos — inclusive a geração dos pais deste historiador, ou pelo menos de seus membros centro-europeus — se recusavam a ver qualquer continuidade com o passado. ‘Paz’ significava ‘antes de 1914’; depois disso veio algo que não merecia esse nome.”<sup>124</sup>

Diante dessas mudanças, na medida em que a década de 1920 foi avançando, ele não conseguiu ficar indiferente como tinha feito antes. Sua reação é um reflexo da maneira, como escreveu Virginia Woolf, ele era “extremamente suscetível a influências

---

<sup>121</sup> CARTER, Miranda. *Os Três Imperadores*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013, p.513-514.

<sup>122</sup> *Ibidem*, p.514.

<sup>123</sup> All I cared for in civilization has gone forever, and I am trying to live without either hopes or fears FURBANK, P.N.; LAGO, Mary. (ed.) *Selected Letters of E.M.Forster: 1879-1920*. Cambridge: Belknap Press, 1983, p.233

<sup>124</sup> HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p.30.



de seu tempo.”<sup>125</sup> Mais do que qualquer outra coisa, seja a sexualidade ou a falta de ímpeto criativo, a situação social e política da Inglaterra, e da Europa, dos anos que se seguiram a Versalhes, funcionou como uma espécie de buraco negro sugando-o para dentro. De repente ele se viu atraído pela complexidade dos problemas a seu redor e viu o quanto sua ficção era impotente diante disso. No começo da década de 1920, quando ainda estava em vias de concluir *A Passage to India*, ele já havia começado a sentir os efeitos dessa situação sobre sua literatura e a dar pequenas demonstrações de que ele deveria seguir um outro caminho. Em seu diário, em 18 de setembro de 1923, Virginia Woolf registrou uma conversa entre eles:

Falamos sobre os seus romances. ‘Não me parece que eu seja um romancista,’ afirmou ele. Subitamente eu disse: ‘Não, não me parece que seja.’ Ah! exclamou ele vivamente, interessado, sem se melindrar. Mas o L[eonad] negou. ‘Não estou de modo nenhum abatido por causa da minha carreira literária,’ disse ele.<sup>126</sup>

A crise que se seguiu após a publicação *Howards End* parecia ser apenas uma coisa momentânea — “Devo me forçar a começar um livro ou tentar esperar para [ver] se a inspiração vem em algum momento?”<sup>127</sup>, escreveu ele em seu diário, em 15 de dezembro de 1910. No entanto, com o passar dos anos e adentrando a década de 1920, ele começou a perceber que as coisas eram muito mais sérias e complexas do que pareciam à primeira vista. Não era um mero bloqueio criativo, mas um completo distanciamento da ficção o que se operava. Não era uma apenas crise de ansiedade gerada pelo sucesso repentino de seu último livro, porque nenhuma ansiedade dura tanto tempo, mas o começo do fim de sua carreira como escritor. E o interessante é que ele parecia não se inquietar ou se preocupar muito com isso, como Virginia Woolf deu a entender nessa conversa que ela registrou. O processo parece ter sido indolor.

Se indolor ou não, o fato é que se deu paulatinamente — e ele parece ter demorado para ter uma dimensão do processo como um todo. Em maio de 1936 ele registrou em seu *Commonplace Book* aquilo que vinha ocorrendo: “Luxúria, diversão, afeto e medo são meus entraves e distrações: e o medo é o mais forte dos quatro, o

<sup>125</sup> WOOLF, Virginia apud. BEAUMAN, Nicola. *Morgan: A biography of E.M.Forster*. London: Hodder & Stoughton, 1993, p.235.

<sup>126</sup> WOOLF, Virginia. *Diário: 1915-1926*. Lisboa: Bertrand, 1985, p.329.

<sup>127</sup> Shall I force myself to begin a book & trust to inspiration dropping in some time? FORSTER, Edward Morgan. GARDNER, Philip (org.) *The Journals and Diaries of E.M.Forster*. Vol. II. New York: Ashgate, 201, p.18.

temor do colapso da civilização que parece devorar por baixo qualquer coisa que eu faça.”<sup>128</sup> Em 1943, ele escreveria: “Eu me deixei levar por [coisas] banais (como a vida doméstica) e por trivialidades (como Liberdades Civis, a B.B.C.)”<sup>129</sup>

O intervalo de tempo entre esses dois registros pode ser curto, mas é certo que o tempo que ele levou para maturar e chegar a essas conclusões foi grande. As coisas não estavam claras para ele até o fim da década de 1930. Na medida em que ele foi vivendo sua sexualidade e atuando e conseguindo mais espaço na imprensa, e no rádio (a partir de 1929), ele foi percebendo o que realmente ocorria. Não havia apenas uma vontade de parar de escrever, não havia apenas uma inadequação e uma incompreensão que limitavam seu trabalho como romancista profissional, havia, como ele mesmo anotou, um certo relapso.

Havia inúmeras distrações. Ele se dispersava com facilidade. Em vez de escrever, ele poderia pensar em uma infinidade de outras coisas que poderia querer fazer. E havia motivos para isso: amigos e a disponibilidade de sexo, como frisou Wendy Moffat. Ao longo da década de 1920, ele começou a viver sua sexualidade de maneira mais intensa, impulsionado pelas novas amizades, como a com Joe Ackerley e Sebastian Sprott.<sup>130</sup> Foi nessa época que ele voltou a ter um lugar no Bloomsbury, em Londres, pois precisava de um lugar para poder manter seus relacionamentos. Foi nessa época que ele preencheu um vazio que o consumia desde o começo da vida adulta — quando saiu em viagem com Clive pelo sul da Europa, Maurice refletiu sobre isso e percebeu que a Grécia não lhe servia de nada, pois “seu interesse pelos clássicos fora escasso e obscuro, e desaparecera assim que passou a amar Clive. As histórias de Harmódio e Aristogíton, de Fedro, do bando de Tebas eram boas para aqueles cujos corações estavam vazios, mas não podiam substituir a vida.”<sup>131</sup> Assim era a literatura

---

<sup>128</sup> Lust, fun, kindness, and fear are my own restraints and distractions: fear the strongest of the four, for the collapse of civilization seems to eat up from below into anything I do. FORSTER, Edward Morgan. *Commonplace Book*. Aldershot: Wildwood House, 198, p.101.

<sup>129</sup> I am drawn into trivialities (home life) and diverted to unimportancies (Civil Liberties, B.B.C.). *Ibidem*, p.150-151.

<sup>130</sup> MOFFAT, Wendy. *E.M.Forster: A New Life*. London: Bloomsbury, 2010, p.197 e 211-212.

<sup>131</sup> His interest in the classics had been slight and obscene, and had vanished when he loved Clive. The stories of Harmodius and Aristogeiton, of Phaedrus, of the Theban Band were well enough for those whose hearts were empty, but no substitute for life. FORSTER, Edward Morgan. *Maurice*. London: Penguin Books, 2005, p. 96.

para o próprio Forster: não podia substituir a vida. Seu comportamento nesse momento em diante tem muito a ver com essa percepção.

Não obstante, havia também outro aspecto que o fez preservar a escrita sem que com isso tivesse que recorrer a meios puramente fictícios, e que tem que ser levado em consideração quando pensamos no porque do abandono da carreira literária: sua posição social, além do dinheiro, dava-lhe a sensação de ser fútil e incapacitado, coisa que só veio a superar, ainda que não totalmente, nessa época através desse trabalho. Foi sua atuação na imprensa, no *Conselho Nacional para as Liberdades Civis* e na B.B.C. que preencheram esse vazio que o consumia desde o começo da vida adulta. Como a carreira como escritor profissional havia naufragado, ao mergulhar nessas atividades ele teve a sensação de que, pela primeira vez na vida, estivesse fazendo algo que realmente valia a pena.

Ao lado disso, existe também um outro componente que temos de levar em consideração: sua situação financeira. Quando ele começou sua carreira nos idos de 1904, ele havia acabado de herdar a fortuna de Marianne Thornton, o que lhe permitia viver de maneira despreocupada naquele momento. No entanto, com o passar dos anos, ao do fim do conflito em 1918, a situação já não era mais tão confortável. E mesmo com o dinheiro que ele havia recebido ou que começou a receber pela venda de seus romances não eram tão altas para que ele deixasse de se preocupar com suas finanças como fizera anteriormente — em carta a Siegfried Sassoon, já em agosto de 1918, ele escreveu: “Vivo da maneira mais econômica que posso. (...) Faço um pouco de jornalismo e dou aulas para gregos.”<sup>132</sup>

De qualquer maneira, a situação só se tornou realmente confortável outra vez após a morte de sua tia Laura Forster, em 1924, que lhe deixou sua fortuna, e depois da publicação de *A Passage to India*, que lhe rendeu, dois anos depois de sua publicação, cerca de 3000 libras, como ele registrou em seu diário.<sup>133</sup> Mas mesmo assim ele ainda tinha de recorrer a outros meios, como escrever e contribuir para jornais e revistas para poder se sustentar — não podemos nos esquecer que no ano anterior, 1923, ele tinha comprado a casa em que vivia em Weybridge, e que acabou vendendo-a depois para se

---

<sup>132</sup> I live as economically as possible. Get a certain amount as Billeting, and make a little from journalism and lessons to Greeks. FURBANK, P.N.; LAGO, Mary. (ed.). *Selected Letters of E.M.Forster: 1921-1970*. Cambridge: Belknap Press and Harvard University, 1985, p.293.

<sup>133</sup> FORSTER, Edward Morgan. GARDNER, Philip (org.) *The Journals and Diaries of E.M.Forster*. Vol. II. New York: Ashgate, 201, p.77.

mudar para Abinger Hammer, e ali, a casa era arrendada. Ou seja, ele tinha despesas que não podiam ser negligenciadas, daí sua preocupação.

Assim sendo, a carreira como crítico e ensaísta acabou se impondo como um meio para complementar sua renda e não apenas como uma saída para o seu bloqueio criativo. Entre 1919 e 1921 ele contribuiu para o *Daily Herald*, o *Daily News* e o *Nation & The Athenaeum*, chegando a escrever mais de 65 artigos.<sup>134</sup> Em carta a Constantino Cavafis de 18 de abril de 1919, ele revela o quão extenuante podia ser esse trabalho: “Estou lutando para [escrever] resenhas de vários livros — elas irão para inúmeros jornais — e eu não sei se posso manter isso por muito [tempo], e também não sei se isso [anda] atrapalhando o progresso do meu próprio livro [*A Passage to India*].”<sup>135</sup>

Se extenuante ou não, o fato é que essa carreira acabou funcionando como uma ferramenta em um momento em que ele se sentia impotente diante do quadro político e social que se apresentava — como Frederick Crews chegou a sugerir que foi sua indignação com os abusos cometidos por governos tirânicos do século XX que o demoveu.<sup>136</sup> E esses governos surgiram na esteira dos acontecimentos que tiveram lugar em 1914.

---

<sup>134</sup> WOOLF, Virginia. *Diário: 1915-1926*. Lisboa: Bertrand Editora, 1985, p.182.

<sup>135</sup> [I] am struggling to review masses of books — they pour in by every post — I don't think I can stand it for long, and also it impedes the progress of my own book. JEFFREYS, Peter. *The Forster-Cavafy Letters: Friends at Slight Angle*. Cairo: The American University in Cairo Press, 2009, p.38.

<sup>136</sup> CREWS, Frederick. *E.M.Forster: The Perils of Humanism*. Princeton: Princeton University Press, 1967, p.20.

**CAPÍTULO III**  
**SAINDO DA TORRE DE MARFIM:**  
**1928-1934**

## “PERSONAGENS NÃO PODEM VIR À LUZ, LUTAR E GUIAR O MUNDO”

De fato, nos anos que se seguiram a Versalhes a Europa sucumbiu ao frenesi das ideologias radicais. E mais do que os próprios políticos, a intelectualidade europeia das décadas de vinte e trinta tem suas responsabilidades nesse processo. Ao observar a fermentação dos anos trinta, impressiona o fato de que esse foi um momento em que o debate político esteve no centro das atenções, pois há de se reparar que a maioria desses intelectuais não publicou nenhuma obra significativa no curso desses anos. De uma maneira geral, a produção desses intelectuais, especialmente na França, se viu reduzida, e o que acabou ficando desses anos de pré-guerra, descontados os escritos dos solitários e misantropos, foi justamente a crítica literária e política.<sup>137</sup>

Longe das agitações de Paris, Londres e Berlin, de sua casa no Surrey, quando olhava para o espectro ideológico ao seu redor no começo da década de vinte E.M.Forster manteve uma posição de distanciamento. Ele parecia naturalmente avesso a tomar um partido. Já em 1925, quando Clifford Allen, diretor do *Daily Herald* lhe ofereceu o cargo de editor literário, ele recusou: “Clifford Allen me perguntou se eu queria ser editor literário de uma [revista] mensal, socialista, mas como eu mal tenho feito contribuições e como isso poderia me ligar politicamente e geograficamente, eu declinei.”<sup>138</sup> Interessante observar que fazer contribuições esporádicas ao *Daily Herald*, um jornal ligado ao Partido Trabalhista e, portanto, de esquerda, desde seu surgimento não era um problema. Mas se tornar editor literário de uma revista socialista isso era algo que não convinha — não era bom estreitar os laços.

Essa atipicidade, essa sua recusa em se adentrar na selva das ideologias radicais, que ele sustentaria ao longo de toda a vida tal como seu bisavô Henry Thornton, nos obriga a ir mais a fundo para compreendê-lo. Diferente de Henri Barbusse ou de Ezra Pound, ele nunca assumiu compromisso com qualquer regime ou ideologia. Como compreender seu distanciamento?

---

<sup>137</sup> LOTTMAN, Herbert. *La Rive Gauche: Intelectuales e Política em París: 1935-1950*. Barcelona: Blume, 1985, p.43.

<sup>138</sup> Clifford Allen asked me to be literary editor of a rejuvenate monthly, the Socialist, but as I should have a underpay contributors and it would tie me politically and geographically I shall decline. FORSTER, Edward Morgan. GARDNER, Philip (org.) *The Journals and Diaries of E.M.Forster*. Vol. II. New York: Ashgate, 2011, p.77.

Enquanto toda uma plêiade de intelectuais se juntou e assumia compromissos com os regimes nazista e soviético, E.M.Forster se limitava a atuar dentro do espaço que lhe foi cedido na imprensa, na B.B.C., a assinar petições ou a discursar em alguns eventos no exterior. Ele nunca ultrapassou esses limites. Tinha ciência de que não havia muito o que pudesse fazer. Diferente de muitos de seus contemporâneos, ele não iniciou sua carreira na imprensa pensando em fazer algo. Ela começou, como vimos, como um meio para compensar o bloqueio criativo que se arrastava desde a publicação e o sucesso de *Howards End*, em 1910, e foi reforçada por um desejo de contribuir para o debate interno a respeito de temas aos quais ele era muito sensível — a importância da liberdade de expressão, o autoritarismo, a censura. Nesse sentido, o contexto serviu de estímulo para que ele usasse o seu *capital simbólico* — para usarmos um termo de Bordieu — para tratar e discutir temas e questões que lhe pareciam importantes e influenciar e esclarecer o público britânico. Em outras palavras, sua atuação na imprensa é o resultado não só do fim de sua carreira como romancista, mas uma saída financeira e profissional para a situação em que se encontrava. Ou seja, a confluência de três elementos distintos — a *disponibilidade*, a *necessidade financeira* e sua *consciência* — sedimentaram sua carreira como crítico e ensaísta nas décadas de 1920 e 1930.

Como ele mesmo frisou em seu *Commonplace Book* “personagens não podem vir à vida, lutar ou guiar o mundo.”<sup>139</sup> Ele pode ter escrito isso em 1943, mas é certo que tomou ciência disso muito tempo antes, pois, como ressaltamos anteriormente, em 1923 ele já não se via como um romancista e 1936 ele já tinha uma noção daquilo que o impedia de escrever. Assim, quando olhamos para sua atuação ao longo da década de 1930, vemos que ele acabou percebendo que quem tinha a chance de fazer alguma coisa era ele e não seus personagens. Que diferença um personagem como Lucy Honeychurch poderia fazer naquelas circunstâncias? Nenhuma! A única coisa que poderia funcionar, ou que faria alguma diferença naquele momento, era continuar defendendo suas crenças e trabalhar para que elas não fossem substituídas ou destruídas.

E pensando nisso, certas questões se colocam e precisam ser respondidas. Sabemos por que ele abandonou a ficção, sabemos que ele assumiu uma postura mais ativa nesses anos contrariando seu comportamento anterior quando era um escritor bem

---

<sup>139</sup> Characters cannot come alive and fight and guide the world. FORSTER, E.M. *Commonplace Book*. Aldershot: Wildwood House, 1987, p.150-151.

sucedido. O que ignoramos é o seu posicionamento político — e é isso o que queremos esclarecer.

Da a conjuntura em que esse processo se deu, seria muito difícil, para não dizer impossível, procurar entender as inclinações políticas de E.M.Forster sem se atentar para uma realidade mais ampla, a do debate político que foi travado no Continente. E dado essa dificuldade, nos vemos tendo que responder outras questões, essas referentes a esse pano de fundo, para que possamos avançar em nossa análise. Como entender a necessidade de homens tão diferentes, e em lugares tão distintos, de optarem por uma ideologia ou cederem apoio a um regime político nesse contexto? Como entender esse fenômeno? De que maneira estudando o caso específico de E.M.Forster podemos estar compreendendo melhor essa conjuntura e o comportamento e o comprometimento desses intelectuais?

Esse procedimento, a análise do caso de E.M.Forster para compreender o período e o comportamento da intelectualidade europeia, e a análise das ideias de seus contemporâneos para compreendê-lo, é uma via de mão dupla. Na medida em que adentramos nessa conjuntura e no mundo das motivações de Drieu ou Pound, ou de Berlin e Eliot, teremos condições de avaliarmos e compreendermos melhor o posicionamento de E.M.Forster. Teremos a chance ver que opções ele estava ignorando ou rejeitando, mas que eram aceitas à época por homens como Aragon ou Pound, ou quais dos valores que ele defendia que eram simplesmente ignorados em favor de outros, considerados novos e modernos. Em 1926 Ezra Pound escreveria: “Pessoalmente tenho boa opinião de Mussolini. Posto ao lado dos três últimos presidentes americanos, dos ministros ingleses, etc., a comparação [lhe] seria um insulto. Se os intelectuais não o apreciam é porque não tem a menor ideia do que é o Estado e o governo, como não tem grande sentido dos valores.”<sup>140</sup> E.M.Forster jamais seguiria essa lógica. Como sempre defendeu as liberdades individuais, podemos imaginar o que ele teria dito se tivesse tomado contato com isso que Pound escreveu: “Que importância tem Mussolini ou se a Itália se tornou uma potência mundial pelas suas mãos se os italianos não têm mais liberdade?”

No entanto, para que possamos fazê-lo, para que tenhamos a chance de adentrar o universo de E.M.Forster nessa conjuntura, temos de nos ater a um detalhe: estamos lidando agora com o *intelectual* e não com o *romancista* — isso não quer dizer que o

---

<sup>140</sup> POUND, Ezra. *A Voz da Europa*. Lisboa: Hugin, 1996, p.15.



*romancista* tenha sido totalmente sublimado, ou desaparecido, ou que sua produção nesse momento, a partir da década de 1930, seja inferior à do período anterior. Não é disso que se trata, até porque os próprios críticos não fazem qualquer distinção no que diz respeito à qualidade de seu trabalho seja como romancistas, seja como crítico. O que queremos destacar com isso é uma mudança de *perspectiva* — a literatura continuou sendo importante para ele, mas ele mesmo já não se via mais como romancista. Ele continuou escrevendo, mas não se dedicou mais a ficção — a dificuldade de se adaptar ao mundo que surgiu de Versalhes o impediu de continuar no caminho que vinha trilhando desde 1905. Assim, o que queremos com isso, é destacar o fato de ele ter trocado um espaço de atuação, e circulação, por outro. Nesse momento, ele já não circulava mais apenas por editoras, no caso a *Edward Arnold* ou a *Sidgwick & Jackson*, que publicou *Celestial Omnibus* em 1911, mas por editoriais de revistas e jornais, além da própria B.B.C., a partir de 1929. Nesse momento, esses escritórios em Londres, que Sirinelli chamaria de *estruturas de sociabilidade*, eram os lugares onde ele trabalhava, e ali, muitas coisas que antes não tinham importância, agora eram relevantes.

Nesses espaços, a atração, a amizade, a rivalidade, as rupturas, as brigas, o rancor e, mais importante, as afinidades políticas e ideológicas, tem, muitas vezes, um papel decisivo — tudo isso influi no funcionamento desse *ecossistema*, para usarmos uma expressão de Sirinelli.<sup>141</sup> Assim, nessa conjuntura, E.M.Forster se viu tendo que fazer sondagens antes de atuar neste ou naquele jornal — e o caso do citado anteriormente de Clifford Allen ilustra isso muito bem. Ele sabia que suas ideias tinham que estar minimamente de acordo com as orientações do próprio jornal, do editor, do diretor, do dono para que pudesse ter e garantir um espaço nele. Assim, ele pode ter colaborado para o *Daily Herald* de George Lansbury, que foi líder do Partido Trabalhista entre 1931 e 1935, ou para o *Horizon*, uma revista literária mensal patrocinada por Peter Watson, que tinha Cyrill Connolly — um homem notadamente de esquerda — como editor, mas nunca se aproximou do *Daily Worker*, que pertencia ao Partido Comunista da Grã-Bretanha (PCGB), ou a pró-soviética *Partisan Review*, de Clement Greenberg, que publicaria ali muitos trabalhos de George Orwell.<sup>142</sup> Também nunca se aproximou de Victor Gollancz, do *Clube do Livro de Esquerda*, que editou

---

<sup>141</sup> SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais IN: RÉMOND, René. *Por uma história política*. São Paulo: p.252.

<sup>142</sup> KIRKIPATRICK, B.J. *A Bibliography of E.M.Forster* London: Rupert Hart Davis, 1968. LEBEDOFF, David. *O Mesmo Homem: No amor e na guerra*. Rio de Janeiro: Difel, 2011, p.139.

alguns livros de seu amigo Leonard Woolf. Pode parecer óbvio demais para ser mencionado, mas essa questão é importante porque ela lhe dava um direcionamento — “onde posso estar colaborando?”, “que periódico devo evitar?”

Além disso, ele também era um homem que vivia e circulava por meios estritamente seletos, o que quer dizer que ele tinha acesso às pessoas certas. Alguns dos editores das revistas e jornais em que ele contribuiu nesses anos eram de seu círculo íntimo, como o poeta T.S.Eliot (1888-1965), que também era muito chegado aos Woolf, e que fora editor da revista trimestral *The Criterion*, de 1922 a 1939, e Joe Ackerley (1896-1967), editor literário do *The Listener* entre 1935 e 1950. J.C.Squire (1884-1958), tendo abandonado o cargo de diretor literário do *New Statesman*, em 1919, fundou a *The London Mercury*, do qual foi diretor entre 1919 e 1934. Desmond MacCarthy (1877-1952), do *Bloomsbury*, foi editor do *New Statesman* entre 1920 e 1927, sucedendo J.C.Squire, que trabalhou no jornal de entre 1913 e 1918. George Lansbury (1859-1940), fundador do *Daily Herald*, foi seu editor entre 1919 e 1922, época em que E.M.Forster não só colaborou após o seu retorno de Alexandria, como também chegou a substituir seu amigo Siegfried Sassoon, que era editor literário, em 1920, quando ele teve de viajar para os Estados Unidos.

Tudo isso é importante para que tenhamos a chance de analisar os meandros de sua atuação na imprensa. No entanto, tão importante quanto a análise dos detalhes relacionados ao meio no qual ele estava inserido, é a da dinâmica de duas estruturas maiores. De fato, não iremos nos debruçar sobre a dinâmica dos microcosmos com os quais E.M.Forster colaborou em *específico*, e o fazemos porque estamos mais interessados no que ocorreu em um nicho maior, que, como acreditamos, também pode ser caracterizado como uma *estrutura de sociabilidade* — os núcleos *revolucionários* e *antirrevolucionários*. De fato, esses espaços são mais amplos, e também mais difusos, e por isso mesmo talvez mais difíceis de serem estudados, no entanto, a dinâmica em seu interior não se difere em nada da de uma redação de jornal ou de uma revista. Nesse sentido, a análise das adesões, desentendimentos, conversões e disputas que ocorreram no seio intelectualidade europeia, então diluída entre esses dois grupos, pode acabar se mostrando mais interessante quando vista de cima. Se nos propuséssemos a analisar a dinâmica do *New Statesman*, do *Daily Herald*, da *The London Mercury*, do *Clube do Livro de Esquerda* e do *Daily Worker*, é certo que conseguiríamos obter informações e detalhes que não será possível por conta da opção que fizemos. No entanto, essa opção,

a que escolhemos, nos permitirá ver a movimentação e a dinâmica desses dois nichos pelo alto e não pelo interior dos diversos núcleos que os compõem.

Assim, o que conseguiremos com isso é uma visão panorâmica da evolução e da dinâmica dos pólos *revolucionários* e *antirrevolucionários* daquele momento. De todo, esses jornais e revistas foram fundados e ganharam corpo por conta do movimento em torno de uma dessas duas opções, e não o contrário. É por isso que estamos particularmente interessados no movimento interno desses dois grupos, com suas adesões, conversões e disputas de ideias e opiniões, e não nos núcleos que vemos em seu interior. Há uma dinâmica nesses dois grupos que vale a pena analisar para que possamos compreender o comportamento desses intelectuais nesse momento — incluindo o de E.M.Forster. As diversas correntes que compunham as forças políticas da época, representadas por certos intelectuais, as divergências pessoais, a ascensão ou o ostracismo de alguns de seus membros, tudo isso acaba sendo relevante numa análise como essa.

## AS IDEOLOGIAS DO SÉCULO XX

Por volta da época em que E.M.Forster concluiu a primeira versão de *Maurice*, a situação política da Europa estava se deteriorando. As tensões entre Londres, Berlim e São Petersburgo se fizeram sentir depois que o herdeiro presuntivo do Império Habsburgo foi assassinado em Sarajevo. Embora suscitada por uma questão pontual envolvendo o nacionalismo sérvio e as pretensões de Viena sobre os Bálcãs, as coisas saíram do controle e em pouco tempo as principais potências europeias viram-se engalfinhadas em uma guerra sem precedentes. Mas a guerra que deveria, ou que pelo menos pretendia dar uma sobrevida aos resquícios do *Anciën Regime* fê-los simplesmente desaparecer na Europa Continental. E, na perspectiva que compartilho até certo ponto com Arno Mayer, a Europa que até então era predominantemente agrária, nobiliárquica, monárquica, deixou de sê-lo.<sup>143</sup> E em seu lugar, um verdadeiro cinturão de democracias equipadas com constituições redigidas em conformidade com os mais modernos princípios liberais, que se estendia do Mar Báltico aos Bálcãs, passando pela Alemanha e a Polônia,<sup>144</sup> surgiu.

Por toda a Europa, as elites políticas acreditaram serem capazes de resolver uma crise social oferecendo liberdades constitucionais.<sup>145</sup> No entanto, por se centrar demais nos direitos constitucionais e negligenciar as responsabilidades sociais, a democracia não se adaptou e acabou se mostrando inadequada para a conjuntura que começou a se desenhar ao longo dos anos vinte. Na década de 1930 tudo indicava que a maioria dos europeus não estavam dispostos a lutar por ela. Havia outras alternativas para enfrentar os desafios da modernidade<sup>146</sup> — e essas alternativas, o fascismo e o comunismo, seduziram a intelectualidade e serviram-se dela para seus propósitos.

De todo, o problema aqui pode ser descrito aqui seguinte maneira: muitas dessas constituições refletiam o estado apreensivo e as diversas preocupações que se colocaram ao fim do conflito. Por um lado, expressaram o liberalismo clássico do século XIX, e por outro procuraram estender as reivindicações populares de então. Esse arranjo era

---

<sup>143</sup> MAYER, Arno. *A Força da Tradição: a persistência do Antigo Regime*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 27.

<sup>144</sup> MAZOWER, Mark. *Continente sombrio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p.18.

<sup>145</sup> *Ibidem*, p.19.

<sup>146</sup> *Ibidem*, p.19.

uma tentativa de conciliar o parlamentarismo antiquado com as pressões contemporâneas de uma sociedade de massas moderna que emergia da devastação provocada pela guerra.<sup>147</sup>

No entanto, isso não se mostrou suficiente e não foi capaz de aplacar os problemas que, aos poucos, foram se acumulando. A fraqueza e a paralisia experimentada pela democracia no entreguerra decorreu da desconfiança que se estabeleceu sobre as possibilidades desse sistema democrático em fazer as reformas que quase todos consideravam necessárias. Ou para dizer de outra forma: o fato de o poder se concentrar num Legislativo extremamente fragmentado, deixava incrédulos os que queriam mudanças e reformas. O desejo de uma democracia aberta e moderna levou a adoção de uma representação proporcional para formar um Legislativo que expressasse da forma mais precisa possível às vontades populares.<sup>148</sup> No entanto, o que tinha de atrativa, essa ideia acabou se mostrando desastrosa com o tempo, pois a sensação de fragmentação e disputas só aumentou.

Nessa conjuntura, muitos partidos políticos começaram a ser acusados — pelos fascistas, na maioria das vezes — de atuarem como intermediários entre interesses seccionais quando deveriam representar interesses nacionais. De todo, essa fragmentação, bem como essa proliferação de partidos e de ideias, acabou aumentando ainda mais a desconfiança para com a democracia, intensificando as tensões latentes. Havia partidos de camponeses; o socialdemocrata e o comunista para o operariado; havia até um Partido da Classe Média, dos Artesãos e Comerciantes na Tchecoslováquia. Organizavam partidos por etnias e por classes.<sup>149</sup>

E assim, nessa conjuntura o Parlamento parecia uma mais lente de aumento das tensões sociais, nacionais e econômicas do que qualquer outra coisa. E isso favorecia os fascistas, que viram suas críticas parecerem justificadas, e puderam explorar essa situação com seu discurso nacionalista e de união. Nesse contexto, dado a própria tensão em que viviam essas sociedades, não era raro ver deputados trocando insultos e atirando cadeiras uns nos outros. Um caso extremo foi o do parlamentar sérvio que, em 1928, matou o líder croata do Partido dos Camponeses.<sup>150</sup> Se na época do Kaiser os

---

<sup>147</sup> Ibidem, p.23.

<sup>148</sup> Ibidem, p. 22.

<sup>149</sup> Ibidem, p.31.

<sup>150</sup> Ibidem, p.31.

procedimentos no Parlamento alemão eram menos conflitivos ou, pelo menos, mais decorosos, depois de 1918 degeneraram com maior frequência para inconvenientes embates aos berros, cada lado mostrando franco desprezo pelo outro.<sup>151</sup>

Tudo isso criou a sensação de que se tinha chegado a um impasse. E, na verdade, tinha porque o Parlamento era expressão de setores e de interesses muito particulares. Com parlamentos como esses, que expressavam ânimos acirrados, acordos em épocas difíceis, como a partir de 1929, ficavam mais difíceis. A própria recusa, ou o desconforto demonstrado por algumas forças políticas para se alinharem a outras também dificultava — em alguns lugares os comunistas se recusavam a se alinhar aos socialdemocratas, em outros, os conservadores demonstravam desconforto em se alinhar a esquerda moderada para fazer frente à radical. Nessa conjuntura, e experimentando essa paralisia e essas dificuldades, a democracia não parecia defensável em boa parte da Europa. Não é atoa que, com o tempo, seus defensores se escassearam. Da direita à esquerda, ela foi golpeada até parecer algo simplesmente descartável.

Uma parte da esquerda europeia, dividida entre socialdemocratas e comunistas, permitiu que esses últimos abrissem sua frente de ataque. Enquanto os primeiros se uniam ou aos conservadores ou a outros setores da sociedade para manter a democracia — como ocorreu na Escandinávia, onde os socialdemocratas tinha uma aliança sólida com populações rurais —, os segundos atacavam o “formalismo burguês” porque desejavam destruí-la.

Na direita, desde as últimas décadas do século XIX, ideias antiliberais e antidemocráticas vinham ganhando terreno, e na esteira da Grande Guerra, difundiram-se rapidamente por meio de um “evangelho da violência”, que se tornaria um os elementos centrais dos movimentos fascistas. Criados na guerra, muitos ideólogos extremistas preferiam a violência à razão, a ação à retórica — de Marinetti à Drieu La Rochelle, a violência se tornou uma obsessão. A crítica de muitos homens e intelectuais à direita com relação à democracia, ou se centrava no seu caráter de massa, o que significa dizer que muitos conservadores ansiavam por uma volta aos modos de governo aristocráticos e eventualmente monárquicos, ou era dirigida a seu caráter apático, indolente e materialista, como fazia a direita radical. Achavam-na insípida e que era incapaz de despertar a simpatia das massas,<sup>152</sup> além de que a simples ideia de

---

<sup>151</sup> EVANS, Richard. *A Chegada do Terceiro Reich*. São Paulo: Editora Planeta, 2010, p. 115-116.

<sup>152</sup> MAZOWER, Mark. *Continente sombrio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p.35-38.

compartilhar privilégios e poder com os “desclassificados” era intolerável para a maioria.

Alguns conservadores achavam que o problema da democracia estava no poder que conferia as massas e em sua suposta incompatibilidade com a autoridade. A democracia também enfatizava demais os direitos e parecia negligente com relação aos deveres, e isso lhes parecia simplesmente intolerável. Não muito distante das questões levantadas pelos conservadores, os nacionalistas insistiam que a democracia criava um terreno propício para um egoísmo desmedido e para a defesa de interesses locais e, por isso, não conseguia incentivar uma consciência cívica ou um senso de comunidade.<sup>153</sup>

Mas enquanto comunistas e nacionalistas se queixavam do regime democrático e apontavam seus aspectos negativos, a intelectualidade europeia, inquieta, buscava uma resposta para as transformações que estavam em curso. É certo que o clima de incerteza e insegurança que pairou sobre a Europa nos primeiros anos da década de vinte afetou a todos, mas ninguém sentiu isso de modo mais profundo do que a *intelligentsia*, e em especial a dos países que saíram derrotados no conflito — o próprio Forster não escapou disso como confessou em carta logo após ter chegado a Alexandria, ainda em 1915: “Tudo com que me importo na civilização se foi para sempre e eu tenho tentado viver sem esperanças ou medo.”<sup>154</sup>

A publicação, em 1918, na Alemanha, de *Der Untergang des Abendlandes* [A Decadência do Ocidente], de Oswald Spengler foi sintomático. Os sinais de decadência eram múltiplos, e eles vinham se acumulando havia muito, o que o leva a se lamentar: “Mas se deixarmos de lado esses grandes homens [do passado] e voltarmos nossas atenções para os filósofos do presente, que vergonha! que insignificância pessoal! que horizonte espiritual e prático mesquinho!”<sup>155</sup> Sua desilusão era tão profunda, que a certa altura ele se pergunta: “Que fazer, se viemos ao pôr-do-sol da civilização e não ao meio-dia da cultura, a época de Fídias e Mozart?”<sup>156</sup>

O mesmo desapontamento e o mesmo sentimento de angústia se abateram sobre T.S.Eliot, que em seu *Notes towards the Definiton of Culture* [Notas sobre a definição

---

<sup>153</sup> Ibidem, p.35-38.

<sup>154</sup> All I cared for in civilization has gone forever, and I am trying to live without either hopes or fears FURBANK, P.N.; LAGO, Mary. (ed.) *Selected Letters of E.M.Forster: 1879-1920*. Cambridge: Belknap Press, 1983, p.233

<sup>155</sup> SPENGLER, Oswald. *La decadencia de Occidente*. Madrid: Espasa Calpe, 2009, p.80.

<sup>156</sup> Ibidem, p.82.

de cultura], de 1948, diria: “Estas Notas começaram a tomar forma ao final da Segunda Guerra Mundial. Quando foi sugerido que elas deveriam ser reeditadas em brochura, reli-as pela primeira vez em alguns anos, esperando que fosse necessário rever e precisar algumas opiniões ali expressas. Para a minha surpresa, descobri que não havia nada a retirar, e nada que eu estivesse disposto a acrescentar.”<sup>157</sup> Ou seja, mesmo passado algum tempo, ele tinha de reconhecer que o desalento expresso naqueles ensaios com relação aos rumos da cultura ocidental ainda era válido.

Importante frisar que, muito embora o livro tenha sido publicado em 1948, o que quer dizer que 30 anos separam o livro de Spengler do de Eliot, os dois expressam o mesmo desalento com relação não só ao Ocidente, mas a sua cultura. São trabalhos completamente diferentes, mas que expressam um mesmo sentimento. Spengler desenvolveu, ou acreditou ter desenvolvido uma explicação para o funcionamento da história universal — “Compreendi”, como ele explica, “claramente que um problema político não pode ser entendido partindo da política mesma; existem muitos outros traços essenciais que atuam nas profundidades e que só se manifestam na esfera da arte e ainda na forma de pensamento científico e filosófico.” Ao que acrescenta: “Me pareceu impossível fazer uma análise político-social dos últimos decênios do século XIX (...) sem incluir neles os problemas da realidade em toda sua amplitude.” Com isso, “o tema primitivo acabou adquirindo dimensões gigantescas. Muitos problemas surpreendentes e em grande parte novos, muitos nexos e relações imprevistas se apresentaram diante de meus olhos.” Assim, “compreendi (...) que nenhum fragmento da história pode ser iluminado por completo sem que antes se haja descoberto o segredo da história universal, ou dito de outra maneira, da história da humanidade superior, como unidade orgânica de estrutura regular”<sup>158</sup> — já Eliot se preocupou em definir a cultura — “meu objetivo é ajudar a definir uma palavra — a palavra cultura.”<sup>159</sup> E ao tentar defini-la, Eliot chega a mesma conclusão que Spengler: a de que a civilização ocidental estava em decadência, em franco declínio moral e espiritual.

Essa ruptura e esse sentimento de decadência que foi sentida pela intelectualidade naquele intervalo entre 1919 e de 1939 foi expressa na maneira como reagiu a isso — ela trocou as editoras pelo púlpito dos debates políticos. Nesse período,

---

<sup>157</sup> ELIOT, T.S. *Notas para a definição de cultura*. São Paulo: É Realizações, 2011, p. 9.

<sup>158</sup> SPENGLER, Oswald. *La decadencia de Occidente*. Madrid: Espasa Calpe, 2009, p.85.

<sup>159</sup> ELIOT, T.S. *Notas para a definição de cultura*. São Paulo: É Realizações, 2011, p. 13.



muitos intelectuais cederam a uma crença que, como frisou Christopher Dawson, aos poucos prosperou e se disseminou por todo o Ocidente: a de que os homens deveriam trabalhar pensar e se organizar para alcançar uma completa remodelação da sociedade, cuja reconstrução estivesse de acordo com um ideal de perfeição social.<sup>160</sup> É essa noção que esteve por detrás da atuação e da adesão do grosso da intelectualidade europeia ao prato revolucionário da balança.

De todo, eles, fascistas e comunistas, encararam o mesmo problema com o mesmo pessimismo e queriam a mesma coisa (uma revolução), mas por vias diferentes. Do mesmo modo que os intelectuais fascistas, os comunistas acreditavam que o capitalismo e o liberalismo estavam liquidados e que era necessária uma revolução para resolver os problemas prementes. Nesse ponto eles não se diferiam. No entanto, enquanto os fascistas esperava restaurar alguns elementos da cultura e da identidade nacional que, como acreditavam, haviam sido corrompidos pelo secularismo, liberalismo e o marxismo para que sua sociedade voltasse a ser saudável, os comunistas pretendiam varrer tudo isso e construir uma nova sociedade baseada na igualdade.

De todo, essas ideologias tinham anseios que iam muito além do mero rearranjo que a política convencional pode fazer. E é importante frisarmos isso porque o que as caracteriza, e o que as distingue das demais forças políticas que estavam em ação naquele momento, é justamente seu *extremismo* — e esse foi, com certeza, seu maior *atrativo*. Foi a possibilidade de reformulação total da sociedade, que era o que essas ideologias propunham, o que acabou atraindo a intelectualidade. Impulsionada pela ideia de soluções radicais para os problemas prementes, a intelectualidade da época foi em peso para o lado revolucionário da balança. Foi em peso para o lado radical do jogo político. Como escreveu Isaiah Berlin, ironizando a capacidade desses intelectuais de seguirem cegamente a ideologia que, como acreditavam, podia criar um mundo novo: “Felizes os que vivem sob disciplina que aceitam sem questionar, que obedecem espontaneamente às ordens de seus líderes, espirituais ou temporais, cuja palavra aceitam como lei infrangível.”

Igualmente felizes os que, através de seus próprios métodos, chegaram a convicções claras e inabaláveis com relação ao que fazer e o que ser, sem a menor sombra de dúvida. Só posso dizer que os que se instalam nesses confortáveis leitões do dogma são vítimas de uma miopia auto-imposta,

---

<sup>160</sup> JOHNSON, Paul. *Intelectuais*. Lisboa: Guerra e Paz, 2009, p. 75-110. DAWSON, Christopher. *Dinâmicas da História do Mundo*. São Paulo: É Realizações, 2010, p. 212.

antolhos que podem trazer contentamento, mas não a compreensão do que significa a humanidade do ser.<sup>161</sup>

Aqui que esta a questão: a ação e a atração que essas *ideologias revolucionárias* exerceram sobre a intelectualidade. E nesse ponto seria interessante fazermos um parêntese para discutirmos, ainda que brevemente, a noção de *ideologia*, já que, toda a discussão que faremos a seguir, depende da distinção que fazemos entre esse tipo de *ideologia* e as demais.

Samuel Huntington, em um influente ensaio publicado em 1957, deu uma contribuição valorosa para distinguir os diversos tipos de ideologias existentes. A distinção básica se dá entre ideologias do tipo *posicional*, *inerente* e *ideacional*. As *ideologias posicionais*, dentre elas o conservadorismo, reagem a mudanças que afetam não só ambiente externo de uma comunidade — suas instituições e estruturas políticas e econômicas —, mas também suas características intrínsecas — valores, costumes. O conservadorismo reage e se articula como ideologia em momentos específicos. Sua manifestação se dá quando “as fundações da sociedade se veem ameaçadas.”<sup>162</sup> É neste momento que “a ideologia conservadora relembra os homens da necessidade de algumas instituições e da conveniência de sua existência.” Assim, o conservadorismo necessita deste estímulo para se comportar e se articular como ideologia. É por isso que em sua evolução, não encontramos uma “utopia conservadora”<sup>163</sup> e nem dogmas. Na prática, um pensador conservador de uma geração tem pouca ou quase nenhuma influência sobre o da próxima. A ideologia conservadora, ao contrário das *ideacionais* e das *inerentes* não sofre alterações, não passa por elaborações ou revisões de épocas em épocas. Sua essência é “estática”<sup>164</sup> — estática no sentido de que sua ação esta determinada pela seleção que se faz daquilo que deve ser preservado a cada momento. Conservadorismo não é o mesmo que preservar tudo o que existe.

Tal como as *ideologias ideacionais*, as *inerentes* tendem a ser fraccionadas, experimentando cismas e apresentando subvariedades ao longo do tempo, mas sem perder a sua essência. Não existe, tal como frisou Huntington, um “ideal conservador” ou

---

<sup>161</sup> BERLIN, Isaiah. *Limites da Utopia: Capítulos da História das Ideias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p.23.

<sup>162</sup> *Ibidem*, 460-461.

<sup>163</sup> HUNTINGTON, Samuel. *Conservatism as an Ideology* IN: *The American Political Science Review*, 51, n.2, p.454, 1957, p.458.

<sup>164</sup> *Ibidem*, p. 469.

escolas de pensamento conservadora. Existem tendências e prioridades determinadas a cada momento histórico. Mas no que diz respeito às *ideologias inerentes*, elas possuem uma tradição intelectual e um traço que não se altera — a liberdade e a igualdade delimitam a ação de liberais e socialistas democráticos. Isso nunca se altera. Esses valores não perdem aderência dentro da tradição liberal ou socialista, mas por força de determinada circunstância, os socialistas democráticos podem priorizar a busca por igualdade de direitos, o que não quer dizer que tenham se esquecido da igualdade econômica. O mesmo se dá com os liberais, que podem buscar mais liberdade econômica em um momento e mais liberdades civis em outro.

No caso das *ideologias ideacionais*, ainda que suas proposições mudem de pensador para pensador a cada nova geração, sua característica fundamental não se altera nesse processo — a atribuição de valor a formulações teoricamente definidas e o julgamento da realidade de acordo com essas formulações.<sup>165</sup> Ao analisarmos a evolução do marxismo, veremos uma longa fila de contribuições no decorrer do século XX — Antonio Gramsci, Gyorgy Lukács, Herbert Marcuse, Louis Althusser. Quando fala da relação “dialética” entre superestrutura e a base, Gramsci esta, na verdade, tentando ocultar seu profundo desacordo com a teoria marxista — ou, como frisou Roger Scruton, o seu profundo acordo com a proposição fundamental do pensamento conservador de que a história não esta do lado de ninguém.<sup>166</sup> Para Althusser, como observou Scruton, o motor da história é a “causa estrutural”, ou seja, é aquela identificada por Marx e exemplificada pelo conflito entre as forças e as relações de produção. No entanto, esta contradição é inseparável da estrutura geral da sociedade. O corpo social possui outras contradições, e essas em vários níveis. Assim, toda mudança é o resultado de ‘contradições’ que emergem das mais variadas instâncias que compõem a estrutura da sociedade. Estas contradições podem aparecer como ‘luta de classe’ ou como confrontações de outros tipos, intelectuais e ideológicas. Nesse sentido, as transformações aparecem em todos os níveis e sob muitas formas, e é por isso que um país atrasado economicamente (ao contrário do Marx garantia) pode apresentar a súbita confluência das contradições necessárias para fazer uma revolução — a Rússia, no caso. Mas se é assim, o que permanece da teoria marxista de que a base determina a superestrutura, isto é, que as transformações na estrutura econômica da sociedade são a

---

<sup>165</sup> Ibidem, p.458.

<sup>166</sup> SCRUTON, Roger. *Pensadores da Nova Esquerda*. São Paulo: É Realizações, 2014, p.126-127.

força motivadora das transformações por toda parte? Nada ou quase nada. Na verdade, suas contribuições e emendas são equivalentes à negação do materialismo histórico.<sup>167</sup> Quando ele diz que, se por um lado “a contradição geral [entre forças e relações de produção] é suficiente para definir a situação quando a revolução esta na ‘ordem do dia’, [por outro] ela não pode por seu poder simples e direto induzir uma situação revolucionária,<sup>168</sup> é isso o que ele está fazendo.

Em essência, os pressupostos em que esses intelectuais se baseiam são os mesmos, mas cada um, à sua maneira, tentou encontrar respostas e completar ou emendar o marxismo. Algo parecido ocorre com as *ideologias inerentes* — proposições e contribuições de uma geração de pensadores podem se mostrar decisivas e ajudar na reformulação e na alteração do modo como o seu ideal pode ser visto ou perseguido sem que isso o altere. No entanto, existe um elemento que distingue as *ideologias ideacionais* das demais — aquilo que François Furet chamou de *consciência revolucionária*,<sup>169</sup> e Samuel Huntington, de radicalismo.<sup>170</sup>

Dentre as muitas características que essas *ideologias* possuem essa talvez seja a mais importante. E é importante porque é essa *consciência*, ou seja, “essa ilusão de vencer um estado que já não existe mais em nome de uma coalisão de boas vontades,<sup>171</sup> como definiu Furet, manifestada por elas que, em conjunto com os mecanismos e as tecnologias disponíveis na primeira metade do século XX, acabou potencializando seu caráter autoritário, que lhes é *intrínseco*, de uma forma nunca antes vista — foi este aspecto que instou alguns autores, quando trataram desses regimes, a falarem em *totalitarismo*. À parte as variantes e as infinitas discussões a respeito deste termo, devemos pensar nele muito mais como um *intuito* do que como algo *concreto*. Como escreveu Lukacs, “o governo *total* do Estado é impossível. Mesmo no auge e na extensão máxima do governo do tirano moderno, restam pessoas e ilhas de vida que permanecem surpreendentemente intocadas.”<sup>172</sup> Pensando assim, ou até mesmo partindo

---

<sup>167</sup> Ibidem, p.144-145.

<sup>168</sup> Ibidem, p.145.

<sup>169</sup> FURET, François. *Pensar la Revolución Francesa*. Barcelona: Editorial Petrel, 1980, p.39.

<sup>170</sup> HUNTINGTON, Samuel. *Conservatism as an Ideology* IN: *The American Political Science Review*, 51, n.2, p.454, 1957, p.458.

<sup>171</sup> Ibidem, p.39

<sup>172</sup> LUKACS, John. *O Hitler da História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.89.

da noção de Isaiah Berlin que expusemos no começo deste trabalho, ainda que possa ser coagido de todas as formas, o homem pode resistir. Um governo total é impossível por isso: não há meios para coagir e enquadrar sociedades inteiras.

Pelos poros, vozes dissidentes vazarão e tentarão se opor. Por isso mesmo, a força e a violência nunca serão apenas um meio para manter a ordem, que teoricamente, deveriam ser dispensáveis depois que a revolução tiver concluído seu trabalho, mas como um instrumento a ser usado *ad aeternum* com esse intuito: o de conter qualquer sinal de descontentamento ou de dissidência — em essência é isso que, através da ficção, George Orwell, com *1984*, Aldoux Huxley, com *Admirável Mundo Novo*, e Ray Bradbury, com *Fahrenheit 451* tentaram expor. A cena final de *1984*, de George Orwell, é emblemática — “Winston amava o Grande Irmão.”<sup>173</sup> Ainda que um acabe cedendo, como acabou acontecendo com Winston Smith, outros, como ele, acabarão aparecendo, e o processo e a violência empregada no seu caso se repetirá.

Embora esse caráter autoritário seja *intrínseco* — porque a força e o terror acabam sendo, como a experiência histórica nos mostra, a muleta na qual as revoluções se apoiam —, é preciso que se diga que o uso da força, e até mesmo a violência contra adversários políticos, não é exclusividade dos regimes erigidos com base nessas ideologias. É óbvio. Nada impede um conservador ou um socialdemocrata de se utilizar da força enquanto estiver ou para se manter no poder. Não obstante, uma tendência *autoritária intrínseca*, e a potencialização dela, só pode ser encontrada em regimes cuja ideologia é *revolucionária*. Portanto, não há mera coincidência quando olhamos para os regimes nazista e soviético e nos deparamos com as mesmas práticas e abusos — governo centralizado, violência desmedida, campos de concentração. Nada disso veio à tona à toa ou por mera casualidade, como o próprio Forster percebeu quando visitou o setor soviético na Exposição Mundial, Paris, em 1937: “Pavilhão Soviético: (...) Estatísticas, mapas e gráficos mostram um triunfo numérico, mas as obras de arte nas paredes poderiam muito bem estar penduradas no Pavilhão alemão do [lado] oposto: os incidentes [abordados] e a uniformidade nos quadros são diferentes, mas a mentalidade dos artistas [que as criou] é a mesma — ali ela é controlada.”<sup>174</sup>

---

<sup>173</sup> ORWELL, George. *1984*. São Paulo: Companhia das Letras, p.346.

<sup>174</sup> The Soviet Pavilion: (...) Statistics, maps and graphs preach a numerical triumph, but the art-stuff on the walls might just as well hang on the walls of the German Pavilion opposite: the incidents and uniforms in the pictures are different but the mentality of the artists is the same, and is as tame. FORSTER, Edward Morgan. *Two Cheers for Democracy*. New York: Harcourt & Brace, 1951, p.6.

Tudo isso é uma consequência do que essas ideologias são e pretendem — uma consequência de seu caráter *revolucionário*. Como observou Martin Malia, suas ideias políticas não estão voltadas para considerações pragmáticas a respeito da realidade imediata, mas para objetivos metahistóricos — igualdade absoluta e uma comunidade ariana pura.<sup>175</sup> Em outras palavras, suas pretensões estão imunes às provas e argumentos empíricos. Como lembrou Roy Macridis, os nazistas construíram todo o seu movimento com base na crença de que a raça ariana era superior.<sup>176</sup> É possível comprovar isso cientificamente? É óbvio que não, mas a necessidade da prova é dispensada pela força da ideia e do que isso representa para a comunidade ou público alvo. Como o próprio Forster escreveu: “Acreditar numa raça é uma força psicológica em potencial, e nós devemos prestar atenção nisso.” Ao que acrescentou: “As pessoas gostam de sentir que são algo especial, e uma das maneiras de induzir esse sentimento é dizer-lhes que elas pertencem a uma raça pura. Isso explica a facilidade com que ditadores estão colocando sua pseudociência [a serviço dessas ideias].”<sup>177</sup>

De todo, elas se comportam como “religião secular,” para usarmos a expressão de Raymond Aron. Elas partem do pressuposto, como observou Isaiah Berlin, de que existem soluções para todos os problemas sociais e políticos, e que é possível descobri-las e, desenvolvendo-se esforços consideráveis, torna-las uma realidade. Elas acreditam que os seres humanos são capazes de escolher um modo de vida e que com isso as sociedades podem se transformar à luz dos verdadeiros ideais de satisfação universal. Ou seja, a ideia da satisfação universal pressupõe que os seres humanos, enquanto tais, busquem os mesmos objetivos, em todos os tempos, e em toda parte.<sup>178</sup>

Em outras palavras, elas se portam como detentoras de uma verdade revelada, uma verdade a qual todos devem se curvar — e aqui não há exceção. O que é o marxismo senão uma profecia a respeito do curso que a história *deve* tomar? Não há alternativa e nem escapatória — *fatalmente* ocorrerá a) a diminuição progressiva do número de magnatas capitalistas, b) um aumento correspondente da pobreza, opressão,

---

<sup>175</sup> Ibidem, p.328.

<sup>176</sup> MACRIDIS, Roy. *Ideologias Políticas Contemporâneas*. Brasília: Editora UnB, 1982, p.18-22.

<sup>177</sup> People like to feel that they are all of a piece, and one of the ways of inducing that feeling is to tell them that they come of pure stock. That explains the ease with the dictators are putting their pseudo-science across. FORSTER, Edward Morgan. *Two Cheers for Democracy*. New York: Harcourt & Brace Company, 1951, p.19.

<sup>178</sup> BERLIN, Isaiah. *Limites da Utopia: Capítulos da História das Ideias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p.15 e 29.

escravidão, degeneração e exploração, c) e por fim uma permanente intensificação da ira da classe trabalhadora. Estas três forças em conjunto darão origem a catástrofe que resultará na revolução e, claro, o fim da propriedade privada.<sup>179</sup> E assim “os expropriadores são [por fim] expropriados,”<sup>180</sup> como escreveu Marx. Com o nazismo a mesma coisa: a raça ariana *é* superior, ela *tem* um destino, ela *deve* conquistar um Império. Tudo é imperativo, e foi previamente definido.

Seja a raça, seja a igualdade, ou nacionalismo, essas ideologias visam atingir o emocional — não é a toa que Robert Brasillach dizia que o fascismo não era uma teoria política, mas um “estado de espírito.” E se funcionava com as pessoas comuns, com a intelectualidade não foi diferente. Impulsionada pelo estado caótico com que se deparou no mundo pós Versalhes, a intelectualidade europeia se rendeu aos apelos dessas ideologias. E quando se rendeu a essa noção de que os homens deveriam trabalhar para alcançar uma sociedade perfeita, a intelectualidade europeia foi em peso para o lado revolucionário da balança. Com isso, sobraram, no campo da direita, uns poucos, e raros, defensores do conservadorismo e do liberalismo, enquanto que na esquerda, os socialdemocratas, cuja atuação foi decisiva em alguns poucos países, foram simplesmente eclipsados pela ação dos comunistas. Nesse sentido, o debate que se estabeleceu no entreguerras ficou entre esses eixos: democracia ou ditadura, direita ou esquerda, numa intensa polarização. Nessa conjuntura, a questão não era apenas decidir entre esquerda ou direita, mas também definir se se queria um tipo de revolução ou se queria rejeitá-la, quaisquer que fossem.

Assim, ainda que pouco comum, insistiremos nessa abordagem — a do embate entre forças revolucionárias e antirrevolucionárias para compreender a atitude e os compromissos de vários intelectuais, inclusive, E.M.Forster. De todo, ela se mostrará útil a partir do momento que quisermos compreender a tendência manifestada por alguns intelectuais diante da possibilidade de uma dessas forças superar a outra — ainda que sustente uma *postura* antirrevolucionária, um intelectual que teme mais o comunismo, podia, eventualmente, demonstrar apoio aos fascistas na luta contra a Rússia ou o Partido Comunista de seu país. E essa é vantagem dessa abordagem — ela permite ver o que cada uma colocou na balança e o que foi determinante para que pudesse fazer sua escolha.

---

<sup>179</sup> JOHNSON, Paul. *Intelectuais*. Lisboa: Guerra & Paz, 2008, p.89.

<sup>180</sup> MARX, Karl. *O Capital: Crítica da Economia Política*. Vol.II. Rio de Janeiro, 2006, p.876.

Tendo isso em mente, não nos resta outra coisa a fazer a não ser esclarecer o que entendemos por cada uma dessas forças. Ainda que possam denotar a mesma coisa, fazemos uma distinção entre *postura* antirrevolucionária e *ação* contrarrevolucionária. Quando se dispôs a tratar da contrarrevolução, Arno Mayer traçou uma tênue diferenciação entre os conservadores e os contrarrevolucionários — estes últimos não devem “ser confundidos com reacionários e conservadores, [muito] embora as afinidades e ligações entre estes componentes da tríade antirrevolucionária sejam decisivas, sob todos os aspectos, para a iniciativa contrarrevolucionária.”<sup>181</sup> A rigor, os seus contrarrevolucionários são os conservadores autoritários, que rejeitam, com um desprezo que lhes é característico, qualquer acomodação ou condescendência na política habitual. Na prática, a sua ação resultou nos diversos regimes autoritários de direta que despontaram na Europa nessa conjuntura.

Mas se a iniciativa contrarrevolucionária é uma ação de uma ala do conservadorismo, a postura antirrevolucionária é mais ampla. Não esta restrita aos conservadores. Assim, quando falamos em forças *antirrevolucionárias*, estamos querendo designar uma oposição definida por convicções que, muitas vezes, mas não exclusivamente, estão atreladas à defesa da democracia, da liberdade e da ordem, a qualquer uma das opções revolucionárias que existiam. Não é necessário ser conservador para assumir uma postura antirrevolucionária — liberais e socialdemocratas também podem assumi-la. De todo, a *postura* antirrevolucionária nada tem a ver com as atitudes, as iniciativas e as convicções dos conservadores autoritários. Embora possam estar juntos na maioria dos casos, eles formam uma frente ampla que congrega diversas denominações políticas em momentos muito específicos.

Com relação aos revolucionários, o que temos que frisar deles são as suas *pretensões*. Aqui, a questão não é nem o que eles são capazes de fazer se tiverem a oportunidade, uma vez que a realidade sempre acaba se mostrando não só bem mais complexa do que eles pressupõem, mas também inifinitamente mais limitadora, mas aquilo que perseguem e que aspiram construir — uma sociedade na qual todos os antagonismos estão aplacados e todas as necessidades humanas saciadas. Como a experiência histórica nos mostra, eles podem, de fato, realizar progressos significativos no curso da ação no poder para realizar seus intentos, no entanto, como a própria realidade acaba se mostrando imperativa, podendo até mesmo debelar e frustrar muitos

---

<sup>181</sup> MAYER, Arno. *Dinâmicas da Contra-Revolução na Europa*. São Paulo: Paz e Terra, 1977, p.57.



de seus planos, o que realmente importa para compreendê-los são suas crenças. E aqui pouco importa se estiveram centrados apenas em seu próprio reduto, já que acreditavam que sua comunidade tinha atributos superiores, ou, como outros, talvez mais ambiciosos, que desejavam nivelar sociedades inteiras em nome da igualdade. O que acaba sendo determinante não só para sua ação, como para a sobrevivência de seu movimento e, eventualmente, do mundo que tentam criar, é sua obsessão em concretizar um projeto previamente definido de uma sociedade perfeita.

É por isso que temos que nos afastar da possibilidade de enxergar o fascismo como uma força *contrarrevolucionária* como alguns autores como Angelo Tasca,<sup>182</sup> ou historiadores como Arno Mayer<sup>183</sup> e William Sheridan Allen, e alguns sociólogos e pensadores marxistas da Escola de Frankfurt como Franz Neumann,<sup>184</sup> sugeriram. John Weiss insiste que “a posse e a distribuição de renda, a estrutura de classe tradicional se manteve [inalterada] sob o regime fascista. O que mudou foi que eles favoreceram as velhas elites ou determinados seguimentos da liderança do partido.”<sup>185</sup> Para Angelo Tasca, “a relação de forças se mostrou totalmente desfavorável para o movimento operário e socialista” que, à época, estava “paralisado por crises internas, agravada pela cisão de Livorno, justo quando teve que lutar, ao mesmo tempo, contra o exército fascista, contra a burguesia industrial, e, sobretudo a agrária, decidida a vingar-se, e contra o Estado, cujos órgãos colaboraram com o êxito da ação fascista, seja com sua passividade ante os crimes [cometidos], seja, como aconteceu com frequência, com apoio ativo.”<sup>186</sup> Em outras palavras, o movimento fascista, liderado por Mussolini interrompeu o processo revolucionário na Itália. Para Neumann, na Alemanha, não houve uma revolução político-social, mas o desenvolvimento e a estruturação de um “capitalismo totalitário monopolístico.” E tal como Weiss, ele se centrou no fato de que a classe dominante da época do Império e da República não perdeu sua posição e seus privilégios em 1933, que a estrutura social não foi modificada, e que o nazismo foi um movimento de massas pequeno-burguês contra as massas socialistas — era uma

---

<sup>182</sup> TASCA, Angelo. *El nacimiento del fascismo*. Barcelo: Crítica, 2000, p.93-148.

<sup>183</sup> MAYER, Arno. *Dinâmicas da Contra-Revolução na Europa*. São Paulo: Paz e Terra, 1977.

<sup>184</sup> NEUMANM, Franz. *Behemoth: the Structure and Practice of National Socialism*, New York: Oxford University Press, 1942.

<sup>185</sup> WEISS, John apud SOUCY, Robert. *French Fascism: The Second Wave: 1933-1939*. New Haven: Yale University Press, 1995, p.5.

<sup>186</sup> TASCA, Angelo. *El nacimiento del fascismo*. Barcelo: Crítica, 2000, p.139.

contrarrevolução que serviu como instrumento do sistema dominante do capitalismo e a serviço dele, como resumiu Bracher.

Ou seja, desesperados para preservar seus poderes e seus lucros, os grandes empresários teriam usado toda sua influência e todos os meios de propaganda de que dispunha para criar um movimento de massa dedicado a servir a seus interesses — o Partido Nacional Fascista, na Itália, o Partido Nazista, na Alemanha — e depois alça-lo ao poder e se beneficiar quando ele estivesse lá.

Embora esses autores passem ao largo disso, desde que chegou ao poder na Itália, em 1922, o fascismo tinha pretensões que iam muito além do mero rearranjo para dar conta dos problemas prementes. Muito embora a *consciência revolucionária* tenha nascido e esteja atrelado à esquerda política, ela contaminou também a direita. Ela surgiu no decurso da Revolução Francesa, sobreviveu a ela e tem se manifestado em diversos momentos e sido adotada por diversas ideologias — e o fascismo é só uma delas. Assim, o que acontece aqui é que esses estudiosos têm uma visão estreita e limitada a respeito do que é e do que representa uma revolução. De todo, eles parecem subestimar tanto os efeitos quanto as pretensões da Revolução Fascista. Autores como Mayer, Neumann e Tasca não encaram a ação e os intuitos de remodelarem uma sociedade a partir do âmbito cultural e racial como uma *ação revolucionária* propriamente dita. Na verdade, eles parecem desconsiderar o fato de que os fascistas, quando obstruíram o caminho para a revolução proletária, o fizeram porque pretendiam fazer a *sua* revolução, e não porque pretendiam manter o *status quo*. Assim, não é pelo fato de ter uma natureza diferente que ela não pode ser caracterizada como tal.

De fato, tal como muitos desses autores apontaram, os conservadores foram complacentes com a violência fascista contra a esquerda em diversos momentos, como lhes convinha. No caso alemão, a decisão de von Papen de suspender a proibição das atividades da SA, em 1932 ilustra isso muito bem. Na Itália, os *squadristi* de Mussolini seriam impotentes sem a vista grossa e até mesmo a ajuda direta da polícia e do exército.<sup>187</sup> Assim, como frisou Blinkhorn, a despeito da força que demonstrou entre os anos de 1919 e 1925, o fascismo não poderia ter chegado ao poder na Itália, ou se mantido nele, sem a aquiescência do *establishment*, com quem ele se aliou formalmente: a Coroa, o Vaticano, as forças armadas, os grandes proprietários de terras, e por setores

---

<sup>187</sup> PAXTON, Robert. *A Anatomia do Fascismo*. São Paulo: Paz & Terra, 2007, p.170-173.

da indústria naval.<sup>188</sup> Na Alemanha não foi muito diferente, embora, após ter chegado ao poder, o Partido Nazista tenha demonstrando ter uma força que certamente deve ter surpreendido os líderes conservadores, e até mesmo os líderes nacionalistas como Hugenberg. Em poucos meses eles conseguiram varrer os partidos de oposição, não só os de esquerda, mas também o de seus aliados e instaurar uma ditadura de partido único.

Como observou Arno Mayer, a convergência entre conservadores e fascistas em tempos de crise era o caminho mais lógico, apontando que sem o seu apoio os fascistas não teriam obtido o sucesso que tiveram em países como Alemanha e Itália. Na Inglaterra, como a própria esquerda não tinha força para governar sozinha — os dois gabinetes dos trabalhistas não se sustentaram porque dependiam dos liberais, pouco afeitos a colaborar —, os conservadores não precisaram de uma força extra para detê-la e assim, puderam dispensar Oswald Mosley e seus partidários, que aliás, nunca tiveram força expressiva.

Ali esse expediente pode não ter sido necessário, e chega soar estranho pensar Baldwin ou Churchill ao lado de Mosley ou Leese, mas essa prática foi recorrente no Continente. Como frisou Mann, Áustria, Hungria e Romênia constituem casos nos quais podemos estar analisando a relação entre o fascismo e as formas mais conservadoras de autoritarismo. Na Espanha, os conservadores não só mantiveram seus aliados fascistas sob controle, como também acabaram desenvolvendo formas de governo que pegaram emprestado elementos do fascismo.<sup>189</sup> O General Franco e o ditador grego Metaxas eram homens que temiam a política de massas e se aliaram justamente aquelas forças que lhes permitia governar sem fazer concessões democráticas, a monarquia e a Igreja.<sup>190</sup>

No decurso das décadas de 1920 e 1930, a União Soviética era o único regime autoritário de esquerda no Continente. Todos os demais regimes autoritários que despontaram na Europa no decurso daqueles anos eram de direita. Embora carregassem suas particularidades e diferissem no grau de autoritarismo aplicado, eles, os regimes de direita, tinham coisas em comuns. Todos rejeitaram a possibilidade da acomodação pacífica entre os diversos setores que compunham a sociedade, e por isso partiram para

---

<sup>188</sup> BLINKHORN, Martin. *Fascism and Right in Europe: 1919-1945*. Edinburgh: Pearson, 2000, p.36

<sup>189</sup> MANN, Michael. *Fascistas*. Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 22-23.

<sup>190</sup> MAZOWER, Mark. *Continente Sombrio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p.41.

o uso da força para resolver os problemas que estavam postos.<sup>191</sup> Prezavam a ordem e protegiam a propriedade privada; todos abraçaram o estatismo autoritário, rejeitando a democracia e seus alegados “vícios”: conflitos de classe de interesse, corrupção e declínio moral. Eram nacionalistas em maior ou menor grau, o que significa que prezavam a ideia da nação indivisível e livre de elementos incômodos, e por isso perseguiram e reprimiram socialistas, minorias étnicas, regionais e religiosas, supostamente leais a outros países. Eles também se apoiavam, em sua maioria, no exército e na polícia para reprimirem esses grupos e manterem a ordem — e nesse ponto eles diferiam dos fascistas, que preferiam seus grupos paramilitares.<sup>192</sup>

Alguns autores dividem esses regimes em dois grupos, os fascistas e os conservadores autoritários <sup>193</sup> (os contrarrevolucionários de Mayer). No entanto, como observaram Mann e Malia,<sup>194</sup> isso não basta. E não basta porque essa classificação, simplista a princípio, ignora o fato de que um dos problemas a serem enfrentados a época, e que os fascistas souberam contornar e os demais setores da direita não, foi justamente a necessidade de enfrentar a pressão política das massas. O autoritarismo moderno, como observou Mann, diferencia-se do passado pela tentativa de absorver as pressões provenientes da massa. Além disso, e talvez essa seja a razão principal pela qual concordamos com Mann, é que esses regimes foram se tornando mais perversos conforme o tempo passava, e isso exige um maior cuidado no momento em que formos classifica-los devido as variações ocorridas de país para país. <sup>195</sup> Assim sendo, podemos estar pensando em quatro tipos distintos de autoritarismo que se desenvolveram no período em questão. São eles:

*Regimes semi-autoritários:* eram mais brandos e notadamente conservadores. Neles as pressões vindas de baixo eram contidas pela manipulação de eleições e dos parlamentos. O executivo fixava eleições, comprava deputados, nomeava gabinetes, reprimia extremistas. Uma vez sentindo-se suficientemente seguros,

---

<sup>191</sup> MANN, Michael. *Fascistas*. Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 67.

<sup>192</sup> Ibidem, p.67.

<sup>193</sup> BLINKHORN, Martin. *Fascists and Conservatives*. London: Unwin Hyman, 1990.

<sup>194</sup> MALIA, Martin. *Russia under Western Eyes: From Bronze Horseman to the Lenin Mausoleum*. London: Belknap Press, 1999, p.320-321. MANN, Michael. *Fascistas*. Rio de Janeiro: Record, 2008, p.68.

<sup>195</sup> MANN, Michael. *Fascistas*. Rio de Janeiro: Record, 2008, p.68.

esses regimes não recorriam com frequência a assassinatos, preferindo a intimidação e o encarceramento de inimigos políticos. Embora manipulassem os preconceitos populares contra minorias, eram em geral discriminatórios, sem tentar expulsá-las ou eliminá-las. A maioria dos regimes que despontaram no entreguerras foi desse tipo, e nenhum deles durou muito tempo: a Grécia até o golpe de Metaxas, os regimes romenos da década de 1920 e início da década de 1930, o regime espanhol de Alfonso XIII até 1923, os regimes do almirante Horthy e do conde Bethlen na Hungria na década de 1920, o governo social-cristão do chanceler Seipel no fim da década de 1920, os governos pré-fascistas de Salandra e Sonnino, os governos pré-nazistas de Brüning, von Schleicher e von Papen.<sup>196</sup>

*Regimes autoritários semi-reacionários:* Aqui a tendência reacionária fez com que esses regimes se apoiassem quase exclusivamente nas instituições do Antigo Regime, a Monarquia, a Igreja e o exército. Aqui a repressão se alternava com medidas discriminatórias de perseguição dirigidas contra a esquerda, minorias ou judeus. Embora temessem as massas, promoveram medidas modernas limitadas. Preconizaram o nacionalismo orgânico, embora evitando qualquer mobilização popular por detrás dele. O fascismo teve uma influência maior sobre eles do que os regimes semi-autoritários. Alguns, como Salazar e Primo de Rivera, adotaram o partido único, imitando Mussolini — Salazar até preservava uma fotografia de Mussolini em sua mesa de trabalho. Aqui podemos citar os regimes do rei Carol na Romênia no final da década de 1930, o de Primo de Rivera na Espanha entre 1923 e 1930, o do general Pilsudski da Polônia entre 1926 e 1935, os regimes dos países bálticos que se escoravam no exército, Smetona na Lituânia, entre 1926 e 1939, Ulmanis na Letônia entre 1934 e 1939, e Pats na Estônia, entre 1934 e 1939. O do rei Alexander e o regente Paul na Iugoslávia durante a década de 1930. O regime do rei Bóris na Bulgária a partir de 1935, o governo de Metaxas entre 1936 e 1938, o de Dollfuss na Áustria entre 1932 e o princípio de 1934.<sup>197</sup>

---

<sup>196</sup> Ibidem, p.67-68

<sup>197</sup> Ibidem, p.68-69.

*Regimes corporativistas:* Com o passar do tempo, muitos desses regimes semi-reacionários começaram a buscar inspiração na ideologia e nas organizações dos regimes fascistas, não raro sob pressão dos próprios movimentos fascistas locais. Havia uma certa continuidade com relação aos regimes semi-reacionários estabelecidos, mas o que diferencia é a adoção de práticas novas com o decorrer no tempo. A noção de corporativismo transmite justamente a ideia de uma organização integrada e hierárquica, embora, como frisou Mann, não seja uma qualificação muito precisa, pois ela tende a atenuar, ou ignorar as tensões que frequentemente se colocavam entre os detentores do poder e os nacionalistas mais radicais. Na verdade, muitos desses regimes roubaram ideias fascistas para sobreviver, e por isso mesmo eram regimes mistos. Os exemplos devem bastar para explicar isso: o “monarco-fascismo” de Metaxas na Grécia depois de 1938, e o do rei Carol da Romênia, também a partir de 1938, seguido, entre 1940 e 1944 pelo “fascismo militar” do general Antonescu, o “clérigo-fascismo” ou “austro-fascismo” de Doufuss a partir de 1934. Os regimes de Salazar e Franco, na Península Ibérica são os exemplos mais notórios desse fenômeno.<sup>198</sup>

*Regimes fascistas:* Não houve muitos regimes fascistas. Foi na Itália e na Alemanha que eles conseguiram chegar ao poder efetivamente, e seu êxito influenciou os demais regimes autoritários que haviam se estabelecidos por toda a Europa. A marcha de Mussolini sobre Roma foi tão precoce que todos os regimes autoritários miraram no modelo italiano para copiar ou buscar elementos que pudessem ser adaptados. No entanto, com o tempo, a influência alemã se fez sentir, e o próprio Mussolini começou a se adaptar e a se aproximar mais do regime nazista<sup>199</sup> — as leis antisemitas do final da década de 1930 evidenciam isso.

Os fascistas se diferiam das demais formas autoritárias por deterem uma ideologia radical e revolucionária que dava ênfase ao nacionalismo (e ao racismo, como era o caso do nazismo), por seus grupos paramilitares, por suas

---

<sup>198</sup> Ibidem, p.70-72.

<sup>199</sup> Ibidem, p.72-74.

ambições imperialistas e por seu *potencial totalitário*.<sup>200</sup> Muitos desses regimes semi-reacionários ou corporativistas podem ter sido nacionalistas ou ter adotado partido único, tal como os fascistas, mas nada se compara com o que os regimes fascistas criaram.

Esse quadro nos mostra não só a capacidade do fascismo de influenciar e de conseguir adeptos por todo o Continente, mas também evidencia as complexas e eventuais alianças entre conservadores e fascistas que se concretizaram nesse período. Ele é útil porque nos ajuda a fazer uma *distinção* que é necessária — a entre os conservadores e fascistas. Sem que tenhamos em mente essa distinção, não conseguimos entender o que os fascistas tinham a oferecer às elites políticas para que a aliança se formalizasse.

E naquela conjuntura, os fascistas tinham muito o que oferecer — não só para os conservadores, como para uma parcela do tecido social no qual estavam inseridos. Numa situação de impasse constitucional e de crescente ameaça vinda da esquerda, que podia ser real ou imaginária, um movimento fascista tinha muito o que oferecer a uma elite vacilante, ou com pouca disposição para fazer uso da força, como era o caso Giolitti, na Itália.<sup>201</sup> Os fascistas podiam oferecer uma base de apoio ampla que permitiria aos conservadores formar maiorias parlamentares sem ter de recorrer aos inaceitáveis parceiros de esquerda. Os trinta e cinco deputados de Mussolini não fariam muita diferença nas circunstâncias em que chegaram ao Parlamento, mas a contribuição de Hitler foi decisiva — ele tinha o maior partido alemão a oferecer aos conservadores. Como detentor do maior partido, Hitler permitiria aos conservadores governar sem ter de recorrer aos poderes de emergência de Hindenburg, que eles vinham usando havia três anos, e de formar uma maioria parlamentar que excluísse a esquerda.<sup>202</sup>

Mas eles ofereciam mais do que isso. Ofereciam rostos jovens a um público cansado de um *establishment* encurvado pelos anos. Além disso, eles haviam encontrado uma fórmula capaz de afastar as massas do comunismo.<sup>203</sup> Antes da Primeira

---

<sup>200</sup> PAXTON, Robert. *A Anatomia do Fascismo*. São Paulo: Paz & Terra, 2007. MANN, Michael. *Fascistas*. Rio de Janeiro: Record, 2008. EVANS, Richard. *A Chegada do Terceiro Reich*. São Paulo: Editora Planeta, 2010. ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras: 2013.

<sup>201</sup> PAXTON, Robert. *A Anatomia do Fascismo*. São Paulo: Paz & Terra, 2007, p. 173 e 110.

<sup>202</sup> *Ibidem*, p.173-174.

Guerra, apenas a *Action Française* havia obtido algum grau de sucesso em converter elementos da classe trabalhadora ao nacionalismo. Mas depois do conflito, os movimentos de Hugenberg, Hitler e Mussolini, mostraram serem capazes de atrair e de cooptar as massas com seu apelo nacionalista com sucesso — e este provou ser infinitamente mais *agregador e atraente* do que a ideia de igualdade propalada por socialistas e comunistas, e infinitamente superior ao que os conservadores poderiam oferecer naquele momento.

Nesse sentido, não era pouco o que os fascistas tinham a oferecer aos conservadores. Ante a possibilidade da esquerda de chegar ao poder, esse era o caminho mais lógico: o de usá-los, se aliar a eles. Embora relação entre eles fosse ambígua, combinando proximidades e divergências — o anticomunismo talvez fosse o ponto de convergência entre eles que tenha feito a diferença nessa conjuntura —, fazia mais sentido aos conservadores se alinharem com os fascistas contra os comunistas do que com qualquer outro grupo político.

De todo, é provável que uma série de fatores — a fragilidade das tradições liberais, a industrialização tardia, a sobrevivência das elites pré-democrática, o espasmo de revolta contra a humilhação nacional — tenham contribuído para ampliar a crise, reduzindo as alternativas disponíveis para os conservadores. Apesar disso, não podemos negar que eles rejeitaram outras alternativas — governar junto com a esquerda moderada, como aconteceu na Noruega, ou se utilizando de poderes emergenciais outorgados ao rei e ao presidente, coisa que foi recorrente na Alemanha desde Ebert. No entanto, optaram pelos fascistas.<sup>204</sup> Onde não foi possível fazer uma aliança com outras forças políticas, eles optaram por esse caminho acreditando que seriam capazes de controlá-los e manter seu domínio da situação e de suas sociedades. Na Espanha, em Portugal e na França de Vichy, os fascistas davam suporte a um governo formado pela direita tradicional. No entanto, no caso dos países ibéricos, Franco e Salazar incorporaram elementos da ideologia fascista justamente para poder contentá-los e, com isso, controlá-los, uma vez que desconfiavam de seus propósitos e de suas ideias.<sup>205</sup>

Assim, ainda que recorrente, não podemos nos esquecer da complexidade dessa relação e das desconfianças mútuas que se estabeleceram. É importante salientar que os

---

<sup>203</sup> Ibidem, p.173-174.

<sup>204</sup> Ibidem, p.172-173.

<sup>205</sup> MENESES, Filipe Ribeiro. *Salazar*. São Paulo: Leya, 2011.



pontos de convergências entre fascistas e conservadores que os uniu momentaneamente eram *superficiais* — a promiscuidade da ideologia fascistas aliada ao oportunismo e ao pragmatismo político de seus líderes é o que tem levado alguns autores, ao se depararem com esses pontos, a sobrevalorizá-los. Não é porque fazia gestos e acenos que Hitler estava aderindo ou fazendo concessões. Longe disso. Como observou John Lukacs, ele sabia agradar os conservadores — sabia jogar para fazê-los acreditar no que ele queria que acreditassem.<sup>206</sup>

Ademais, e é importante frisarmos isso, quando havia concordância com relação a certos valores ou instituições, ela não se dava pelas mesmas razões. É verdade que os fascistas, em especial os nazistas, evocavam e defendiam a família tal como os conservadores, mas as razões para isso eram distintas. Enquanto os nazistas idealizavam e defendiam a família para preservação e manutenção da pureza de raça, os conservadores se atentavam (e se atentam) à família como *instituição*. Se preservaram instituições, como a Monarquia, o exército ou o judiciário, não foi pelo fato de que defendiam a preservação de instituições enraizadas, ou porque defendiam a tradição, tal como os conservadores, mas porque sabiam que podiam usá-las como uma canal para realizarem seus intentos, ou porque não tinham meios de enfrenta-las sem que isso resultasse em distúrbios sociais desnecessários — como era o caso da Igreja, isso na Alemanha e principalmente na Itália.

O problema destes autores, quando apontam para esses dados, a colaboração, a manutenção de instituições e da posição das camadas privilegiadas, é afirmar que tudo isso foi feito com este intuito. Em momento algum Hitler ou Mussolini deram sinais de que agiam ou pensavam dessa maneira. Agiram dessa forma pensando exclusivamente em ganhos políticos e governabilidade. Na verdade, ainda que quisesse Mussolini dificilmente poderia obter da Monarquia outra coisa além de sua colaboração. Seria contrapropósito bater de frente ou destruir um símbolo de unidade nacional, afinal, fora a Casa de Saboia que unificara o país no século XIX. Como relatou o Conde Ciano em seu diário em 25 de maio de 1939, Mussolini “recusou os títulos e as honras que lhe foram oferecidas [pelo rei].” E o fez por um motivo muito simples: “‘Não sei’, disse ele, ‘o que poderiam me dar. Fazer-me príncipe? Eu seria o primeiro a rir disso! Príncipe Mussolini! Chanceler ainda vai, mas que quer dizer isso? Continuará como agora, Chefe do Governo. Diga ao [Conde de] Aquarone [Chefe do Cerimonial da Monarquia]

---

<sup>206</sup> LUKACS, John. *O Hitler da História*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p.72.

que agradeça ao Rei por mim, e que lhe peça apenas uma coisa: que continue cooperando.”<sup>207</sup>

Mas se por um lado não tinham objeções sérias às muitas das instituições existentes, por outro tinham algumas com relação ao capitalismo, ainda que nunca tenham chegado a falar em luta de classes ou igualdade econômica. Na verdade, sua queixa contra o capitalismo não se dirigia à exploração da mão-de-obra, como faziam e ainda fazem os marxistas e comunistas, mas ao seu materialismo.<sup>208</sup> Por isso mesmo, como frisou Eugen Weber, o oportunismo dos fascistas limitava o efeito prático de sua hostilidade<sup>209</sup> que, em certos momentos, fora simplesmente virulenta. Assim sendo, não pensaram não se sentiram inclinados a abolir a propriedade privada ou a alterar drasticamente a hierarquia social porque não lhes parecia necessário, desejável e muito menos conveniente — para eles, as mazelas do capitalismo podiam ser resolvidas pela simples aplicação de vontade política para criação de pleno emprego e produtividade.<sup>210</sup> Em um discurso, em 1937, Hitler disse: “Se os industriais alemães me disserem, ‘Nós não podemos fazer isso,’ eu responderia a eles: ‘Ótimo. Vou me encarregar disso, porque terá que ser feito.’ Mas, quando a indústria me diz, ‘Podemos fazer isso,’ então fico muito satisfeito por eu mesmo não ter de fazê-lo.”<sup>211</sup> Como frisou Lukacs, nenhuma diferença fazia se a Krupp fosse nacionalizada <sup>212</sup> — e não fazia porque ele estava *disposto* a interferir se fosse necessário. De todo, esse método, o que tinha de simples, tinha de eficiente. Ao agir de forma sempre *cirúrgica*, ele estava, ao mesmo tempo, evitando um enfrentamento e enviando um recado para toda a elite empresarial alemã. Na verdade, seria *contraprocudente* e, no mínimo estranho, se agisse de forma diferente, afinal, isso poderia provocar distúrbios incontornáveis que seriam extremamente prejudiciais ao estado de coesão nacional e espírito coletivo que eles, os fascistas, almejavam — não é a toa que investiram na ideia de *cooperação* de classe.

A questão aqui é uma só: a natureza da revolução fascista era diferente. Nesse sentido, para dizer que os fascistas eram *contrarrevolucionários*, ou para dizer que só

---

<sup>207</sup> CIANO, Galeazzo. *Diario*. Milano: Rizzoli, 1980, p. 272.

<sup>208</sup> PAXTON, Robert. *A Anatomia do Fascismo*. São Paulo: Paz & Terra, 2007, p.27.

<sup>209</sup> WEBER, Eugen. *Varieties of Fascism*. New York: Van Nostrand, 1964.

<sup>210</sup> PAXTON, Robert. *A Anatomia do Fascismo*. São Paulo: Paz & Terra, 2007, p.27.

<sup>211</sup> LUKACS, John. *O Hitler da História*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p.75.

<sup>212</sup> *Ibidem*, p.75.

rebocaram a fachada dos países onde chegaram ao poder, como fez o escritor comunista francês Henri Barbusse, seria preciso ignorar e negligenciar não só tudo o que apontamos até aqui, mas o fato de tanto Hitler quanto Mussolini sempre terem se colocado como *revolucionários* e encarar isso como mera retórica, quando na verdade não era. Eram revolucionários em seus propósitos e em sua essência. O que se pode dizer, tal como fez Martin Malia, é que sua revolução foi *limitada*. No caso de Hitler, para Malia, ele não teria tido tempo para colocar toda sua revolução em curso, uma vez que sua ação foi canalizada para o exterior em “apostas cada vez mais ousadas” — ele se deteve somente sobre sua revolução cultural, sua *Gleichschaltung* [homogeneização]. Assim, a verdadeira revolução, ou a sua segunda etapa, foi postergada para depois que a vitória fosse alcançada.<sup>213</sup>

Se aceitarmos a ideia de que a revolução fascista foi *limitada*, ao menos no caso da Alemanha, somos *obrigados* a pensar em seu potencial. Se nos anos que antecederam à guerra, que foram poucos, o que eles fizeram foi só uma parte, podemos especular o que teriam feito em escala nacional e continental se tivessem vencido a guerra em 1940. Como não temos condições de sabê-lo, temos de ficar com o que fizeram — que não foi pouco. Concordo com Malia até certo ponto quando ele diz que a revolução fascista foi limitada. No entanto, isso pouco importa porque uma revolução não deve ser medida apenas pelo que ela fez ou o que pode ser atribuída a ela, mas pelo que ela *pretendia*. Os fascistas tinham planos de ir muito além daquilo que tiveram a chance de fazer — e isso tem de ficar claro. O que eles queriam era revolucionar as instituições nacionais no sentido de infundi-las de energia, força e vitalidade<sup>214</sup> — não é a toa, como lembraram Davies e Lynch, que o discurso fascista sempre deu ênfase a noções como “declínio” e “renascimento.”<sup>215</sup>

A missão fascista de engrandecimento e purificação nacional exigia mudanças na concepção de *cidadania* e na relação dos indivíduos com o Estado. E nesse ponto eles foram mais longe do que qualquer outra tentativa até então — em seu desenvolvimento máximo, como frisou Paxton, eles redesenharam a fronteira em público e privado, transformaram a prática da cidadania, do gozo dos direitos e deveres

---

<sup>213</sup> MALIA, Martin. *Russia under Western Eyes: From Bronze Horseman to the Lenin Mausoleum*. London: Belknap Press, 1999, p.332.

<sup>214</sup> Ibidem, p. 235-236.

<sup>215</sup> DAVIES, Peter; LYNCH, Dereck. *Fascism and the Far Right*. London: Routledge, 2002, p.116.

constitucionais à participação em cerimônias de massa, reformaularam as relações entre indivíduo e o coletivo, de modo que o indivíduo não tivesse qualquer direito externo ao interesse comunitário.<sup>216</sup> A própria meticulosidade e a impiedade nazista em remodelar a Alemanha e os alemães não tiveram paralelo em nenhum outro lugar.<sup>217</sup>

Assim, como imaginar que um movimento que apresentava esse grau de radicalismo em seus intuitos e que demonstrou tamanho extremismo como a Alemanha nazista poderia ter uma tendência conservadora? Ou que poderia ser contrarrevolucionário? É provável que a confusão aqui decorra de um detalhe: de se ignorar que toda revolução carrega consigo traços muito nítidos de *continuidade*.

Em seu *O Antigo Regime e a Revolução*, Tocqueville foi o primeiro a apontar as limitações da Revolução Francesa — “Por mais radical que tenha sido, a Revolução inovou muito menos do que geralmente se supõe,”<sup>218</sup> escreveu ele. Quando se mostrou mais interessado em conceitualizá-la do que em analisar os fatos de forma cronológica, Tocqueville inovou — ele abordou um problema, não um período. Com seu esforço, a Revolução se transformou em um objeto de uma interpretação sistemática no qual alguns elementos receberam uma atenção especial: o processo de centralização administrativa e aquilo que ela trouxe realmente de novo, que Furet chama de “cultura democrática”<sup>219</sup> — a difusão de ideias sobre igualdade, democracia e etc.

Aqui que esta a questão: não houve mudança significativa na sociedade francesa sob Luis XVI e a sob Luis Felipe.<sup>220</sup> O que houve, como observaram Furet e Jouvenel, foi um aumento exponencial do poder sob outro comando — ou seja, a substituição do absolutismo monárquico pelo jacobino. Como frisou Furet, a Revolução compartilhou a mesma ideia de poder do *Antigo Regime*. À época, existiam duas formas de sociabilidade política: a tradicional, que estava em crise, e que estava fundamentada no princípio hierárquico e monárquico, e a democrática, ainda em formação, cujos arquitetos eram intelectuais e frequentadores de cafés e salões, e estruturada a partir do princípio da igualdade. Quando, no final da década de 1780, os circuitos de sociabilidade política tradicional se encontravam seriamente debilitados, e despojados

---

<sup>216</sup> PAXTON, Robert. *A Anatomia do Fascismo*. São Paulo: Paz & Terra, 2007, p. 27-28.

<sup>217</sup> EVANS, Richard. *O Terceiro Reich no poder*. São Paulo: Editora Planeta, 2011, p.794.

<sup>218</sup> TOCQUEVILLE, Alexis de. *O Antigo Regime e a Revolução*. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 24.

<sup>219</sup> FURET, François. *Pensar la Revolución Francesa*. Barcelona: Editorial Petrel, 1980, p.30.

<sup>220</sup> *Ibidem*, p.37-38.

de seu conteúdo simbólico, o choque entre ela e essa nova sociabilidade que surgia acabou ocorrendo.<sup>221</sup> “Os dois circuitos eram incompatíveis pelo que tinham de idênticos. Se entre ambos não existia nenhuma possibilidade de comunicação é porque *compartilhavam* a mesma ideia de poder.”<sup>222</sup>

Assim, o que essas experiências revolucionárias têm mostrado desde o século XVIII, e que alguns autores como Mayer<sup>223</sup> ignoram, é que, a despeito de suas ambições, elas nunca conseguiram romper totalmente com casco da experiência histórica acumulada — elas se utilizaram e adaptaram instituições (a ponto de ficarem, muitas vezes, irreconheceáveis) e práticas já existentes para atingirem seus objetivos: o judiciário, o exército, a polícia. E se não foram muito longe, não foi por falta de vontade de seus idealizadores. Não podemos subestimar a *ânsia* que estava por detrás das mentes de seus arquitetos, afinal, uma *revolução* tem que ser entendida muito mais pelo que ela *pretende* do que pelo grau de transformações que, eventualmente, podem ser atribuídas a ela — e aqui pouco importa se ela projeta anseios de esquerda ou de direita. Mais importante é o que François Furet chamou de *consciência revolucionária*, ou seja, “aquela ilusão de vencer um estado que já não existe mais em nome de uma coalisão de boas vontades e de forças que anunciam o porvir.”<sup>224</sup> Dito de outra forma: o que caracteriza num processo revolucionário, para além das transformações que ele é capaz de desencadear, é o *radicalismo*, que historicamente se manifestou através da ação dos jacobinos, reacionários, comunistas e fascistas na busca para alcançar seus objetivos.

Suas energias, a energia desses grupos, sempre estiveram voltadas para o futuro — e isso se aplica também aos reacionários, que Anthony Quinton chamou de “revolucionário do avesso.” Quando se mostram dispostos a reconstruir um *passado ideal*, eles estão, na verdade, demonstrando uma profunda preocupação com relação ao futuro — o futuro estaria *assegurado* somente se isso puder ser feito, e por isso mesmo não existe diferença prática entre sua ação e a daqueles que querem romper com a tradição. Como frisou Samuel Huntington, “não existe distinção válida entre ‘mudar para trás e ‘mudar para frente’. Mudança é mudança; a história não se retrai e nem se repete; toda mudança altera o *status quo*.” Assim, “na medida em que o tempo passa, o

---

<sup>221</sup> Ibidem, p. 53-54.

<sup>222</sup> Ibidem, p.56.

<sup>223</sup> MAYER, Arno. *Dinâmicas da Contra-Revolução na Europa*. São Paulo: Paz e Terra, 1977, p.56-57.

<sup>224</sup> Ibidem, p.39.

ideal do reacionário se torna cada vez mais distante daquilo que uma sociedade tenha realmente sido no passado. O passado é romantizado, e, no fim, o reacionário acaba [sempre por] idealizar a volta a uma Era de Ouro que nunca existiu. [Com efeito,] ele se torna indistinguível de outros radicais, e normalmente apresenta todas as características da psicologia radical.”<sup>225</sup>

O futuro desejado — “a solução final”, para usarmos um termo de Isaiah Berlin —, pode variar, mas a intransigência e o extremismo manifestado por esses grupos para alcançar seus objetivos, isso tem sido uma constante. Todas as instituições e todos os valores se tornam provisórios diante dessa corrente que quer avançar a qualquer custo. Mesmo a caráter provisório, os revolucionários tendem a manter algumas instituições e se utilizar delas como uma espécie de alavanca — é por isso que uma revolução não pode ser entendida apenas pelo grau de transformações que podem ser atribuídas a ela. “O proletariado não tem necessidade do Estado senão por um tempo,” escreveu Lênin em *O Estado e a Revolução*. Ao que acrescenta: “Nós não estamos de forma alguma em desacordo com os anarquistas quanto à abolição do Estado como *fim*. Nós afirmamos que, para atingir este fim, é necessário [antes] utilizar provisoriamente os instrumentos, os meios e os processos do poder do Estado contra os exploradores da mesma forma que, para suprimir as classes, é indispensável estabelecer a ditadura provisória da classe oprimida.”<sup>226</sup> Resumindo: Lênin estava tentado servir-se do Estado e dos seus mecanismos de repressão herdados do Antigo Regime para alcançar a sua “solução final.” E assim o foi — o Estado Soviético e seus mecanismos de controle social, herdados ou reformulados depois da revolução, foram potencializados por Stalin contrariando todas as previsões de Marx.

Na Alemanha, o aparato em massa da burocracia do estado, o judiciário, a polícia, os sistemas penal e de previdência herdados da República de Weimar não poderia ser simplesmente varrido do mapa, como frisou Evans.<sup>227</sup> Hitler sabia que tinha que agir amparado por instituições e pela legislação por conta de seus aliados. Assim, o que acabou existindo na Alemanha nazista foi o que o cientista político Ernst Fraenkel chamou de *Estado dual* — havia o *Estado Normativo*, limitado por regras,

---

<sup>225</sup> HUNTINGTON, Samuel. *Conservatism as an Ideology* IN: The American Political Science Review, 51, n.2, p.460, 1957, p.460

<sup>226</sup> LENIN, Vladimir. *O Estado e a Revolução*. Porto: Meditação, 1970, p.69.

<sup>227</sup> EVANS, Richard. *O Terceiro Reich no Poder*. São Paulo: Editora Planeta, 2011, p.65.

procedimentos, leis e instituições formais, e *Estado Prerrogativo*, que se sobrepunha ao outro, e que derivava da autoridade supralegal do *Führer*. Atos formalmente ilegais como os assassinatos da *Noite dos Longos Punhais* eram sancionados pela autoridade do Líder e, portanto, não eram ilegais em absoluto.<sup>228</sup> Mas havia também um outro mecanismo à disposição que foi usado com frequência — fazer com que, mesmo em retrospecto, que as ordens de Hitler estivessem em conformidade com as normas e as regulamentações legais existentes. Em alguns casos, como na *Noite dos Longos Punhais*, como observou Evans, isso significou aprovar uma legislação concedendo legalidade retroativa aos mais flagrantes atos ilegais do regime.<sup>229</sup>

Não há o que estranhar nessas atitudes de nazistas e soviéticos. A discrepância entre o discurso e a prática tem sido uma tônica entre grupos revolucionários — munidos de sua “coalisão de boas vontades” eles pouco se importam com a coerência, a legalidade ou com o custo de suas ações. E é aqui que encontramos, como apontou Isaiah Berlin, o elemento que nos permite compreender essa atitude: se acreditamos que existe uma solução capaz de satisfazer todos os anseios, então com certeza nenhum preço será alto demais para obtê-la: tornar a humanidade, justa, feliz, próspera, harmoniosa — que preço pode ser alto para se conseguir isso?<sup>230</sup>

É por isso que essas formalidades, a coerência, a legalidade, são atropeladas. E é por isso também que uma revolução não pode ser medida apenas por aquilo que ela foi capaz de reformular e transformar. Uma revolução é muito mais do que a mera substituição de um poder por outro, como seguiu François Furet — “uma Revolução é o espaço histórico que separa um poder de outro poder.”<sup>231</sup> Também não se resume a um processo no qual há uma concentração exponencial de poder, como insistiu Bertrand de Jouvenel — as revoluções deram “ao Poder um vigor e uma arrogância novos” e destruíram todos “os obstáculos que se opunham de longa data ao seu desenvolvimento.”<sup>232</sup> De todo, uma revolução é muito mais o que ela *pretende* do que

---

<sup>228</sup> Ibidem, p.65.

<sup>229</sup> Ibidem, p.66.

<sup>230</sup> BERLIN, Isaiah. *Limites da Utopia: Capítulos da História das Ideias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p.24.

<sup>231</sup> FURET, François. *Pensar la Revolución Francesa*. Barcelona: Editorial Petrel, 1980, p.39.

<sup>232</sup> JOUVENEL, Bertrand de. *O Poder: História Natural de seu crescimento*. São Paulo: Peixoto Neto, s/d, p.276.

aquilo que ela é capaz de promover. Nesse sentido, uma revolução é um estado provisório. É uma ação contínua em busca da “solução final.”

Assim, não é pelo fato de que o tipo de transformação que os fascistas tinham em mente ser diferente da de seus oponentes russos que ela não pode ser caracterizada como *ação revolucionária*. A transformação que eles pretendiam poderia ser alcançada por meio da preservação ou a restauração de alguns elementos da cultura nacional que foram corrompidos com o tempo para que a comunidade pudesse se fortalecer. A despeito do fato de parecer *limitada*, não podemos *subestimar* os efeitos dessas pretensões pelo simples fato de que essas ambições seriam perseguidas de forma *obstinada* e impostas de cima para baixo pelo uso da força. Na prática, isso representa uma total submissão do *indivíduo* a um *pretense* interesse coletivo — como um soldado alemão dissera: “As pessoas não valem nada, a pátria representa tudo.”<sup>233</sup> Com o comunismo não foi diferente. Que houve uma ruptura na Revolução Russa, isso não se discute. O que não podemos é *superestimá-la*. Enquanto tolerava ou reformulava algumas instituições, ela substituiu uma elite governante por outra ao mesmo tempo em que potencializou um grau de autoritarismo já existente, tudo isso em nome de um interesse coletivo. Os campos de concentração tinham precedentes na Rússia czarista,<sup>234</sup> e o próprio Stalin fugiu de alguns deles algumas vezes entre os anos de 1902 e 1917. A Igreja Ortodoxa Russa sobreviveu, mas não sem enfrentar a franca hostilidade e as diversas tentativas do regime de miná-la e até de se infiltrar nela. O regime temia que a Igreja fosse usada para encorajar uma oposição política ou para o crescimento do nacionalismo.<sup>235</sup>

A crença, tanto de nazistas quanto de soviéticos, na construção de uma sociedade nova mirando no futuro, era a justificativa para procurar exercer um controle incomum sobre seus cidadãos, uma vez que era necessário indicar-lhes o caminho. E esta é a última questão que queremos colocar aqui — temos de pensar no extremismo e o rastro de destruição e morte que essas ideologias deixaram. E esse aspecto é importante porque boa parte da intelectualidade europeia endossou esse extremismo. Como frisou Soucy, alguns dos aspectos do fascismo, como sua intolerância, a

---

<sup>233</sup> NEITZEL, Sönke; WELZER, Harald. *Soldados: Sobre lutar matar e morrer*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p.287.

<sup>234</sup> APPLEBAUM, Anne. *Gulag: uma história dos campos de prisioneiros soviéticos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009, p. 13.

<sup>235</sup> BOOBYER, Philip. *The Stalin Era*. London: Routledge, 2000, p.174-175.



repressão e a violência eram justificados por intelectuais como Drieu la Rochelle, Robert Brasillach e Louis-Ferdinand Céline como medidas necessárias na luta contra a decadência de sua sociedade.<sup>236</sup> Agora, se sabiam ou se silenciaram sobre alguns de seus aspectos, isso temos de averiguar. O fato é que o que defenderam ideologias que apelaram para a exterminação de grupos inteiros ou de potenciais inimigos — o antissemitismo de Pound ou de Céline era tão virulento quanto o de qualquer líder nazista, e por isso, eles falavam abertamente da morte ou da expulsão dos judeus da Europa; as convicções de Henri Barbusse eram tão sólidas quanto às de Stalin, de quem chegou a ser próximo por um tempo, para que ele defendesse o regime contra todas as evidências da violência perpetrado por ele contra sua população.

De todo, essa questão apareceria e ganharia fôlego somente depois do término do conflito. No entanto, é importante nos atentarmos a isso para vermos até que ponto essas ideologias radicais inibiram a consciência desses intelectuais.

Em seu *Eichmann em Jerusalém*, de 1949, Hannah Arendt explora a capacidade da ideologia nazista de eliminar a consciência do indivíduo e, com isso, abrir as portas para o cometimento das maiores atrocidades.<sup>237</sup> Por mais controverso que seja seu conceito de *banalidade do mal*, ele explica, ou pelo menos ajuda a compreender esse extremismo, que não se restringiu aos nazistas. Fenômeno idêntico pode ser detectado na União Soviética, ao qual Soljenítsin faz referência em seu *Arquipélago Gulag*, que apareceu em 1973.

É interessante observar que tanto Burke, quando disparou contra a violência dos revolucionários franceses do século XVIII — para ele, os revolucionários se comportavam daquela maneira porque não sentiam “as compungidas visitas da natureza” —, quanto Soljenítsin, falando da brutalidade do regime soviético, fazem alusão Shakespeare para falar da capacidade das ideologias de eliminarem a consciência. “As justificações de Macbeth eram débeis e os remorsos roíam-lhe a consciência,” escreveu Soljenítsin. “Se a fantasia e as forças interiores dos malfeitores shakespearianos se limitavam a uma dezena de cadáveres, era porque eles não tinham uma ideologia.”

---

<sup>236</sup> SOUCY, Robert. *French Fascism: The Second Wave: 1933-1939*. New Haven: Yale University Press, 1995, p.280-281.

<sup>237</sup> ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

A ideologia! Ela fornece a desejada justificação para a maldade, para a firmeza necessária e constante do malfeitor. Ela constitui a teoria social que o ajuda, perante a si mesmo e perante os outros, a desculpar os seus atos e a não escutar censuras ou maldições, mais sim elogios e testemunhos de respeito (...).

Graças à ideologia, o século XX teve que suportar as malfeitorias de milhões. Isto não se pode negar, nem esconder, nem deixar em silêncio.<sup>238</sup>

Para Soljenítsin, era isso o que explicava a crueldade que ele viveu e experimentou nos 11 anos que passou no campo de concentração de Kolyma, no norte da Rússia, e o que observou na sociedade soviética até seu exílio forçado na década de 1970.

De todo, a crueldade para com os presos no gulag soviético era desaconselhada pela liderança central. Guardas que se mostravam desnecessariamente severos com presos podiam ser punidos, e muitas vezes o eram. No entanto, ela sempre foi tão frequente quanto rotineira. E na maioria das vezes era simplesmente sádica. Um prisioneiro dos anos cinquenta recorda de um guarda que parecia ter prazer em obrigar os presos a ficarem parados, congelando aos poucos, na neve; e de outro que gostava de surrar detentos sem qualquer motivo aparente. Com maior frequência, a crueldade manifestada pelos guardas não se devia tanto ao sadismo, mas a outros fatores. Como os guardas podiam receber gratificações por atirarem em fugitivos, podemos imaginar no que isso acarretava: os próprios guardas incitavam os presos a fugirem para depois abatê-los. Ou seja, o ambiente, com suas regras e suas limitações, criavam condições propícias para esse sadismo aterrador cometido contra os prisioneiros.

Ao longo da década de 1930, as coisas só pioraram na medida em que o próprio regime tendia a ser implacável com aqueles que eram considerados “inimigos do povo.” De fato, foi aqui que, sob pressões vindas dos altos escalões da hierarquia soviética, qualquer ação podia ser justificada para que proporcionasse resultados, resultados esses que o comando central necessitava para dar continuidade ao regime. Quando essas pressões externas se abateram, até os termos com que os guardas tratavam os prisioneiros se modificou: não eram apenas “inimigos do povo”, agora eram considerados “subumanos”. E não há dúvida de que isso contribuiu enormemente para que os guardas pudessem legitimar seus atos.<sup>239</sup> Como Aleksei Loginov, diretor de

---

<sup>238</sup> SOLJENÍTISIN, Alexander. *Arquipélago Gulag*. São Paulo: Difel, 1976, p. 176.

<sup>239</sup> APPLEBAUM, Anne. *Gulag: uma história dos campos de prisioneiros soviéticos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009, p.322-326.

produção e de campos prisionais de Norilsk, definiu numa entrevista concedida a um documentarista britânico:

Desde o início sabíamos perfeitamente que o mundo exterior nunca deixaria a Revolução Soviética em paz. Não era só Stalin que percebia isso — todo comunista comum, toda pessoa comum, todos nós percebíamos que precisávamos não apenas construir, mas construir sabendo plenamente que logo estaríamos em guerra. Assim, na minha área, a busca por todas as fontes de matéria-prima — cobre, níquel, alumínio, ferro e etc. — era incrivelmente intensa. Sempre tínhamos estado cientes dos enormes recursos de Norilsk — mas como explorá-los no Ártico? Por isso o empreendimento inteiro foi posto nas mãos da NKVD, o Ministério do Interior. Quem mais conseguiria fazer aquilo? Você sabe quantas pessoas tinham ido para a prisão. E lá precisávamos de dezenas de milhares...<sup>240</sup>

Aqui vemos muito claramente a ação das elites revolucionárias, que no curso de garantir a realização de seus propósitos simplesmente se dispõem da vida de milhares de pessoas para se concretizar seus planos políticos. No nazismo isso ficou mais evidente devido ao racismo que professava.

A mera aquiescência não seria suficiente para uniformizar as enormes dificuldades de uma operação que logo abarcaria a totalidade da Europa ocupada ou aliada, [e] nem para acalmar a consciência dos operadores que, afinal de contas, tinham sido criados com o mandamento “Não matarás” e conheciam o versículo da Bíblia “Mataste e herdaste”, tão adequadamente citado no julgamento da Corte Distrital de Jerusalém. Aquilo que Eichmann chamou de “turbilhão de morte”, que se abateu sobre a Alemanha depois das imensas perdas de Stalingrado — os bombardeios incessantes de cidades alemãs, desculpa usual de Eichmann para o morticínio de civis, e ainda em curso na Alemanha — [vinham] tornando corriqueiras a visão de coisas diferentes das atrocidades relatadas em Jerusalém, mas não menos horríveis, pode bem ter contribuído para abater, ou melhor, extinguir a consciência, se é que sobrava ainda alguma consciência quando isso aconteceu; contudo, não era isso o que a evidência empírica indicava. A máquina de extermínio havia sido planejada e aperfeiçoada em todos os detalhes muito antes do horror da guerra atingir a própria Alemanha [isto é, entre 1944-1945], e sua intrincada burocracia funcionou com a mesma impassível precisão tanto nos anos de vitória fácil como naqueles de derrota previsível.<sup>241</sup>

Diante disso, podemos estar pensando no papel dessas ideologias para explicar esse lapso de consciência da própria intelectualidade. A despeito das dificuldades de compreendermos e medirmos o alcance que a ideologia nazista teria tido, não podemos negá-lo: para a intelectualidade, e principalmente para os altos escalões dos regimes nazista e soviético, a ideologia justificava o uso desmedido da força e a arbitrariedade desses regimes, o que fazia com que ela acabasse servindo como uma espécie de

---

<sup>240</sup> Ibidem, p.325.

<sup>241</sup> ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém*. São Paulo: Companhia das Letras: 2013, p.132.

biombo para esconder uma realidade incômoda. E esse foi um comportamento-padrão — por conta da ideologia que defendia simplesmente não se admitia certas coisas. Era o caso de Ezra Pound que, enquanto os nazistas preparavam a Solução Final, dizia que “o Eixo significa justiça, [uma justiça] estabelecida e sustentada por uma força honesta, que aberta e declaradamente [vinha] trabalhando em defesa daquilo que é justo”<sup>242</sup>; ou o de Sartre que quando do seu retorno à França disse que os soviéticos não viajavam para o exterior porque não queriam deixar seu país,<sup>243</sup> tudo isso para não ter que dizer que ali não havia liberdades.

Mas isso não decorre apenas do fato de esses intelectuais e escritores terem agido dessa ou daquela maneira porque lhes convinha ou porque tinham firmado compromissos consigo mesmos e com um regime. O problema aqui, como muitos críticos contemporâneos apontaram, não era propriamente humano, mas a natureza dessas ideologias que determinavam a ação desses regimes. Essas *ideologias radicais* não conhecem limites, e com frequência defendiam ideias e métodos que se contradiziam — o regime soviético perseguia a igualdade e a liberdade enquanto faziam o uso desmedido da força e agia de modo arbitrário. Isso culminou em mortes, exílios forçados e campos de concentração. No caso do nazismo, o fato de serem obcecados com a ideia de uma comunidade racial pura se contradizia com os próprios objetivos de fazer com que a Alemanha se tornasse autossuficiente ao incorporar territórios que ocupados justamente por populações consideradas inferiores.

Para além dos próprios anseios revolucionários, eram essas questões que inquietavam e que serviram de base para os críticos liberais e conservadores. A crítica desferida por essa ala da intelectualidade europeia se centrava justamente nesses pontos: a inconsistência dessas ideias, a prepotência de seus defensores e os efeitos dessas ideologias radicais sobre a consciência humana. Há de se destacar que a crítica desferida ainda no século XVIII por Edmund Burke à Revolução Francesa, que fazia referência ao caráter prepotente e irrealista dos revolucionários que julgavam saber *exatamente* o que deveria ser feito e como, foi retomada nessa época por alguns intelectuais como T.S.Eliot. “Com eles [os revolucionários], é ou uma guerra ou uma revolução ou é nada”, escreveu Burke. “Achando seus esquemas políticos não adaptados à condição do mundo em que vivem, muitas vezes passam a não fazer caso de nenhum princípio

---

<sup>242</sup> FELDMAN, Matthew. *Ezra Pound's Fascist Propaganda: 1935-1940*. London: Palgrave MacMillan, 2013, p. 135.

<sup>243</sup> JOHNSON, Paul. *Intelectuais*. Lisboa: Guerra & Paz, 2008, p.320.

público.”<sup>244</sup> De fato, “o pior dessas políticas de revolução é isto: elas temperam e endurecem o coração, a fim de prepara-lo para os golpes desesperados que às vezes são usados em ocasiões extremas.” E acrescenta:

Mas, como essas ocasiões talvez nunca se apresentem, a mente recebe uma mancha gratuita; e os sentimentos morais sofrem bastante, quando nenhum propósito político é servido pela depravação. Esse tipo de gente é tão tomado por suas teorias sobre direitos do homem, que esquece totalmente sua natureza. Sem abrir um novo caminho para o entendimento, conseguiram bloquear os que levam ao coração. Eles perverteram-se em si mesmos, e naqueles que os acompanham, todas as bem-colocadas afinidades do coração humano.<sup>245</sup>

Passado alguns séculos, o sentimento de repulsa de Burke pelos métodos e pela própria prepotência dos revolucionários franceses se manifestaria novamente em alguns intelectuais europeus do período abordado, que, a despeito de compartilharem o mesmo desalento que aqueles que aderiram a essas ideologias, não sentiram a necessidade de uma ruptura brusca. Como escreveu T.S.Eliot, em suas *Notas para a definição de Cultura*:

Não podemos dizer: “Devo transformar-me em uma pessoa completamente diferente”; podemos dizer apenas: “vou abandonar este mau hábito e tentar adquirir aquele bom.” Do mesmo modo, a respeito da sociedade somente podemos dizer: “Devemos tentar aperfeiçoá-la quanto a este ou àquele aspecto em particular, em que o excesso e a ausência é evidente; devemos tentar incluir simultaneamente em nossa visão tantas coisas, de maneira que possamos evitar estragar alguma outra conforme consertamos algo.”<sup>246</sup>

O que Eliot está dizendo Burke já havia dito no século XVIII — que é a ideia de que a sociedade, como frisou E.J.Payne na introdução de *Reflexões sobre a Revolução na França* de Burke, embora um sistema cambiável e destrutível, não é como uma máquina que permite, quando se quiser, ser desmontada em peças, para regulá-la, e então reconstruí-la.<sup>247</sup> De todo, o impulso revolucionário, a ânsia por criar uma nova sociedade, como muitos autores conservadores observaram, gera uma situação limite, uma situação na qual o presente é pisoteado e o passado desprezado em favor de um

<sup>244</sup> BURKE, Edmund. *Reflexões sobre a Revolução na França*. Rio de Janeiro: TopBooks, 2012, p.227.

<sup>245</sup> Ibidem, p.229.

<sup>246</sup> ELIOT, T.S. *Notas para a definição de cultura*. São Paulo: É Realizações, 2011, p. 21.

<sup>247</sup> PAYNE, E.J. Introdução In: BURKE, Edmund. *Reflexões sobre a Revolução na França*. Rio de Janeiro: TopBooks, 2012, p.87.

futuro hipotético que, no fundo, nunca se concretiza, dada a dinâmica e o concurso das ações desencadeadas por essa empreitada. E essas críticas, a daqueles que não seguiram os impulsos revolucionários de fascistas e soviéticos, foram contundentes, voltando a revelar, como Burke fizera anteriormente, a fragilidade desses propósitos. E a plêiade aqui era formada por homens como Isaiah Berlin, T.S.Eliot, Irving Babbitt, G.K.Chesterton, Evelyn Waugh além do próprio Forster que, embora não seguindo os argumentos dos conservadores de forma consciente, acabou fazendo inconscientemente. Como escreveu Eliot, em 1936: “Os únicos reacionários, hoje, são aqueles que objetam a ditadura das finanças e à ditadura da burocracia qualquer que seja o nome político que os reúna.”<sup>248</sup>

Assim, fora o extremismo perpetrado pelas duas ideologias que se digladiaram durante a Segunda Guerra Mundial, o que vemos no debate travado pela intelectualidade no entreguerras é uma repetição, ou o resgate de velhos argumentos — à direita e à esquerda, com suas perspectivas diversas, entre os revolucionários, recorrendo a Rousseau ou a Marx, e os conservadores e liberais resgatando os argumentos de Burke, Locke ou Tocqueville. E é isso o que queríamos deixar claro antes de prosseguirmos com nossa discussão. O embate aqui se deu, basicamente, mas não exclusivamente, entre as ideias *revolucionárias* e *antirrevolucionárias*, sendo que no campo revolucionário, havia dois grupos disputando entre si. Dito de outra forma, entre ideias de esquerda e direita, com dois grupos, democratas e anti-democratas, disputando igualmente entre si.

O que fica claro é que havia eixos distintos em disputa, ainda que se intercruzassem. E mais do que qualquer outra coisa, é isso que o ajuda a explicar o posicionamento de E.M.Forster. Numa situação extremada de um embate ideológico ferrenho como o que havia no entreguerras, os moderados não são ouvidos; são eclipsados e, muitas vezes, tendem a acabar se juntando a um dos grupos que disputam entre si, reforçando um dos lados. Foi isso o que se observou nesse contexto.

Entre o comunismo e o fascismo, um conservador como T.S.Eliot, disse que preferiria o fascismo, portanto, poderíamos estar pensando que, numa situação limite, em que a democracia tenha sido derrotada, ele engrossaria as fileiras daqueles que apoiariam o fascismo contra o comunismo, por mais que abominasse aquelas ideias. Um socialista como George Orwell, ou um trabalhista como Leonard Woolf, por serem

---

<sup>248</sup> KIRK, Russell. *A Era de T.S.Eliot*. São Paulo: É Realizações, 2011, p.417.

antistalinistas, não apoiavam as forças revolucionárias; eles estiveram ao lado das forças *antirrevolucionárias*, já que rejeitavam qualquer forma de autoritarismo. Orwell até tinha algumas ideias um pouco mais extremadas — como a de que um dia ele veria a Guarda Interna assaltando o Ritz, que Cyrill Connolly, que também era de esquerda, achava simplesmente absurda<sup>249</sup> — mas nem por isso deixou de denunciar o que os comunistas espanhóis fizeram com os anarquistas durante a Guerra Civil. De todo, nessa conjuntura, sujeitos como o Orwell fariam pouca diferença se estivessem sozinhos. Não que fosse imperativo, mas de uma maneira e outra, tinha-se ou acabava-se por escolher entre um lado e outro, entre os *revolucionários* e os *antirrevolucionários*.

Como o núcleo da discussão e do debate travado no entreguerra que vamos frisar é esse, não fazia sentido discutir as disposições e as inclinações políticas de E.M.Forster, Pound, Drieu, Barbusse, Aragon, Eliot ou Berlin, sem que antes trouxéssemos à luz esses apontamentos que fizemos até aqui. Sem que tenhamos em mente a profundidade das ideias revolucionárias de nazistas e soviéticos e da perspectiva dos conservadores e liberais com relação a essas ideias, assim como da esquerda moderada, a discussão perderia densidade e se tornaria superficial. Ela não se sustentaria.

---

<sup>249</sup> LEBEDOFF, David. *O mesmo homem: Evelyn Waugh e George Orwell*. Rio de Janeiro: Difel, 2011, p.139.

PARTE II  
NA ENCRUZILHADA



**CAPÍTULO IV**  
**A ERA DA REVOLUÇÃO FASCISTA**

## O “FABIO-FASCISMO”: O FASCISMO NA INGLATERRA

De todo, o regime de Mussolini não despertou atenção ou interesse na Inglaterra ao longo da década de 1920. Não se via e nem se procurava motivo para se preocupar com ele e seu regime, afinal, o homem havia instaurado a ordem e colocado o país nos trilhos — e isso foi expresso por muitas pessoas à época. George Macaulay Trevelyan, o principal historiador britânico da Itália e irmão mais novo de Robert Trevelyan (1872-1951), amigo de E.M.Forster, reconheceu numa conferência pronunciada em 1923, um ano depois de Mussolini ter se tornado Primeiro-Ministro, que ele era “um grande homem”, e que esperava que ele não destruísse as instituições democráticas, proporcionando ao seu país “ordem e disciplina.” Winston Churchill se encontrou com ele em 1928 e declarou-se “encantado”, acrescentando que se fosse italiano, estaria com Mussolini desde o início. Evidentemente nem Churchill e nem Trevelyan eram simpatizantes do fascismo, mas estavam inclinados, ainda que tenha sido por pouco tempo, a aceitar o avanço do fascismo e a ascensão de Mussolini e encaravam isso como sendo algo “inevitável.”<sup>250</sup>

Assim, se nos meios diplomáticos e na imprensa o regime de Mussolini era bem visto, ou encarado como um fenômeno exclusivamente italiano, não chega a espantar o fato de não existirem menções a ele ou a seu regime nas cartas publicadas e nos diários de E.M.Forster em seus primeiros anos. Quando da ascensão de Mussolini em outubro de 1922, E.M.Forster ainda estava mergulhado em luto por conta da morte de seu companheiro Mohammed el Adl, ocorrida em maio daquele ano. Portanto, é possível que ele não tenha prestado atenção a isso. Em agosto ele ainda estava visivelmente perturbado: “Meu rapaz, estou oprimindo sua causa (...). Eu não quero você vivo, mas quero saber exatamente como você era — e não posso fazê-lo — nada irá trazê-lo de volta para mim. Tenho suas cartas e quatro fotografias.”<sup>251</sup> Meses depois, em dezembro, ele escreveu: “Na última noite ele estava em meu sonho. Passei por um jovem na escuridão e uma luz evidenciou o bigode. Ele era e não era o Mohammed — não era ele por fora, mas era ele na intensidade da qualidade da emoção que causou em meu

<sup>250</sup> SASSOON, Donald. *Mussolini e a ascensão do fascismo*. Rio de Janeiro: Agir, 2009, p.153.

<sup>251</sup> My boy I am oppressed with you (...). I don't want you alive but to know exactly what you were like — this I can't do — nothing extra will turn up to help me. I've your letters and four photographs. FORSTER, Edward Morgan. GARDNER, Philip (org.) *The Journals and Diaries of E.M.Forster*. Vol.II. New York: Ashgate, 2011, p.68.

coração.”<sup>252</sup> Nessa época, embora já tivesse iniciado sua atuação na imprensa, ele não fez qualquer comentário sobre a *Marcha sobre Roma*. E não fez por um motivo muito simples: ele ainda não estava muito preocupado com política para se debruçar sobre o que estava acontecendo na Itália. Não fez na imprensa, não fez nos diários. Quanto às cartas, ele até pode ter feito algum comentário, mas as cartas publicadas do ano de 1922 se referem ao período que vai de janeiro a julho, portanto, se ele comentou o ocorrido a alguém através de uma, não estamos em condições de verificar. Talvez tenha feito, mas o mais provável é que não.

E isso é interessante porque E.M.Forster, talvez pela influência de seu professor Edward Dent, venerava a Itália — seus primeiros romances, *Where Angels Fear to Tread* e *A Room with a View* se passam ali. Em 1901 ele fez sua primeira viagem tendo permanecido ali durante cerca de 10 meses. Nas cartas a Dent dessa época ele fala dos avanços de seu italiano, do qual se tornaria fluente ao longo do tempo. Ele faria outra viagem logo após a publicação e o sucesso de *Howards End*, e em meados de 1911, quando de sua volta, ele escreveu sobre sua estadia ali à mulher de seu amigo indiano, Malcolm Darling: “Tive uma passagem gloriosa pela Itália (...). Estive nos Lagos o tempo todo, exceto na excursão em Milão e Bergamo (...). Vivi um sonho até que, de súbito, me senti de novo na Inglaterra, na estação Basle.” E acrescenta: “Voltei descontente para Albion [antigo nome da Inglaterra], e ainda [penso] na beleza das formas das colinas italianas.”<sup>253</sup>

Seu diário, pelo menos no começo da vida adulta, está entrecortado de trechos escritos em italiano, o que mostram o quanto a língua podia estar presente, ou do apreço que tinha por ela — em seu diário, em 1904, podemos ver algumas inserções: em 12 de julho ele escreveu: “But I fear *che penso e parlo troppo di me stesso, e faccio poco guadagno agli altri*” Em dezembro podemos ler: “*Qui stanno poco contente la mamma e la nona. Niente si fa senza gran rumore.*”<sup>254</sup>

---

<sup>252</sup> Last night he was my dream. I passed young man in black with a slight but well defined moustache. He was and was not Mohamed — not he outwardly but he in intensity the quality of the emotion he caused in my heart. Ibidem, p.68.

<sup>253</sup> I had a glorious time in Italy (...). I was in the Lakes all the time, except for excursions to Milan and Bergamo (...). Lived in a dream till I fell suddenly into England on Basle Station (...). I returned a little discontented to Albion, and still long for the beautiful forms of the Italian hills. FURBANK, P.N.; LAGO, Mary. (ed.) *Selected Letters of E.M.Forster: 1879-1920*. Cambridge: Belknap Press and Harvard University, 1983, p.125.

<sup>254</sup> FORSTER, Edward Morgan. GARDNER, Philip (org.) *The Journals and Diaries of E.M.Forster*. Vol. II. New York: Ashgate, 2011, p 126 e 129.

Mas a despeito desses vínculos serem fortes, ele ignorou o que se passava na Itália ao longo de toda a década de vinte. E existem motivos para isso. Primeiro porque o fascismo, naquele momento, foi visto como sendo um fenômeno exclusivamente italiano. Não se imaginava que ele pudesse ser exportado para outros países e, portanto, não tinha porque se preocupar com ele. Na verdade, como frisou Bertonha, a maioria dos simpatizantes do fascismo no exterior não tinha filiação ideológica direta com ele e não se pensava que pudesse ser reproduzido integralmente fora da Itália. No entanto, essa percepção iria a mudar na segunda metade da década de vinte e no começo da de trinta quando o esgotamento das opções políticas mais antigas, ou tradicionais, que à época pareciam simplesmente incapazes de dar uma resposta satisfatória a todos os problemas do pós-guerra, se fizeram sentir. Diante desse novo cenário, algumas de seus pressupostos como o combate à esquerda e a ideia da restauração espiritual da nação, deixaram implícita a noção de sua “universalidade,” ou pelo menos de seu potencial a candidato universal para resolver os problemas prementes.<sup>255</sup>

Se a princípio o fascismo foi visto como um fenômeno eminentemente italiano, e por isso não mereceu grande destaque ou atenção, os dois primeiros anos de governo de Mussolini reforçaram essa visão, ou pelo menos não deram motivos para grande alarde com relação a ele. De todo, a escalada rumo a uma ditadura de partido único se deu depois da crise de 1924, e não antes. O período de “normalidade” desses dois primeiros anos de seu regime chegou ao fim com o assassinato do secretário do Partido Socialista, Giacomo Matteotti, em junho daquele ano. Depois de denunciar no Parlamento as ilegalidades cometidas pelos fascistas nas eleições, Matteotti foi capturado em Roma e jogado dentro de um carro. Seu corpo foi encontrado semanas depois, perto de Riano, a cerca de 20 km de Roma. Na medida em que as investigações prosseguiram, ficou claro que pessoas ligadas a Mussolini estavam envolvidas no ocorrido, o que o colocava em uma situação delicada. A indignação causada pela morte de Matteotti criou uma crise política que deu ao rei e aos demais líderes conservadores a oportunidade de se livrarem de Mussolini numa época em que ele não tinha criado o aparato que veio ter depois e que o ajudou a se sustentar no poder. No entanto, como da outra vez, eles não quiseram

---

<sup>255</sup> BERTONHA, João Fábio. *Sobre a Direita: Estudos sobre o fascismo, nazismo e integralismo*. Maringá: Eduem: 2000, p. 87-88.

se indispor com Mussolini. Não queria aumentar a crise ou abrir espaço para que a esquerda chegasse ao poder.<sup>256</sup>

Em meio ao impasse que se abriu naqueles meses, trinta e três cônsules da Milícia Fascista confrontaram Mussolini: ou ele liquidava a oposição, ou eles o fariam sem ele. Ciente da hesitação de seus adversários e temendo perder o controle sobre seu partido, Mussolini decidiu agir. Num agressivo discurso proferido em janeiro de 1925, prometeu agir de forma vigorosa. E assim, nos dois anos que se sucederam o Parlamento, dominado pelos fascistas, aprovou uma série de leis que fortaleciam a administração central, submetiam a imprensa e o rádio a censura, restituíam a pena de morte e dissolviam todos os partidos, exceto o de Mussolini. Em meados de 1927, a Itália havia se transformado numa ditadura de partido único.<sup>257</sup> O regime ainda passaria por muitas transformações, especialmente ao final da década de 1930, quando as leis antissemitas começaram a vigorar, mas por volta dessa época ele começava a ganhar contornos mais nítidos.<sup>258</sup>

A despeito disso tudo, para E.M.Forster o que parece ter sido decisivo naqueles anos entre 1924 e 1929, foram os assuntos domésticos. Naqueles anos a partir da segunda metade da década de vinte, seu medo não era a escalada de um regime autoritário em um país no sul do Continente, mas a escalada autoritária na própria Inglaterra. Quando, em fins de 1924, o Primeiro-Ministro Stanley Baldwin nomeou Sir William Joynson-Hicks (1865-1932), Visconde de Brentford, Ministro do Interior [*Home Office*], uma nova onda de restrições, semelhantes às da época da guerra, teve início. Ao longo da década de vinte, o *Home Office*, pelas mãos de Joynson-Hicks, acabou desempenhando um controle incomum e exercendo pressão sobre diversos setores da sociedade inglesa. Foi uma época marcada por um censura moral que afetou principalmente a literatura, em especial, a geração de poetas e escritores que despontariam na década de 1930. Como escreveu Stephen Spender (1909-1995) na introdução de seu livro, *The Temple*: “No final dos anos 20 jovens escritores [ingleses] preocupavam-se mais com censura do que com política. (...) A censura, mais do que

---

<sup>256</sup> Ibidem, p.184-185.

<sup>257</sup> Ibidem, p.184-185.

<sup>258</sup> BLINKHORN, Martin. *Fascism and Right in Europe: 1919-1945*. Edinburgh: Pearson, 2000, p.65-71.

qualquer outra coisa, criou no espírito de jovens escritores uma imagem de que seu país era algo de que se devia manter a distância.”<sup>259</sup>

E isso suscitou uma reação de sua parte, que em vez de prestar atenção na escalada de Mussolini, se centrou no avanço da censura em seu país. Na verdade, tudo o que veio a fazer ao longo da década de trinta, sua atuação na imprensa e na B.B.C. se deve, e dependeu de tudo aquilo que fez depois da publicação de *A Passage to India*, em especial, suas atitudes contra a ação inquisidora de Joynson-Hicks. E o caso de *The Well of Loneliness* [O poço de solidão] de Radclyffe Hall foi decisivo, como frisou seu biógrafo P.N.Furbank.<sup>260</sup>

Quando esse romance lésbico de Radclyffe Hall foi publicado em julho de 1928, ele suscitou uma reação quase imediata do *Home Office*, que censurou o e o tirou de circulação. E quando isso aconteceu, o mesmo Forster que mantinha seu romance *gay* na gaveta, *Maurice*, viu essa como sendo uma oportunidade para agir. Com a ajuda de seu amigo Leonard Woolf, escreveu uma carta de protesto e persuadiu outros escritores e intelectuais, como Lytton Strachey, Arnold Bennett, T.S.Eliot e Vera Brittain, para assiná-la. Todos pareciam concordar que essa era uma causa justa, e por isso assinaram. O que eles não previram eram as dificuldades que a própria autora acabaria criando para essa iniciativa. Ela não se importava com o aspecto legal, com o fato de o romance ter sido censurado. O que ela queria, e o que acabou irritando E.M.Forster, era que a crítica aclamasse o romance. Como registrou Virginia Woolf em seu diário: “O Morgan foi falar com ela, [e] ela pôs-se aos gritos, parecia uma gaivota a apanhar arenques, doida de vaidade e egoísmo. Que só os deixava queixarem-se da lei se eles dissessem que o livro era bom.”<sup>261</sup>

Diante disso, Arnold Bennett foi-lhe inteiramente sincero ao dizer para esquecer o assunto: “Você se comportou de uma maneira nobre, e ela vai perceber isso quando for tarde demais, quando estiver mais calma.”<sup>262</sup> Mas uma vez tendo começado, ele se viu obrigado a seguir em frente. Em setembro ele publicou um artigo intitulado *New*

---

<sup>259</sup> SPENDER, Stephen. *The Temple*. London: Faber and Faber, 1988, p.x.

<sup>260</sup> FURBANK, P.N. *E.M.Forster: a life*. Vol. II. New York: A Harvest Book & Harcourt Brace & Company, 2010, p. 152-156.

<sup>261</sup> WOOLF, Virginia. *Diário: 1915-1926*. Lisboa: Bertrand, 1985, p.50.

<sup>262</sup> FURBANK, P.N. *E.M.Forster: a life*. Vol. II. New York: A Harvest Book & Harcourt Brace & Company, 2010, p. 154.

*Censorship* [Nova Censura], e posteriormente um outro, esse assinado também por Virginia Woolf, no qual a crítica a Joynson-Hicks foi mais incisiva:

O assunto abordado no romance [a homossexualidade] existe como um entre os muitos fatos da vida. Ele é reconhecido pela ciência e pela história. Ele comporta, é claro, uma pequena parte da soma total das emoções humanas, fazendo parte da vida de poucos, e isso tem sido ignorado e repellido pela maioria; no entanto, isso existe, e os escritores na Inglaterra têm sido proibidos de fazer menções a isso por Sir W. Joynson-Hicks. Talvez se possa mencionar isso acidentalmente? Embora seja proibido como tema principal, pode-se fazer alusão ou atribuir isso a personagens secundários? Talvez o Ministério do Interior venha a emitir novas diretivas com relação a esse tema. [Aliás] esse seria o único tabu, ou haverão outros? Que outros assuntos conhecidos podem ser mais ou menos impopulares no Whitehall, tais como controle de natalidade, suicídio, pacifismo? Podemos mencioná-los? Esperamos por novas instruções.<sup>263</sup>

De todo, seu esforço foi em vão aqui, já que o livro seguiu sendo censurado, do mesmo modo que *Lady Chatterley*, de D.H.Lawrence — que só seria publicado novamente na década de 1960, após um novo julgamento em que o próprio Forster compareceria. Mas se por um lado foi em vão, por outro não o foi. Esse incidente lhe deu um direcionamento, como frisou Furbank.<sup>264</sup> Com ele, E.M.Forster iniciou seus esforços em defesa das liberdades individuais em uma época que elas simplesmente pareciam ameaçadas por todos os lados. Embora o fascismo ainda não fosse uma ameaça séria, o autoritarismo o era — e a Inglaterra parecia estar cedendo a ele. Havia inúmeros regimes autoritários espalhados por toda a Europa nessa época — Portugal, Espanha, Polônia, Albânia. Em poucos anos eles se multiplicariam — Iugoslávia, Bulgária, Letônia, Estônia, Grécia. Muitos deles começariam a adotar e a copiar práticas fascistas, já que, no começo da década de 1930, o regime de Mussolini estava totalmente consolidado.

Quando comparado com o que se viu entre os anos de 1928 e 1934, realmente podemos dar razão a sua própria falta de interesse por assuntos de política externa nesse momento. Não que não houvesse problemas. Havia. Mas eles não eram e não tinham a dimensão dos que surgiram no começo da década de 1930 e que suscitaram uma reação mais enérgica de sua parte.

O cenário desolador que estaria por detrás e que estimularia sua atuação na imprensa e na B.B.C. ainda estava sendo montado. Em poucos anos ele assistiria

---

<sup>263</sup> FURBANK, P.N. *E.M.Forster: a life*. Vol. II. New York: A Harvest Book & Harcourt Brace & Company, 2010, p. 154.

<sup>264</sup> *Ibidem*, p.155

Mosley fundar o maior Partido Fascista da Inglaterra, a ascensão de Hitler, a *Noite dos Longos Punhais*, os protestos de 6 de fevereiro na França, o incidente em Olympia, o assassinato de Dollfuss. Todos esses acontecimentos entre 1928 e 1934 mudaram a cena internacional e fizeram com que sua atenção se deslocasse da esfera doméstica para aquilo que acontecia no Continente. Como veremos mais adiante, embora pudesse eventualmente se mostrar apreensivo com alguns acontecimentos internos, como a violência promovida pelos fascistas, sua verdadeira preocupação se centrava naquilo que acontecia do outro lado da Mancha. E para compreender esse movimento, precisamos nos ater ao surgimento e o fracasso do fascismo na Inglaterra.

Como frisou Linehan, do mesmo modo como a maioria dos partidos fascistas do entreguerras, a BUF surgiu na esteira de uma crise doméstica entre os anos de 1929-1931.<sup>265</sup> O movimento de Sir Oswald Mosley foi o único a conseguir alguma consistência em solo britânico, mas não foi o único que brotou ali. Como observou Linehan, os primeiros elementos que fariam parte do arcabouço das ideias do fascismo britânico, como em outros países, foram moldadas no período anterior à guerra. Assim, os primeiros anos após o fim do conflito, em especial os anos entre 1918-1922, foram cruciais para a emergência de um fascismo com características muito particulares e genuinamente britânico. Nesse período, a Grã-Bretanha se viu tendo de enfrentar uma série de problemas de ordem política e social que tornou propício o fortalecimento de ideias que seriam defendidas tanto pela direita radical como pelos primeiros grupos profascistas e, posteriormente, pelos próprios fascistas.<sup>266</sup>

Eles não eram os únicos a se mostrarem preocupados, mas como observou Linehan, no pós-guerra, muitos dentro do espectro político da direita acreditavam que a ordem vigente estava se desintegrando sob o impacto dos problemas internos e externos. Os sinais de desintegração começaram a ser observados em 1917, tendo se arrastado até meados de 1922, quando começou a haver sinais de recuperação. E esses sinais apareceram tanto no Império quanto na própria Inglaterra.<sup>267</sup>

A derrota alemã e as aquisições feitas em Versalhes não lhe conferiram e não garantiam a segurança das possessões britânicas. A ideia de autodeterminação dos povos de Wilson pairava sobre algumas colônias e representava uma verdadeira ameaça

---

<sup>265</sup> LINEHAN, Thomas. *British Fascism, 1918-39: Parties, Ideology and Culture*. Manchester: Manchester University Press, 2006, p.96.

<sup>266</sup> *Ibidem*, p.38.

<sup>267</sup> *Ibidem*, p.38-39.



para a unidade do Império. De todo, ela acabou encorajando movimentos nacionalistas, que logo atingiram vários pontos do Império Britânico quase que ao mesmo tempo, suscitando reações de vários setores da sociedade e do alto escalão do governo, preocupados com o que poderia acontecer. Revoltas e pedidos de independência despontaram da Irlanda e chegando à Índia, passando pelo Egito — E.M.Forster, num movimento contrário aos esforços do governo britânico para manter a unidade do Império, publicaria, em 1924, seu *A Passage to India*, que seria o primeiro romance sério a criticar a colonização britânica no subcontinente.

No âmbito doméstico os distúrbios eram visíveis. Os 750 mil mortos e outros 1,6 milhão permanentemente debilitados por ferimentos e efeitos de gases tóxicos utilizados em batalha haviam traumatizado o país. A guerra havia afetado seriamente a economia britânica, e diminuído seus mercados para exportação. Ela prejudicou o sistema cambial e monetário internacional e reduziu o valor real das moedas dos países beligerantes, precipitando uma espiral inflacionária, da qual a Grã-Bretanha não ficou imune. Embora sua situação não chegue nem perto do drama da hiperinflação vivido pelos alemães ao longo da década de 1920,<sup>268</sup> eles foram suficientemente rigorosos ali. Só em 1920 os preços subiram três vezes mais do que os níveis pré-guerra.<sup>269</sup>

O avanço eleitoral dos trabalhistas entre 1918 e 1922 também era preocupante. Era um partido novo, fundado em 1900 e que, a despeito de seu discurso moderado, da sua renúncia dos métodos revolucionários, flertava com a União Soviética e por isso mesmo suscitava desconfianças. No entanto isso não o impediu de obter avanços dentro do cenário eleitoral britânico, e de chegar ao poder em 1924. A própria eleição de dezembro de 1918 deu ao Partido Trabalhista 22 % dos votos, o que lhes garantiu 57 assentos no Parlamento — quando comparado com os pouco mais de 370 mil votos que obteve na eleição de 1910, vemos o quanto os trabalhistas cresceram em tão pouco tempo e o que o seu avanço significava para dentro do cenário político britânico.<sup>270</sup>

Além disso, a crescente erosão do respeito pela ordem e por valores como autoridade, patriotismo e até mesmo noções abstratas como honra e glória foram seriamente afetados pelo impacto da guerra.<sup>271</sup> E poetas como Siegfried Sasson (1886-

---

<sup>268</sup> EVANS, Richard. *A Chegada do Terceiro Reich*. São Paulo: Editora Planeta, 2010.

<sup>269</sup> LINEHAN, Thomas. *British Fascism, 1918-39: Parties, Ideology and Culture*. Manchester: Manchester University Press, 2006, p. 40.

<sup>270</sup> *Ibidem*, p.41.

1967), amigo de E.M.Forster, Robert Graves (1895-1985) e Wilfred Owen (1893-1918), que apareceram nos primeiros anos após o fim do conflito, iriam contribuir para isso. Com Owen e seu poema *Dulce et decorum est* [Doce e honroso é], a tradicional celebração do heroísmo militar foi seriamente afetada — “Amigo, você não deve dizer com tanto entusiasmo/ aos meninos que estão ansiosos por uma gloria desesperada/ a velha Mentira: Dulce et Decorum est Pro Patria mori [Doce e honroso é morrer pela pátria ].” Como frisou Hynes, com esses poetas, uma nova retórica e uma nova linguagem surgiu para expressar e expor a fragilidade dessa noção de heroísmo de guerra.<sup>272</sup> E eles obtiveram sucesso nisso dado o próprio impacto psicológico da guerra. Uma guerra que, como frisou Charles Mee, cujo avô perdeu dez irmãos no conflito, havia desacreditado “muito da retórica do orgulho nacional, honra e sacrifício, assim como da fé nas noções de razão, progresso e humanismo.”<sup>273</sup>

Todos esses elementos, o impacto da guerra, os distúrbios econômicos, a questão da segurança do Império, o comunismo, o avanço do Partido Trabalhista, geraram preocupações que frequentemente seriam absorvidas por uma série de organizações que foram surgindo durante a guerra e nos primeiros anos da década de 1920 antes de serem adotadas pelos partidos e grupos fascistas propriamente ditos. A *British Commonwealth Union* [União da Comunidade Britânica] (BCU), foi uma dessas organizações anti-trabalhistas que surgiram na esteira do conflito, ainda em 1917. Seu diretor, Patrick Hannon, foi a ligação entre o social-imperialismo do pré-guerra e o fascismo da década de 1920. Hannon viria a se tornar um membro da *British Fascisti*, um dos primeiros partidos fascistas da Inglaterra.<sup>274</sup> Ele também chegou a atuar em outra organização anticomunista do pós-guerra, a *Comrade of Great War* [Camaradas da Grande Guerra], um grupo formado por ex-combatentes que recebeu apoio financeiro de industriais britânicos e empresários por conta de seu apelo patriótico,<sup>275</sup> e que não era muito diferente de algumas organizações que surgiram na Alemanha na mesma época.

---

<sup>271</sup> Ibidem, p.42.

<sup>272</sup> HYNES, Samuel. *The Auden Generation: Literature and Politics in England in the 1930s*. London: The Bodley Head, 1976, p. 24-34.

<sup>273</sup> MEE, Charles. *The End of Order: Versailles, 1919*. New York: E.P. Dutton, 1980, p.xviii.

<sup>274</sup> Ibidem, p.43.

<sup>275</sup> Ibidem, p.43-44.

Outra organização anticomunista e patriótica dessa época foi a *British Empire Union* [União Britânica do Império] (BEU), que buscava a erradicação do descontentamento dos trabalhadores contra os empregadores através de medidas como participação nos lucros e uma economia de alto salário baseado no modelo de capitalismo dos Estados Unidos. Defendendo o Império e com forte apelo protecionista, a BEU defendia aumentar os laços dos domínios através de um acordo de comércio preferencial. De todo, o programa da BEU certamente antecipou alguns elementos e ideias da propaganda da *British Fascisti*, e até mesmo da *British Union of Fascist*, de Mosley.<sup>276</sup>

A *Anti-Socialist Union* [União Anti-Socialista] (ASU, na sigla em inglês), lançou sua cruzada anti-trabalhista ainda em 1908, e foi muito ativa depois de 1918. No pós-guerra a ASU compartilhou muitas das ideias com outros Grupos anti-trabalhistas, incluindo o anticomunismo e a promoção esquemas para fazer com que os trabalhadores se distanciassem do socialismo visando uma reforma social moderada e participação nos lucros. Alguns dos principais ativistas ASU também acabaram se tornando o elo entre ela e o fascismo britânico da década de 1930. Ralph Blumenfeld, o editor do *Daily Express*, membro executivo da ASU, acabou se associando a BUF, de Mosley.

Como se vê, essa profusão de organizações revelam o estado apreensivo que alguns setores da sociedade inglesa atravessavam. E a nova estirpe de antissemitismo político que surgiu nessa época, e que viria a se manifestar em algumas organizações no pós-guerra como a *National Citizen's Union* [União Nacional dos Cidadãos] (NCU) e num dos primeiros partidos fascistas da Inglaterra, como a *Imperial Fascist League* de Arnold Leese, se entrelaçou com anticomunismo da ASU e da BEU, produzindo um coquetel ideológico inebriante para a extrema direita na década de 1920. Assim, a julgar pela quantidade de organizações anticomunistas e patrióticas que despontaram ali, era de se imaginar que, como na Itália e na Alemanha, esse apelo pudesse galvanizar um apoio mais amplo aos fascistas. Mas não foi o que aconteceu. Embora tenham enfrentado uma conjuntura bastante adversa, os conservadores lograram êxito nas eleições entre 1922 e 1940. Eles só ficaram de fora do governo por duas ocasiões, em 1924, quando os trabalhistas governaram junto com os liberais, e em 1929, quando MacDonald conseguiu retornar ao poder depois do fiasco de 1924. E isso se deve não apenas as manobras dos próprios conservadores, mas a um eleitorado que parecia

---

<sup>276</sup> Ibidem, p.44.

simplesmente avesso aos experimentos políticos do Continente — e isso foi expresso de forma categórica na carta que três deputados conservadores, W.J.Anstruther-Gray, J.Scrymgeour-Wedderburn e T.J. O'Connor escreveram ao *Times* por ocasião do episódio de Olympia, em 1934: “Esses métodos que [visam] assegurar a liberdade de expressão podem ser eficazes, mas são inteiramente incomuns na Inglaterra, e constituem, na nossa opinião, uma afronta deplorável a ordem pública.”<sup>277</sup> O próprio desempenho desses partidos mais radicais na Inglaterra confirmam isso: o partido fascista de Mosley, em seu apogeu, chegou a 50 mil filiados,<sup>278</sup> enquanto o partido comunista nunca passou dos 20 mil.<sup>279</sup>

Não é a toa que os primeiros partidos fascistas britânicos, a *British Fascisti* (BF), fundada por Rotha Linton-Orman, em 1923, e a *Imperial Fascist League* (IFL), fundada em 1928 por Arnold Leese, nunca lograram êxito — como frisou Thurlow, por conta de seu radicalismo e das ideias defendidas, esses grupos podem ser vistos como o mais próximo que um partido fascista na Inglaterra chegou do nazismo.<sup>280</sup> Era uma mistura estranha de conservadorismo e ideias reacionárias com antissemitismo, e talvez por isso nunca tenham conseguido arrebanhar mais do que um punhado de adeptos. Muito embora se autoproclamassem fascistas, no caso da *British Fascisti*, não havia um culto a uma liderança forte,<sup>281</sup> e no caso da *Imperial Fascist League*, sua ênfase no antissemitismo pode ter impedido o partido de desenvolver ideias mais consistentes como as que Mosley veio apresentar com a BUF na década de 1930 — a paranoia de Leese chegou ao ponto de acusar Mosley de ser um agente judeu implantado para desacreditar o fascismo na Grã-Bretanha, e por isso se recusou a se juntar a ele quando a BUF foi fundada.<sup>282</sup>

Enquanto Leese migrava da *Britons Society*, outra dessas organizações que surgiram na esteira daqueles primeiros anos após o fim do conflito, e se estabelecia na

---

<sup>277</sup> KEELEY, Thomas Norman. *Blackshirts torn: inside the British Union of Fascists: 1932-1940*. Dissertação de Mestrado, 1995, p.17.

<sup>278</sup> PAXTON, Robert. *A Anatomia do Fascismo*. São Paulo: Paz & Terra, 2007, p. 131.

<sup>279</sup> PELLING, H.M. *The British Communist Party*. London, 1958, p.27 e 62-63. TAYLOR, A.J.P. *Historia de Inglaterra: 1914-1945*. Ciudad do Mexico: Fondo de Cultura Economica, 1989, p.169.

<sup>280</sup> THURLOW, Richard. *Fascism in Britain: A History: 1918–1998*. London: I.B.Tauris, 1998, p. 40.

<sup>281</sup> *Ibidem*, p.35.

<sup>282</sup> GOTTLIEB, Julie; LINEHAN, Thomas. *The Culture of Fascism: Visions of the far right in Britain*. New York: I.B.Tauris, 2004, p. 69.

IFL, no final da década de 1920 Oswald Mosley era um jovem e promissor ministro no gabinete do segundo governo trabalhista de Ramsay MacDonald. Diante dos efeitos da crise e do aumento do desemprego, ele apresentou, em 1930, um ousado plano de combate à Depressão que transformava o Império numa zona econômica fechada e que previa gastos (incorrendo em déficit, se necessário) com obras públicas para a geração de empregos e maior crédito ao consumidor. Como foram rejeitadas, sendo consideradas heterodoxas demais ele pediu demissão e, em 1931, fundou seu próprio partido, o *New Party*, que sofreria uma derrota acachapante nas eleições de outubro daquele ano, obtendo apenas 0.2. % dos votos.<sup>283</sup>

Desapontado com as comedidas instituições britânicas e ainda tendo que lidar com o fracasso do *New Party*, Mosley acabou enverando por um outro caminho para dar uma resposta aos problemas da Grã-Bretanha no entreguerras.<sup>284</sup> E assim, em 1º de outubro de 1932, ele fundou aquele que viria a ser o partido fascista inglês de maior expressividade no entreguerras, a *British Union of Fascists* (BUF).

Muito embora isso represente um marco em sua carreira, a fundação da BUF não significou uma ruptura com as ideias defendidas anteriormente. Longe disso. A partir desse momento Mosley teve a chance de ampliar muitas daquelas ideias que havia defendido enquanto estava no Partido Trabalhista. Ideias como as visavam criar uma autarquia para isolar a economia britânica das vicissitudes do comércio internacional. O que ele pretendia com este modelo autárquico, era que a Inglaterra e os domínios pudessem atuar e respeitar acordos comerciais mútuos em que a metrópole se focaria na fabricação de produtos manufaturados e os domínios na produção de alimentos.<sup>285</sup>

Se essa noção de um *Império Zollverein*, como escreveu Linehan, representou algo novo — que não era tão novo assim já que Hitler falava de uma Alemanha autossuficiente e dominando todo o Leste Europeu —, sua política corporativista foi um indicativo da guinada para uma doutrina mais explicitamente fascista que, guardadas as devidas proporções, seguia as linhas traçadas por Mussolini. A BUF procurou aplicar os princípios corporativos para praticamente todos os setores-chave da vida industrial na Inglaterra. Alexander Raven-Thomson, principal autoridade do partido sobre o Estado

---

<sup>283</sup> PAXTON, Robert. *A Anatomia do Fascismo*. São Paulo: Paz & Terra, 2007, p. 130-131. LINEHAN, Thomas. *British Fascism, 1918-39: Parties, Ideology and Culture*. Manchester: Manchester University Press, 2006, p.88.

<sup>284</sup> THURLOW, Richard. *Fascism in Britain: A History: 1918–1998*. London: I.B.Tauris, 1998, p.27.

<sup>285</sup> LINEHAN, Thomas. *British Fascism, 1918-39: Parties, Ideology and Culture*. Manchester: Manchester University Press, 2006, p.89-90.

Corporativista, previa a reestruturação da economia através de vinte empresas, as quais empregadores, trabalhadores e grupos de consumidores indicados pelo governo seriam igualmente representados. De acordo com as ideias de Mosley, as corporações visavam a aplacar os interesses de classe. As empresas deveriam trabalhar em harmonia com um *Parlamento Fascista* e uma *Corporação Nacional da Indústria*, um órgão central que planejaria e regularia a atividade econômica em escala nacional. A *Corporação Nacional* funcionaria como uma espécie de Parlamento da Indústria e, como tal, substituiria a Câmara dos Lordes. A maioria dos membros dessa “Segunda Câmara” seria formada por técnicos eleitos, e o restante estaria sujeito à votação de um eleitorado mais amplo. A *Corporação Nacional* também trabalharia em conjunto com o *Conselho Nacional de Investimento*, uma instituição que seria criada para contornar eventuais problemas decorrentes das atividades supostamente perniciosas do “capital financeiro internacional.”<sup>286</sup> Os ataques cada vez mais virulentos de Mosley sobre o “financiamento internacional”, não eram muito diferente dos de Hitler no começo de sua carreira. A diferença é que Hitler os abandonou no meio do caminho, ao passo que Mosley não. Em meados da década de 1930, esse discurso iria adquirir contornos novos na medida em que ele se mostraria convencido, tal como Ezra Pound e Céline, de que os judeus estavam por detrás das finanças internacionais — Pound teria, inclusive, um papel decisivo na propaganda antisemita da BUF.<sup>287</sup>

Dentro dessa perspectiva corporativista o Parlamento tal como existia foi encarado como uma peça obsoleta da engrenagem política a ser descartado, o que o levou a defender a sua substituição por um executivo forte, baseado no princípio da liderança fascista. Como na época do *New Party*, o governo estaria nas mãos de um Super-Gabinete formado por apenas quatro ministros que iria ajudar o Primeiro-Ministro a coordenar os assuntos nacionais. Os princípios corporativos seriam aplicados aqui também, com eleições tanto para o *Parlamento Fascista* como para a *Corporação Nacional*.<sup>288</sup> A ideia era que o Estado Corporativo racionalizasse tanto o governo quanto a indústria.<sup>289</sup>

---

<sup>286</sup> Ibidem, p.90.

<sup>287</sup> FELDMAN, Matthew. *Ezra Pound's Fascist Propaganda: 1935-1940*. London: Palgrave MacMillan, 2013.

<sup>288</sup> LINEHAN, Thomas. *British Fascism, 1918-39: Parties, Ideology and Culture*. Manchester: Manchester University Press, 2006, p.91.

<sup>289</sup> Ibidem, p.92.

Essas ideias, embora mais consistentes do que as que compunham e que defendiam os movimentos anteriores com a *British Fascisti* e a *Imperial League*, chegaram a ouvidos moucos. No começo, em vez de tentar penetrar e rasgar o sistema eleitoral britânico por meio de uma atuação mais convencional, Mosley seguiu o caminho contrário, dando a seus adversários a munição para criarem uma imagem negativa a respeito de seu partido. Tanto a adoção do estilo paramilitar, quando criou seus *Blackshirts* [camisas-negra], como a repercussão negativa do episódio de Olympia, começou a exercer uma influência importante sobre a opinião pública inglesa a respeito dos métodos fascistas. E já em julho de 1934, Lord Rothemere, do *Daily Mail* cortou seus laços com Mosley, assim como outros políticos convencionais.

Diante desse revés, em julho de 1934, Mosley anunciou que seria necessária uma campanha eleitoral mais intensiva para ampliar o apoio à BUF. Esta tendência no sentido da legalidade política e as formas convencionais de comportamento político iria se acelerar nos próximos meses. Mas a estrutura da BUF era demasiado amorfa e tecnicamente mal equipada para lidar com a realidade do sistema político e eleitoral da Grã-Bretanha, que não estava aberto para grupos pequenos e radicais como os fascistas. Suas ideias de ação e luta política simplesmente não se enquadrava no sistema político britânico.<sup>290</sup>

As próprias campanhas que lançaram a partir desse momento são prova disso, pois não suscitaram o efeito esperado e não ampliaram os quadros do partido. Além disso, as disputas entre dois grupos encabeçados por intelectuais como William Joyce, A.K.Chesterton, primo do escritor conservador G.K.Chesteron, Alexander Raven Thomson, de um lado, e o Major-General J.F.C.Fuller e E.M.Box de outro, que compunham sua ala mais moderada, dividiriam o partido sobre o caminho a se seguir.<sup>291</sup> Nos anos que se seguiriam, o eixo Fuller-Box foi eclipsado, prevalecendo com isso as ideias mais radicais e antissemitas, que culminaria na Batalha de *Cable Street*, em outubro de 1936. E o resultado disso não demorou a aparecer: os conservadores moveram esforços para aprovar leis que começaram a limitaram o campo de ação do movimento a partir de 1937.

Depois disso, e já contando com uma oposição acirrada, Mosley não teve alternativa a não desmilitarizar o partido, o que por si só não resolveria o problema.

---

<sup>290</sup> Ibidem, p.98.

<sup>291</sup> Ibidem, p. 98-104.

Nem isso e nem seus esforços para evitar uma guerra com a Alemanha, que por fim acabou acontecendo. E foi com a guerra e em meio a crise suscitada pela situação da França que Chamberlain renunciou e Churchill assumiu o governo. E com Churchill no governo o partido foi proscrito e seus líderes presos. Foi o fim.

Como outros movimentos fascistas na Inglaterra, e até mesmo na França, a BUF teve vida curta. E como seus congêneres do Continente, o partido de Mosley mostrou a mesma tendência oblíqua e oportunista em matéria de ideias e métodos. Claro que em política os partidos sempre se adaptam as condições dependendo do cenário, assim como as instituições, mas no caso de Mosley, a inconsistência de suas ideias e as pressões exercidas pelo contexto o obrigaram a mudar de estratégias o tempo inteiro. Como frisou Thurlow, depois de 1934, a BUF dependeu menos de seu apelo ideológico para se focar no recrutamento através de campanhas populistas com base em ressentimento étnico e no pacifismo. Com isso, a BUF passou de um movimento político baseado em uma visão alternativa séria, ainda que excêntrica, a respeito do futuro da sociedade britânica, para um grupo de pressão movido por uma propaganda centrada no antissemitismo e numa oposição à ameaça de guerra com a Alemanha.<sup>292</sup> E para que possamos compreender isso um pouco melhor, seria interessante atentarmos para as anotações feitas por George Orwell em seu diário após assistir Mosley discursar em um evento que teve lugar em 16 de março de 1936:

“Fui ontem a noite ouvir o Mosley falar no Salão da Câmara Municipal (...). Estava bastante cheio — cerca de 700 pessoas. (...) Mosley falou durante [cerca] de [uma] hora e meia e, para meu desgosto, pareceu-me ter a maior parte do público com ele. Começou por ser vaiado no início, mas no fim foi fortemente aplaudido. (...)”<sup>293</sup>

Na sequência Orwell discorre sobre o conteúdo do discurso de Mosley, que evidencia as particularidades do seu movimento, além de alguns pontos de convergência com as diatribes de Hitler.

O discurso dele foi a treta popularucha de costume — comércio livre dentro do Império, abaixo os judeus e os estrangeiros, salários mais altos e horários reduzidos, etc. etc. Depois das vaias iniciais, o público, constituído (essencialmente) de gente da classe trabalhadora, deixou-se facilmente mistificar pelo fato de Mosley ter falado de uma perspectiva, por assim dizer, socialista, condenando a perfídia de sucessivos governos para com os

<sup>292</sup> THURLOW, Richard. *Fascism in Britain: A History: 1918–1998*. London: I.B.Tauris, 1998, p.96.

<sup>293</sup> ORWELL, George. *Diários*. Alfragide: D.Quixote, 2014, p.101-103.



trabalhadores. A culpa de tudo foi atribuída a misteriosos bandos internacionais de judeus que, segundo dizem, estão a financiar, dentre outras coisas, o Partido Trabalhista, Inglês e os Soviéticos. A declaração de Mosley sobre a situação internacional — “Já lutamos contra os alemães os alemães no passado por causa de interesses ingleses. Não vamos lutar contra eles agora por causa de interesses judaicos” — foi recebida com fortes aplausos. Depois houve perguntas, como de costume, e fiquei espantado por ver como é fácil ludibriar um público inculto, se prepararmos com antecedência um conjunto de réplicas espirituosas que nos permitam fugir às questões difíceis; por exemplo, o Mosley não parou de enaltecer a Itália e a Alemanha, mas quando lhe faziam perguntas sobre campos de concentração e etc, respondia sempre:

— Nós não temos modelos estrangeiros; o que acontece na Alemanha não tem necessariamente que acontecer.<sup>294</sup>

Mosley adotou ideias antissemitas num momento em que acenava para uma aproximação cada vez mais certa na direção do nazismo — ele se casaria com Diana Mitford na presença de Hitler nesse mesmo ano. E é isso o que vemos aqui, ele em uma fase mais radical expressando seu antissemitismo num tom muito próximo do nazista.<sup>295</sup> E isso não era mera retórica. Sete meses depois dessa reunião presenciada por Orwell, em 4 de outubro, quando Mosley e seus *blackshirts* [camisas-negra] tentaram atravessar o East End de Londres num protesto antissemita, ocorreu a Batalha de *Cable Street*. A população local se mobilizou e recebeu os fascistas com hostilidade, suscitando um embate que se tornou lendário e repercutiu em todo o país. Além de ter que recuar, dado a violência com que foram recebidos, tudo o que Mosley conseguiu com isso foi estimular o Parlamento a mover esforços para arrochar seu partido. Foi depois disso que a primeira lei que afetou seriamente seu movimento foi implementada — o *Public Order Act*, de 1937, proibiu o uso de uniformes políticos e privou a BUF de seus espetáculos públicos.<sup>296</sup>

O que ele pretendia com isso, é algo que temos que verificar, porque o antissemitismo não foi um elemento crucial para atrair adeptos na Alemanha — foi importante, mas não foi o único ou o mais importante, como frisou Mann. De todo, ele estava tão difundido na sociedade alemã que não havia necessidade de insuflá-lo.<sup>297</sup> É claro que os nazistas se aproveitaram disso e criaram a figura do judeu como inimigo a

<sup>294</sup> Ibidem, p.101-103.

<sup>295</sup> LINEHAN, Thomas. *British Fascism, 1918-39: Parties, Ideology and Culture*. Manchester: Manchester University Press, 2006, p.106.

<sup>296</sup> PAXTON, Robert. *A Anatomia do Fascismo*. São Paulo: Paz & Terra, 2007, p. 131. LINEHAN, Thomas. *British Fascism, 1918-39: Parties, Ideology and Culture*. Manchester: Manchester University Press, 2006, p.107.

<sup>297</sup> MANN, Michael. *Fascistas*. Rio de Janeiro: Record, 2008, p.250.

ser combatido, mas o antissemitismo não era uma prioridade na vida dos alemães para aderirem a um partido só para liquidar essa questão. Mais importante parece ter sido o nacionalismo e o desejo de reerguer a Alemanha. Assim, se não o foi na Alemanha, era pouco provável que viesse a sê-lo na Inglaterra. Se Mosley pretendia que isso servisse como um atrativo, nisso ele se equivocou. Já utilizar um discurso mais a esquerda para atrair elementos da classe trabalhadora, como o fez nesse dia que Orwell foi assisti-lo, isso parece ter funcionado melhor.

De todo, Mosley recorria a uma estratégia um tanto comum entre fascistas — era nessa promiscuidade que residia a força do fascismo, como escreveu Eley.<sup>298</sup> Trabalhadores manuais assalariados e suas esposas somavam quase metade do eleitorado da Alemanha, uma das sociedades industriais mais avançadas do mundo à época. Tratava-se de um grupo social amplo e variado, que incluía desde trabalhadores católicos, passando por trabalhadores manuais do setor estatal (ferrovias, correios) e empregados não sindicalizados. É óbvio que Hitler iria mirar nesse contingente eleitoral, uma vez que visava chegar ao poder por vias legais. Ele precisava diminuir a vantagem de socialistas e comunistas. Assim, o esforço da propaganda nazistas dirigida aos trabalhadores tomavam emprestado imagens e *slogans* dos socialdemocratas, atacavam a “reação” bem como o marxismo e apresentava o Partido como herdeiro da tradição socialista alemã. Os nazistas fracassaram em seus objetivos, mas ainda assim exerceram um apelo forte o bastante sobre os trabalhadores previamente não comprometidos, o que garantiu, em 1930, que 27% dos eleitores nazistas fossem trabalhadores manuais.<sup>299</sup>

E Mosley, tal como Hitler, evidentemente não agiu de maneira diferente. E como tinha vínculos estreitos com homens da classe trabalhadora, talvez E.M.Forster tivesse motivos extras para desprezar Mosley. Talvez esse desprezo não dissesse respeito apenas a sua ideologia, mas por ele ter ludibriado esses homens que ele mandava lutar com os comunistas nas ruas de Londres. Num dos artigos de uma série publicada por ele no *Time and Tide*, de 10 de junho de 1934, Forster disparou contra Mosley. Ele estava num cinema não muito longe quando a violência promovida pelos fascistas irrompeu no Estádio de Olympia, em Londres.

---

<sup>298</sup> ELEY, Geoff. *What Produces Fascism: Preindustrial Traditions or a Crisis of a Capitalism State*. IN: *Politics and Society*, 1983, p.74.

<sup>299</sup> EVANS, Richard. *A Chegada do Terceiro Reich*. São Paulo: Editora Planeta, 2010, p.329

Na semana passada, em vez de ir ver o novo [filme] do Mickey Mouse, eu deveria ter ido [ver] o tumulto [ocorrido em] Olympia. Não teria encontrado nada de engraçado ali, e isso teria sido bom. [E seria assim] porque nosso senso de humor inglês, do qual estamos estupidamente orgulhosos, esta nos levando a extremos desagradáveis. [Porque] Sir Oswald Mosley é, à primeira vista, um personagem cômico. (...).

Para o cidadão que ficou de fora, o fato significativo daquela noite desagradável não foi a violência [que irrompeu ali], mas as críticas desferidas posteriormente por Mosley à polícia pelo tratamento dispensado a situação de fora do estádio. A polícia, disse ele, devia ter mantido a ordem fora de Olympia ou permitir que ele o fizesse. Ele havia dado instruções ao comissário de polícia com vários dias de antecedência através do seu chefe de gabinete: os comunistas não deveria se aproximar. Suas instruções não foram atendidas e o resultado foi o tumulto do qual ele não era o responsável. Dentro de Olympia, os fascistas mantiveram a ordem, e os métodos utilizados foram descritos em uma carta [publicada] no *Times* e assinada pelo Senhor T.J.O'Connor e por mais dois parlamentares [que ficaram] horrorizados [com tudo isso]. Sir Oswald Mosley estenderia esses métodos para as ruas de Londres [se tivesse a chance]. Ele controlaria o cidadão comum por toda a região onde estivesse celebrando uma reunião por meio de seu exército privado. E tudo isso é de deixar qualquer um simplesmente sem fôlego. Culpar a polícia é uma coisa — todos nós culpamos ela por alguma coisa (...). Mas dizer para a polícia “Faça o que eu digo senão eu farei!” Isso é demais! O comissário vai se submeter a isso? A tropa eu garanto que não. (...)

A força de Sir Oswald Mosley e de seus partidários se deve ao fato de eles conseguirem canalizar o seu tédio (...). [Além disso,] ele [também] possui o que se menciona em tons pasmados como “magnetismo pessoal”, uma qualidade que não tem, necessariamente, uma relação com nobreza, bondade, inteligência ou poder construtivo. Magnetiza bancários e pequenos datilógrafos que não sabem como estimular a vida, e lhes dá uniformes, um posto, uma causa e um inimigo a esbofetear, e os envia em frente como Samurais e Amazonas para esparrinhar os Vermelhos. Um otimista que ler isto pode dizer que se a capacidade de auto-sacrifício que ele explora pudesse ao menos se voltar em outras direções teríamos um mundo melhor. Sim! Se fosse o caso. Mas o autossacrifício corporativo dificilmente parece ser dirigido corretamente. As pessoas que o direcionam não sentem e não compreendem nada.<sup>300</sup>

---

<sup>300</sup> Last week, in place of watching a new Mikey Mouse, I ought to have gone to the knockabout at Olympia instead. I should not have found it funny, and that would have been a good thing. For our English sense of humour, about which we are so stupidly conceited, is leading us into some nasty messes. Sir Oswald Mosley is, on the face of it, a figure of fun. (...).

For the citizen who stayed away, the significant fact of that disgusting evening is not the violence but the criticisms passed afterwards by Sir Oswald Mosley on the police for their handling of the situation outside the building. The police, he said, should either have kept it. He had given his instructions to the Commissioner of Police several days beforehand through his chief of staff: no Communists were approach. His instructions had been ignored and rioting had resulted for which he was not responsible. Inside Olympia, Fascists did keep order, and their methods have been further described in a letter to *The Times* signed by Mr. T.J.O'Connor and two other horrified M.P.s. These methods Sir Oswald would extend to our London streets. He would control the ordinary citizen throughout the area in which he holds a meeting by means of his private army. It simply takes one's breath away. To blame the police is one thing — we all blame them on occasion, for instance a magistrate has just censored them for being short with motorists. But to say to the police, “Do as I tell you or else I shall do it!” My hat! Is the Commissioner going to sit down under this? The rank and file certainly will not.

It is the strength of Sir Oswald Mosley and his fellow-practitioners that they have managed to utilize this boredom, and more particularly the boredom which devastates people who are not quite sure that they are gentlemen. He possess what is referred to in awestruck tones as “personal magnetism” — a quality which has no necessary connection with nobility, decency, kindness, intelligence, or constructive power. He magnetizes bank clerks and little typists who don't know to enliven life, gives them uniforms, grades, and a cause and a foe, and sends them forth as Samurai and Amazons to slosh the Reds. The optimist will

O tédio de que E.M.Forster fala ali é a frustração, o vazio existencial. Mosley conseguia cooptar essas pessoas porque elas estavam entediadas com a vida que levavam e porque não tinha ou não tiveram a chance de preenchê-la com algo de construtivo. Com isso, elas ficavam a mercê de homens como Mosley, Mussolini e Hitler. Como ele escreveu em *What I Believe*: “Na busca por um refúgio, talvez voltemos [nossas atenções] para [a figura do] herói.”<sup>301</sup> Ao que acrescentou: “As pessoas que não estão interessadas na variedade da vida e que não conseguiram criar suas próprias ideias [sobre as coisas], ficam inquietas e por isso anseiam por se curvar e seguir cegamente a um herói.”<sup>302</sup> Forster recorreria a essa noção quando se dispunha a falar dos adeptos do fascismo.

Para ele não havia outra explicação para o fato de alguns setores da sociedade inglesa terem aderido aos métodos violentos e sucumbido ao “magnetismo pessoal” de Mosley. “[Os partidários de Mosley] não teriam sido capturados pelo fascismo se não sentissem que receberiam algo de bom ou efusante [em troca]. E não serão libertados até que lhes ofereçam algo novo.”<sup>303</sup> Por isso mesmo ele escreveria:

Suponho que no momento presente se abrem três caminhos distintos a nossa frente — e o fascismo é, certamente, o pior deles. Em primeiro lugar, vigora ainda a ordem atual, que eu particularmente prefiro porque fui educado nela. Gosto do Parlamento e da democracia. E gostaria que a Inglaterra e a Europa seguissem como [estão] agora (...). Em segundo lugar, esta o comunismo, uma alternativa que destruirá tudo o que eu aprecio e que só poderá ser alcançado por meio da violência (...). [De todo,] se o meu mundo for destruído, preferiria que o comunismo ficasse em seu lugar, mas não lhe daria a minha benção até a minha morte. [Por fim], existe o fascismo, [uma alternativa] que [nos] conduzirá as trevas (...) [e que apela para] o vigor e o brado das ordens, para a brutalidade farisaica e a guerra tanto social como internacional. Isso significaria uma mudança sem esperança. (...) [E por isso mesmo,] nosso dever imediato é o de detê-lo, e a melhor maneira de fazê-lo é convencer aos partidários de Sir Oswald Mosley que isso não vale a pena.<sup>304</sup>

---

look in here and say that if only the capacity for self-sacrifice which he exploits could be turned in other directions, we should have our better world. Yes! If only! But corporate self-sacrifice seems so seldom directed aright. It is run by people who feel nothing and understand nothing. FORSTER, Edward Morgan. *The Prince's Tale and other uncollected writings*. London: Andre Deutsch, 1998, p. 280-282.

<sup>301</sup> In search of a refuge, we may perhaps turn to hero-worship. FORSTER, Edward Morgan. *Two Cheers for Democracy*. New York: Harcourt & Brace Company, 1951, p.72.

<sup>302</sup> But people who cannot get interested in the variety of life, and cannot make up their own minds, get discontented over this, and they long for a hero to bow down before and to follow blindly. *Ibidem*, p.72.

<sup>303</sup> They would not have been captured by Fascism unless they felt they were getting something fine and jolly. And they will not be released until they are offered a substitute. FORSTER, Edward Morgan. *The Prince's Tale and other uncollected writings*. London: Andre Deutsch, 1998, p. 285.

Se, a despeito de sua desconfiança com relação ao comunismo, ele parecia representar uma mudança com esperança, uma sociedade sob um regime fascista não a teria. Essa era sua visão do fascismo — um beco sem saída. E era um beco sem saída porque o regime obedecia a vontade de um líder, que age de forma arbitrária. Como ele mesmo disse: “o autossacrifício corporativo dificilmente parece ser dirigido corretamente.”

Se para ele o fascismo significava uma mudança sem qualquer esperança, Ezra Pound discordava. Tal como Drieu e Robert Brasillach, para Pound o fascismo era a esperança naqueles tempos sombrios. “Não faço propaganda italiana” disse ele querendo dizer que não fazia propaganda do regime. “Eu faço, se você quiser [dizer assim], propaganda pelo bem de uma Europa decente”<sup>305</sup> disse Pound em 1936 numa referência ao fascismo como a solução para os problemas da Europa. Outros viriam a se manifestar no mesmo sentido ao longo daqueles anos. “Não vi nenhum outro recurso além do oferecido pelo gênio de Hitler,” como escreveu o escritor francês Drieu la Rochelle em 1943.<sup>306</sup>

Enquanto Pound se entregava ao culto da figura de Mussolini, ou Brasillach esperava restaurar uma cultura corrompida, E.M.Forster preferiria ler Dante ou Tolstói ou ficar na companhia de Bob Buckingham e outros amigos. Essa era a diferença entre eles. Não era do feitio de E.M.Forster escrever algo do tipo: “É certo que Mussolini teve um grande triunfo em sua era, e que é um grande homem de sua geração. Um homem que desafia a Inglaterra e a Liga das Nações, que representa 52 nações, é um homem forte e ele tem a minha admiração”, disse Pound por ocasião da vitória italiana sobre a Etiópia, em maio de 1936.<sup>307</sup> Forster não se interessava por esse tipo de triunfo político

---

<sup>304</sup> Three paths lie before us, I suppose, at the present moment, and Fascism is infinitely the worst. Firstly, there is the present order, which I prefer, because I have been brought up in it. I like Parliament and democracy. I should like England and Europe to muddle on as they are (...). In second place, there is Communism, an alternative which will destroy all I care for and could only be reached through violence (...). If my own world smashes, Communism is what I would like in its places, but I shall not bless it until I die. And thirdly, there is Fascism, leading only into the blackness (...), into smartness and yapping out of orders, and self-righteous brutality, into social as well as international war. It means change without hope. (...) Our immediate duty is to stop it, and perhaps we can do that by convincing Sir Oswald's backers that will not pay. Ibidem, p. 2282-283.

<sup>305</sup> FELDMAN, Matthew. *Ezra Pound's Fascist Propaganda: 1935-1940*. London: Palgrave MacMillan, 2013, p.42.

<sup>306</sup> SOUCY, Robert. *French Fascism: The Second Wave: 1933-1939*. New Haven: Yale University Press, 1995, p.287.

ou militar. Não via onde poderia ter algum ganho com isso — seja ele ou qualquer outra pessoa, descontando os políticos, é claro.

Se essas suas críticas, como ele mesmo disse no começo do artigo, foram suscitadas pelo episódio de Olympia — o que nos leva a pensar que foi preciso que algo de mais sério acontecesse para ele prestasse mais atenção ao movimento de Mosley —, por essa lógica, era de se esperar que houvesse alguma manifestação depois do incidente de outubro de 1936, no entanto, não estamos em condições de dizer se houve. O material compilado por Kirkpatrick indica que suas publicações naquele ano se resumiram a resenhas e três artigos no *New Statesman* em fevereiro, abril e agosto daquele ano,<sup>308</sup> sendo que uma das resenhas é sobre *The Ascent of F6*, de W.H.Auden e Christopher Isherwood, e que data de 14 de outubro, 10 dias após *Cable Street*. Pode ser que tenha feito algo na B.B.C., mas no material compilado tanto por Jeffrey Heath quanto por Mary Lago não há nada sobre isso. O Partido de Mosley foi fundado no dia 1º de outubro de 1932, e nesse mesmo mês Forster fez 3 intervenções na B.B.C. e não fez qualquer menção a isso, como indica o material compilado por Lago.<sup>309</sup>

De todo, sua atuação na B.B.C. foi mais assídua durante o conflito e não antes. Em 1932, ele fez 8 transmissões, enquanto que em 1934 ele fez apenas uma; em 1942, ele realizou 11 transmissões, e em 1944, foram 10. Se na B.B.C. foi assim, na imprensa foi diferente. Ali ele tinha mais espaço e a profusão de artigos é infinitamente maior. Mas nem por isso ele se dispôs a falar de Mosley. Fora a algumas menções singelas a Mosley no discurso no Congresso em Paris em 1935, que foi publicado no *London Mercury* em agosto daquele ano, ou a seu partido em alguns outros artigos, não há nada de muito incisivo como esse artigo sobre Olympia.

Em julho de 1935, ele publicou no *New Statesman* um artigo sobre o Congresso ocorrido em Paris no qual ele faz uma observação que poderia passar despercebida a olhos menos atentos: “O fascismo parecia [algo] muito próximo de nós naquele momento terrível, muito mais próximo do que ele parece na Inglaterra.”<sup>310</sup> Se tem algo que explica o fato dele ter dedicado tão poucas palavras a Oswald Mosley e a BUF é

---

<sup>307</sup> FELDMAN, Matthew. *Ezra Pound's Fascist Propaganda: 1935-1940*. London: Palgrave MacMillan, 2013, p.36.

<sup>308</sup> KIRKPATRICK, B.J. *A Bibliography of E.M.Forster*. London: Rubert Hart-Davis, 1968, p.135.

<sup>309</sup> FORSTER, Edward Morgan. *The B.B.C. Talks of E.M. Forster: 1929-1960: A Selected Edition*. LAGO, Mary (ed). Columbia: University of Missouri Press, 2008.

<sup>310</sup> FORSTER, Edward Morgan. *Writers in Paris. Living Age*, setembro 1935, Vol.349, p. 63-65.

isso: o fascismo parecia uma abstração política, algo surreal frente ao sistema eleitoral britânico e suas tradições. Ainda que os problemas prementes fossem vultosos, e que houvesse uma sensação de ruptura, não havia a sensação de perda que podemos encontrar na Itália e principalmente na Alemanha e que catapultou e estimulou o crescimento desses movimentos. Algo parecido acabou acontecendo na França, mas o fascismo não prosperou ali por razões muito distintas.<sup>311</sup>

Assim sendo, como não havia essa sensação de perda, os ingleses não sentiram a necessidade de buscar uma ideologia que se dispusesse a recuperar aquilo que foi perdido. Nenhum dos elementos da ideologia de Mosley, nem suas ideias a respeito da recuperação econômica através do Império, a criação de um Estado Corporativo ou antissemitismo, nada disso foi capaz ou exerceu qualquer atração sobre um público que dava amostras claras de que preferia os conservadores.

Seu radicalismo simplesmente não encontrou ressonância na sociedade inglesa. Seu discurso antissemita não era compartilhado pelo grosso da população, que logo foi fisgada pelo sentimento antinazista que muitas vezes vinha acompanhado de seu horror com o que a imprensa reportava a respeito do que acontecia com os judeus; seu anticomunismo era um sentimento compartilhado pelos conservadores desde o estouro da Revolução Russa, assim sendo ele também não lhe serviu como atrativo; suas ideias de um Estado Corporativo se chocavam com as tradições institucionais britânicas, e por isso mesmo não lhe renderam os dividendos esperados. O próprio equilíbrio partidário, como frisou Bertonha — que à época contava basicamente com o Partido Conservador, o Trabalhista, uma força em ascensão, e os Liberais, como uma força decadente desde as últimas décadas do século XIX — estava fechado para *outsiders*.<sup>312</sup> E isso fica muito claro quando vemos não só o desempenho da BUF em termos de adesão, mas em votos — foram pífios.

Em outras palavras, quando contemplamos as razões do fracasso da BUF na década de 1930 vemos que ela se deve à sua alienação da cultura política britânica. O estilo político da BUF, em particular o uso que fez da violência, provou estar em desacordo com a moderação e tolerância essencial do caráter nacional e as tradições das mudanças políticas pacíficas de instituições britânicas como sublinhou Linehan se

---

<sup>311</sup> DAVIES, Peter. *The Extreme Right in France: 1789 to the Present: From de Maistre to Le Pen*. London: Routledge, 2002, p. 92.

<sup>312</sup> BERTONHA, João Fábio. *Entre Mosley, Whittaker e Plínio Salgado: interfaces entre o universo fascista do Brasil e do mundo anglo-saxão*. Porto Alegre: Interfaces Brasil/Canadá, V.1, N.2, 2002.

apoiando em Benewick.<sup>313</sup> Outro autor, D.S.Lewis, que Linehan também cita, afirmou, que seria ingenuidade sugerir que a falha BUF estava de alguma forma, “predestinada pela natureza intrínseca da sociedade britânica.”<sup>314</sup> De fato, não estava, mas é inegável que as ideias de Mosley se chocaram com instituições sólidas e com um público pouco afeito a querer se desfazer delas.

Para Mosley o que faltou não foram ideias, mas condições como as que Hitler encontrou na Alemanha. A dissolução do Império, a hiperinflação, o avanço da esquerda, tudo isso criou a sensação nos alemães de que a derrota e a República de Weimar os havia jogado numa situação degradante. E foi isso, o apelo para reerguer a sociedade que fez com os nazistas conseguissem um apoio mais consistente entre os alemães. Na Inglaterra, apesar dos problemas econômicos ou do avanço do Partido Trabalhista, não houve uma ruptura dessa dimensão que suscitasse nos ingleses um desejo e uma ânsia por uma mudança mais profunda como acabou acontecendo na Alemanha. Ali, os sentimentos e a ânsia que se abateu sobre a intelectualidade, e mesmo entre os franceses, não foi tão profunda. Não é a toa que, a despeito da profusão daqueles grupos patrióticos e anticomunistas que surgiram na esteira da guerra, eles nunca terem conseguido mais do que um punhado de adeptos.

De fato, tudo isso pode ter contribuído para que as ideias de Mosley não saíssem do pequeno reduto a que ficou confinada, no entanto, não podemos subestimar os esforços da esquerda, e em especial o Partido Comunista da Grã-Bretanha, que conseguiu criar uma imagem negativa do movimento de Mosley — e o próprio Forster contribuiu com isso com os artigos que publicou no *Time and Tide*. Como frisou Lewis, sua incapacidade, a de Mosley, de lidar com essa oposição, acabou contribuindo para que seu movimento fracassasse.<sup>315</sup> Diante de um eleitorado aparentemente avesso a muitas de suas ideias, e contando com uma oposição bem organizada — organizações antifascistas e contra o antisemitismo começaram a aparecer no final da década de trinta —, Mosley simplesmente não teve chance.

E tudo isso se refletiu na intelectualidade inglesa, que parecia se preocupar mais com o avanço do fascismo no Continente do que na própria Inglaterra. Em vez de

---

<sup>313</sup> LINEHAN, Thomas. *British Fascism, 1918-39: Parties, Ideology and Culture*. Manchester: Manchester University Press, 2006, p.92-93.

<sup>314</sup> *Ibidem*, p.92-93.

<sup>315</sup> LEWIS, D.S. *Illusions of grandeur: Mosley, fascism and British society: 1931-81*. Manchester: Manchester University Press, 1987, p.265.



lutarem contra o fascismo na Inglaterra, alguns miraram na Guerra Civil Espanhola, como Julian Bell e Tony Hyndman, que se juntaram à Brigada Internacional. Christopher Isherwood e W.H.Auden queriam ir para uma conferência literária em Valência e Madrid, mas como não conseguiram o visto, foram para a China para coletar material sobre a Guerra Sino-Japonesa. O próprio Forster prestou mais atenção na atuação da BUF em momentos específicos, como foi o caso de Olympia, do que no conjunto de sua atuação.

Na imprensa, pelo menos no material publicado, ele dispensou pouca atenção ao movimento de Mosley. Tanto nos artigos como em suas cartas e diários, o assunto que realmente o alarmava era o avanço do fascismo no Continente. E ele manifestaria isso tanto em público quanto em privado. Poucas semanas depois do Imperador da Abissínia Hailé Selassié ter deixado seu país, e de Mussolini ter proclamado o novo Império, em carta a Christopher Isherwood, de 20 de maio de 1936, ele escreveria: “[Com relação à] situação internacional, estou apavorado como qualquer outra pessoa.”<sup>316</sup> Meses depois em seu *Commonplace Book*, ele diria: “o colapso da civilização que parece devorar por baixo qualquer coisa que eu faça.”<sup>317</sup> Quando Mussolini enviou mais de 10 mil homens para a Espanha, numa carta datada de 5 de janeiro de 1937, ele escreveria: “As notícias que chegaram da Espanha essa noite são horríveis. (...) Sinto que o mundo esta a beira do precipício.”<sup>318</sup> Em julho de 1937 ele estava em Paris para participar de uma conferência organizada pelo *Institut International de Coopération Intellectuelle* da Liga das Nações, onde voltou a atacar o fascismo. Em carta a sua mãe, ele falaria sobre seu discurso:

Achei isso interessante, mas o francês é difícil de acompanhar, e a tradução inglesa, que eu imaginei que se daria após cada discurso, foi inteiramente inadequada. (O inglês e o francês são as línguas oficiais da Liga). Falei por duas vezes, e um dos assuntos foi a interferência do estado [no trabalho] dos escritores; na outra — ontem — fiz um ataque polido e acertado aos fascistas.<sup>319</sup>

---

<sup>316</sup> As to the international situation [,] I am terrified like every one else. ZEIKOWITZ, Richard. *Letters between Forster and Isherwood on Homosexuality and Literature*. New York: Palgrave MacMillan, 2008, p.53.

<sup>317</sup> The collapse of civilization seems to eat up from below into anything I do. FORSTER, Edward Morgan. *Commonplace Book*. Aldershot: Wildwood House, 198, p.101.

<sup>318</sup> The Spain news is terrifying this evening. (...) I feel the world is close to the edge. ZEIKOWITZ, Richard. *Letters between Forster and Isherwood on Homosexuality and Literature*. New York: Palgrave MacMillan, 2008, p.64

Enquanto Hitler e Mussolini foram se aproximando a partir de 1935 e ampliando sua influência sobre a Europa, Mosley via os governos de Baldwin e Chamberlain tomarem providências para limitar seu campo de ação. De 1937 a 1940, quando o partido foi proscrito, Mosley tentou reagir, mas sem sucesso. Diferente do que ocorreu na Itália e na Alemanha, houve um movimento por parte dos conservadores para conter o fascismo que logrou êxito. Os fascistas não só foram contidos como nunca chegaram a participar do governo.

Mas se por um lado Mosley não o preocupava, por outro a situação internacional — o temor de um conflito generalizado e uma vitória do fascismo nele — o deixava alarmado. “Lamento de ter de viver nesses anos trinta — e não é porque sejam ameaçadores, é porque não estou equipado para compreendê-los,”<sup>320</sup> como disse ele em 1937. E de fato, ele nunca esteve. Sentia-se particularmente desconfortável com as incertezas dessa época e com alguns fenômenos típicos dela.

“Hoje em dia as pessoas não tem medo de morrer — elas têm medo de serem mortas, mas isso é diferente. Elas não têm tempo ou [qualquer] inclinação para considerarem aquilo que retoricamente se chama de ‘além do túmulo’. (...) Quando olho para Barcelona ou Moscou — e minha formação inicial me obriga [a fazê-lo] — e para Nuremberg e Roma, vejo que em todos esses lugares [as pessoas] esqueceram-se de si próprias, obedecendo a um movimento e a força que vem do homem (...). ‘Temos coisas mais importantes para nos preocuparmos do que a salvação da nossa alma’, escreveu [o poeta] Day Lewis. O indivíduo não tem importância [alguma]. E esse parece ser o espírito dessa época. (...) Isso é absolutamente novo na história do homem, o que faz essa ser uma época muito estranha.”<sup>321</sup>

---

<sup>319</sup> I have found it interesting, but French difficult to follow, and the English translation, which is supposed to be given after each speech, most inadequate. (English and French are the two official languages of the League). I have spoken twice, once on the subject of state-interference with writers: and other time — yesterday — I made a polite and quite clever attack on the Fascists. FURBANK, P.N.; LAGO, Mary. (ed.). *Selected Letters of E.M.Forster: 1921-1970*. Cambridge: Belknap Press and Harvard University, 1985, p.152.

<sup>320</sup> I am sorry to have lived on into these 1930 — not because they are dangerous, but because I am not equipped to understand them. HEALTH, Jeffrey M. *The Creator as Critic and other writings by E.M.Forster*. Toronto: Dundurn Press, 2008, p.106.

<sup>321</sup> Today the people are not afraid of dying — they are afraid of being killed but that’s different. They haven’t time or inclination to consider what used rhetorically to be called ‘beyond the grave’. (...) When I look at Barcelona or Moscow, and — as my early training obliges — when I look also at Nuremberg or Rome, I see in all those places forgetfulness of self, obedience to a movement, and the strength that comes from man. (...) ‘We have something more important to do than to save our souls’, writes Day Lewis. The individual doesn’t matter. That seems to me the spirit of the age (...) It’s absolutely new in the history of man, and it’s what makes the present age feel so queer. *Ibidem*, p. 106-107.

O fascismo e o comunismo haviam criado esse clima de instabilidade que o incomodava. De todo, ele os abominava, mas como veremos mais adiante, seu *antifascismo* era mais forte do que seu *anticomunismo* — não é a toa que ele chegaria a pensar em ingressar nas fileiras do PCGB. Para ele, ao longo da década de 1930, o fascismo representava a verdadeira ameaça. Era ele que poderia terminar de destruir o que restava daquilo com que ele realmente se importava — as liberdades individuais, o intelecto, a literatura.

No entanto, seu temor com relação ao fascismo teve pouco ou quase nada a ver com Mosley, como ele sugeriu em seu discurso em Paris, em 1935: “O perigo [que nos ronda] é o Fascismo — [mas] a menos que uma guerra comece quando nada [de mais grave] tiver acontecido — ele continuará [sendo] insignificante.”<sup>322</sup> Ou seja, ele não via o fascismo como uma ameaça realmente séria na Inglaterra, como frisou David Garnett em sua resenha de *Abinger Harvest*.<sup>323</sup> Ele era, por assim dizer, “insignificante.” Embora Mosley não tivesse força para se impor no cenário político naquelas circunstâncias, havia outros temores com que se preocupar:

Estamos ameaçados por algo muito mais insidioso — [estamos ameaçados] pelo que eu chamo de *Fabio-Fascismo* — [isto é], pelo espírito de um ditador trabalhando silenciosamente por meios constitucionais, passando uma pequena lei (como o Ato de Sedição) aqui, endossando uma tirania departamental acolá, enfatizando a necessidade de sigilo nacional em todo lugar, sussurrando e arrulhando as “novidades” todas as noites pelo rádio, até que a oposição seja abafada e ludibriada.<sup>324</sup>

É interessante observar aqui que ele faz uma referência clara aos métodos tanto de Hitler como de Mussolini de usar a democracia para destruí-la — de miná-la aos poucos usando suas próprias instituições. E o fazia porque temia que eles fossem utilizados na Inglaterra de uma maneira desmedida e inconsequente. E é interessante observar também a associação que ele faz: é provável que ele tenha criado esse termo, *fabio-fascismo*, pensando no socialismo fabiano, que se dizia uma forma menos radical

---

<sup>322</sup> Our danger from Fascism — unless a war starts when anything may happen — is negligible. FORSTER, Edward Morgan. *Abinger Harvest*. London: Edward Arnold, 1946, p.64.

<sup>323</sup> GARNETT, David. IN GARDNER, Philip. *Critical Heritage*. London: Routledge, 2002, p.385.

<sup>324</sup> We’re menaced by something much more insidious — by what I call ‘Fabio-Fascism’, by the dictator-spirit working quietly away behind the façade constitutional forms, passing a little law (like the Sedition Bill) here, endorsing a departmental tyranny there, emphasizing the national need secrecy elsewhere, and whispering and cooing the so-called ‘news’ every evening over the wireless, until opposition is tamed and gulled. *Ibidem*, p.64.

de socialismo. Esse era o socialismo inglês, o socialismo de Shaw e dos Webb — peculiar. Se o socialismo inglês o era, o regime autoritário que poderia se firmar na Inglaterra no futuro também o seria. Seria um tipo diferente de fascismo, o *fabio-fascismo*, o fascismo inglês, que provavelmente teria os mesmos contornos de outros regimes que já existiam na Europa à época, como o de Metaxas, na Grécia, e o de Salazar, em Portugal.

Mais do que o fascismo, que ele parecia duvidar que chegasse ao poder naquelas circunstâncias, seu temor nessa época era o de um governo com tendência autoritária — como observou um de seus biógrafos, P.N.Furbank: “o dilema enfrentado por seu país, como parecia a ele, era de que para derrotar o totalitarismo, eles [também] teriam de se tornar totalitários.”<sup>325</sup> E houve sinais claros naqueles anos — a censura, para abafar tendências consideradas obscenas na literatura, a Lei de Sedição, para conter o avanço do comunismo. Naquele momento, as liberdades individuais estavam ameaçadas para onde quer que ele olhasse. E nesse momento, Mosley não era o único, e nem mesmo a maior ameaça.

---

<sup>325</sup> FURBANK, P.N. *E.M.Forster: a life*. Vol. II New York: A Harvest Book & Harcourt Brace & Company, 2010, p.230.

## O FASCISMO NO CONTINENTE: 1934 a 1939

Quando, em 1° de setembro de 1939, tropas alemãs atravessaram a fronteira polonesa, E.M.Forster escreveu a Christopher Isherwood, que desde janeiro encontrava-se nos Estados Unidos, para onde havia imigrado junto de seu amigo, o poeta W.H.Auden: “Imagino que as coisas serão horríveis por aqui. O que quer que se faça será ruim, e por isso mesmo [você] não [deve] voltar, [porque] isso [sim] seria a pior coisa [a se fazer].”<sup>326</sup> A declaração de guerra por parte da Inglaterra viria dois dias depois, anunciada na rádio por um Chamberlain que agora se via tendo que dar prosseguimento àquilo que sua própria armadilha diplomática havia montado. Era o fim de um caminho sinuoso que a diplomacia britânica vinha percorrendo desde setembro do ano anterior.

Esse desfecho não suscitou qualquer reação da sua parte na imprensa. Talvez não tivesse o que acrescentar ou o que dizer nessas circunstâncias. Não havia o que acrescentar àquilo que dissera ao longo do ano numa série de artigos que refletem não o desdobramento da política expansionista de Hitler, mas demonstrando uma preocupação com o que isso acarretaria — a aplicação de uma política racial em nível continental.

Em janeiro, poucos dias depois de Alemanha, Polônia e Hungria terem tomado partes da Tchecoslováquia em nome de seus cidadãos que se encontravam sob o regime de Praga, ele publicou no *New Statesman Jew-Conscious* [Consciência judaica], no qual ele faz uma reflexão acerca do antissemitismo: “[Vivemos um momento] em que posso ter de considerar em ter que perguntar, quando encontrar alguém que eu conheça, se ela é ou não judia, e a não formar uma opinião a seu respeito até esclarecer isso. Que besteira revoltante!”<sup>327</sup> Ao que acrescenta:

Não acho que chegaremos a reintroduzir guetos na Inglaterra; não posso dizer isso com toda certeza, já que ninguém sabe que perversidades podem vir a se desenvolver neste país ou em si mesmo caso as circunstâncias mudem. Acho que não chegaremos a ser selvagens. Mas acho poderemos nos tornar uns

---

<sup>326</sup> It is going to be awful here I expect. Whatever one does is wrong, so do not come back here, that is the wrongest. ZEIKOWITZ, Richard. *Letters between Forster and Isherwood on Homosexuality and Literature*. New York, Palgrave MacMillan, 2008, p.87.

<sup>327</sup> I asked to consider whether the people I meet and talk about are or not Jews, and to form no opinion on them until this fundamental point has been settled. What revolting tosh! FORSTER, Edward Morgan. *Two Cheers for Democracy*. New York: Harcourt & Brace Company, 1951, p.13.

idiotas. Muitas pessoas já o são [e aqui ele parece fazer uma referência a Mosley e seus partidários antissemitas]. (...)

Na superfície, as coisas não parecem tão ruins. Tanto Trabalhistas quanto o Liberalismo comportam-se com [aquela] decência que se espera [deles] denunciando a perseguição (...). Mas por debaixo da superfície as coisas não são boas, e qualquer um que mantiver os ouvidos atentos nos trens ou bares ou estradas rurais pode ouvir uma história muito diferente. (...). Pessoas que [até então] não maltratavam os judeus, ou que nem mesmo eram rudes com eles, [agora] se divertem com seus infortúnios; eles riem quando pogroms incentivados por alguém e quando sinagogas são profanadas (...). “Sirva-se deles, os judeus.” Isso torna a leitura desagradável, mas quem quiser sair do seu mundinho vai descobrir que isso é verdade. O argumento nórdico, “Ele é um capitalista sanguinário, por isso ele deve ser um judeu,” [ou] “como ele é um judeu que ele deve ser um vermelho”, esta enraizado em nossas estações de serviço e fazendas. (...)

A melhor maneira de confrontar isso é dizer: “Isso é propaganda”. Quando [essa resposta] “propaganda” é repetida várias vezes, esse comportamento muda, porque nenhum sujeito gosta de pensar que ele foi enganado. [No entanto], há também outra resposta mais elaborada, mas essa exige [mais] coragem. É dizer: “Você tem certeza que não tem sangue judeu? Você sabe se seus bisavôs não eram [judeus]? Jura que eles eram arianos?” (...)

O antissemitismo é um mal que ninguém previu ao fim da última guerra. Todos os tipos de problemas eram visíveis e discerníveis — nacionalismo, a luta de classes, a divisão entre os que têm tudo e os que não têm nada, o rebaixamento dos valores culturais. Mas nenhum profeta, até onde eu sei, previu esse antissemitismo horrroso, do mesmo modo como hoje ninguém pode ver como isso vai acabar.<sup>328</sup>

Como um Liberal sua posição é inequívoca, no entanto, o que chama a atenção é seu relato sobre o antissemitismo na Inglaterra. De fato podia haver, e não há razão para imaginar que não houvesse manifestações desse tipo ali, já que esse era um fenômeno presente em países por todo o Continente. No entanto, o insucesso da propaganda de antissemita de Mosley nos autoriza a dizer que, nesse ponto, talvez ele

---

<sup>328</sup> I don't think we shall never introduce ghettos into England; I wouldn't think say for certain since no one knows what wickedness may not develop in this country or in himself if circumstances change. I don't think we shall go savage. But I think we shall go silly. Many people have gone so already. (...) On the surface, things, do not look too bad. Labour and Liberalism behave with their expected decency and denounce persecution, and respectability generally follows suit. But beneath the surface things are not so good, and anyone who keeps his ears open in railway carriages or pubs or country lanes can hear a very different story. A nasty side of our nation's character has been scratched up - the sniggering side. People who would not ill-treat Jews themselves, or even be rude to them, enjoy tittering over their misfortunes; they giggle when pogroms are instituted by someone else and synagogues defiled (...). “Serve them right really, Jews” This makes unpleasant reading, but anyone who cares to move out of his own enlightened little corner will discover that it is true. The grand Nordic argument, “he's a bloody capitalist, so he must be a Jew, and as he's a Jew he must be a Red” has already taken root in our filling-stations and farms. (...) The best way of confuting it is to say sneeringly “That's propaganda”. When “That's propaganda has seen been repeated several times, the sniggering stops, for no goose like to think that he has been got at. There is another reply which is more intellectual but which requires more courage. It is to say: “Are you sure you're not a Jew yourself? Do you know who you eight great-grandparents were? Can you swear that all the eight are Aryan?” (...)

Jew-mania was the one evil which no one foretold at the close of the last war. All sorts of troubles were discerned and discernible — nationalism, class-warfare, the split between the haves and the have-nots, the general lowering of cultural values. But no prophet, so far as I know, had foreseen this anti-Jew horror, whereas no one can see the end of it. *Ibidem*, p.13-14.

estivesse um tanto equivocado, ou exagerado. O antissemitismo não era algo tão “enraizado” ou disseminado como ele imaginava.

Embora não fosse, ele estava preocupado com os sinais com que vinha se deparando. Se essas manifestações antissemitas que ele vinha observando estavam se tornando frequentes sem que um governo tivesse transformado esse tipo de perseguição em política de estado, o que aconteceria se isso ocorresse? Nesse ponto ele tinha razão em se preocupar — ele tinha medo de que isso florescesse e prosperasse na Inglaterra como vinha acontecendo na Alemanha.

De fato, essa sua preocupação com o antissemitismo se tornaria frequente ao longo do ano, e uma parte das críticas que dirigiria a Hitler partiriam desse ponto. As coisas mudariam um pouco depois do início do conflito, e principalmente depois da derrocada francesa, porque isso fez com que suas atenções se voltassem para a sobrevivência da Inglaterra e a possibilidade da derrota, mas ainda assim, ele jamais perderia esse tema de vista.<sup>329</sup>

Enquanto Chamberlain prosseguia com sua política errática naqueles meses que antecederam o estouro do conflito, e que culminou nas garantias a Polônia, E.M.Forster continuou batendo nessa tecla. Pouco dias depois de Hitler ter entrado em Praga em 15 de março, ele voltou ao tema com *Racial Exercise* [Exercício Racial], no qual ele se debruçou sobre os efeitos do racismo nazista. Com ironia ele atacou a base da ideologia de Hitler: “Que coisa extraordinária que é um governo que alega ser realista e que se baseia em algo tão sombrio e romântico como a raça! Uma língua comum, uma religião comum, uma cultura comum, todos [esses elementos] pertencem ao presente, e as evidências sobre eles estão disponíveis e podem ser comprovados.” Mas não era bem assim: “Uma comunidade de raça é uma ilusão.” E é uma ilusão porque a “Europa é mestiça, sempre foi, assim como a América.” “Se algum dia houve uma entidade ‘raça pura’, isso é discutível, mas certamente não há uma na Europa hoje — as interações do Império Romano e da Idade Média nos permitem ver isso.”<sup>330</sup>

---

<sup>329</sup> Não é a toa que o material produzido a partir do momento em que a Inglaterra estava sozinha na luta contra Hitler versassem essencialmente sobre aspectos variados da ideologia nazistas e se centrassem na defesa das liberdades individuais como antídoto contra a ameaça que estava do outro lado da Mancha.

<sup>330</sup> How extraordinary it is that government which claim to be realistic should try to base themselves on anything so shadowy and romantic as race! A common language, a common religion, a common culture all belong to the present, evidence about them is available, they can be tested. (...). Community of race is an illusion. (...). Europe is mongrel forever, and so is America. (...). Whether there ever was such an entity as “pure race” is debatable, but there certainly is not one in Europe today — internationalism of the Roman Empire and of the Middle Ages have seen to that. FORSTER, Edward Morgan. *Two Cheers for Democracy*. New York: Harcourt & Brace Company, 1951, p.19.

Mas não era essa propriamente a questão. “Acreditar numa raça é uma força psicológica em potencial, e nós devemos prestar atenção nisso,” acrescentou ele. De todo, “as pessoas gostam de sentir que elas são algo especial, e uma das maneiras de induzir esse sentimento é dizer-lhes que elas pertencem a uma raça pura. Isso explica a facilidade com que ditadores estão colocando sua pseudociência [a serviço dessas ideias].”<sup>331</sup>

Era isso que o incomodava: o nazismo gravitava em torno de algo abstrato. O indivíduo desaparecia dentro da ideologia nazista e virava apenas uma peça que manejava a artilharia para eliminar um elemento incômodo da sociedade em que ele vivia. A comunidade estava acima do indivíduo. A vida girava em torno da construção e manutenção dessa comunidade.

Foi por não compartilhar esse senso de pertencimento a uma comunidade que nunca conseguiu se aproximar dos conservadores — que no geral, defendem ou se apoiam em valores eminentemente cristãos, independente da religião, se católica ou anglicana. Sua principal crítica a T.S.Eliot era justamente a sua noção de pertencimento a uma comunidade, que no caso era a cristã. “Na primeira [das transmissões que foram ao ar na Alemanha e que integravam o livro que ele resenhava] o Sr. Eliot fala da unidade da cultura europeia e descreve a riqueza do inglês para nossa conexão continental.” Na segunda, “ele descreve a barrocada da cultura europeia nos últimos vinte anos, e faz referência a *Criterion*, a admirável revista da qual foi editor. [Já] a terceira, a menos satisfatória de todas, ele tenta dar uma definição de cultura (...).” Para ele a cultura esta conectada à família e “esta intimamente ligada ao Cristianismo. (...) Sentimos — e pode ser que ele desejasse que sentíssemos isso — que sua religião, sua fé é mais importante para ele do que qualquer outra coisa, e que a arte e a literatura só tem importância para ele se tiverem alguma ligação com isso.” A relação pode ser negativa: “apenas a cultura cristã produziu Voltaire e Nietzsche.” Isso quer dizer que “onde não houver cristianismo não há nada.”<sup>332</sup>

---

<sup>331</sup> People like to feel that they are all of a piece, and one of the ways of inducing that feeling is to tell them that they come of pure stock. That explains the ease with the dictators are putting their pseudo-science across. Ibidem, p.19.

<sup>332</sup> In the first of them, Mr. Eliot speak of the unity of European culture (...). In the second, he describes the break-up of European culture during the last twenty years, and refers to *Criterion*, the admirable review which he once edited. The third broadcast is the least satisfactory, because he advances in it towards a definition of culture, and then retires without making it clear how far he has been. (...) It is assuredly connected with Christianity. (...) We feel — and he would wish us to feel — that his religious faith is more important to him than anything else, and that art and literature are only valid in their relation



E esse senso pertencimento a uma comunidade os fascistas herdaram do conservadorismo,<sup>333</sup> do mesmo modo como herdaram e adaptaram a *consciência revolucionária* da esquerda política. Foi quando aliaram esse senso de pertencimento a uma comunidade com esse senso *revolucionário* que eles produziram esse coquetel que era sua ideologia. Enquanto os conservadores tendem preservar o meio e a comunidade ao qual pertencem porque existe uma tradição que foi legada pelos antepassados com a qual não podem romper, os fascistas veneram a comunidade porque acreditam que essa era a causa pela qual vale matar ou morrer. Os fascistas preservaram aspectos da ordem existente não porque acreditassem que ela era o resultado de uma evolução e da experiência acumulada historicamente, como faziam os conservadores, mas porque não tinham nenhuma objeção prática a ela.

Se não compartilhava com os conservadores esse senso de pertencimento a Cristandade, como Eliot, ou a Civilização Ocidental, como outros fizeram, era impossível que compartilhasse ou que tolerasse a ideia de uma comunidade racial dos nazistas. A ele não importava a comunidade. Como liberal ele se importava com o indivíduo, e se preocupava e o encarava como uma entidade única — e esse é outro ponto que dificultou sua aproximação com o conservadorismo. O conservador não enxerga o indivíduo sozinho, ao léu. O indivíduo pertence a alguma comunidade porque vive em algum lugar. Ele tem vínculos. Ele tem família. Ele tem raízes que o prendem ou que o ligam a algum lugar, a uma religião. A necessidade de se preservar e de conservar alguns valores ou instituições decorre disso — porque elas ajudam na convivência e organização da vida social.

Como ocorre muitas vezes, apesar de uma disposição conservadora, nem sempre uma pessoa manifesta, ao mesmo tempo, uma preferência política pelo conservadorismo. Na verdade, um independente do outro. A mera disposição não *obriga* uma pessoa a ter uma posição política conservadora. E o caso de E.M.Forster ilustra isso muito bem: ele tinha uma disposição conservadora, mas sua opção política era pelo liberalismo. De fato, ele adotou pontos de vistas e ideias defendidas pelos liberais, como a defesa intransigente das liberdades individuais, e o fez, em certos momentos, como se não houvesse mais nada a ser defendido ou preservado. No entanto,

---

to it. (...). “Only a Christian culture could have produced Voltaire and Nietzsche.” (...) Where there is not Christianity there is nothing. Ibidem, p.259-260.

<sup>333</sup> VIERECK, Peter. *Conservatism: from John Adams to Churchill*. New Jersey: Van Nostrand, 1956, p. 60-62.

ele trazia arraigado em seu temperamento um pendor natural para defender a tradição e a estabilidade — do mesmo modo que Lowes Dickinson. E essa disposição conservadora se manifestaria em momentos específicos, como quando preferiu defender a democracia a tentar qualquer um dos experimentos políticos que havia no Continente. A despeito disso, a defesa dos valores liberais imperaram e tiveram um peso maior ao longo daqueles anos — e isso pode ser facilmente detectado quando nos debruçamos em ensaios como *What I Believe* [No que eu acredito]. Pode ser detectado nas suas atitudes com relação às ideias coletivistas de fascistas e comunistas. Para ele essas ideias não o beneficiariam, ao indivíduo, de forma alguma — elas o iriam subjugar para que um plano político tornasse realidade e se concretizasse. E isso era algo que lhe parecia simplesmente desprezível, e ele se sentia particularmente desconfortável de ter que se defrontar com essas duas opções que ele externou com um certo tom de ironia em *Tolerance* [Tolerância], um artigo de 1941:

O mundo esta cheio de pessoas — terrivelmente cheio (...). Muitas dessas pessoas não se conhecem e algumas poucas se gostam; muitos não gostam da cor da pele de uns, ou do formato de seus narizes ou da maneira como assopram ou não o nariz, ou da maneira como falam ou do cheiro que têm ou das roupas que vestem ou do gosto ou não pelo jazz, e assim por diante. Bem, o que se pode fazer? Existem duas soluções: uma é o método nazista. Se você não gosta de um povo, você pode matá-lo, bani-lo, segregá-lo, e pavonear-se e proclamar que eles são o sal na terra. [Mas existe uma] outra maneira que é muito menos emocional, mas que é inteiramente democrática, e que eu [particularmente] prefiro. Se você não gosta de algumas pessoas, ature-as da maneira que você puder. Não tente amá-las — você não conseguirá; você pode apenas se esforçar [nisso]. Mas tente tolerá-las. Essa será a base de uma civilização tolerante futura a ser construída. Não consigo ver outra fundação para o mundo do pós-guerra.<sup>334</sup>

As perseguições e a repressão não eram apenas um elemento ou instrumento da ideologia nazista; com sua chegada ao poder elas foram institucionalizadas. E uma vez tendo se tornado política de estado, estava dada a largada da escalada rumo à barbárie que culminou nos campos de extermínio, ao final da guerra. No entanto, nos primeiros meses após a chegada de Hitler ao poder, longe de se dirigir apenas a minorias pequenas

---

<sup>334</sup> The world is very full of people — appallingly full (...). Most of these people one doesn't know and some of them one doesn't like; doesn't like the colour of their skins, say, or the shapes of their noses, or the way they blow them or don't blow them, or the way they talk, or their smell, or their clothes, or their fondness for jazz, or their dislike of jazz, and so on. Well, what is one to do? There are two solutions. One them is the Nazi solution. If you don't like people, kill them, banish them, segregate them, and then strut up and down proclaiming that you are the salt of the earth. The other way is much less thrilling, but it is on the whole the way of the democracies, and I prefer it. If you don't like people, put up with them as well as you can. Don't try to love them: you can't, you'll only strain yourself. But try to tolerate them. On the basis of that tolerate a civilised future may be built. Ibidem, p.45-46.

e elementos considerados antinacionais, a ameaça, a detenção, processo e encarceramento do terror nazista em condições cada vez brutais e violentas pairava sobre todo mundo no Terceiro Reich, e até mesmo sobre membros do próprio partido — ninguém nunca estava a salvo ou imune à ação do estado.

De todo, o regime forçou os alemães à aquiescência, infringindo um leque de sanções àqueles que ousavam se opor, desorientando as pessoas de modo sistemático e privando-as de seus ambientes sociais, culturais e tradicionais, tais, como *pubs*, clubes e associações de voluntários, sobretudo onde esses pudessem ser visto como uma fonte potencial de resistência. Desde o princípio, medo e terror fizeram parte do arsenal de armas políticas dos nazistas. E o Estado e o Partido — que com o tempo foram se fundindo — puderam fazê-lo porque eles destituíram sistematicamente todos os alemães dos direitos civis e humanos básicos.<sup>335</sup>

Nos primeiros meses a oposição foi simplesmente dizimada. Com o incêndio do Reichstag, os nazistas tiveram a oportunidade de eliminar o Partido Comunista — a lógica aqui era muito simples: os comunistas haviam queimado o Reichstag e, portanto, todos os comunistas deveriam ser culpados por traição e erradicados da política. O decreto do incêndio do Reichstag foi promulgado em meio a uma propaganda maciça na qual Göring e outras lideranças nazistas pintaram um quadro dramático de uma revolução bolchevique alemã iminente. Com isso, a fúria represada dos camisas-parda caíram sobre seus oponentes comunistas, infringindo eles mesmos, os nazistas, o terror que eles alegavam que os comunistas promoviam. Sua violência era expressão do ódio que nutriam há muito, e que explodiu naqueles dias. Não havia nenhum plano coordenado a não ser dar livre curso a uma terrível agressão física contra homens e mulheres que eles temiam e odiavam.<sup>336</sup>

A liderança do Partido Comunista foi pega desprevenida pelos eventos de 27-28 de fevereiro. Pensou que atravessaria esse período de repressão, como havia atravessado o de 1923 e 1924. Mas dessa vez, porém, as coisas eram muito diferentes. Ernest Tälmann, líder do partido e seus assessores foram presos. Ernest Torgler, líder da bancada do partido no Reichstag se entregou em 28 de fevereiro. Por todo o país, organizações do partido foram destroçadas, escritórios ocupados. Em pouco tempo a

---

<sup>335</sup> EVANS, Richard. *O Terceiro Reich no poder*. São Paulo: Editora Planeta, 2011, p.146.

<sup>336</sup> *Ibidem*, p. 408-409.

onde de detenções haviam se avolumado, chegando a cerca de 10 mil em 15 de março.<sup>337</sup>

Hitler temia uma reação violenta se banido o Partido Comunista de uma vez. Em vez disso, como acabou fazendo no começo, preferiu fazer dessa maneira. Ele procederia assim também com os judeus. Não baniu de uma vez e mandou para campos de extermínio. O cerco foi se fechando aos poucos. E se fechou depois para os socialdemocratas, os sindicatos, para o Partido do Centro, para os conservadores. Em pouco tempo campos de concentração foram abertos por todo o país e centros de tortura. Sua fundação recebeu larga publicidade, garantindo que todos soubessem o que aconteceria com aqueles que se opusesse a “revolução nacional.” E ali, tal como nos campos soviéticos, imperava uma violência sádica.<sup>338</sup>

O arrocho não afetou apenas os politicamente ativos, ou suspeitos, mas toda a sociedade alemã. Relatos de espancamentos brutais, torturas, humilhação de prisioneiros de todas as categorias e de todos os matizes apareceriam de forma contínua. A intimidação generalizada da população proporcionou a pré-condição essencial para um processo que estava em curso, o de alinhamento total da Alemanha de acordo com a ideologia nazista — *Gleichschaltung*, uma metáfora extraída do mundo da eletricidade, que significava que todos os interruptores estavam sendo colocados dentro do mesmo circuito.<sup>339</sup> A Alemanha precisava primeiro se livrar dos elementos incômodos para depois ter a chance de conquistar seu espaço vital e garantir sua sobrevivência como potência europeia.

No entanto, o regime não estava interessado apenas em suprimir a oposição ativa — ou os elementos incômodos. Ao contrário, ele estava interessado em eliminar os mais ínfimos sinais de descontentamento e sufocar qualquer coisa que pudesse sugerir que a população não estava maciça e entusiasticamente por detrás do que ele fazia. A partir desse momento, comentários maliciosos ou piadas políticas podiam ser tão censuráveis quanto à oposição e críticas diretas.<sup>340</sup> Em pouco tempo, o ar se tornou difícil de respirar, e diante disso, a intelectualidade alemã não teve alternativa a não ser o exílio, sobre o qual Forster falou em outra transmissão, também de 1940:

---

<sup>337</sup> Ibidem, 409-410.

<sup>338</sup> Ibidem, p.422.

<sup>339</sup> Ibidem, p.130.

<sup>340</sup> EVANS, Richard. *O Terceiro Reich no poder*. São Paulo: Editora Planeta, 2011, p.130.

Eu não vou passar por toda a lista de escritores, pintores, escultores, arquitetos, músicos, filósofos, cientistas e teólogos alemães que começaram a serem perseguidos pelos próprios alemães sete anos atrás. Ela é muito longa. Mas penso em Einstein, o grande cientista vivo que nos deu uma nova visão do universo — ele está exilado. Penso em Freud, um psicólogo — ele morreu no exílio. Penso em Thomas Mann: ele apenas queria escrever seus romances em paz, mas ele tinha que escrever seus romances a sua própria maneira, ele tinha que ser independente — ele está exílio. Penso em pessoas menores, amigos meus: conheço um escritor que escapou de Viena, um companheiro encantador, cujo crime era ser judeu, e outro escritor, de puro sangue ariano de Berlim, cujo o crime foi pensar.<sup>341</sup>

O exílio de parte da intelectualidade alemã — porque uma outra quando não apoiou descaradamente o regime, ficou em silêncio —, significava que a Alemanha estava perdida. As comportas da liberdade haviam sido fechadas e, com as liberdades individuais suprimidas, a vida agora já não dizia respeito àquilo que o indivíduo poderia fazer ou deixar de fazer. Agora o indivíduo praticamente pertencia ao Estado, que delegava e controlava cada aspecto de sua vida. De todo, a incompatibilidade dos valores de E.M.Forster com o fascismo não se centrava apenas em seu caráter extremado e revolucionário, e no caso do nazismo, o racismo, mas ao seu nacionalismo exacerbado. A raça, em conjunto com a comunidade nacional, se sobrepõe ao indivíduo. Aqui, a finalidade não é garantir a liberdade do indivíduo e sua integridade física e moral, mas a realização de um projeto nacional. E isso simplesmente não tinha nenhum sentido para ele. Como escreveu em um artigo intitulado *Three Countries*: “Meu patriotismo se mantém firme e leal ao lugar ao qual pertenço. Nada além disso. A ideia de que meu país é melhor do que qualquer outro nunca me ocorreu.”<sup>342</sup>

Enquanto ele se mostrava apreensivo com o fascismo ante a possibilidade dele de dominar a Europa, T.S.Eliot temia mais o comunismo. Eliot abominava os dois e acreditava que eram “meras variações da mesma doutrina: igualmente simples variantes

---

<sup>341</sup> I cannot go through the list of German writers and painters and sculptors and architects and musicians and philosophes and scientists and theologians who have been persecuted by Germany in the past seven years. It would take too long. But I think of Einstein, the greatest scientist life living, who gave us a new view of the universe; he is in exile. Think of Freud, the psychologist: he has died in exile. Think of Thomas Mann: he only wanted to write his novels and live in peace, but he had write them in his own way, he had to be independent, and he is in exile. Think of the smaller people, friends of my own: I know a writer who escaped from Vienna, a charming fellow, whose crime it was to be a Jew, and another writer, a pure-blooded Aryan from Berlin, whose crime it was to think. FORSTER, Edward Morgan. *Two Cheers for Democracy*. New York: Harcourt & Brace Company, 1951, p.36.

<sup>342</sup> And my patriotism which is very steady is loyalty to the place where I happen to belong. It doesn't go further. The idea that my nation is better than someone else's never occurs to me. FORSTER, Edward Morgan. *The Hill of Devi and the other writings*. London: Edward Arnold, 1983, p.291.

do atual estado de coisas,<sup>343</sup> como escreveu em 1929. Mas entre ter de escolher entre um e outro, preferia o fascismo. “O fascismo é (...) nacionalista, e o comunismo, internacionalista; no entanto é concebível que em determinadas circunstâncias o fascismo possa contribuir para a paz, e o comunismo para a guerra.” E acrescenta: “As objeções que fascistas e comunistas fazem uns aos outros, são, em sua maioria bastante irracionais. (...) Contudo, o propósito principal de me aventurar a criticar dois autores [Barnes e Rowe] incomensuravelmente mais eruditos e competentes do que eu, é afirmar a minha argumentação anterior de quem nem o fascismo e nem o comunismo são novos ou revolucionários como ideia.”<sup>344</sup>

Tirando a parte da preferência, que é subjetiva, podemos estar pensando no quanto Eliot estava equivocado ao dizer que o fascismo poderia promover a paz. Não o faria. O fascismo incita e precisa da guerra e da violência, ou ele perde substância. Como frisou Paxton, o líder tinha que fazer promessas espetaculares: unificar, purgar e energizar sua comunidade. Tinha de salvá-la da frouxidão e do materialismo burguês, do caos que era a política democrática e da contaminação por outros povos e culturas. E ele oferecia soluções drásticas para isso: violência contra inimigos, total imersão do indivíduo na comunidade, purificação do sangue e da cultura, rearmamento e guerra.<sup>345</sup> A expressão *Rivoluzione permanente* [Revolução Permanente] de Giuseppe Bottai, sintetiza esse aspecto do regime fascista — a história não acaba com sua chegada ao poder. O líder não podia se acomodar e desfrutar confortavelmente dele.<sup>346</sup>

E Mussolini provou disso diversas vezes, até pela longevidade de seu regime. Quando as coisas esfriavam internamente e algum descontentamento surgia, ele logo inventava uma nova empreitada. Foi assim com a guerra contra a Etiópia e depois durante a Segunda Guerra Mundial. Na Alemanha de Hitler a mesma coisa — basta ver a violência com que os grupos paramilitares agiam depois de um intervalo de tempo sem terem a chance de extravasarem seus ódios, que nem precisava ser grande. De todo, esse apetite pela guerra e violência não podia ser saciado. Ou podemos imaginar um Hitler ou um Mussolini pacifista? Suas próprias ideias de se chegar a uma comunidade racial perfeita, ou de uma nação coesa depois de se purgarem dos elementos

---

<sup>343</sup> KIRK, Russell. *A Era de T.S.Eliot*. São Paulo: É Realizações, 2011, p.321.

<sup>344</sup> *Ibidem*, p.321-322.

<sup>345</sup> PAXTON, Robert. *A Anatomia do Fascismo*. São Paulo: Paz & Terra, 2007, p.245.

<sup>346</sup> *Ibidem*, p.245.

considerados incômodos, além de seu culto a violência e a força não lhes permitia que se acomodassem. Eles encontrariam outro alvo e outros motivos para descarregar a energia que sua retórica violenta e sua ideologia acumularam e idealizavam.

Mas se estava errado com relação a isso, as opiniões de Eliot com relação à postura de alguns intelectuais diante da ameaça fascista era um exemplo de lucidez raro naquela época. “O ‘antifascista’ irresponsável, o cidadão de encontros de massa e manifestos, é, de vários modos, um perigo.” E explica o por que: “Suas atividades, quando exploradas pela imprensa estrangeira, são capazes de alimentar, no exterior, as mesmas ideias que tão veementemente repudia; confunde os assuntos da política real com um fanatismo religioso deslocado, e tira atenção dos verdadeiros males da sociedade.”<sup>347</sup> Em outras palavras, a oposição acirrada e incondicional ao fascismo, como a que Romain Rolland fez (mas o fez porque apoiava outro regime) ou a que o próprio Forster manifestou, não resolvia o problema. Como frisou Eliot era preciso criar condições para que ele simplesmente não prosperasse. A simples oposição não impediria os agressores de marchar contra aqueles que, como a maioria desses intelectuais antifascistas, se diziam pacifistas.

Como não via as coisas dessa maneira, E.M.Forster acabou seguindo os passos de boa parte da intelectualidade inglesa e francesa nesse aspecto. De todo, ele nunca conseguia pensar ou analisar as circunstâncias e as dificuldades com maior profundidade. Diferente do que acabou acontecendo com relação à União Soviética, que pela distância e pela complacência manifestada com relação aos propósitos do comunismo, ela acabou não virando alvo de suas críticas mais contundentes. No entanto, quando o assunto era a Alemanha nazista, ele simplesmente não mediu esforços e nem palavras. E com relação a ela é importante frisar que as informações que ele dispunha e as análises que fez eram apuradas e lúcidas. De fato, os incidentes com os judeus, as perseguições e as prisões arbitrárias não passaram despercebidos pela imprensa internacional. Correspondentes de jornais estrangeiros em Berlim relataram ter visto judeus com sangue escorrendo pelo rosto ou caídos pelas ruas da cidade após serem surrados até desmaiar. Reportagens críticas começaram a despontar na imprensa britânica, francesa e americana,<sup>348</sup> o que explica o fato dele ter se inteirado sobre o assunto e dispor de informações precisas.

---

<sup>347</sup> KIRK, Russell. *A Era de T.S.Eliot*. São Paulo: É Realizações, 2011, p.321-424.

<sup>348</sup> EVANS, Richard. *A Chegada do Terceiro Reich*. São Paulo: Editora Planeta, 2010, p.520.

Talvez isso tenha feito toda a diferença. Enquanto as notícias vindas da Rússia eram difusas e esporádicas, e, muitas vezes questionadas, ou questionáveis, as informações que chegavam de Berlim eram inequívocas. Numa transmissão na B.B.C. que foi ao ar em 1941 ele disse: “Nunca estive na Rússia e não falo a língua. Nunca fiz nenhum estudo especial sobre as mudanças sociais e políticas que ocorreram ali nos últimos vinte e cinco anos.”<sup>349</sup> Embora seja uma confissão isolada numa transmissão sobre literatura feita no auge da guerra, ela é inteiramente esclarecedora. De um lado ela explica sua atitude complacente com relação ao comunismo e sua dificuldade de entender o acontecia ali. E de outro ela ajuda a compreender sua atitude com relação ao nazismo. Se com relação à Rússia ele não fez esforço algum para compreender o que acontecia ali, com relação à Alemanha nazista ele não só esteve atento como leu extensamente sobre o assunto. Em muitos artigos Forster cita trechos inteiros de discurso de Hitler, o que mostra que ele chegou a reunir algum material sobre.

Mas não foi só isso — a quantidade de informações reunidas. O que fez diferença aqui foram os propósitos de cada ideologia, como ele frisou numa resenha de 1938: “Seus objetivos finais [os do comunismo] são inteiramente descentes.” Ao que acrescentou: “Esse idealismo e essa lisura é que são a força inspiradora do comunismo, uma característica que o distinguirá eternamente do fascismo.”<sup>350</sup> Nesse sentido, a opinião formulado por ele com relação ao fascismo congrega essa noção que ele tinha dessas duas ideologias e o conjunto de informações que pulularam na imprensa internacional. Diferente da escritora americana radicada em Paris, Gertrude Stein, E.M.Forster nunca foi ingênuo com relação às intenções de Hitler. Como seu amigo Eric Sevareid, após uma visita em 1944, registrou:

Ela era incapaz de pensar politicamente. Asseverou-me o seguinte: “Hitler, na verdade, nunca irá à guerra. Não é ele o perigoso. Entenda, ele é o romântico alemão. Ele quer a ilusão de vitória e poder, a glória e o glamour que vem com eles, mas ele não suportaria o sangue e as batalhas necessárias para alcançá-los. Não, Mussolini — ele é o homem perigoso, pois é um realista italiano. Ele seria capaz de qualquer coisa.”<sup>351</sup>

---

<sup>349</sup> I’ve never been to Russia, I can’t talk the language. I’ve made no special study of the mighty economic and political changes that occurred there in the last twenty-five years. FORSTER, Edward Morgan. *The Creator as critic and other writings by E.M.Forster*. (ed) Jeffrey Heath. Toronto Dundurn Press, 2008, p.256.

<sup>350</sup> It final aims are thoroughly decent (...) This Idealism and warmheartedness is inspiring force in Communism, the quality that distinguishes it from Fascism eternally. FORSTER, Edward Morgan. *The Prince’s Tale and other uncollected writings*. London: André Deutsch, 1998, p. 293-294.

<sup>351</sup> MALCOLM, Janet. *Duas Vidas: Gertrude e Alice*. São Paulo: Paz & Terra, 2008, p.102.



Stein pode ter demorado um pouco, mas no fim acabou por ver as coisas com clareza perto do fim da guerra. Em *Wars I Have Seen* [Guerras que tenho visto], ela escreveu: “Eu antes não entendia, mas agora estou começando a entender.”<sup>352</sup> O que ela demorou para entender, E.M.Forster compreendeu muito cedo. De todo, desde o começo ele foi simplesmente inflexível quando o assunto era Hitler. Escrevendo em 1940, ele deixou isso muito claro. Na transmissão *Culture and Freedom* [Cultura e Liberdade], ele disse:

(...) Creio que, se o nazismo vencer, a cultura será destruída na Inglaterra e no Império. Na Guerra do Kaiser, a Alemanha era apenas um país hostil. Ela e a Inglaterra eram inimigas, mas pertenciam à mesma civilização. Na Guerra de Hitler, a Alemanha não é um país hostil, ela é um princípio hostil. Ela introduziu um novo e um péssimo estilo de vida, e se ela vencer, ela certamente destruirá nossos costumes. Não existe um mesmo espaço no mundo para a Alemanha nazista e para pessoas que não pensam como ela.<sup>353</sup>

E acrescenta: “Em minha visão limitada, a Alemanha de Hitler é criminosa (...) e comandará uma Era de derramamento de sangue.”<sup>354</sup> Se para ele era criminosa, não o era ou não parecia para outros. E aqui vale a pena fazermos um parêntese para que tenhamos a chance de compreender a maneira como muitos intelectuais reagiram e porque se identificaram com o fascismo — ver a dinâmica dentro de um setor dessa *estrutura de socialibilidade*. Uma vez apontados os principais atrativos, e as principais motivações que levaram à adesão, estaremos em condições de pensar na maneira como E.M.Forster se posicionou com relação aos regimes de Hitler e Mussolini e porque se opôs a eles.

Em uma transmissão de rádio, em Roma, em 1942, Ezra Pound diria: “No que diz respeito ao programa de Hitler, trata-se daquilo que todos nós sabíamos e pelo qual nada tínhamos feito; ou seja, que o aperfeiçoamento da raça humana merece mais

---

<sup>352</sup> STEIN, Gertrude. *Guerras que he visto*. Barcelona: Alba Editorial, 2003.

<sup>353</sup> My believe is that if the Nazis won, the culture would be destroyed in England and the Empire. In the Kaiser’s war, Germany was just a hostile country. She and England were enemies, but they both belonged the same civilization. In the Hitler’s war Germany is not a hostile country, she is a hostile principle. She stands for a nrw and a bad way of life, and if she won, would be bound to destroy our ways. There is not room in the same world for Nazi Germany and for people who don’t think as she does. FORSTER, Edward Morgan. *Two Cheers for Democracy*. New York: A Harvest Book & Harcourt Brace & Company, 1951, p.31.

<sup>354</sup> And to my limited outlook, Hitler’s Germany is the villain (...). And ordered an age of bloodshed. Ibidem, p.34.

desvelos e atenções do que o aperfeiçoamento de cavalos ou cães, porcos, cabras e bichos de maiores dimensões. É este o primeiro ponto do programa nazi.” E acrescenta:

Melhorar muito e salvar a raça; promover a raça perfeita, isto é, obter jovens saudáveis. Conservar o melhor da raça, conservar os melhores elementos. Isto, que não agrada às mentalidades abjetas dos hebreus apostados em destruir todas as outras raças e substituí-las, fazê-las mergulhar na escravidão dos salários ou na escravidão soviética sob o domínio dos malditos fariseus alimentados pelo bando dos Churchills, Edens, Stafford Cripps, significa o eugenético em contraposição ao suicídio racial.<sup>355</sup>

Pound chegou à Itália no verão de 1923 para estudar Sigismondo Malesta (1417-1468) nos arquivos de Rimini. Mussolini estava no poder havia um ano, e não demorou muito para que Pound acabasse se interessando pelo regime que em pouco tempo ganharia contornos mais nítidos. O que talvez tenha sido decisivo para que ele se aproximasse do fascismo, como frisou Feldman, foi o contato que Pound travou com a biografia de Mussolini escrita por Antonio Beltramelli, *L’Uomo Nuovo* [O Novo Homem]. O que foi fundamental para Pound em *O Novo Homem*, é a descrição que Beltramelli fez de Sigismundo como precursor de Mussolini — ambos vieram de uma aldeia da Romagna e cada um personificava algo novo, uma nova civilização. O autocrata do *quattrocento* foi para a Renascença o que Mussolini era para a revolução fascista: a personificação de uma nova civilização. Embora não possamos afirmar com segurança, aqui talvez tenha se iniciado a ligação de Pound com o fascismo.<sup>356</sup>

Mas se essa biografia teve algum efeito sob Pound, ele não foi imediato. Quase dez anos se passariam até que a conversão de Pound tivesse se completado. Isso se daria somente no começo da década de trinta — em carta a Camillo Pelizzi, Pound escreveu: “O regime PROVOU o que eu bem SABIA e aquilo que eu vinha dizendo; o Regime e eu estamos em perfeita harmonia.”<sup>357</sup>

Em abril de 1932 Pound conheceu o fundador do futurismo — um precursor e depois um aliado de Mussolini —, Filippo Tommaso Marinetti, que teria um papel importante em sua conversão. Talvez esse encontro com Marinetti tenha tido algum efeito sobre ele, porque foi naquele mesmo mês que escreveu sua primeira carta

<sup>355</sup> POUND, Ezra. *Esta é a voz da Europa*. Lisboa: Hugin, 1996, p.56.

<sup>356</sup> FELDMAN, Matthew. *Ezra Pound’s Fascist Propaganda: 1935-1940*. London: Palgrave MacMillan, 2013, p. 13.

<sup>357</sup> *Ibidem*, p.21.

endereçada a Mussolini pedindo uma audiência. Em suas cartas ao longo daquele ano ele adotou o calendário fascista — uma carta a Langston Hughes foi datada como “25 de julho de 1932 - Ano X [da revolução].” Em dezembro 1932 Pound foi um dos 3,8 milhões de visitantes da *Mostra dela Rivoluzione Fascista*, inaugurada em Roma em 29 de Outubro de 1932, para a comemoração dos 10 anos da revolução.

Como se vê, aos pouco ele foi ensaiando uma aproximação na medida em que seus interesses foram ficando mais claros — como frisou Feldman, antes mesmo antes de conhecer Mussolini em janeiro de 1933 a visão de Pound tinha começado a mudar.

De todo, o interesse de Pound com relação ao fascismo italiano — em particular em seu culto do herói, o culto ao *Duce* — esteve incubado desde meados da década de vinte. Se ele havia elogiado Mussolini em privado numa carta bem conhecida para Harriet Monroe em novembro de 1926, ele viria a fazê-lo cada vez mais para seu círculo de correspondentes durante a década que se seguiu.<sup>358</sup> E isso é visível também no material que publicou no princípio dos anos trinta. Depois de sua audiência com *Duce*, que teve grande efeito sobre ele como acabou acontecendo com muitos outros — e Plínio Salgado foi um deles<sup>359</sup> —, ele começou a discutir e a abordar temas relativos à Itália fascista em seus textos jornalísticos. Neles ele oferecia noções positivas sobre a *Nova Itália*. No *New York World Telegram* apareceu *Presenting Some Thoughts on Fascism* [Apresentar Algumas reflexões sobre o fascismo], de 14 novembro de 1933. No *The Chicago Tribune* apareceu *Mussolini defines State as “Spirit of the People”* [Mussolini define o Estado como o “espírito do povo”], de 9 de abril de 1934. Alguns desses textos apareceram até mesmo na revista de T.S.Eliot.<sup>360</sup>

Uma vez estando na órbita do fascismo, Pound percorreu um caminho que nenhum outro intelectual fez. Claro, muitos viraram propagandistas dos regimes fascistas. Robert Brasillach e Drieu la Rochelle se entusiasmaram com a ocupação alemã na França e colaboraram com ela. Mas Pound tinha uma convicção inabalável que o fez estar ao lado de Hitler e Mussolini até o último instante, quando foi preso. E tendo isso em conta, não é de admirar que seu fim tenha sido amargo. Depois de mais de uma década internado num hospital psiquiátrico, Pound finalmente pode sair e tentar

---

<sup>358</sup> Ibidem, p.19.

<sup>359</sup> BERTONHA, João Fábio. *Entre Mosley, Whittaker e Plínio Salgado: interfaces entre o universo fascista do Brasil e do mundo anglo-saxão*. Porto Alegre: Interfaces Brasil/Canadá, V.1, N.2, 2002.

<sup>360</sup> FELDMAN, Matthew. *Ezra Pound's Fascist Propaganda: 1935-1940*. London: Palgrave MacMillan, 2013, p. 19.

levar uma vida normal. No entanto, seu histórico o impedia de se reabilitar. Nesse sentido, até pelo próprio peso de seu psicológico, que como muitos sugeriram começou a deteriorar a partir de 1936,<sup>361</sup> um fato que não pode ser ignorado quando tratamos de sua atuação naqueles anos, é difícil compará-lo ou coloca-lo ao lado de outros intelectuais fascistas, e por isso mesmo seu caso é peculiar.

Mas se seu caso é peculiar, o do escritor francês e colaboracionista Pierre Drieu la Rochelle (1893-1945) é dramático. O colaboracionismo é um dos temas mais interessantes e que mais renderam discussões com relação a esse período. Como frisou Peter Davies, homens como Pétain ou Pierre Laval, não “morriam de amores” pelo nazismo, mas aceitaram trabalhar em conjunto com os nazistas a partir de 1940. No entanto, o ativismo político da intelectualidade francesa durante a ocupação é outra história. Eles não se limitaram a colaborar com os nazistas, mas glorificaram a vitória deles sob a Terceira República.<sup>362</sup> Figuras como Robert Brasillach (1909-1945), Louis-Ferdinand Céline (1894-1961), Jacques Doriot (1898-1945), Marcel Bucard (1895-1946), Marcel Déat (1894-1955), Alphonse de Châteaubriant (1877-1957), Henri Béraud (1885-1958) e Jean Luchaire (1901-1946) se destacaram por sua atuação durante o período de ocupação, e posteriormente sofreram as consequências por isso.

Doriot tinha seu partido fascista, o *Parti Populaire Français* (PPF), e Déat o seu *Rassemblement National-Populaire* (RNP), fundado em 1941, portanto não era de se estranhar que colaborassem. No entanto, os demais eram figuras literárias que articularam suas ideias pró-alemãs na imprensa durante os anos de ocupação. Drieu foi editor da *Nouvelle Revue Française* (NRF), a mais importante revista do país publicada pela Gallimard, a maior editora da França na época; Céline e Brasillach trabalharam no *Je suis Partout*; Béraud era propagandista no *Gringoire*, Luchaire era editor do *Gringore*; Châteaubriant coordenava as atividades do *Groupe Collaboration*.<sup>363</sup>

Por debaixo do entusiasmo com a vitória alemã manifestado por todos eles, e até mesmo com relação ao fascismo, estava aquilo que Davies chamou de “a paranoia a respeito da ‘decadência’ e o desejo de ‘racionalização’”<sup>364</sup> Eles insistiam que a França e

---

<sup>361</sup> Ibidem, p.26.

<sup>362</sup> DAVIES, Peter. *The Extreme Right in France: 1789 to the Present: From de Maistre to Le Pen*. London: Routledge, 2002, p. 115.

<sup>363</sup> Ibidem, p.115-116.

a Europa estavam à beira do declínio moral e espiritual, e que por isso a nova elite fascista tinha o dever de conter o fluxo da história e ajudar a criar uma nova civilização e um novo homem.<sup>365</sup>

No entanto, como frisaram Soucy e Davies, do mesmo modo que podemos encontrar diferenças significativas entre um movimento fascista e outro, assim também podemos encontrar diferenças entre a maneira de se expressar e as ideias que cada intelectual fascista defendia. Como observou Larkin, “Brasillach viu na Ocupação uma oportunidade para a regeneração nacional, enquanto Drieu La Rochelle viu isso como o começo de uma Europa unida e renovada.”<sup>366</sup> Brasillach apoiou a *Action Française* e não o PF; ele era mais católico, monarquista e neoclassicista do que Drieu. Enquanto Céline se recusou a se filiar a qualquer partido fascista na década de 1930, Drieu se juntou ao PPF, de Jacques Doriot. Drieu e Brasillach não eram adeptos das ideias racistas de seus companheiros alemães, ao passo que Céline o era<sup>367</sup> — seu antissemitismo era tão virulento quanto o de Ezra Pound. Alguns colaboracionistas diziam que a França tinha que engolir seu orgulho e seguir o exemplo da Alemanha — Darnand fez um juramento de lealdade a Hitler e tinha orgulho de vestir um uniforme alemão quando se juntou ao LVF.<sup>368</sup>

Como se vê, diferente do comunismo, não havia um acordo sobre a causa que defendiam, e por isso mesmo nunca houve um senso de pertencimento a comunidade entre intelectuais fascistas que podiam uni-los de uma ponta a outra do Continente — o que havia era uma verdadeira profusão de ideias desconexas defendidas por indivíduos muito diferentes entre si e que gravitavam em torno de preocupações parecidas. Claro que entre os comunistas havia graus de radicalismo e diferença com relação aos métodos e os caminhos a serem seguidos para alcançar seu objetivo. Mas entre eles havia um senso de comunidade, um senso que os fazia se identificar com sua causa, um

---

<sup>364</sup> DAVIES, Peter. *The Extreme Right in France: 1789 to the Present: From de Maistre to Le Pen*. London: Routledge, 2002, p. 115.

<sup>365</sup> SOUCY, Robert. *French Fascism: The Second Wave: 1933-1939*. New Haven: Yale University Press, 1995, p.287.

<sup>366</sup> LARKIN, Maurice. *France since the Popular Front*. Oxford: Oxford University Press, 1991, p.95.

<sup>367</sup> SOUCY, Robert. *French Fascism: The Second Wave: 1933-1939*. New Haven: Yale University Press, 1995, p.281.

<sup>368</sup> SOUCY, Robert. *French Fascism: The Second Wave: 1933-1939*. New Haven: Yale University Press, 1995, p.287. DAVIES, Peter. *The Extreme Right in France: 1789 to the Present: From de Maistre to Le Pen*. London: Routledge, 2002, p. 117-118.

senso, como frisou Judt, de pertencimento a algo que poderia se materializar no futuro. Um senso que os permitia dizer que eles estavam construindo algo.<sup>369</sup>

Entre os fascistas isso era impossível. E o nazismo é o melhor exemplo disso — um francês não poderia ser um nacional-socialista legítimo do mesmo modo como um alemão não poderia ser um fascista e ajudar a restaurar a *romanità*. Mas fora dessas muralhas que cada movimento construía em torno de si mesmo, havia o componente humano que impossível de neutralizar: cada um adentrou esse universo por uma porta, e cada um defendeu algo que no fundo no fundo tinha muito a ver com suas próprias concepções de mundo, com os próprios dramas e com a forma como viam o seu país — Soucy chegou a sugerir que Drieu teria visto no fascismo uma esperança para acabar com seu senso de solidão.<sup>370</sup>

Quando olhamos o comportamento desses intelectuais, vemos que o fascismo mais parecia um estado de espírito do que uma doutrina. Robert Brasillach foi dos que encarou nessa perspectiva. De fato, ele foi uma das figuras mais destacadas entre os colaboradores, assim como Drieu la Rochelle. Romancista, poeta e crítico literário, Brasillach era, como frisou Eatwell, “um esteta mais do que um pensador sério (...). Detalhes do programa importavam menos do que imagens.” De maneira sintomática, “ele descreveu o fascismo como “poesia” em vez de doutrina — ele tinha mais a ver com sentimento, ritmo e espírito, em vez de pensamento racional.”<sup>371</sup>

Como muitos outros intelectuais, incluindo os de esquerda, a Guerra Civil Espanhola teve um papel proeminente nessa época, e com Brasillach não foi diferente. A partir de 1934, e, sobretudo a partir de 1936, a Espanha suscitou reações e sensibilizou intelectuais mundo afora. E isso por um motivo muito simples: ela agora, após a proclamação da República em 1931, que derrubou a monarquia e o regime semi-reacionário de Primo de Rivera, adquirira um padrão familiar — o de uma república, que não era propriamente um modelo de democracia, mas que como a Itália anteriormente e a Alemanha naquele momento, estava sob ameaça de forças com tendência fascista, ou pelo menos antidemocráticas.<sup>372</sup> É por isso que ela acabou exercendo uma atração irresistível para intelectuais de esquerda, sendo que muitos

<sup>369</sup> JUDT, Tony. *Pensando o Século XX*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p.115-116.

<sup>370</sup> SOUCY, Robert. *French Fascism: The Second Wave: 1933-1939*. New Haven: Yale University Press, 1995, p.294.

<sup>371</sup> EATWELL, R. *Fascism: A History*. London: Vintage, 1996, p.166.

<sup>372</sup> JUDT, Tony. *Pensando o Século XX*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014, p.203-204.

afluíram para lutar ao lado dos republicanos, como foram os casos de George Orwell e Ernest Hemingway.

Christopher Isherwood e W.H.Auden parecem ter sido fígados pela ideia, e em 1937 tinham planos de ir para a Espanha. Num encontro que tiveram nessa época, Isherwood sugeriu que E.M.Forster também fosse. “Eu teria medo,”<sup>373</sup> respondeu ele. Considerando sua natureza comedida, não há nada que se estranhar nessa resposta. Em carta a Bob Buckingham de junho de 1937 ele expressaria o seu horror pela atitude deles: “Sabia que Christopher [Isherwood], o Stephen [Spender] e Auden e mais uns outros queriam ir para uma conferência literária em Valência, incluindo um dia em Madrid? Nunca ouvi tamanho disparate, a sorte é que o *Foreign Office* compartilha dos meus sentimentos e não deu o visto.”<sup>374</sup>

Mas diferente de Auden e Isherwood, e de Julian Bell, que perderia a vida no conflito, Brasillach encararia o conflito entre as tropas de Franco e os Republicanos em termos puramente religiosos — era uma verdadeira cruzada contra o comunismo. “Os 30 meses que acabamos de relatar [Brasillach e Maurice Bardèche, seu cunhado] foram, com certeza, o acontecimento mais importante desde 1918”, escreveram eles em *Histoire de la guerre d’Espagne* [Historia da Guerra na Espanha], publicado em 1939. “Nos anos seguintes a Grande Guerra, os diversos movimentos nacionais vencedores ou aspirantes ao poder, quaisquer que fossem suas divergências, aportaram cada um deles um traço particular, reforçando a noção de uma revolução universal análoga à que despontou na Europa em 1848.” Ao que acrescentaram: “A guerra na Espanha foi um combate material e espiritual, uma autêntica cruzada; uma luta dos antagonismos que havia tempo se opunham na Europa.”<sup>375</sup>

Brasillach acreditava que uma das melhores maneiras de mobilizar as massas na direção do fascismo era através da criação de mitos. Os marxistas, escreveria ele, já haviam criado seus mitos para a sua causa: “dos amotinados do [encouraçado] Potemkin [ocorrida em 1905] aos marinheiros de Kronstadt [que se revoltaram em 1921 perto do final da Guerra Civil], toda uma série de símbolos cresceram frente as massas, a fim de magnificar [o marxismo], e para expandir sua mística.” Diante disso, o fascismo tinha

---

<sup>373</sup> ISERHWOOD, Christopher. *Christopher and His Kind*. New York: Farrar & Strauss, 1976, p.293.

<sup>374</sup> FURBANK, P.N. *E.M.Forster: a life*. Vol. II. New York: A Harvest Book & Harcourt Brace & Company, 2010, p.215.

<sup>375</sup> BRASILLACH, Robert; BARDECHE, Maurice. *Historia de la Guerra de España*. Valencia: Imprenta Romeu, 1966, p.333-334.

de criar os seus se quisesse conquistar o apoio das massas, e Brasillach mirou em um acontecimento que poderia oferecer isso.<sup>376</sup>

Alcazar era a Academia Nacional Militar, em Toledo. Quando Franco lançou sua rebelião do Marrocos, um grupo de oficiais e cadetes de Alcazar pegaram em armas em seu nome e assumiram o controle sobre Toledo. No entanto, quando as tropas republicanas chegaram e capturaram a cidade, esses oficiais se retiraram para Alcazar, de onde continuaram a lutar. Ali, com suas mulheres e filhos e algumas freiras, enfrentando uma desvantagem de 10 a 1, e recusando a se render, eles se mantiveram por várias semanas antes de serem finalmente resgatados.<sup>377</sup>

Para Brasillach, o fato das tropas de Franco terem chegado a tempo e salvo a guarnição da aniquilação foi fortuito, mas não era o principal: o que importava era que eles haviam defendido Alcazar desejando morrer por sua fé, e assim inspirariam gerações de fascistas no futuro. A *fé* que sustentaram os fascistas de Alcazar escreveu ele era diferente da de seus inimigos. E a diferença aqui se centrava basicamente nas ideias políticas. De modo muito conveniente, Brasillach havia ignorado o fato de Franco ter lançado sua rebelião com o apoio de tropas marroquinas, mas a origem étnica não importava aqui. Para ele, o que fazia os inimigos do fascismo verdadeiros bárbaros era o marxismo — os heróis eram os cadetes e os vilões os republicanos. E por isso havia duas Espanhas, a Espanha da honra, da religião e do patriotismo — a de Franco — e a Espanha da imoralidade, do ateísmo e do internacionalismo — a Espanha da Frente Popular.<sup>378</sup> “Estamos na guerra moderna, a guerra na qual a química tem seu espaço, a qual os homens inventam novas formas de matar”, escreveu. “Mas estamos também numa guerra da Espanha eterna. Na [Espanha] da Reconquista, na [Espanha] de Rodrigo Díaz Vivar, na [Espanha] na qual a batalha é, antes de tudo, um combate singular, no qual o horror e o desprezo pela morte estão em primeiro lugar.”<sup>379</sup>

Brasillach reconhecia que os republicanos eram corajosos, mas pecavam pelo que defendiam. Para ele, a causa de Franco, a causa do fascismo, não estava enraizada

---

<sup>376</sup> SOUCY, Robert. *French Fascism: The Second Wave: 1933-1939*. New Haven: Yale University Press, 1995, p.295-296.

<sup>377</sup> Ibidem, p.295.

<sup>378</sup> Ibidem, p.297-298.

<sup>379</sup> BRASILLACH, Robert; BARDÈCHE, Maurice. *Historia de la Guerra de España*. Valencia: Imprenta Romeu, 1966, p.130.



no interesse de classe ou em conquistas materiais, era algo espiritual. Como ele mesmo escreveu em 1941, o fascismo não era uma doutrina política ou econômica, mas eminentemente espiritual.<sup>380</sup>

Se para Brasillach o fascismo era algo espiritual, para Céline, assim como acabou sendo para Ezra Pound, ele era um meio para purgar o mundo da influência judaica — e só por isso já podemos ver a diferença de pensamento entre eles e E.M.Forster. E dada a própria influência do antissemitismo na sua aproximação com o fascismo, seu caso é um tanto diferente do de Drieu e Brasillach. Céline não se engajou politicamente, e, na verdade se recusava a ser rotulado de fascista. Sua carreira literária foi meteórica, e seu romance *Voyage Au Bout de La Nuit* [Viagem ao fim da noite] ainda é considerado por muitos críticos literários uma das obras-primas do século XX, comparado a *Ulysses*, de James Joyce, e *Em busca do Tempo Perdido*, de Marcel Proust.

Por conta das críticas veementes ao colonialismo francês e ao capitalismo contidas nesse romance, Céline chegou a ser admirado por alguns escritores comunistas franceses. A princípio, sua revolta e sua indignação parecia ser semelhante a de homens como Henri Barbusse. Mas como Paul Nizan frisou numa resenha no *L'Humanité*, de dezembro de 1932, de modo muito acertado, Céline estava longe disso: “Celine não é um de nós. É impossível aceitar sua profunda anarquia, seu desprezo, sua repulsa geral (...). Essa revolta pura pode leva-lo a qualquer lugar: entre nós [comunistas], contra nós, ou qualquer outro.”<sup>381</sup> E assim foi.

Ao que tudo indica, a porta pela qual ele entrou no universo fascista foi seu anticomunismo e seu antissemitismo, tendo o segundo, exercido um papel mais decisivo e significativo em sua carreira.

Céline encarava o comunismo como sendo uma das piores coisas do mundo moderno. Como outros fascistas da época, Céline denunciou o materialismo marxista e o hedonismo liberal. “Consciência de classe é uma bobagem, uma convenção demagógica. Todo trabalhador não pede outra coisa senão deixar a classe trabalhadora e se tornar um burguês.”<sup>382</sup> Mas se os comunistas e os liberais eram simplesmente deploráveis pelo que defendiam, por detrás deles, orquestrando suas atividades e

---

<sup>380</sup> Ibidem, p.295.

<sup>381</sup> NIZAN, Paul. *Por una Nueva Cultura*. Ciudad do Mexico: Ediciones Era, 1975, p.36.

<sup>382</sup> SOUCY, Robert. *French Fascism: The Second Wave: 1933-1939*. New Haven: Yale University Press, 1995, p.301.

definindo seus planos de ação, estavam os judeus. E esses sim eram perigosos porque, como acreditava, estavam por detrás da União Soviética.

Tal como Ezra Pound e outros líderes nazistas, Céline acreditava que os judeus estavam por detrás de tudo. Ele enxergava os judeus sempre em termos conspiratórios, como se tivessem dominando a França política, econômica, social e culturalmente. “Os judeus são nossos mestres — aqui, lá na Rússia, na Inglaterra, na América, em todo lugar!”<sup>383</sup> Para ele, os judeus controlavam as engrenagens do poder. Todos os trustes da França, todos os jornais da França, todos os banqueiros eram judeus. Três quartos das riquezas nacionais pertenciam a judeus. Os judeus estavam infiltrados nos movimentos revolucionários, garantindo os votos dos ignorantes; estavam por aí envenenando as relações entre os trabalhadores e os patrões, multiplicando crises econômicas, escravizando nações e provocando fome e privações. Eles estavam como ele chegou a declarar em 1937, tentando fazer a França entrar em guerra com a Alemanha. Para ele, Stalin, Roosevelt, Chamberlain, todos eram judeus.<sup>384</sup>

Se para Céline o aspecto racial pesou mais, no caso de Pound a imagem estereotipada do judeu como usurário acabou se mostrando decisiva, pelo menos no começo. Ao que tudo indica, Pound acabou aceitando os argumentos antissemitas em termos mais conspiratórios, e até mesmo históricos, porque eles pareciam dar uma resposta para os acontecimentos na esfera política e social no entreguerras e, principalmente, durante o conflito — o fascismo não podia fracassar por si mesmo. Devia ter algo por detrás, uma força que estava fora do alcance trabalhando para derrota-lo.

Antes disso, sua visão estereotipada do judeu como usurário era imperativa. Numa carta a Arnold Leese (1878-1956), fundador da *Imperial Fascist League* [Liga Imperial Fascista], ainda em 1934, ele escreveu: “Como, caramba, um homem pode ser anti-usurário e pró-judeu [ao mesmo tempo]?”<sup>385</sup> Nessa época seu antissemitismo não era racial, ele se devia a uma associação judeu-usurário, como se fossem sinônimos.

Mas em novembro de 1934, quando Pound protestou a Leese dizendo que o preconceito racial era incompatível com o individualismo “dos homens da minha geração ou da anterior” já que era visto como um “princípio sagrado,” ele acabou

---

<sup>383</sup> Ibidem, p.301-302.

<sup>384</sup> Ibidem, p.301-302.

<sup>385</sup> Ibidem, p.17-18.

ouvindo algo que talvez tenha mudado suas concepções. Se até aqui ele pensava assim, a resposta de Leese parece ter tido um certo impacto, haja vista que sua forma de pensar começou a mudar depois disso: “Seu ‘princípio sagrado’ é uma faceta da propaganda judaica,” escreveu Leese. Ao que tudo indica essa lógica parece ter alumiado pontos obscuros e esclarecido algo que Pound até então não fora capaz de perceber sozinho. Na resposta que escreveu, ele já aceitava parte do racismo racial de Leese.<sup>386</sup>

Já o antissemitismo de Céline parece ter sido a válvula de escape para uma imensa raiva que havia dentro dele, uma raiva dirigida não apenas aos judeus, mas também aos comunistas, socialistas, liberais, democratas, maçons, proletários, negros, mulheres, homossexuais, católicos. Embora os judeus tenham sido o alvo mais frequente de suas críticas, e talvez o favorito, qualquer outro grupo poderia vir a sê-lo, dependendo da situação. Enquanto Pound acabou encontrando no nazismo a solução para o problema judeu, Céline há muito tinha uma justificativa para uma ação mais concreta com relação a isso. Como os judeus queriam dominar, abusar e exterminar os arianos, o antissemitismo não era uma agressão injustificada, mas um ato de legítima defesa.<sup>387</sup> E ele expôs essa lógica numa série de panfletos antissemitas que se iniciou em 1937 quando *Bagatelles pour massacre* [Bagatelas por um massacre], foi publicado. Em 1938 saiu *L'école de cadavres* [Escola de cadáveres], e em fins de 1940, quando frequentava as recepções de Oto Abetz, embaixador do Terceiro Reich, e o estatuto dos judeus já vigorava, *Les beaux draps* [O grande problema]. De todo, esses panfletos revelam não apenas a admiração de Céline pela Alemanha nazista, mas evidenciam também muitas das ideias que os fascistas franceses vinham defendendo desde 1924: anticomunismo, antiliberalismo, antimaterialismo, anti-hedonismo, antifeminismo.<sup>388</sup>

Se durante a ocupação nazista ele não teve problemas, depois do desembarque das tropas aliadas nas praias da Normandia, sua situação se complicou. Céline conseguiu um passaporte alemão e fugiu para Dinamarca. Ali ele ficaria por cerca de seis anos, tendo retornado à França somente em 1951. Tendo caído no ostracismo, teve um fim que só pode ser comparado ao de Ezra Pound.

Enquanto Céline partia para o exílio, Drieu la Rochelle era capturado e preso. Drieu foi autor de *Gilles*, o romance fascista francês mais famoso da época — que ele

---

<sup>386</sup> Ibidem, p.17-18.

<sup>387</sup> SOUCY, Robert. *French Fascism: The Second Wave: 1933-1939*. New Haven: Yale University Press, 1995, p.301.

<sup>388</sup> Ibidem, p.300-301.

próprio considerava como sendo seu melhor romance — e junto com Robert Brasillach, um dos intelectuais franceses que mais colaboraram com os nazistas. Sua conversão ao fascismo remonta aos acontecimentos de 6 de fevereiro de 1934, como frisou Winock.<sup>389</sup> Nesses dias de manifestação intensa Drieu teve uma espécie de epifania. Ele viu com seus próprios olhos o que há muito tempo almejava: o encontro dos membros sadios da nação que, vindos da direita e da esquerda, ou nem da direita e nem da esquerda, marcharam juntos contra a decrepitude do capitalismo e da democracia em busca de uma nova sociedade. “Cantavam todos juntos a Marselhesa e a Internacional. Eu queria que esse momento tivesse durado para sempre”, escreveu ele em 4 de março de 1934.<sup>390</sup>

Seguindo uma linha parecida com a que foi expressa por Robert Brasillach, Drieu viu no fascismo o único meio para conter a decadência da Europa. Ele significava a junção dos elementos de todos os espectros políticos e de todas as camadas sociais que poderiam conter o avanço de forças nocivas e ruinosas. “Não vi nenhum outro recurso além do oferecido pelo gênio de Hitler,” como escreveu ele em 1943.<sup>391</sup> Para ele, o totalitarismo nazista oferecia uma “dupla restauração, a física e espiritual, para o homem do século XX.” A nova Alemanha tinha criado um novo tipo de homem, um que “rejeitava a cultura, que se mantinha firme em meio a [mundo] de depravação sexual e alcóolica, e que sonha em criar um mundo disciplina física”, como escreveu em 1941.<sup>392</sup>

Foi essa promessa que acabou exercendo uma atração irresistível sobre ele. Para Drieu, o fascismo era “a filosofia da força”, e por isso era muito superior ao liberalismo e conservadorismo no combate ao marxismo, uma das forças mais ruinosas que existiam. Além disso, a força e a violência era algo desejável. A própria natureza é marcada por violência e morte, e por isso mesmo “sempre haverá guerras na natureza.” E como o homem faz parte dela, sempre haverá guerras entre os homens. A guerra era o canal por onde a animalidade do homem e seus impulsos agressivos vazavam, e por isso ela era necessária. Como outros animais, o homem foi feito para matar ou ser morto. Na verdade, era só depois ter matado um outro com suas próprias mãos que o homem compreenderia verdadeiramente a vida. Nesse sentido, se a guerra fosse abolida, um dos

---

<sup>389</sup> WINOCK, Michel. *O Século dos Intelectuais*. Rio de Janeiro: Bertand, 2000, p.300.

<sup>390</sup> Ibidem, p. 301.

<sup>391</sup> SOUCY, Robert. *French Fascism: The Second Wave: 1933-1939*. New Haven: Yale University Press, 1995, p.287.

<sup>392</sup> Ibidem, p.287.

laços do homem com a natureza seria rompido, e com ele uma de suas principais fontes de vitalidade seria destruída. Assim, o verdadeiro humanista, dizia Drieu, deveria louvar a violência e não condená-la.<sup>393</sup>

E.M.Forster jamais conseguiria conceber qualquer coisa parecida. Mas para Drieu, assim como para Brasillach e Céline, isso fazia perfeito sentido. Embora fosse capaz de reconhecer que a força é um instrumento necessário para a manutenção da ordem na vida em sociedade, E.M.Forster não a idealizava — como ele constatou em *What I Believe*: “[Não é verdade que] todas as sociedades se apoiam no [uso da] força? Se um governante não conta com a polícia e o exército, como ele espera governar?”<sup>394</sup> Assim, o problema não era fazer o uso da força quando necessário, mas idealizá-la como faziam os fascistas. “Algumas pessoas idealizam e veneram a força e a colocam em primeiro plano em vez sufoca-la o tanto quanto possível. Acho que eles cometem um erro, e creio que seus opositores, os místicos, cometem um erro ainda maior quando declaram que ela não existe.”<sup>395</sup>

Na verdade, a diferença entre E.M.Forster e esses intelectuais, especialmente quando o comparamos a Drieu, é que ele não sentia necessidade de se enquadrar em alguma coisa ou de fazer parte de algo. O que a maioria desses intelectuais fascistas queria era se harmonizar com suas sociedades. Se tudo estava um caos, então era preciso arrumar o que estava errado para poder prosseguir. Essa condenação e esse descontentamento com um mundo em decomposição gerou essa necessidade, uma necessidade que eles acreditavam que só poderia ser resolvida por meio de um regime baseado na força, extremado, autoritário e nacionalista. Era uma reação que buscava aplacar um descontentamento interno — diferente de Eliot, eles não encaravam a realidade objetivamente: “Do modo como se encontram as coisas, é normal para qualquer pessoa que defenda qualquer mudança social, ou qualquer modificação de nosso sistema político,” escreveu ele em 1948. No entanto, é preciso ter cuidado com o tipo de transformação social que se busca. “Em 1941, li um debate no *The Sunday*

---

<sup>393</sup> SOUCY, Robert. *French Fascism: The Second Wave: 1933-1939*. New Haven: Yale University Press, 1995, p.287.

<sup>394</sup> Does not all society rest upon force? If a government cannot count upon the police and the army, how can it hope to rule? FORSTER, Edward Morgan. *Two Cheers for Democracy*. New York: Harcourt & Brace, 1951, p.70.

<sup>395</sup> Some people idealize force and pull it into the foreground and worship it, instead of keeping it in the background as long as possible. I think they make a mistake, and I think that their opposites, the mystics, err even more when they declare that force does not exist. *Ibidem*, p. 70.

*Times* (31 de novembro) no qual o Professor Laski, ou seu editor, afirmava que lutávamos a última guerra por uma ‘nova civilização.’ Laski afirmava ao menos isto:”

“Se estamos de acordo que aqueles que pretendem reconstruir o que Churchill costuma chamar de Inglaterra ‘tradicional’ não têm esperança alguma de atingirem tal meta, segue-se que deve haver uma nova Inglaterra em uma nova civilização.” Poderíamos retrucar ‘não estamos de acordo’, mas isso seria fugir ao meu ponto. O Sr. Laski está correto no que diz respeito ao seguinte: *se* perdermos algo de maneira definitiva e irreparável, devemos ser capazes de prosseguir sem isso. Penso, contudo, que ele queria dizer algo mais do que isso.

O Sr. Laski está ou estava convencido de que as mudanças sociais e políticas específicas que ele gostaria de ver realizadas e que acredita serem benéficas para a sociedade trarão como resultado, por serem tão radicais, uma nova civilização. Isso é perfeitamente concebível; o que nós não estamos autorizados a concluir, no que tange às suas ou a outras mudanças na estrutura social advogadas por quem quer que seja, é que uma “nova civilização” é, em si mesma, desejável. Em primeiro lugar, porque não podemos ter nenhuma noção do como será uma nova civilização: um número tão variado de causas está em ação para além daquelas que temos em mente, e os resultados dessas e de outras, agindo conjuntamente, é de tal modo incalculável que não podemos imaginar como alguém se *sentiria* vivendo nessa nova civilização. Em segundo lugar, porque as pessoas que viverem em uma nova civilização, pelo fato mesmo de nela viverem, serão diferentes de nós, como serão aliás, diferentes de Laski. Cada mudança que fazemos tende a trazer à tona uma nova civilização acerca de cuja natureza somos ignorantes, e na qual seríamos todos infelizes. Uma nova civilização esta, de fato, vindo à tona o tempo todo: a civilização dos nossos dias pareceria completamente nova, com efeito, a qualquer homem civilizado do século XVIII, e não sou capaz de imaginar mesmo o mais ardoroso ou radical reformista de tal época apreciando muito a civilização que veria surgir diante de seus olhos agora. Tudo a que pode nos conduzir uma preocupação com a civilização é melhorá-la como a conhecemos, pois não podemos imaginar outra. (...)

Uma nova civilização esta sempre em construção: o estado de coisas que desfrutamos hoje ilustra o que acontece com as aspirações de cada época por um futuro melhor.<sup>396</sup>

“Uma nova civilização esta sempre em construção.” É esse senso de realidade que faltou a esses intelectuais fascistas — e aos comunistas, claro. As dores do parto do mundo que nascia depois de Versalhes suscitou preocupações nesses intelectuais que os levaram a acreditar nas promessas de homens como Hitler e Mussolini. Uma promessa que, ao fim e ao cabo, deixou um rastro de destruição sem precedentes. Não fossem tão afoitos, talvez tivessem raciocinado e conseguido aplacar os ânimos. Mas os intelectuais reagem mais do que agem, e mais do que mudar o mundo, é a sua própria realização o que procuram no engajamento político, como frisou Winock.<sup>397</sup>

<sup>396</sup> ELIOT, T.S. *Notas para a definição de cultura*. São Paulo: É Realizações, 2011, p. 18-19.

<sup>397</sup> WINOCK, Michel. *O Século dos Intelectuais*. Rio de Janeiro: Bertand, 2000, p.310.

No fundo no fundo, foi isso que os demoveu — e o mesmo pode ser dito de seus adversários. Movidos por ambições que eram desastrosas em si mesmas, e por essa ânsia por querer aplacar inquietações internas, eles agiram de maneira impensada. E Drieu é prova disso. O ódio a si mesmo, o medo da impotência, as tendências suicidas, as experiências nas trincheiras, o desgosto provocado por um pós-guerra frustrante, a morte de companheiros em combate, a emergência de regimes totalitários, cujas imagens contrastam com uma França apática e bem comportada, todos esses elementos galvanizaram uma série de sentimentos em Drieu que o levaram nessa direção.<sup>398</sup>

Embora inquieto, como Eliot, E.M.Forster não acreditava que esses arroubos ideológicos pudessem dar conta dos problemas prementes. Na verdade, ele acreditava que essas ideologias aumentavam esses problemas, e por isso mesmo manteve-se a distância delas. No entanto, não podemos negá-lo: como outros intelectuais, sua ação naqueles anos era, na verdade, uma saída para um vazio existencial e um meio para curar um senso de futilidade que o perseguia desde o começo da vida adulta. Ele também procurou algum tipo de realização pessoal. A diferença é que ele nunca precisou de uma ideologia arrojada para saciar esse vazio ou para se sentir realizado — era comedido demais e a herança dos Thornton estava ali para contê-lo. O que o diferencia, e a suas atitudes durante as décadas de vinte e trinta da de outros intelectuais como Pound ou Bernard Shaw é que, a despeito desse vazio, ele nunca teve a pretensão de dizer aos outros como viver. Quando defendia as liberdades individuais, ele na verdade não estava defendendo apenas uma coisa em que acreditava, estava defendendo algo que garantiria a integridade física e moral de todos. E isso fica muito claro quando vemos sua atuação na B.B.C. durante o período crítico da guerra, quando Hitler esteve muito próximo de vencê-la.

---

<sup>398</sup> Ibidem, p.310.

## NA B.B.C. DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: 1940-1941

Diferente do que acabou acontecendo com o comunismo, cuja relação analisaremos mais adiante, E.M.Forster manifestou sua antipatia pelo fascismo tão logo ele chegou ao poder na Alemanha. É provável que as informações, bem como a ação dos dissidentes tenham pesado sobre ele, moldando sua opinião a respeito do regime mais cedo do que aconteceu com o comunismo. Pesa sobre o fascismo também as medidas e as ações levadas a cabo por boa parte da intelectualidade europeia, decidida a conter seu avanço — essa ação orquestrada por vários intelectuais com relação ao fascismo começou com o Congresso de Amsterdã, realizado em 1932, que ao final lançou um manifesto em nome dos “trabalhadores intelectuais e manuais” contra a guerra e o fascismo e em defesa da União Soviética, continuou com o *Comitê de Vigilância Antifascista*, que apareceu em 1934, e seguiu com *Congresso Internacional dos Escritores*, em 1935, e ao longo de toda a segunda metade da década de 1930 por meio de outras organizações ou manifestos.

Assim, como formou uma opinião muito cedo, e como o abominava a ideologia fascista, não precisamos apelar para os procedimentos adotados com relação ao comunismo. Como veremos mais adiante, sua atitude com relação ao comunismo, a simpatia que manifestou por ele, mas não à União Soviética, nos obrigou a discutir em primeiro lugar de onde veio essa simpatia e quais os seus contornos para depois tratar da sua rejeição a suas ideias. No caso do fascismo, o procedimento tende a ser diferente por conta de jamais ter manifestado a mais leve simpatia pelos ideais de Hitler ou Mussolini. No entanto, para compreender melhor a maneira sua atuação na imprensa, e até mesmo o uso que fez da B.B.C. como canal para externar suas opiniões, seria interessante analisarmos aqui seus movimentos entre os anos de 1940 e 1941 para que tenhamos a chance de lançarmos uma luz sobre esse fenômeno. Já que esse trabalho versa sobre esse momento de sua carreira pública, nos debruçaremos daqui em diante sobre o material publicado no período em questão, o que nos permitirá avançar e aprofundar algumas questões relacionadas a sua antipatia com relação ao fascismo.

\*\*\*



Antes de mais nada é importante frisarmos os trabalhos publicados por ele para termos uma dimensão daquilo que foi sua atuação durante aqueles meses decisivos da Segunda Guerra Mundial, isto é, entre 1940 e 1941: em 28 de março foi transmitido *The Freedom of Artist* [A Liberdade do Artista], e em 16 de abril, poucos dias depois dos alemães terem invadido a Noruega, ele publicou no *Daily Telegraph and Morning Post*, *Nazism and Moral: dangers of "Gestapo" methods* [Nazismo e moral: perigos dos métodos da Gestapo]; em 10 de setembro, em meio a Batalha da Inglaterra, saiu o panfleto encomendado por Harold Nicolson, que serviria de base para *Two Cultures: The Quick and the Dead* [Duas Culturas: A dos vivos e dos mortos], que iria ao ar em 26 de setembro no *Listener*; em 3 de outubro, também foi ao ar no *Listener* *What has Germany done to the Germans?* [O que a Alemanha fez com os alemães]; em 10 de outubro *What would Germany do to us?* [O que a Alemanha pode fazer conosco?], que reapareceria no *London Calling* como *What would Germany do to Britain if she won?* [O que a Alemanha pode fazer com a Grã-Bretanha se ela vencer?]; meses depois, em 23 de janeiro de 1941, foi ao ar no *Listener*, *But...* [Mas...], que por sua vez, reapareceria poucos dias depois no *London Calling* como *When Voltaire met Frederick the Great* [Quando Voltaire se encontrou com Frederico, o Grande] e em *Two Cheers for Democracy*, sua segunda coletânea de ensaios e artigos, como *Voltaire and Frederick the Great* [Voltaire e Frederico, o Grande], em 10 de julho de 1941 foi ao ar a transmissão de mais um da série *Some Books* intitulado *The Brothers Karamazov and Bhakti* [Os Irmãos Karamazov e Bhakti], em dezembro, no *Horizon*, ele publicaria *The New Disorder* [A Nova Desordem], que era parte do discurso feito por ele no Congresso da P.E.N., ocorrido em setembro, onde conheceu o dissidente soviético Arthur Koestler, que estava na Inglaterra desde o ano anterior.

Basicamente é isso. Existem, claro, outros artigos em setembro de 1939, logo depois do estouro da guerra, ou outros como *Blind oak gate*, publicado no *Abinger Chronicle*, em 16 de abril, ou resenhas como *Omega and Alpha*, sobre a biografia de Roger Fry (morto em 1934), de Virginia Woolf, publicado no *New Statesman and Nation*, em 10 de agosto. Mas o que nos interessa é o que foi publicado e o que tem relação com o nazismo e a guerra, porque é aqui que o vemos se expressar as claras como nunca tinha feito antes.

A julgar pelas datas em que seus trabalhos foram publicados, fica claro que sua atuação na B.B.C. foi manifestadamente uma resposta aos rumos que a guerra tomava depois da derrocada da França, momento em que os olhos de Hitler se voltaram para a

Inglaterra. Enquanto o conflito estava restrito ao outro lado da Mancha, ele não parecia muito preocupado, muito embora estivesse atento aos passos dos alemães desde 1938, que é quando o nome de Hitler começa a aparecer com mais frequência em seu diário.

Mas ainda que não tenha expressado grande preocupação na imprensa entre setembro de 1939 e maio de 1940, em seu diário podemos acompanhar o desenrolar dos fatos. Fazendo referência as informações que começava a aparecer na imprensa sobre o desastre da tentativa inglesa de invadir a Noruega para privar a Alemanha do fornecimento de minério sueco, que durante o inverno, com seus portos fechados, a Suécia transportava via Noruega, em 3 de maio ele escreveu: “A verdade sobre a Noruega começa a vir a tona.”<sup>399</sup> Dias depois, quando Hitler dava sequência a ofensiva no Ocidente, em 13 de Maio, podemos ler: “Agora Bélgica e Holanda pertencem a Hitler, no próximo mês ele estará na Inglaterra.” Em 26 de maio, escreveu: “Os alemães entraram estão em Boulogne.” No dia seguinte: “Os primeiros disparos foram ouvidos na costa. Os nazistas em Boulogne.” Estupefato, ele se pergunta: “Onde esta a Marinha Britânica?” No dia 31, enquanto a evacuação em Dunquerque progredia, ele escreveu: “Toda noite e dia os trens passam, trazendo de volta os soldados feridos. Os trens vazios esperam pelas colinas para atravessá-las.” Em 25 de junho escreveu: “Na última noite ouvi pela primeira vez um ataque aéreo. Estava em meu apartamento, desci as escadas e fiquei ali um pouco, depois subi e dormi de novo.” E acrescenta: “Posso [levar] a guerra a sério, me inquietar com ela ou ignorá-la. O perigo é grande mas a noção a respeito dele vai e volta.” Em 22 de agosto, quando a Batalha da Inglaterra se desenrolava, ele escreveu: “Em Malden [bairro em Londres] uma bomba caiu na estação [provocando] 250 baixas no distrito, 100 mortos [ali]. (...) NÓS PERDEMOS A GUERRA — mas eu não penso isso em voz alta.”<sup>400</sup>

A partir desses trechos de seu diário, e pensando também no elenco de trabalhos publicados, podemos estar nos perguntando: se ele estava atento aos passos de Hitler e se vinha acompanhando os desdobramentos da política errática de Chamberlain, era de

---

<sup>399</sup> The truth about Norway is at last coming out; FORSTER, Edward Morgan. GARDNER, Philip (org.) *The Journals and Diaries of E.M.Forster*. Vol. 2. New York: Ashgate, 2011, p.91.

<sup>400</sup> Belgium and Holland on it now. Hitler states he will be in England next month; Coastal gunfire first heard. Nazis at Boulogne. Is there a British Navy; All night & day the trains pass, bringing back out defeat army. The empty trains wait for the downs to run through; Las night out first air raid. I was in my flat, went down the stairs and sat there a bit, then came up and went to sleep. (...) I can either be serious about the war or be upset by it or ignore it. The danger is great but the sense that it is waxes & wanes; At Malden a bomb fell on the sta.250 casualties in district, 100 dead. (...). WE HAVE LOST THE WAR. Ibidem, p.91-93.

se esperar que a sua resposta tivesse vindo mais cedo, ainda em maio ou junho — ele poderia ter sido mais enérgico como T.S.Eliot que percebeu que o pacifismo que muito endossaram ao longo da segunda metade da década de trinta só encorajaria os agressores. Enquanto Eliot se recusava a assinar petições da *International Peace Campaign* [Campanha Internacional pela Paz], que pretendia coordenar organizações pacifistas e apoiar a Liga das Nações,<sup>401</sup> Forster subscrevia e concordava em fazer parte do *Comitê da Liga das Nações para a Cooperação Intelectual* ou participava de um congresso organizado por comunistas, em Paris.

De fato, ele poderia ter agido de maneira diferente. Poderia ter dado uma resposta mais cedo. Mas ela só veio em setembro. Por quê? Por que se em maio a situação já era crítica o suficiente para derrubar Chamberlain e em junho os alemães haviam entrado em Paris? Porque não escreveu sobre a queda da França e o que isso poderia significar?

Em geral, quando estamos no olho do furacão, ou no meio de um nevoeiro, é impossível ter a dimensão do que está à nossa frente. Assim, devemos levar algumas coisas em consideração para que tenhamos a chance de responder a essas questões. Em primeiro lugar, é difícil imaginar que ele soubesse o quão realmente a situação era grave ou complicada seja na *front* seja no Gabinete de Guerra, onde, nos últimos dias de maio, Churchill enfrentou uma série de dificuldades.<sup>402</sup> Em segundo lugar, e já enveredando pelo terreno pantanoso das hipóteses, talvez ele tenha sido vítima do que ele mesmo chamou num ensaio de 1920 de *lentidão do caráter do homem inglês*. Ao que tudo indica, ele não percebeu a gravidade da situação, especialmente entre fins de maio e nas primeiras semanas de junho. Nesse sentido, é provável que ele tenha resolvido dar sua resposta quando se defrontou com uma situação concreta — a invasão da Inglaterra. Foi aí que ele se juntou aos esforços capitaneados por Churchill para manter o moral de pé.

E ela veio em 26 de setembro quando foi ao ar, no *Listener*, *Two Cultures: the quick and dead* [Duas Culturas: a dos vivos e dos mortos], que depois reapareceria em *Two Cheers for Democracy*. Nela, Forster já preocupado com a invasão, externa sua preocupação com o caráter autoritário e revolucionário do nazismo e as consequências no caso de uma vitória nazista:

---

<sup>401</sup> KIRK, Russell. *A Era de T.S.Eliot*. São Paulo: É Realizações, 2011, p.418-419. FURBANK, P.N. *E.M.Forster: a life*. Vol. I. New York: A Harvest Book & Harcourt Brace & Company, 2010, p.221.

<sup>402</sup> LUKACS, John. *Cinco dias em Londres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p.15-36.

Por profissão, eu sou escritor. Eu não sei nada sobre economia ou política, mas me interesso profundamente por aquilo que comumente chamamos de cultura (...). Creio que, se o nazismo vencer, a cultura poderá ser destruída na Inglaterra e no Império. Na Guerra do Kaiser, a Alemanha era apenas um país hostil. Ela e a Inglaterra eram inimigas, mas pertenciam à mesma civilização. Na Guerra de Hitler, a Alemanha não é um país hostil, ela é um princípio hostil. Ela introduziu um novo e péssimo estilo de vida e, se ela vencer, ela certamente destruirá nossos costumes. Não existe um mesmo espaço no mundo para a Alemanha nazista e para pessoas que não pensam como ela.<sup>403</sup>

Se não existe espaço, isso significa que esses elementos indesejáveis precisam ser eliminados, e como Forster bem sabia, os nazistas não se intimidariam e nem hesitariam em usar a violência para isso. Na verdade, não poderiam se intimidar porque a própria ideologia nazista fazia o trabalho de anular a consciência, abrindo as comportas para o uso da brutalidade e o cometimento das maiores atrocidades. Foi o que se viu na Alemanha sob o nazismo e em sua atitude com relação aos judeus. Embora tenha se debruçado e mencionado isso poucas vezes, E.M.Forster simplesmente abominava o caráter racial do nazismo. O que de fato o preocupava era seu caráter revolucionário e autoritário, como demonstrou em outros artigos no final da década de trinta.

Primeiramente o escritor precisa sentir-se livre, ou poderá ter dificuldades para adentrar o mundo criativo e fazer um bom trabalho. Se ele se sente livre, seguro de si, sem medo, tranquilo, então ele terá condições favoráveis para o ato da criação.

Existe uma segunda razão, também tratando do escritor — e também do artista em geral. (...). O escritor o artista precisa de mais algumas coisas — a saber, a liberdade para dizer a outras pessoas o que esta sentindo. E aqui é onde os problemas começam. O nazismo avança e diz: ‘Um momento, por favor. Permita-me, o governo, ouvir o que você esta querendo dizer. Se eu decidir que isso é conveniente, você pode falar, caso contrário, não.’ O nazismo não pode e não consegue te impedir de pensamento e de sentir, pois eles condenem isso do ponto de vista do Nacional-Socialismo como sendo egoísmo e perda de tempo. Eles não podem interferir nisso, mas eles podem e eles impedem a liberdade de expressão. Eles dão um passo e dizem: ‘Antes de você publicar seu livro, antes de você mostrar seu quadro, antes de você cantar sua música, eu tenho que ler, eu tenho que ver, eu tenho que ouvir’.

(...)

---

<sup>403</sup> By Profession, I am writer. I know nothing about economics or politics, but I am deeply interested in what is conveniently called culture (...). My believe is that if the Nazis won, the culture would be destroyed in England and the Empire. In the Kaiser’s war, Germany was just a hostile country. She and England were enemies, but they both belonged the same civilization. In the Hitler’s war Germany is not a hostile country, she is a hostile principle. She stands for a new and a bad way of life, and if she won, would be bound to destroy our ways. There is not room in the same world for Nazi Germany and for people who don’t think as she does. FORSTER, Edward Morgan. *Two Cheers for Democracy*. New York: Harcourt & Brace, 1951, p.31.

A terceira razão diz respeito ao público em geral. O público, por outro lado, deve ser livre para ler, ouvir e ver. Se ele é impedido de receber a mensagem transmitida pelo artista, isso irá inibi-lo, mas de uma maneira diferente: ele ficará imaturo. E a imaturidade é a grande característica do público nazista alemão. Se você olhar para uma fotografia de nossos inimigos eles podem parecer corajosos, formidáveis, e até mesmo heroicos. Mas eles não serão fortes como você quando eles crescerem. A eles não é permitido ouvir, escutar ou ver. Somente as pessoas que são permitidas ser liberdade que tem um olhar amadurecido.<sup>404</sup>

Não havia nada disso na Alemanha de Hitler. E não poderia haver, assim como não poderia na União Soviética de Stalin. E a questão aqui, a que impedia isso de existir nesses regimes, não é propriamente Hitler ou Stalin, mas suas ideologias. Forster demorou, mas no fim acabou percebendo isso. “A eles não é permitido ouvir, escutar ou ver.” O estado era apenas o mecanismo, o braço dessas ideologias. E ele percebeu isso.

Embora demonstrasse crescente preocupação em privado, é interessante observar que, a despeito da análise sobre o caráter autoritário do nazismo e de suas consequências, ele se esquivava de discorrer sobre o palco da guerra. A essa altura a França já estava ocupada, assim como outros países da Europa Ocidental. É evidente que os olhos de Hitler haviam se voltado para a Inglaterra, que era o único entrave para que ele vencesse a guerra. Nada disso merecia ser mencionado? Se merecia, ele não se sentia em condições de fazê-lo. E nos sentimos particularmente inclinados em acreditar nisso porque dias depois, em 3 de outubro ele voltou a B.B.C. e levou ao ar *What has Germany done to the Germans* [O que a Alemanha fez com os alemães], e não fez qualquer menção ao conflito. Ao contrário, desatou a falar do período anterior, a

---

<sup>404</sup> Firstly, the writer himself must feel free, or he may find it difficult to fall into the creative mood and do good work. If he feels free, sure of himself, unafraid, easy inside, he is in a favourable conditions for the act of creation.

The second reason also concerns the writer — and indeed the artist generally (...). The writer, the artist, needs something more — namely freedom to tell other people what he if feeling. Otherwise, he is bottled up and what is inside him may go bad. And here is where the trouble starts. The Nazis step forward and say: “One moment, please. Allow me, the government, first to hear what you are wanting to say. If I decide it is convenient, you may say it, but not otherwise.” The Nazis do not and cannot prevent freedom to think and the feel — though they would no doubt condemn it from the National-Socialist point view as a selfish waste of time. They cannot interfere there, but they can and do prevent freedom to communicate. They do step in and say “Before you publish your book, before you show your picture, before you sing your song, I must read, I must look, I must listen.”

(...).

The third reason concerns the general public. The public, on its side, must be free to read, to listen, to look. If it is prevent from received the communications which the artist sends it, it becomes inhibited, like him, though in a different way: it remains immature. And immaturity is a great characteristic of the public in Nazi Germany. If you look at photograph of our enemies they may strikes you as able and brave and formidable, even heroic. But they will not strike you as grown up. They have not been allowed to hear, to listen, or to look. Only people who have been allowed to practice freedom can have the grown-up look in their eyes. FORSTER, Edward Morgan. *Two Cheers for Democracy*. New York: Harcourt & Brace, 1951, p.32-33.

despeito de ter feito observações pertinentes e muito precisas sobre o que aconteceu na Alemanha depois de janeiro de 1933.

É muito importante lembrar que os alemães tiveram que fazer uma guerra com seu próprio povo antes de atacar a Europa. Tantos têm sido os acontecimentos nos últimos tempos que algumas vezes nos esquecemos que durante sete anos ela roubou e torturou, internou, expeliu, expulsou e matou milhares e milhares de seus próprios cidadãos. (...)

Aqui não devo me deter sobre as agressões físicas que os nazistas praticaram para intimidar e deturpar a mente. Eles não são tolos — e é um grande erro continuar achando que o são —, porque na verdade, a maior parte do que eles dizem a princípio pode parecer ser sensato e até mesmo nobre. Por exemplo, eles dizem que o instinto é superior a razão e que o caráter é melhor do que a leitura de um livro. Concordo. Baldur von Schirach, [que controlava a Liga Nacional-Socialista dos Estudantes Alemães e depois foi líder da Juventude Hitlerista] que foi até esses tempos um desses líderes juvenis, disse: “A revolução Nazista é e sempre será uma revolução da alma. Ela revela um poder que nenhum intelectual irá negar, já que isso é tão inconcebível para ele da mesma forma como o Deus que concebeu [esse poder]: o poder do espírito e do sentimento”.

Tudo isso soa muito bem, mas porque o espírito precisa de uma metralhadora? Porque o caráter só consegue lidar com o intelecto quando esta dentro do campo de concentração armado e como um chicote? Porque a insistência de perseguir alguém? Porque esse sentimento significa [pura] insensibilidade? Na superfície, a crença nazista não parece ruim; passe dela e você encontrará apenas intolerância e crueldade.<sup>405</sup>

Essa transmissão evidencia aquilo que foi sua impressão do nazismo desde o início — uma ideologia intolerante e cruel. Seus propósitos não eram decentes, e por isso mesmo, era condenável e deveria se inteiramente rechaçado. De todo, não só nessa transmissão, mas também em outras, ele iria se manifestar da mesma maneira. No entanto, essa foi uma das poucas vezes em que ele foi mais incisivo. Ele faz menção aos campos de concentração e a violência que imperava fora e dentro deles — ele não chegou a mencionar isso em outros artigos ou transmissões do mesmo modo como nunca disse nada parecido sobre o regime soviético. Não há dúvida de que ele sabia

<sup>405</sup> It is most important to remember that Germany had make war on her own people before she could attack Europe. So much has been happening lately that we sometimes forget that during the past seven years she robbed and tortured and interned and expelled and killed thousands and thousands of her own citizens. (...)

(...) I shall not be so much concerned with physical bullying as with the attempt of the Nazis to bully and twist the mind. They are no fools — it is great mistake to keep on making fun of them — and good deal of what they say sounds at first sensible and seven noble. For instance, they say that instinct is superior to reason, and character better than book-learning. I agree. Baldur von Schirach, who was until lately one of their youth-leaders says: “The Nazi Revolution is and always has been a revolution of soul. Its reveals that power which the intellectual will deny, since it is as inconceivable to him as is the God who gave it: the power of the soul and sentiment.”

This sounds all right, but why does the soul always require a machine-gun? Why can the character only cope with the intellect when it has got it inside a concentration camp, and is armed with a whip? Why does the instinct instinctively persecute? Why does sentiment mean insensitiveness? On the surface, the Nazi creed seems not too bad; scratch the surface, and you will find intolerance and cruelty. Ibidem, p.36.

muito bem o que ocorria na Alemanha nazista. Seus amigos Christopher Isherwood e W.H.Auden tinha vivido em Berlim e acompanhado a escalada nazista ao poder. Ao longo da década de 1930, esse foi um dos assuntos mais recorrentes nas cartas que trocou com Isherwood, que tinha se envolvido com um jovem alemão e tentava conseguir um passaporte em algum outro país para evitar que ele fosse deportado. Isherwood narrou esse processo em *Christopher e His Kind*, de 1976.

Nas suas viagens e estadias por alguns países da Europa, quando buscava um lugar onde pudesse estabelecer com esse rapaz, eles passaram uma temporada em Portugal onde Isherwood conheceu o dramaturgo alemão e dissidente Ernest Toller: “Foi por volta dessa época que Ernest Toller, o dramaturgo, poeta e revolucionário, chegou com sua esposa em Sintra para passar uns dias.” Em um trecho de seu diário transcrito, Isherwood escreveu: “Gostei muito do Toller; me lembra muitíssimo Viertel. Quando falamos de Hitler não conseguiu pronunciar as palavras *Mein Kampf*. Primeiro disse *Mein Kampf* e depois “seu livro.”<sup>406</sup>

Embora não tenha viajado pela Alemanha naqueles anos que antecederam o estouro do conflito, em setembro de 1937 ele teve a oportunidade de ver a Exposição Mundial em Paris. Em *The Last Parade* [A última parada] artigo publicado no *New Writing*, ele contou a experiência, que certamente o marcou:

“Pavilhão Soviético: (...) Estatísticas, mapas e gráficos mostram um triunfo numérico, mas as obras de arte nas paredes poderiam muito bem estar penduradas no Pavilhão alemão do [lado] oposto: os incidentes [abordados] e a uniformidade nos quadros são diferentes, mas a mentalidade dos artistas [que as criou] é a mesma — ali ela é controlada.”<sup>407</sup>

A semelhança a que ele faz alusão não era mera coincidência, como sabemos, e também não foi um detalhe que pudesse passar despercebido por seus olhos. Ali ele denunciava o caráter autoritário dos regimes soviético e alemão, coisa que veio a perceber um tanto tardiamente. De fato, ele chegou a mencionar a violência ou o derramamento de sangue promovido pelos soviéticos, mas nunca escreveu ou falou em público no tom que veio a falar do nazismo durante a Segunda Guerra Mundial. Numa

---

<sup>406</sup> ISHERWOOD, Christopher. *Christopher and his Kind*. New York: Farrar Strauss & Giroux, 1976, p.240.

<sup>407</sup> The Soviet Pavilion: (...) Statistics, maps and graphs preach a numerical triumph, but the art-stuff on the walls might just as well hang on the walls of the German Pavilion opposite: the incidents and uniforms in the pictures are different but the mentality of the artists is the same, and is as tame. FORSTER, Edward Morgan. *Two Cheers for Democracy*. New York: Harcourt & Brace, 1951, p.6.

transmissão de 3 de outubro na B.B.C. ele chegou a narrar um episódio marcante que teve lugar naqueles anos após a chegada dos nazistas ao poder que ilustra muito bem o grau de informação que ele tinha sobre o que acontecia na Alemanha — o da famosa queima de livros na Universidade de Berlim. Esse episódio, “mais do que qualquer outro evento, mostra a maneira como a Alemanha tem sido conduzida pelos próprios alemães.”

Os nazistas pretendiam que isso simbolizasse seu ponto de vista cultural, e assim foi. 13 de Maio de 1933. A noite vinte e cinco mil volumes foram destruídos na Universidade de Berlim na presença de quarenta mil pessoas. Muitas pessoas se divertiam com o incêndio; nos falaram que os aplausos foram tremendos. Muitos livros eram sobre judeus, outros sobre comunismo, outros sobre liberalismo, outros não-científicos, além daqueles que não eram alemães. Isso foi feito por um governo que decidiu que tudo aquilo era algo não-germânico. Houve [até] um ritual elaborado [para a queima]. Nove arautos seguiam em frente por vez e daí se jogava um autor às chamas com um encantamento. Por exemplo, o quarto arauto diz: “Preocupado com a corrosão da alma por exageros perigosos da guerra, e defendendo a nobilidade do espírito humano, eu relego às chamas os escritos de Sigmund Freud”. O sétimo arauto diz: “No que se refere à traição de um soldado da Primeira Guerra! Defendendo a educação de nosso povo no espírito da realidade, eu relego às chamas os escritos de Erich Marie Remarque”, o autor do romance *All Quiet on the Western Front* [Nada de novo no front]. Houve um holocausto nas províncias e os estudantes foram instruídos a erguer o “pilar da infâmia” fora das universidades; o pilar deve ser “grosso como uma árvore-tronco, um pouco acima da altura de um o homem”, o qual fora fixada “as expressões daqueles que, por sua participação em atividades difamatórias de caráter, tem perdido o direito de ser membro da nação alemã.” Note a referência à palavra “caráter,” isso é importante. “Caráter”, como espírito, sempre abre uma oportunidade para [o uso da] violência. [Mas não ficou restrito a isso]. A queima dos livros foi seguida por um sistemático controle sobre a literatura. Uma repartição pública foi criada para cuidar de bibliotecas públicas, antiquários foram extintos, livros não podiam ser publicados sem licença e uma licença era requerida para a crítica.<sup>408</sup>

---

<sup>408</sup> “Can the way which Germany has been behaving to Germans. The Nazi wished it to symbolize their cultural outlook, and it will. It took place on May 13, 1933. That night twenty-five thousand volumes were destroyed outside the University of Berlin, in the presence of forty thousand people. Most people enjoy a blaze, and we are told that the applause was tremendous. Some of the books were by Jew, other communist, other liberal, other “unscientific”, and all of them were “un-German.” It was for the government to decide what was un-German. There was an elaborate ritual. Nine heralds came forward in turn, and consigned an author with incantations to the flames. For exemple, the forth herald said: “Concerning the corrosion of the soul by the exaggeration of the dangers of war! Upholding the nobility of the human spirit, I consign to the flames the writings of Sigmund Freud.” The seventh herald said: “Concerning the literary betrayed of the World War Soldier! Upholding the education of our people in the spirit of reality, I consign to the flames the writings of Eric Marie Remarque,” the author of novel *All Quiet on the Western Front*. There were holocaust in the provinces too, and students were instructed to erect “pillars of infamy” outside their universities; the pillar should be “a thick tree-trunk, somewhat above the height of a man” to which were to be nailed “the utterances of those who, by their participation in activities defamatory of character, have forfeited their membership in the German nation.” Note the reference “character”, it is significant. “Character”, like the “soul” is always an opportunity for brutality. The Burning of the Books was followed by a systematic control of literature. A bureau was created to look after public libraries, second-hand shops were purged, books may not be published without licence, and a licence is also required for commenting. *Ibidem*, p.37-38.



Com relação ao nazismo, foi nessa tecla que ele bateu: seu caráter revolucionário e em seu caráter autoritário. Seu temor com relação isso era tão grande que, em 10 de outubro, pouco mais de 20 dias antes da Batalha da Inglaterra terminar, ele foi novamente à B.B.C. e levou ao ar *O que os alemães podem fazer conosco?*, em que ele especula sobre como seria e as consequências de uma possível ocupação alemã:

Embora as condições culturais não sejam perfeitas nesse país (e não podemos fingir que sejam) ele é um paraíso se comparado com as condições da Alemanha [neste momento] e uma benção se comparado com as condições que a Alemanha irá nos impor se formos derrotados. E aqui quero descrever o que ela poderá fazer se ela tiver essa chance.

Você pode dizer: “Oh, mas como você sabe? Sem dúvida os nazistas deverão impor termos de paz apavorantes a nós se vencerem, mas porque eles irão interferir em nossa cultura?” Minha resposta para isso: “Eu sei por que eu me recordo do que eles fizeram em outros países, particularmente na Tchecoslováquia e na Polônia”. Destruição da cultura nacional faz parte do programa de conquista. Na Tchecoslováquia, por exemplo, eles impediram a execução das óperas de Smetana e as peças de Capek. Eles revisaram os livros das escolas, falsificaram a história tcheca, proibiram cantores e músicas nacionais (...). Na Polônia o destino da cultura foi ainda mais trágico desde a sua conquista: sua conduta na Polônia é o modelo o qual pode ser aplicado aqui se eles vencerem. Ouça, por exemplo, como eles trataram a Universidade de Cracóvia — e depois troque “Cracóvia” por “Oxford” ou outra universidade que você conheça. No último novembro, cento e setenta professores da Cracóvia foram convocados pelo chefe da Gestapo para o hall da Universidade e presos, alegando que eles continuavam seu trabalho sem permissão dos nazistas. Eles foram mandados direto para os campos de concentração na Alemanha, onde 16 deles foram mortos, e em seus lugares foram nomeados nazistas. Eu conheço Cracóvia. Eu tinha amigos nessa universidade, de quem não tive mais notícias. Eles me acolheram em seus pequenos apartamentos com uma vista encantadora para as avenidas verdes: eles me mostraram sua nobre cidade com suas grandiosas igrejas e suas maravilhosas fortalezas. Devido a sua gentileza e hospitalidade, o que aconteceu em Cracóvia se tornou, para mim, um símbolo da ameaça nazista para o Continente, e eu mal posso ver seus nomes sem tremer de raiva. Menciono isso neste momento — aquele lugar amável e [agora] perdido — porque alguém precisa ver [o que acontece] nesses dias terríveis. Isso não parece ser grave se eu disser “Os nazistas deverão reorganizar e equipar nosso sistema educacional.” Parece mais convincente se eu disser: “Eles vão tratar Oxford da mesma maneira que Cracóvia.” Eles estão erradicando a cultura por toda parte na Polônia tanto quanto podem. Eles consideram ser essa sua missão em terras polonesas uma vez que eles são inferiores aos alemães. “Um polonês é um polonês”, escreveu um jornalista nazista, “e qualquer tentativa de familiaridade deve ser refutada.”<sup>409</sup>

<sup>409</sup> Although cultural conditions are not perfect in this country (and it would be cant to pretend that they are), they are paradise compared with conditions in Germany, and heaven compared with the conditions which Germany would impose on us if she beat us. I want to describe what she would do to us if she got the chance.

You may say: “Oh, but how you know? No doubt the Nazis would impose appalling peace terms on us if they won, but why should they interfere with our culture?” My answer to that is: “I do know, because I have record of what they have done to other countries, particularly to Czechoslovakia and to Poland.” Destruction of national culture is part of their programme of conquest. In Czechoslovakia, for instance, they have barred the operas of Smetana and the play of Capek. They have revised school books, falsified the Czech history, forbidden the signing of Czech national songs (...). In Poland the fate of culture has

O quadro é pintado por ele com relação ao tratamento dispensado aos países ocupados é irrealista em alguns pontos — basta vermos o caso da Tchecoslováquia, que teve um tratamento ameno —, muito embora não estivesse equivocado com relação a outros. Em primeiro lugar, o tratamento dispensado aos ingleses, ao contrário do que ele parecia acreditar, e que demonstrou nesta transmissão, não seria o mesmo que o aplicado aos poloneses e aos eslavos, em geral; a maneira como os alemães trataram poloneses e a total falta de consideração pelas convenções internacionais de Haia e Genebra na Rússia são prova disso — na França ocupada elas estavam em vigor.<sup>410</sup> Ou seja, há uma diferença gritante.

Para entender o tratamento dispensado por Hitler aos poloneses, e depois a Rússia de Stalin, é preciso que tenhamos em mente o que ele pretendia no Leste europeu. Como veremos mais adiante, quando formos discutir a situação da Inglaterra na *Nova Ordem Nazista*, quando se trata dos planos de Hitler para a Europa, em especial o *Lebensraum* [Espaço Vital], os historiadores se dividem. Não está claro o que ele pretendia. A.J.P. Taylor disparou contra aqueles historiadores que insistem no *Lebensraum*. “Por ‘plano’ eu entendo algo que é [previamente] preparado e elaborado em detalhes. Eles [os historiadores que acreditam na existência do *Lebensraum*] parecem tomar por plano uma pia, no caso uma impiedosa, vontade. Na minha visão, Hitler nunca teve um plano para o *Lebensraum*.”<sup>411</sup> Segundo ele, não há estudos de recursos a serem explorados nos territórios a serem conquistados; não há nem mesmo

---

been still more tragic, since Poland is a conquered country: their conduct in Poland is model which the Nazis follow if they got over her. Listen, for instance, how they treated the University of Cracow — and then put for “Cracow” “Oxford” or any other university which you know. Last November, one hundred and seventy professors and teachers at Cracow were summoned by the chief of the Gestapo to the hall of the university and placed under arrest on the grounds that they were continuing their work without Nazi permission. They were sent straight off to concentration camps in Germany, where sixteen of them died, and their places were filled by Nazi nominees, I know Cracow. I have had friends in the university there of whom I can get no news. They welcomed me to their charming little flat overlooking the green boulevards: they have shown me their noble city with great Catholic churches and its marvelous fortress. Owing to their kindness and hospitality, it has happened that Cracow has become for me a symbol of Nazi bullying on the continent, and I can hardly see it name without trembling with rage. I mention it now — that lost and lovely place — because one needs to visualize in these terrible times. It does convey much if say: “The Nazi would reorganize and re-staff our education system.” It does convey something if say “They treated Oxford as they have treated Cracow.” They are stamping out culture everywhere in Poland, so far as they can. They consider it their mission to do so, on the ground that Poles are naturally inferior to Germans. “A Pole is a Pole” writes a Nazi journalist, “and any attempt at familiarity must be rebuffed.” Ibidem, p.39-40.

<sup>410</sup> MAZOWER, Mark. *O Império de Hitler: A Europa sob domínio nazista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p.154

<sup>411</sup> TAYLOR, A.J.P. *The Origins of Second World War*. London: Penguin Books, 1991, p.24.

uma definição de que territórios seriam esses. Além disso, quando boa parte da Rússia europeia foi conquistada, os administradores alemães andavam em círculos porque não sabiam se exterminavam a população existente ali ou se as exploravam, se as tratavam como amigas ou inimigas.<sup>412</sup>

E faz sentido, pois como veremos mais adiante, não havia nada muito definido. Hitler parecia não só avesso como evitava revelar suas ideias. E quando chegava a fazê-lo nada o impedia de esquecê-las depois. Se por um lado podia ser contraditório — em 2 de outubro de 1939, pouco mais de 1 mês e meio depois de assinar o Pacto Ribbentrop-Motolov, o Conde Ciano anotou em seu diário: “No momento ele [Hitler] esta pró-Rússia. Expressa-se em favor dos comunistas com tanta imprudência e cinismo que deixa perplexo quem o ouve.” Um ano depois, em 4 de outubro de 1940, Ciano escreveu: “Hitler esta muito enérgico e novamente anti-bolchevista ao extremo. ‘O Bolchevismo’, diz ele, ‘é a doutrina de povos deteriorados’”<sup>413</sup> —, por outro podia ser muito pragmático. Não era dogmático em algumas questões. Como frisou Taylor, ele não recusaria ganhos territoriais se eles aparecessem. Com a derrota da França, ele anexou Alsácia e Lorena, a despeito de suas declarações prévias de que não o faria; ele falaria em um acordo de paz com a Inglaterra no verão de 1940, que pretendia deixar o Império Britânico intacto, mas cogitava reclamar o Iraque e talvez o Egito para a esfera alemã. Nesse sentido, independente de suas teorias, ou do que pensava que poderia ser desejável, o especulador cedeu lugar a um estadista que considerava anteriormente o que poderia fazer e como.<sup>414</sup>

Mazower mostrou o que foi a dominação alemã no leste europeu em *O Império de Hitler*. Ele não se centra nos objetivos de Hitler, mas no que acabou se dando na prática, em especial no que ocorreu Polônia, que é um caso peculiar. Quando da invasão, Hitler emitiu sinais para seus comandantes superiores de que seus planos para a Polônia envolviam a “aniquilação física” da população polonesa e que planejava eliminar milhares de membros da elite intelectual, social e política do país, o que parece ter alarmado o Exército.<sup>415</sup> Como relutaram em realizar essa tarefa, ele acabou deixando

---

<sup>412</sup> Ibidem, p.24.

<sup>413</sup> CIANO, Galeazzo. *Diario*. Milano: Rizzoli, 1980, p. 355 e 469.

<sup>414</sup> TAYLOR, A.J.P. *The Origins of Second World War*. London: Penguin Books, 1991, p.25.

<sup>415</sup> EVANS, Richard. *O Terceiro Reich em Guerra*. São Paulo: Planeta, 2012.

esse encargo a SS de Himmler, tendo instruído pessoalmente Reinhart Heydrich, o delegado que comandaria suas operações na Polônia.<sup>416</sup>

Invadida pelos três lados e tendo se mobilizado um tanto tarde, a Polônia estava numa situação desesperadora. A Alemanha tinha duas vezes mais soldados e três vezes mais tanques e aeronaves. Mesmo assim, os poloneses resistiram. Em 9 de setembro, o governo convocou uma resistência armada geral, e mesmo com suas tropas se rendendo, os civis continuaram a lutar, promovendo as piores reações dos soldados alemães e causando baixas.<sup>417</sup>

Com os poloneses resistindo, os alemães passaram a apelar para métodos cada vez mais cruentosos. A pequena cidade de Zloczew foi uma das primeiras a sentir o que muitas outras sofreriam por toda a Europa nos seis anos seguintes: foi totalmente queimada e cerca de duzentas pessoas foram mortas, inclusive crianças. Poloneses definidos como criminosos eram sumariamente fuzilados.

E não foi só a resistência que acabou despertando a ira dos alemães. Na medida em que avançavam e foram descobrindo o que os poloneses tinham feito com os alemães que viviam ali anteriormente, o tratamento endurecia. Em Bydgoszcz, um dos casos mais notórios, centenas de alemães locais foram mortos por conta de rumores de que franco atiradores estavam disparando em soldados poloneses. Entre setecentas e mil pessoas foram mortas. Quando a infantaria alemã entrou na cidade e descobriu os corpos, os soldados prenderam vários poloneses, inclusive professores, padres, advogados, funcionários públicos, dentre outros, e qualquer pessoa apontada por um alemão local de que ela teria participado de atividades antigermânicas era fuzilada imediatamente.

Nos dias que se seguiram o exército enviou mais de 500 pessoas para a SS para serem executadas. Uma batida em outros bairros da cidade levou cerca de outras 900 à prisão, das quais 120 foram fuziladas. O exército fuzilou cerca de 50 padres, professores, funcionários públicos, ferroviários. Novas instruções chegaram determinando que qualquer civil encontrado com uma arma de fogo deveria ser fuzilado no ato. Ao todo, entre 5 e 13 de setembro, estima-se que cerca de mil civis poloneses tenham sido mortos, chegando a 5 mil na região.<sup>418</sup>

---

<sup>416</sup> MAZOWER, Mark. *O Império de Hitler: A Europa sob domínio nazista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p.108.

<sup>417</sup> *Ibidem*, p.109.

De todo, a força e a resistência polonesa quando da invasão, além do tratamento dispensado anteriormente aos alemães que viviam ali, selaram o seu destino: Hitler rejeitou qualquer possibilidade de conferir a Polônia um tratamento parecido com o que deu a Tchecoslováquia quando Varsóvia caiu. Tanto que o nome Polônia deveria desaparecer — e foi o próprio Hitler quem o exigiu. Em seu lugar, a partir de 1940, surgiu o Governo-Geral.<sup>419</sup>

Uma vez conquistada a Polônia, Hitler deu início a campanha da germanização das áreas ocupadas — isso também aconteceria no Ocidente, mas de uma maneira mais branda. A ideia era incorporar aquela população, e já em outubro de 1939 Hitler estava bastante preocupado com isso. Mas o desafio demográfico era quase tão grande quanto o que os alemães encontraram no Protetorado que ficava mais ao sul.<sup>420</sup>

Considerações econômicas e de segurança tinham empurrado a fronteira alemã muito além dos antigos traçados de 1914 — e funcionários do Gabinete de Política Racial do Partido Nazista estavam irrequietos com o fato de que isso acabaria trazendo populações eslavas para dentro do *Reich* —, dando a Alemanha a maioria do ferro e do aço, além das indústrias de tecidos ao mesmo tempo em que acabou incluindo mais poloneses e judeus. Como o número de poloneses nessas regiões eram grande, cerca de 86% da população, a ordem que chegou era para que essa população fosse dizimada — a ideia era eliminar todos os elementos não aptos a germanização. Escolas polonesas foram fechadas, serviços religiosos no idioma polonês foram proibidos, restaurantes, cafés, cinemas, teatros, jornais, livros, associações e uniões polonesas também ficaram na mira dos alemães.<sup>421</sup>

Tais planos, o de germanização, dependiam, obviamente, da capacidade de definir a germanidade e de isolá-la do que a rodeava. Mas os especialistas do Partido Nazista estavam indecisos quanto a isso. Por um lado as coisas pareciam muito óbvias: um alemão era quem nas tradições, costumes e comunidade familiar vive como alemão ou que tivesse sangue alemão. Mas as coisas não eram tão simples. Os especialistas achavam que seria necessário algum tipo de política para extrair grupos nórdicos dessas populações e germanizá-los, o que na Polônia acabou se mostrando algo extremamente

---

<sup>418</sup> Ibidem, p.111.

<sup>419</sup> Ibidem, p.119.

<sup>420</sup> Ibidem, p.240.

<sup>421</sup> Ibidem, p.240.

complicado. Ali, os poloneses tinham vínculos familiares com alemães e em muitas áreas as populações estavam tão misturadas como no Protetorado.<sup>422</sup>

Na prática, o que se viu foi o uso da força de modo desmedido na Polônia para realizar essa empresa. Enquanto os tchecos desfrutavam de um grau considerável de autogoverno, algo muito mais coercivo foi posto em prática na Polônia. A despeito de ter de ceder e aceitar algum tipo de assimilação dada a inviabilidade da política racial que vinha sendo aplicada, isso em nada diminuiu a violência e a brutalidade com que os alemães trataram os poloneses. Como frisou Mazower, os poloneses seriam convertidos numa desinformada força de trabalho escravo para os alemães.<sup>423</sup> Não é a toa que já em 7 de setembro de 1939 Heydrich emitiu ordens para que seus esquadrões de morte liquidassem líderes poloneses — dado o destino que lhe reservavam, eles não iriam precisar de seus políticos e de sua *intelligentsia*. Em novembro, prisões em massa de acadêmicos, a que Forster fez alusão, foram efetuadas tanto na Cracóvia como em Praga, e muitos foram mandados para campos de concentração. As universidades dos dois países foram fechadas por tempo indeterminado, de acordo com a decisão de eliminar a educação superior em toda a Europa Oriental.

De todo, esse destino funesto ficou reservado aos poloneses e não aos demais povos eslavos. Os eslovacos tinham permissão de se autogovernar e o Protetorado da Boêmia-Morávia, que era governado pelos alemães através de uma burocracia tcheca, tinha um presidente tcheco decorativo, o que foi negado sumariamente aos poloneses.

Sendo essa a realidade no Leste europeu, onde as coisas foram completamente diferentes por conta da política racial alemã que pretendia exterminar grupos inteiros, podemos afirmar com segurança que os ingleses não seriam tratados do mesmo modo que os poloneses. Não o foram os franceses, belgas, holandeses, dinamarqueses. No entanto, E.M.Forster parece ignorar deliberadamente a noção do tratamento dispensada pelos alemães aos europeus ocidentais. Por quê? A resposta é simples: ele não poderia fazer outra coisa enquanto estivesse escrevendo para um jornal ou uma revista, e muito menos na BBC. Que outra coisa ele poderia dizer em cadeia nacional de rádio? “Eles vão tratar Oxford da mesma maneira que Cracóvia.” Ele mesmo sugere na transmissão que dizer isso dessa forma teria um impacto maior ao ouvinte, que seria mais eficaz.

---

<sup>422</sup> Ibidem, p.241-245.

<sup>423</sup> Ibidem, p. 117.

Nesse sentido, a distorção aqui, se foi deliberada, não foi por falta de informação sobre o que acontecia no Leste, mas talvez sobre o que ocorria no próprio Ocidente.

Os europeus ocidentais, após a derrota, colaboraram com a Alemanha. Bélgica e Holanda contribuíram de maneira significativa com o esforço de guerra alemão. O próprio Goebbels ficou impressionado com o fato de as fábricas holandesas cumprirem com tamanha obediência as encomendas do *Reich*. Os belgas seguiam suas “políticas de produção”, com suas holdings gigantescas se adaptando aos desejos de Hitler.<sup>424</sup> Quanto à França, essa era um caso a parte. Nenhuma das conquistas da Alemanha podia se igualar a esta. A guerra foi rápida, e como chegou a sugerir Marc Bloch, a França não lutou, ela simplesmente se entregou.<sup>425</sup> Após a queda da Holanda e da Bélgica, em uma semana os alemães tinham alcançado o Canal da Mancha. Em 14 de julho entraram em Paris. Diante disso, o Marechal Henri-Philipp Pétain, herói de Verdun, formou um governo e pediu um armistício. Como se não bastasse a situação calamitosa enfrentada pelo exército, cerca de 6 milhões de civis marchavam em direção ao sul, a zona não ocupada, espalhando pânico. A desmoralização foi completa.<sup>426</sup>

A despeito das severas exigências iniciais, Hitler conteve seus impulsos. E com isso demonstrou notável talento diplomático. Suas condições certamente eram duras, mas não impossíveis.<sup>427</sup> E a despeito de seus objetivos, afinal o que ele queria era a França derrotada e arruinada a ponto de jamais voltar a ser uma ameaça para a Alemanha,<sup>428</sup> ele sabia naquele momento era melhor não se exceder. Era vital evitar, a todo custo, repetir o que aconteceu na Noruega. Pétain tinha de ser encorajado a continuar na França para governar o país e impedir que a guerra se alastrasse para as

---

<sup>424</sup> Ibidem, p. 318 e 326.

<sup>425</sup> BLOCH, Marc. *A Estranha Derrota*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 41-42 e 124-125.

<sup>426</sup> MAZOWER, Mark. *O Império de Hitler: A Europa sob domínio nazista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p.152-153.

<sup>427</sup> Zonas estratégicas como o litoral Atlântico, o Canal da Mancha e uma rota terrestre até a Espanha, permaneceram sob controle operacional da *Wehrmacht*, sendo que uma outra parte ficou desocupada. Além disso, a frota francesa se renderia, mas permaneceria imobilizada nos portos franceses sob supervisão alemã e italiana. MAZOWER, Mark. *O Império de Hitler: A Europa sob domínio nazista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 154. LUKACS, John. *O Duelo Churchill x Hitler: 80 dias cruciais da Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p.119.

<sup>428</sup> MAZOWER, Mark. *O Império de Hitler: A Europa sob domínio nazista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p.153.

colônias francesas. A manutenção de um governo francês para dirigir a ocupação em nome dos alemães era prioridade.<sup>429</sup>

Na França, como na Dinamarca, os alemães conseguiram acrescentar ao seu triunfo militar uma significativa realização política: temperando ideologia com pragmatismo conseguiram criar um governo leal e dócil e razoavelmente aceito pelos franceses com o qual podiam trabalhar. De fato, as coisas parecem ter funcionado, embora não por muito tempo. Apesar de todas as previsões, sejam elas dos próprios alemães, americanas ou inglesas, sustentarem que a Rússia seria derrotada em até 3 meses, no inverno de 1941-1942, quando Hitler percebeu que sua investida no leste se alongava, as necessidades de curto prazo de sua máquina de guerra se tornaram muito mais urgentes. E isso marcou um ponto de inflexão na administração alemã, pois significou uma exploração mais violenta do Continente de seus recursos para sustentar seus esforços no *front*.<sup>430</sup>

Na prática isso significou trazer para a Alemanha trabalhadores estrangeiros, sejam eles eslavos ou ocidentais, que sofriam grandes privações — muitos trabalhadores voluntários abandonavam o posto e na volta espalhavam notícias a respeito da pouca comida e dos maus tratos sofridos. Só no território soviético, em 1942, foram transportados para o Reich cerca de 1 milhão de trabalhadores civis. Em meados de 1943, cerca de 2,3 milhões de novos trabalhadores tinham sido alocados em fábricas alemãs e no fim do ano a cifra subiu para 5 milhões.<sup>431</sup>

As condições de trabalho eram as piores possíveis, e os alemães utilizavam de todos os meios possíveis para arrebatar as quantidades necessárias. Havia verdadeiras caçadas humanas. Dado a situação no *front* oriental, e das necessidades que surgiram com ele, os alemães não mediam esforços e não poupavam o uso da força e da violência para conseguir encher seus caminhões e enviá-los para as fábricas — algo parecido com o que acontecia na União Soviética, quando Stalin impunha cotas de aprisionamento e até de execução de prisioneiros nos campos de concentração.<sup>432</sup> Comentando o que ouviu dos franceses que haviam sido levados para trabalhar na

---

<sup>429</sup> Ibidem, p.153.

<sup>430</sup> Ibidem, p.319.

<sup>431</sup> MAZOWER, Mark. *O Império de Hitler: A Europa sob domínio nazista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p.358-361.

<sup>432</sup> APPLEBAUM, Anne. *Gulag: uma história dos campos de prisioneiros soviéticos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009, p.98-99.



Alemanha sobre os russos que estavam lá pela mesma razão, a escritora americana radicada na França Gertrude Stein, em seu *War I have seen* [Guerra que vi], escrito durante o último ano de ocupação, escreveu: “O que horroriza os franceses que estão na Alemanha é a forma com que os alemães tratam os russos, tanto mulheres como homens, os alemães os temem e por isso chegam a limites extremos de brutalidade.”<sup>433</sup>

Sendo esse o tratamento que os alemães dispensaram aos poloneses, e aos eslavos em algumas oportunidades, e tendo claro que tratariam os europeus ocidentais de uma maneira diferente, podemos passar para a outra questão que temos de analisar. Temos de pensar no que Hitler tinha em mente quando o assunto era a Inglaterra para que tenhamos a chance de ver até que ponto E.M.Forster se equivocou nessa transmissão.

E.M.Forster nutria certo desdém pela própria vida, como demonstrou em diversas oportunidades — em carta a Bob Buckingham, datada de 20 de fevereiro de 1943, ele escreveu: “Encontro-me terrivelmente indiferente com relação à minha morte, mas fico facilmente incomodado quando pessoas que eu amo estão em perigo.”<sup>434</sup> A perspectiva de morrer com um dos bombardeios a Londres ou com a invasão simplesmente não o alarmavam — seu apartamento chegou a ser atingido por um deles como ele comentou em carta a Christopher Isherwood, em 28 de fevereiro de 1944: “Meu apartamento foi atingido e as janelas e as portas [foram pelos] os ares.”<sup>435</sup> De todo, essa desilusão parece ter se instalado nele ainda no começo da vida adulta, provavelmente depois da morte de Louisa Whichelo, sua avó materna, em 1911, tendo o acompanhado pelo restante da vida e se manifestado de uma maneira particular nesse momento — especialmente entre maio e setembro, quando a invasão parecia iminente e os bombardeios a Londres tinham se iniciado. Em seu diário, em 8 de setembro, ele escreveu: “Londres em chamas! Vi o que acontecia do meu apartamento na Chiswick na última noite com desilusão e indignação.”<sup>436</sup>

---

<sup>433</sup> STEIN, Gertrude. *Guerras que he visto*. Barcelona: Alba Editorial, 2003, p.246.

<sup>434</sup> I find myself awfully indifferent to my own death, but easily upset when people I love are threatened. FURBANK, P.N.; LAGO, Mary. (ed.). *Selected Letters of E.M.Forster: 1921-1970*. Cambridge: Belknap Press and Harvard University, 1985, p.201.

<sup>435</sup> My flat shook, and the windows and doors of his flew about. *Ibidem*, p.206.

<sup>436</sup> London burning! I watched this event from my Chiswick flat last night with disgust and indignation. FORSTER, Edward Morgan; GARDNER, Philip (org.). *The Journals and Diaries of E.M.Forster*. Vol. II. New York: Ashgate, 2011, p.94

Se não tinha medo de morrer nas mãos dos alemães porque era indiferente com relação à própria vida, por outro lado temia os efeitos da ocupação nazista para as liberdades individuais e a literatura. Na transmissão *What would Germany do to us?* [O que os alemães podem fazer conosco], ele expõe os seus temores:

O destino escritores individualista poderá ser terrível. Aqueles que têm algum destaque provavelmente serão internados [em campos de concentração] ou mortos. Por mais terrível que isso possa vir a ser para eles, na verdade, esse não seria um grande golpe para a literatura, afinal, neste momento, esses escritores, por se destacado [anteriormente], já deram o melhor de si. O que importa, o que pode vir a ser desastroso é a intimidação dos jovens escritores — homens e mulheres de 20 e 30 anos, que não ainda não tiveram chance de se expressar.<sup>437</sup>

Nesse ponto ele estava certo. A ocupação teria efeitos nefastos para a literatura e a liberdade de expressão. Talvez Hitler viesse a ser mais duro no começo por conta da insistência de Churchill de não se render, mas é provável que no fim a Inglaterra seguisse um caminho parecido com os da França, Holanda ou Dinamarca.

No entanto, o governo britânico não era ingênuo. Churchill sabia que não poderia contar com a palavra de Hitler. Assim, o que estava em jogo no verão de 1940, como frisou Lukacs, não era propriamente os termos de Hitler, a questão era o caráter que governo britânico teria no caso de uma derrota, ou de um acordo de paz. Hitler talvez fizesse um acordo deixando suas possessões imperiais intactas, mas nessas condições o governo britânico teria que ser um pouco menos do que neutro; teria que ser indiferente à dominação alemã da Europa e cultivar relações com a Alemanha em vez de os Estados Unidos. Teria que dar um jeito nos opositores de Hitler em seu território — nomeadamente socialistas, liberais, seguidores de Churchill, conservadores, judeus e, claro, a imprensa anti-alemã. Ou seja, o governo britânico teria de identificar e reprimir esses elementos sociais para ficar de acordo com os desejos e Hitler.<sup>438</sup>

De todo, como escreveu Lukacs, a propensão a exigir concordância com as ideias de alguém é um ato mais extremado e agressivo do que a exigência brutal para

---

<sup>437</sup> The fate of individual writers would be hard. Those any eminence would probably be interned and shot. This, however, painful to themselves, would not, it is true, be great blow to literature, for the time writers have become eminent they have usually done their best work. What would matter, what would be disastrous, is the intimidation of our younger writers — men and women in their twenties and thirties, who have yet had chance to express themselves. FORSTER, Edward Morgan. *Two Cheers for Democracy*. New York: A Harvest Book & Harcourt Brace & Company, 1951, p.41.

<sup>438</sup> LUKACS, John. *O Duelo Churchill x Hitler: 80 dias cruciais da Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p.150.

que essa pessoa abra mão de parte de suas posses.<sup>439</sup> E era isso o que inquietava os britânicos: a derrota significaria a privação de qualquer tipo de liberdade. Significaria resvalar para uma condição de vassalagem em relação ao Terceiro Reich. Resistiram a Hitler não só porque abominavam o nazismo e não queria isso em sua ilha, mas porque sabiam o que a derrota traria. A elite política britânica estava particularmente preocupada com a manutenção do Império, o que significa dizer que seus esforços contra a Alemanha de Hitler gravitavam em torno de questões estratégicas e de sobrevivência mais do que qualquer outra coisa.

Embora tudo isso possa ser verdade, existe um detalhe que ele ignorava. Na verdade, ele não tinha como saber das intenções de Hitler para com a Inglaterra e o Império Britânico porque essas informações não estavam disponíveis. Embora Hitler tenha feito todo um esforço para tê-la como aliada, os ingleses nunca se interessaram por isso — diferente do que ocorreu nos anos que antecederam a Primeira Guerra, quando Inglaterra e Alemanha pareciam convergir para uma aliança, aliança essa que nunca se concretizou para o desgosto de Guilherme II. A despeito dessa ligeira convergência nos anos que antecederam o conflito de 1914, na década de 1930 isso era praticamente impossível. E em *What would Germany do to us*, E.M.Forster parece ter encontrado a explicação para isso: “Não vejo como poderíamos fazer um acordo com Hitler (...). Ele nunca mantém sua palavra.”<sup>440</sup> Parece até óbvio demais para ser dito: depois do que ocorreu na Tchecoslováquia, os ingleses tinham motivos suficientes para se recusarem a entrar em um acordo com a Alemanha nazista — “Ele nunca mantém sua palavra.”

Mas independente do que aconteceria com a Inglaterra, quais eram os objetivos de Hitler? Suas ambições eram a níveis globais?

De fato, a germanofobia era um sentimento compartilhado entre as elites inglesas do século XX, especialmente depois da morte da Rainha Victoria — um medo descomunal de que a Alemanha estivesse à espreita e conspirando para arruinar o Império Britânico. E isso era perfeitamente natural: o mundo, até o fim da Segunda Guerra, era inglês e, os ingleses, não aceitariam perde-lo. Esse sentimento pode ser detectado em Chamberlain, Halifax da mesma maneira como em Henderson e Haldane

---

<sup>439</sup> Ibidem, p.150.

<sup>440</sup> I cannot see how we are to make terms with Hitler (...). He never keeps his word. FORSTER, Edward Morgan. *Two Cheers for Democracy*. New York: A Harvest Book & Harcourt Brace & Company, 1951, p.43.

à época da Grande Guerra. As vésperas da guerra em 1914, Churchill atacou o Kaiser descrevendo-o como um “tirano continental” cujo objetivo era senão o de dominar o mundo. Haldane não expressou uma visão muito diferente. Quando os alemães propuseram limitar seu programa naval em troca da neutralidade inglesa em caso de um conflito entre França e Alemanha, numa rodada de negociações em dezembro de 1912, Haldane, quando de seu retorno à Inglaterra, disse: “Pelo que estudei do Estado-Maior alemão, concluí que, uma vez o partido alemão pró-guerra estive montado na sela, a guerra não seria apenas para a derrubada da França ou da Rússia, mas para o domínio do mundo.”<sup>441</sup> Em seu diário, após a abdicação de Guilherme, Jorge V escreveu:

Ele foi imperador por pouco mais de trinta anos, fez grandes coisas por seu país, mas sua ambição era tão grande que queria dominar o mundo e criou sua máquina militar com esse objetivo. Nenhum homem pode dominar o mundo, já se tentou antes, e agora ele arruinou seu país e a si próprio e eu o vejo como o maior dos criminosos, conhecido por ter mergulhado o mundo nesta guerra, com todas as suas desgraças.<sup>442</sup>

A despeito desse temor das elites dirigentes inglesas, os planos dessas duas figuras, Hitler e Guilherme II, que envolviam a Europa eram diferentes em alguns pontos. Os dois estavam preocupados com a Rússia, mas por motivos diferentes. Guilherme estava preocupado com a ampliação do poderio russo, enquanto Hitler, com o regime implantado por Lênin, em 1917. No caso de Guilherme, não havia um componente ideológico que pudesse movê-lo em direção ao Leste como havia no de Hitler. Diferente do *Führer*, por detrás dele, Guilherme, não havia um Tratado de Versalhes e um cenário desolador, muito embora houvesse uma necessidade, tanto dele como de seu país, de se impor no cenário europeu naquelas últimas décadas do século XIX. E se havia algo que poderia fazê-lo marchar em direção ao leste, era isso.

O que Guilherme tinha em mente, como revelou a um jornalista francês em 1900, era uma união aduaneira entre França, Bélgica, Holanda, Dinamarca, Áustria-Hungria, Polônia e talvez Itália, Suécia e Noruega, liderados pela Alemanha, para fazer frente aos Estados Unidos.<sup>443</sup> A questão é que essas ideias dificilmente ficariam restritas a uma simples união aduaneira, e por isso mesmo há muita controvérsia com relação às

---

<sup>441</sup> TUCHMAN, Barbara. *Canhões de Agosto*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994, p.60.

<sup>442</sup> CARTER, Miranda. *Os Três Imperadores*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013, p.505.

<sup>443</sup> MACDONOGH, Giles. *The Last Kaiser: The Life of Wilhelm II*. New York: St. Martin's Press, 2000, p.259-260.

suas pretensões — o que impediria a Alemanha de expandir sua hegemonia engolindo pequenos estados que encontrasse pela frente ou submetendo eles aos seus termos?

Como Hitler depois, ele sempre esteve preocupado com o Leste Europeu e com a expansão e a hegemonia alemã na Europa. Tanto que numa eventual vitória, ele pretendia que a Polônia se tornasse independente justamente para criar uma barreira de contenção no leste contra a Rússia de seu primo Nicolau II, que apesar do vínculo familiar, representava uma ameaça para a Alemanha.<sup>444</sup> Só assim ele poderia garantir a segurança da Alemanha e sua hegemonia. De todo, ele não estava preocupado, como aconteceu a Hitler, com o regime que imperava em Moscou — até porque era o mesmo, uma monarquia quase absoluta. Sua preocupação era com o poderio militar russo. Essa que era a questão.

No entanto, ao longo do seu reinado ele não demonstrou uma obsessão por esses planos com relação ao Leste europeu como Hitler demonstraria depois — faltava-lhe uma ideologia que pudesse demovê-lo. Claro, ele tinha isso em mente. É óbvio. Mas isso não quer dizer que a Alemanha havia iniciado as hostilidades contra a França e a Bélgica naquele momento *só* para concretizar esses planos — se essa era sua meta, se moveu esforços contra os franceses naquele momento *só* para isso, podemos estar nos perguntando do porque de não ter feito isso antes. Naquele momento, em 1914, havia outras coisas em jogo. Sua agressão não foi gratuita; ela era o resultado de uma situação limite que vinha se arrastando havia alguns anos, e que naqueles últimos meses se tornou insustentável. Assim, quando invadiu a Bélgica, ele estava pensando mais numa guerra preventiva, destinada a eliminar a França, para que, então, a Alemanha tivesse a chance de esmagar a Rússia com força total e, com isso, ter a oportunidade de lidar com o Leste europeu conforme lhe convinha. Essa era a oportunidade, uma a qual ele talvez estivesse aguardando havia algum tempo.

De fato, a Inglaterra e o Império, não representavam para ele, Hitler, o que a Rússia de Stálin representava. E ele deixou isso muito claro — o Conde Ciano escrevendo em seu diário em 1940, quando Hitler tentava um acordo com a Inglaterra após a derrocada da França, frisou: “Encontro com o Führer (...). Confirmo minhas impressões de ontem. Ele gostaria de entrar em um entendimento com a Grã-

---

<sup>444</sup> TAYLOR, A.J.P. *The Origins of Second World War*. London: Penguin Books, 1991, p.73.

Bretanha.”<sup>445</sup> Como disse Sir Roy Denman, “muito se tem escrito sobre a dificuldade de saber o que Hitler tinha em mente.”<sup>446</sup> O fato é que,

[de todo,] Hitler (...) não tinha desavença fundamental com a Inglaterra. Ao contrário de Guilherme II, ele não demonstrava vontade de rivalizar com a Marinha Britânica e nem de cobiçar o Império Britânico. Seus objetivos territoriais se centravam na Europa Central e Oriental e mais a leste. [Nesse sentido,] jamais compreendeu por que os ingleses insistiram tanto em interferir [em seus planos].<sup>447</sup>

Apesar de ter deixado isso expresso, temos que ser cautelosos. Como escreveu Lukacs:

Não sabemos exatamente quais eram os objetivos de guerra fundamentais de Hitler. Essa pode ser uma afirmação surpreendente, mas é verdade. Um Terceiro Reich Alemão grande e poderoso, dominando a maior parte da Europa, incorporando a maior parte do leste europeu, sim; mas quais seriam os seus limites? Hitler não fez declarações explícitas sobre isso deliberadamente. Quando se tratava de fronteiras ou do governo de nações subjugadas, ele descartava a discussão repetidamente, afirmando que eram questões a decidir quando a guerra acabasse.<sup>448</sup>

Em outra passagem, Lukacs resume as razões do porque de Hitler não querer dominar o mundo:

O que Hitler queria? Temos de tirar da cabeça certas ideias que fluem do que sabemos das monstruosidades de Hitler. Ele não queria conquistar o mundo. Sabia que não conseguiria. O mundo era grande demais para uma só nação controlar. Essa — e não só seu simplório respeito pelo imperialismo britânico — era a principal razão do grande desígnio de sua proposta: a América para os americanos, a Europa dominada pelo Terceiro Reich, o Império Britânico em grande parte intocado. Ele queria fazer seu Terceiro Reich mais poderoso, mais prestigioso, vital e saudável do que nunca; depois da guerra (como dizia com frequência a seu círculo íntimo) ele recorreria a ocupações pacíficas. Estava interessado em construir, não [em] destruir; mas se para construir fosse preciso arrasar, que assim fosse — sem exceções e sem misericórdia. Esta era a natureza categórica e a natureza impiedosa da mente desse homem.<sup>449</sup>

---

<sup>445</sup> CIANO, Galeazzo. *Diario: 1937-1943*. Milano: Rizzoli, 1980, p.453.

<sup>446</sup> DENMAN, Roy. *Missed Chances: Britain and Europe in the Twentieth Century*. London: Indigo, 1997, p.63.

<sup>447</sup> *Ibidem*, p.129.

<sup>448</sup> LUKACS, John. *O Duelo Churchill x Hitler: 80 dias cruciais da Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p.204.

<sup>449</sup> *Ibidem*, p.149-150.

E isso faz sentido. Se ele, Hitler pretendia cooptar o Império Britânico e tê-lo como um aliado, como se pode dizer que ele pretendia dominar o mundo? Não, ele não queria isso, ao menos não num primeiro momento. Ele não tentou conciliar esse tipo de ambição, que alguns autores lhe atribuem, com sua ideologia e as ambições alemãs de subjugar o Leste europeu. Ele fazia uma distinção. Se pensasse exclusivamente em dominar o mundo, se não houvesse um componente ideológico em suas ambições, seu foco não seria a Rússia de Stalin, mas a Inglaterra de Chamberlain. Ela, com seu Império e seu poderio marítimo, seria o seu obstáculo, e com isso sua guerra não seria ideológica, mas movida por ambições políticas e econômicas. Mas é claro que não era isso e nem podia ser. Seu inimigo não era a Inglaterra, mas a Rússia de Stalin. O que significa dizer que sua guerra seria ideológica porque estava determinado a eliminar o comunismo; ela também seria política e econômica na medida em que queria subjugar o Leste europeu e garantir a hegemonia alemã na Europa.

Ele queria a Inglaterra como um aliado. E esse era um desejo antigo. Tanto que entre 1933, quando chegou ao poder, e 1939, até a invasão da Polônia, Hitler jamais atçou o fogo do revanchismo nos territórios que a Alemanha perdera no Ocidente em Versalhes. A região norte de Schelwing, pela qual Bismarck entrara em guerra com a Dinamarca, continuava com ela, Eupen e Malmédy com a Bélgica, e Alsácia e Lorena, que foram devolvidas a França, não foram reclamadas — se o preço de uma Inglaterra neutra ou amigável era desistir de reivindicações alemãs em relação aos territórios perdidos em Versalhes, Hitler estava disposto a pagá-lo. Ele sabia que se tentasse reaver Alsácia e Lorena da mesma maneira como fizera com os Sudetos ou a Áustria, teria problemas com a França, e por tabela com a Inglaterra. Nesse sentido, ele não tinha alternativa. Pela lógica, não valia a pena fazer isso, pelo menos não antes de ter o Continente sob seu domínio.

Em 1940, depois da derrocada francesa, Hitler fez um gesto de aproximação. A seu círculo mais próximo chegou até mesmo sugerir que havia deixado os ingleses resgatarem seu exército em Dunquerque como prova de que seria benevolente com eles se entrassem em um acordo.<sup>450</sup> Mas a recusa britânica deixou-o furioso. Em 3 de julho o Conde Ciano escreveu em seu diário: “Amanha estarei em Berlim e talvez Hitler falará: [fará] um discurso de paz? [ou] um sobre guerra total contra Grã-Bretanha?” Dias depois, em 19 de julho, data do discurso de Hitler, escreveu: “Tarde da noite, quando

---

<sup>450</sup> Ibidem, p.87.

chegaram as primeiras e frias reações inglesas ao discurso, espalha-se entre os alemães um mal disfarçado desapontamento.”<sup>451</sup>

A essa altura, para Hitler, os ingleses não passavam de um bando de intransigentes, daí ter ordenado os preparativos para a invasão. Como frisou Lukacs, a partir daí seu antigo respeito pelos britânicos começou a desvanecer. Não só tentaria submetê-los a força, iria puni-los — uma reação semelhante ao tratamento dispensado aos poloneses em 1939. No verão de 1940, Hitler ainda dizia que será deplorável a dissolução do Império Britânico, que seria herdado pelos Estados Unidos e o Japão. Quatro anos depois, falaria com prazer sobre o encolhimento do Império e da redução da Grã-Bretanha a uma ilha trêmula e esfomeada. Em junho de 1940 ainda relutava em ordenar o bombardeio a Grã-Bretanha. Quatro anos depois ordenaria a destruição de Londres com seus foguetes.<sup>452</sup>

O fato é que ele relutou e não invadiu a Inglaterra. Tentou destruir sua força aérea, mas fracassou nisso. E quando tentou eliminar a Rússia para forçar a Inglaterra a ceder, ele acabou criando uma guerra em duas frentes. Daí em diante a guerra seguiu outro curso, o que também explica o fato de E.M.Forster se dispor a discutir outros assuntos, até mesmo e principalmente, literatura, em suas transmissões na B.B.C. até o fim do conflito. De todo, não haveria mais uma performance igual ou parecida com aquela durante a Batalha da Inglaterra. Se não havia uma situação limite parecida, seria difícil imaginar que ele pudesse voltar a atuar com o mesmo afimco.

De fato, ele fez o que talvez fosse necessário num momento tenso como aquele. Ele ignorava as intenções de Hitler, e nisso ele não estava em desvantagem com relação a ninguém naquela época. Se hoje as coisas ainda não estão claras, podemos imaginar o que seria pensar isso com as bombas alemãs caindo nas proximidades de seu apartamento em Londres. O fato é que ele esteve atento e que tinha um escudo contra o culto ao ditador-herói que seduziu Pound. Esse escudo pode não ter impedido que ele flertasse ou fosse um tanto conivente com a outra ideologia que foi igualmente apoiada pela intelectualidade no momento. O fato é que ele não cedeu àquela crença que seduziu seus pares: a de que os homens deveriam trabalhar para construir um mundo novo.

---

<sup>451</sup> CIANO, Galeazzo. *Diario: 1937-1943*. Milano: Rizzoli, 1980, p.450 e 453.

<sup>452</sup> LUKACS, John. *O Duelo Churchill x Hitler: 80 dias cruciais da Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p.150-151.



**CAPÍTULO V**  
**A ERA DA REVOLUÇÃO COMUNISTA**

## “MAIS HUMANO DO QUE O FASCISMO”

A ascensão de Hitler em janeiro de 1933 fez com que o escritor inglês Christopher Isherwood e seu amigo, o poeta W.H.Auden, deixassem a Alemanha às pressas <sup>453</sup> — era o fim, e um fim abrupto de uma temporada que se iniciara em 1928. Depois de uma estadia curta na Inglaterra, e de terem peregrinado pela Europa, eles resolveram emigrar para os Estados Unidos, o que suscitou uma reação ácida de homens como George Orwell e Evelyn Waugh, que os criticaram por sua deserção. Como não podia deixar de ser, E.M.Forster, que sempre fora extremamente leal a seus amigos, foi até a estação de trem para se despedir. Em seu diário, quando já estava nos Estados Unidos, Isherwood escreveu sobre aquele dia:

Acho que tivemos a sensação de que essa seria uma despedida prolongada. [Minha] mãe chorou quando parti, eu chorei, Jacky [Hewit] chorou no táxi até a estação e me deu uma lembrança, seu primeiro champagne. Forster, que tinha ido se despedir, me perguntou: “Devo entrar no partido comunista?” Esqueci o que acabei respondendo. Acho que foi: “Não.” <sup>454</sup>

Meses antes, em carta a seu amigo, o poeta Cecil Day-Lewis, que em 1935 tinha ingressado nas fileiras do PCGB, de 30 de outubro de 1938, ele escreveu:

Mas desde que eu falei do Comunismo em Paris três anos atrás, tenho tido desilusões, as quais nem todas procedem de minhas fraquezas. A Rússia, talvez não por sua própria culpa, parece caminhar na direção errada; muito nivelamento e muito derramamento de sangue. Talvez — talvez sob outro nome — o Comunismo [consiga] recomeçar depois da próxima catástrofe europeia e fazer melhor. De fato, tenho a impressão de que ele irá se reciclar, e sempre de maneira mais incisiva, e no final [sairá] mais forte do [meio da] catástrofe. Mas não será no nosso tempo, e talvez nem na Europa. Se for desse jeito, acho que meu esforço foi falho e morreu no meio do caminho — já tentei colocar isso em um artigo no London Mercury, o qual você poderá ver [em setembro]. <sup>455</sup>

<sup>453</sup> PAGE, Norman. *Auden and Isherwood: The Berlin years*. New York: St. Martins Press, 2000.

<sup>454</sup> ISHERWOOD, Christopher. *Diaries of Christopher Isherwood: 1939-1960*. Katherine Bucknell. (Ed). New York: Harper Collins, 1997, p.4.

<sup>455</sup> But since I spoke up for Communism at Paris three years ago, I have disillusionments which don't altogether proceed from my own weakness. Russia, perhaps through no fault of her own, seems to be going in the wrong direction; too much uniformity and too much bloodshed. Perhaps — and perhaps under another name — Communism will restart after the next European catastrophe and do better. Indeed a vision sometimes comes to me that it will start again and again, always more strongly, and end be too strong for the catastrophes. But won't be in our time, nor perhaps in Europe's. If that is the way I think my own job is to fall out and die by the way side — Have tried to put this in an article in the London

Interessante observar que ele fala em um tom um tanto esperançoso meses antes de se despedir de Isherwood. E mais interessante ainda é o fato dele ter publicado em 10 de dezembro<sup>456</sup> um artigo no *New Statesman* em que ele, usando um tom completamente diferente, fazia, como frisou Samuel Hynes, “reflexões sobre o comunismo e ofereceria um conselho pessoal [a respeito].”<sup>457</sup> Trata-se da resenha intitulada *The Long Run* [Mais adiante] sobre uma coletânea de Christopher Caudwell, pseudônimo de Christopher St. John Springgs, *Studies in a Dying Culture*.

Falar com os comunistas me fez compreender a debilidade de minha própria posição e a maldade da sociedade do século XX em que vivo. Contribuo para a maldade sem querê-lo. (...) Sei que muitos comunistas são pessoas melhores do que eu — são mais valentes e menos egoístas (...). Não obstante, se contribuo para a maldade da sociedade contemporânea, eles também o fazem; o livro de Caudwell, do mesmo modo que esta resenha foi impresso com papel produzido pela burguesia e por editores burgueses, e se aproveita do sistema econômico que condena. (...). Com relação ao argumento em favor da revolução — o argumento de que devemos fazer o mal agora para obter o bem mais adiante —, para mim isso não quer dizer nada. Não porque eu seja bom demais para não praticar o mal, mas porque não creio que os comunistas saibam o que leva ao que. Dizem que sabem por que eles se tornaram conscientes da “casualidade da sociedade.” Eu digo que não sabem, e o meu conselho para a conduta entre 1938-1939 é o contrário: faça o bem porque é possível que algo de bom emane disso. Desconfiem do “mais adiante.” Busquem compreensão desapaixonadamente e não de acordo com uma teoria.<sup>458</sup>

A carta de outubro, o ensaio *What I Believe*, de setembro, em que ele defende as liberdades individuais e a democracia, o artigo de dezembro, a pergunta em janeiro.

---

Mercury which you may possibly see (September). FURBANK, P.N.; LAGO, Mary. (ed.). *Selected Letters of E.M.Forster: 1921-1970*. Cambridge: Belknap Press of Harvard University Press, 1985, p.162.

<sup>456</sup> KIRKIPATRICK, B.J. *A Bibliography of E.M.Forster*. London: Rupert Hart Davis, 1968, p.138.

<sup>457</sup> HYNES, Samuel. *The Auden Generation: Literature and Politics in England in the 1930s*. London: The Bodley Head, 1976, p.338.

<sup>458</sup> Talking with Communists makes me realize the weakness of my own position and the badness of the twentieth century society in which I live. I contribute to the badness without waiting to. (...) And I realize, too, that many Communists are finer people than myself – they are braver and less selfish, and some of them have gone into danger although they were cowards, which seems to me finest of all Yet, if I contribute to the badness of contemporary society so do they. Caudwell’s book, like my review of it, is printed by bourgeois-produced paper by bourgeois printers, and profits the economic system which he condemns. (...) As for their argument for revolution — the argument that we must do evil now so that good may come in the long run — it seems to me nothing in it. Not because I am too nice to do evil, but because I don’t believe the Communism know what leads to what. They say they know because they are becoming conscious of “casuality of society.” I say they don’t know, and my counsel for 1938-1939 conduct is rather: Do good and possibly good may come from it. Be soft even if you stand to get squashed. Beware of the long run. Seek understanding dispassionately, and not in accordance with a theory. FORSTER, Edward Morgan. *The Prince’s Tale and other uncollected writings*. London: Andre Deutsch, 1998, p. 294-295.

Trata-se de um intervalo curto de tempo, o que faz com que isso pareça bizarro. Mas quando contextualizado, veremos que não o é. De todo, na segunda metade da década de 1930, como frisou Russell Kirk, jovens escritores, seja na Grã-Bretanha, seja nos Estados Unidos, foram atraídos por algum polo político — muitos para o lado comunista do imã ideológico. Ou como escreveu George Orwell em *Inside the Whale* [Dentro da Baleia], ser mais ou menos “esquerda” se tornara a ortodoxia nos círculos literários ingleses <sup>459</sup> — e não só nos meios literários, mas no acadêmico também. Acima de tudo, foi sua preocupação com essa atração que o marxismo exercia sobre acadêmicos que levou Isaiah Berlin a aceitar o convite do diretor do *New College*, da Universidade de Oxford, de escrever o volume sobre Marx da Home University Library. Uma proposta que havia sido recusada por Sidney e Beatrice Webb e Harold Laski, o que é significativo. <sup>460</sup>

Berlin sabia que estava nadando contra a maré quando aceitou esse encargo. Imune ao fervor revolucionário — seus dois anos na Rússia de Lenin fizeram-no perceber que todo aquele esforço que entusiasmava Christopher Hill e seu amigo J.L.Aunstin estava a serviço de uma ilusão —, ele se pôs a trabalhar porque o que o fascinava e o que o movia era o fato de Marx antipatizar com a civilização que ele admirava. E “isso estabeleceu um padrão que iria durar pelo resto de sua vida: defendia seus próprios compromissos escrevendo sobre seus inimigos jurados,”<sup>461</sup> como escreveu Ignatieff.

Mas se Berlin tinha um posicionamento definido com relação a isso não só pela experiência, mas também pela educação que recebera, E.M.Forster parecia oscilar. Seu caráter dúbio — meio Thornton meio Whichelo —, seu sentimentalismo, sua atitude e preocupação com relação à sociedade industrializada deixaram-no exposto ao apelo que seduzia a intelectualidade europeia à época. Como escreveu George Orwell:

Entre 1935 e 1939, o partido comunista exercia um fascínio quase irresistível para qualquer escritor com menos de quarenta anos. Tornou-se normal ouvir que fulano de tal tinha se filiado do mesmo modo como, poucos anos antes, quando o catolicismo romano esteve em voga, ouvir que ciclano tinha “sido recebido” na Igreja. Por cerca

<sup>459</sup> ORWELL, George. *Dentro da Baleia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

<sup>460</sup> IGNATIEFF, Michael. *Isaiah Berlin: Uma Vida*. Rio de Janeiro: Record, 2008, p.76-77.

<sup>461</sup> *Ibidem*, p.77.

de três anos, de fato, a tendência central da literatura inglesa esteve mais ou menos sob controle direto dos comunistas.<sup>462</sup>

De fato, E.M.Forster tinha bem mais do que quarenta anos nessa época, e por seu próprio temperamento, não tinha disposição para o radicalismo manifestado por homens da geração de Auden, como Kingsley Martin ou Julian Bell, sobrinho de Virginia Woolf, que tombou na guerra civil espanhola lutando contra as tropas de Franco, e que se enquadram nessa descrição feita por Orwell. Também não era impulsivo como André Gide, que influenciado por seu amante, Pierre Herbart, declarara que havia se convertido ao comunismo e que agora apoiava o regime soviético. Não, E.M.Forster foi mais cuidadoso, o que o fez evitar o constrangimento pelo qual Gide passou após seu retorno da União Soviética, quando se viu obrigado a denunciar o que viu por lá. Além disso, como ele mesmo apontou na sua resenha do livro de Caudwell, tinha ciência não só do cinismo daqueles que desfrutavam dos meios que o sistema que tanto criticavam lhes proporcionava, como desconfiava não só do ideal revolucionário pregado pelos marxistas mas também de seu cientificismo.

Enquanto Gide, que era um homem inquieto — em seu diário ele mesmo se definiu como um homem “sentado de banda, como que num braço de poltrona, pronto a levantar, a partir”<sup>463</sup> —, e que experimentava a mesma sensação de marginalidade sentida por muitos dos membros do *Bloomsbury* por conta de sua homossexualidade, procurava uma alternativa política desde o final da década de 1920, E.M.Forster mantinha-se distante desse tipo de procura.

O que ele, Forster, buscava, como apontamos anteriormente, era superar aquela sensação de futilidade que tanto o incomodava. Uma coisa é querer superar uma sensação de futilidade por conta de sua posição ociosa, outra é ter a pretensão de um H.G.Wells ou um Bernard Shaw de querer mudar o mundo, como observou G.K.Chesterton — num artigo sobre H.G.Wells, ele foi direto ao ponto: “[Ele] tem profetizado o futuro político de todos os homens; profetizado com agressiva autoridade e retumbante determinação nos detalhes. Será humilde o profeta do futuro de todos os homens?”<sup>464</sup> Num artigo em que atenta para a mesma falta de humildade que reconhecia em Wells, Chesterton desferiu uma crítica contundente a própria incapacidade de Shaw

<sup>462</sup> ORWELL, George. *Dentro da Baleia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

<sup>463</sup> GIDE, André apud WINOCK, Michel. *O Século dos Intelectuais*. Rio de Janeiro: Bertand, 2000, p.286.

<sup>464</sup> CHESTERTON, G.K. *Hereges*. Campinas: Ecclesiae, 2012, p.91

de encarar a realidade. Como era incapaz de encarar e de aceitar a realidade, Shaw, influenciado por Nietzsche, alardeava a necessidade do super-homem para que a humanidade pudesse superar seus entraves — em outras palavras, como não conseguia encarar a realidade e, por conseguinte, nunca conseguia se satisfazer, já que a realidade é limitada e a ânsia por satisfação não, passou a defender a ideia de que o problema não residia nas dificuldades de criar condições para o progresso, mas na própria natureza humana que o inibe e retarda. O resultado não poderia ser outro:

Depois de ridicularizar tantas pessoas, durante tanto anos, por não serem progressistas, o Sr. Shaw, com um senso que lhe é peculiar, descobriu ser bastante duvidoso que qualquer um dos seres humanos bípedes existentes consiga ser progressista. Chegou [até mesmo] a duvidar se a humanidade poderia ser combinada com progresso, pois muitas pessoas que se satisfazem facilmente teriam escolhido abandonar o progresso e permanecer com a humanidade. O Sr. Shaw, não se satisfazendo facilmente, decide jogar fora a humanidade com todas as suas limitações e, buscando o próprio interesse, aposta no progresso. Se o homem, como o conhecemos, é incapaz de uma filosofia do progresso, o Sr. Shaw pede não por um novo tipo de filosofia, mas por uma nova espécie de homem. É como se a babá tivesse tentado alimentar, durante alguns anos, o bebê com uma comida amarga e, ao descobrir que tal comida não era adequada, não a jogasse fora e pedisse algo novo, mas jogasse o bebê pela janela e pedisse um novo bebê.<sup>465</sup>

E.M.Forster jamais teve esses acessos que se abateram sobre Wells e Shaw. Como Chesterton, abominava a ideia do super-homem de Carlyle e dos nazistas — como Chesterton, preferia o “homem comum.” “O Sr. Shaw não pode entender que a coisa mais valiosa e adorável aos nossos olhos é o homem — o velho bebedor de cerveja, criador de credos, batalhador, falível, sensual, respeitável.”<sup>466</sup> Em *What I Believe* [No que eu acredito], Forster escreveu: “Cultuar heróis constitui um vício perigoso, e um dos méritos suplementares da democracia é o de não encorajar esse tipo de coisa e o de não fomentar a aparição desse incômodo cidadão, o Super-Homem. Em vez disso, ela produz tipos distintos de homens menores — uma realização muito melhor.”<sup>467</sup>

No caso de Gide, havia uma busca e uma necessidade interna fruto de inquietações e de questionamentos que ele digerira desde fins da década de 1920.<sup>468</sup> Em

---

<sup>465</sup> Ibidem, p.85.

<sup>466</sup> Ibidem, p.85.

<sup>467</sup> Hero-worship is a dangerous vice, and one of the minor merits of democracy is that it does not encourage it, or produce that unmanageable type of citizen known as the Great Man. It produces instead different kinds of small men — a much finer achievement. FORSTER, Edward Morgan. *Two Cheers for Democracy*. New York: Harcourt & Brace, 1951, p.72.

seu diário, no decorrer daqueles anos, percebe-se o despertar de um sentimento de justiça e solidariedade pelos mais fracos que não existia antes. Um sentimento que amadureceu e que aos poucos desnudou numa pretensão um tanto desmedida parecida com a demonstrada por Wells e Shaw. Em 27 de julho de 1931 escreveu: “Quero bradar bem alto minha simpatia pela Rússia; que meu brado seja ouvido e tenha importância. Queria viver o bastante para ver o sucesso desse enorme esforço; sucesso que desejo de todo meu coração, [e] para o qual gostaria de trabalhar.”<sup>469</sup>

De todo, o que deu vação a essa pretensão a essa altura da vida foram duas coisas: seu temperamento enérgico e os resíduos do cristianismo que um dia professou. Falando de André Malraux, Victor Serge escreveu: “Malraux representa uma mistura de revolucionário marxista — bem pouco marxista — de estética e temeridade, inteiramente adequada aos jovens que veem na revolução uma atraente aventura, porque se sentem imobilizados em uma sociedade senil.”<sup>470</sup> Mesmo contando com mais de cinquenta nos anos trinta, Gide estava entre esses *jovens*, como frisou Winock.<sup>471</sup> Na verdade, isso não se aplica somente a Gide. De fato, parecia ser algo generalizado, tanto que em seu *Commentary* da edição de abril de 1933, T.S.Eliot descreve o mesmo fenômeno: “O comunismo — quero dizer, as ideias do comunismo, não a realidade, que neste particular seria inútil — veio como uma dádiva (por assim dizer) para esses *jovens* que gostariam de crescer e acreditar em alguma coisa.”<sup>472</sup>

Como Wells e Shaw, Gide padecia dessa dificuldade de aceitar a realidade, e por considera-la engessada, acabou sucumbindo aos apelos propalados pelos comunistas: pacifismo, progresso, igualdade, justiça social. Um misto de ingenuidade e sentimentalismo, em conjunto com valores residuais de sua criação cristã — em seu diário ele escreveu: “mas é preciso que o diga, o que o que me leva ao comunismo não é Marx, mas o Evangelho. O Evangelho que me formou”<sup>473</sup> —, criaram condições para que ele, sob influência de Pierre Herbart, seu amante, e Bernard Grothuysen, que trabalhava na Editora Gallimard e se ocupava das traduções alemãs de Gide,

---

<sup>468</sup> WINOCK, Michel. *O Século dos Intelectuais*. Rio de Janeiro: Bertand, 2000, p.287-289.

<sup>469</sup> *Ibidem*, p.289.

<sup>470</sup> *Ibidem*, p.288.

<sup>471</sup> *Ibidem*, p.288.

<sup>472</sup> KIRK, Russell. *A Era de T.S.Eliot*. São Paulo: É Realizações, 2011, p.379.

<sup>473</sup> WINOCK, Michel. *O Século dos Intelectuais*. Rio de Janeiro: Bertand, 2000, p.290.

encontrasse uma nova zona de conforto. Uma zona de conforto movida pela “aventura” que essa “dádiva” lhe proporcionava.

“Diante de certos ricos, como não sentir uma alma comunista?”<sup>474</sup> escreveu Gide. Todas as suas manifestações, sejam em privado, como essa, sejam públicas, tudo não passava de reflexões feitas a partir de uma convicção rasa e incipiente. A despeito de seus esforços, e até das influências que recebeu, por mais que andasse com um exemplar de *O Capital*, ou que fosse amante ou amigo de marxistas mais inveterados, como André Malraux, suas convicções nunca foram sólidas.<sup>475</sup> Na verdade, ele nunca pareceu disposto a fazer muitas concessões para se adequar a essa nova realidade, e seu livro sobre a União Soviética é prova disso: “É má prova de amor limitá-la à louvação, e penso prestar maior serviço à própria URSS e à causa que ela representa para nós, falando sem disfarce e sem reserva.”<sup>476</sup> Gide não conseguiria ficar calado diante de certas iniquidades, e jamais se adaptaria ao dogmatismo partidário.

Se para Gide isso era uma imposição interna, fruto de inquietações morais, para E.M.Forster, a reflexão sobre o assunto foi mais importante do que a definição de que caminho seguir. E o ano que marcou o início dessa reflexão parece ter sido 1934. Nesse ano, em fevereiro, Forster foi eleito Presidente do *Conselho para as Liberdades Civis*, fundado por Ronald Kidd (1889-1942), que surgiu na esteira dos problemas sociais e políticos de então. Ocorre que havia boatos e acusações sérias sobre os vínculos entre o *Conselho* e o Partido Comunista da Grã-Bretanha (PCGB), boatos e acusações que o próprio Forster tratou de repelir — em carta ao escritor e poeta Alan Patrick Herbert (1890-1971), de 10 de outubro, quando o *Conselho* se preparava para fazer um protesto em Westminster no dia 18, ele escreveu: “O Conselho esta muito nas mãos de doutrinadores de esquerda, e tenho feito o que posso para induzir pessoas de visão independente, como você, a fazer parte dele.”<sup>477</sup> De fato, ele fez tudo o que pode para atrair pessoas ligadas tanto ao quanto pessoas sem filiação partidária para se juntarem ao *Conselho*, como essa carta demonstra.<sup>478</sup> No ano seguinte, o *Conselho* deu uma

---

<sup>474</sup> Ibidem, p.286

<sup>475</sup> Ibidem, p.289-290.

<sup>476</sup> Ibidem, p.376.

<sup>477</sup> This Council is too much in the hands of left wing doctrinaires, and I have been doing what I can to induce people of independent outlook, such as yourself, to take a part. FURBANK, P.N.; LAGO, Mary. (ed.). *Selected Letters of E.M.Forster: 1921-1970*. Cambridge: Belknap Press, 1985, p.126.



declaração de princípios, e Forster, com muito esforço, e enfrentando oposição acirrada, impôs sua visão apartidária.<sup>479</sup> Mas a despeito disso, os boatos se justificavam — até seus amigos mais próximos o alertaram sobre isso, embora ele preferisse ignorá-los.

Em 1941 o *Conselho* foi acusado por A.M.Wall, Secretário da *London Society of Compositors* “de nunca ter deixado o sistema solar dos comunistas, e nos últimos meses tem estado sob seu controle.”<sup>480</sup> Forster, que a essa altura já não era mais o presidente, assinou uma carta junto com Kidd e outros membros do *Conselho* repudiando a acusação. Em privado, Forster reiterou o que havia dito:

No seu artigo de 21 de junho você disse que eu não sou um comunista. Correto. (...). No entanto, no mesmo artigo você diz que o N.C.C.L., uma organização da qual eu fui presidente e cuja plataforma eu falei recentemente, tem sido controlada em sua maior parte por comunistas, e que eu tenho sido induzido a apoiar isso. Quem tem me induzido a isso? O nosso secretário, o Sr. Ronald Kidd, que me convidou para me juntar a ele cerca de 10 anos atrás? Se não é ele, quem então tem nos levado [a apoiar isso]? O senhor poderia me dar um nome? <sup>481</sup>

De fato, ele não foi induzido a fazer o que quer que seja, mas suas inclinações podem ter facilitado as coisas por irem de encontro com as dos comunistas. Meses antes ele acabou se envolvendo em um caso que certamente aumentou as desconfianças que Wall externou naquele artigo. O *Conselho* fez uma campanha pela liberdade de expressão justo no momento em que o *Daily Worker*, o jornal do PCGB, fora banido dentro das leis de regulamentação que vigoravam dado o estado de guerra. No meio dessa campanha, ele recebeu telegramas de vários comunistas pedindo para que ele fizesse um ato público em favor do *Daily Worker*. Ele faria, mas é certo que moveu esforços para fazer algo pensando na liberdade de expressão e não em atender aos interesses do PCGB. Prova disso é que, quando estava ajudando a escrever a resolução do *Conselho*, ele deu o seu melhor, como disse a Sebastian Sprott, em carta de 2 de fevereiro, “para encontrar uma fórmula de protesto que não agradasse aos comunistas.”<sup>482</sup>

---

<sup>478</sup> FURBANK, P.N..*E.M.Forster: a life*. Vol. II. New York: A Harvest Book & Harcourt Brace & Company, 2010, p. 191.

<sup>479</sup> *Ibidem*, p. 191.

<sup>480</sup> *Ibidem*, p.243.

<sup>481</sup> *Ibidem*, p.244.

<sup>482</sup> *Ibidem*, p.243.

Na sua ingenuidade, não havia nada demais nisso. O problema é que ele parecia não querer enxergar o que estava a sua frente. As acusações feitas tinham fundamento, era ele quem ignorava os meios pelos quais os comunistas trabalhavam. A escritora Rebecca West havia renunciado a vice-presidência cerca de um ano antes em protesto contra a campanha do *Conselho* — feita, segundo ela, seguindo interesses dos comunistas — sobre as condições em campos de concentração franceses. Para ela, o *Conselho* parecia ter ficado bastante surpreendido com sua renúncia e pela sugestão de que ele estava sob controle dos comunistas. “Trataram a alegação como se fosse pura perversidade da minha parte, uma fantasia elegante e horrível,”<sup>483</sup> escreveu. Podia questionar as ações do *Conselho* nos últimos tempos, mas sabia que elas não dependiam nem de Kidd, de Nevinson ou do próprio Forster. E ela deixou isso muito claro: “Devo dizer que jamais suspeitei da integridade do Sr. Nevinson e do Sr. Forster, que me parecem ser os dois dos ingleses mais destacados e também mais adoráveis que temos contemplado em nossa época.”<sup>484</sup>

Nessa época ele ainda ignorava a ação dos comunistas, e seria preciso mais algum tempo para que deixasse de fazê-lo. Foi só em 1948, quando achou que o *Conselho* estava sendo usado para fins partidários — leia-se, pelo PCGB —, que se distanciou dele. Interessante observar que em uma carta a Arthur Koestler, de 21 de março de 1947, George Orwell escreveria: “A questão é que o NCCL se tornou uma organização stalinista, e desde então não há mais nenhuma organização que vise principalmente à defesa das liberdades civis.”<sup>485</sup> Orwell, mesmo a distância, via o que E.M.Forster parecia ter dificuldade em perceber.

Olhando em retrospecto, soa estranho ele ter renunciado suas atividades em 1948 por conta da moção aprovada pelo *Conselho* que condenava uma medida anunciada pelo Governo para purgar o serviço público de comunistas. Se em 1948 isso seria usar o *Conselho* para fins partidários, o que dizer da campanha endossada por ele logo após assumir a Presidência do *Conselho* para abortar a Lei de Sedição, que proibia a circulação de material com conteúdo marxista?

Essa lei, aprovada pelo segundo governo trabalhista de Ramsay MacDonald, formado em 1931, proibia a disseminação, e até mesmo a posse, de qualquer

---

<sup>483</sup> Ibidem, p.245.

<sup>484</sup> Ibidem, p.245.

<sup>485</sup> ORWELL, George. *Uma vida em cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p.344.

material “passível de seduzir soldados e marinheiros de seus deveres ou obrigações.” De fato, essa lei visava atingir esse ponto em específico, mas foi visto como um ataque às liberdades individuais — ou pelo menos foi assim que E.M.Forster interpretou. Só isso explica o seu empenho com relação a essa lei. Só isso explica essa atitude em 1934 e outra em 1948. Quando, em 1948, o governo trabalhista de Clement Attlee tentou purgar o serviço público da ação dos comunistas, ele interpretou a moção aprovada pelo *Conselho* contra ela como uma ação política, uma vez que não acreditava que isso ameaçasse as liberdades civis como a Lei de Sedição, de 1934. A despeito disso, dessa questão meramente interpretativa, é provável que em 1948 ele estivesse mais atento que em 1934. A experiência acabou mostrando que ele não poderia ser tão ingênuo em se tratando desses extremistas.

Embora tenha demonstrado ter tido alguma noção da ação dos “doutrinadores de esquerda”, como ele os chamou na carta a Alan Patrick Herbert, é certo que ele ignorava os meios sub-reptícios em que estavam habituados a agir. De todo, o PCGB só não teve um controle efetivo sobre o *Conselho* porque Kidd e Forster impediram, já que havia ali um número considerável de homens e mulheres de esquerda ou que tinham ligações com o partido — Kingsley Martin, que recusaria de maneira muito conveniente publicar uma série de artigos de George Orwell a respeito das atrocidades cometidas pelos comunistas espanhóis que ele denunciaria em *Homage a Catolinia*,<sup>486</sup> Claud Cockburn (1904-1981), editor do semanário pró-comunista *The Week*, Amabel Williams-Ellis (1894-1984), filha do editor do *Spectator* e socialista John Strachey (1860-1927), H.G.Wells, o futuro primeiro-ministro britânico Clement Attlee.

A depender de seus integrantes, ou de uma parcela significativa dele, o *Conselho* estaria entregue da mesma forma que o *Clube do Livro de Esquerda* — que se tornou um braço do PCGB. Fundado por Victor Gollancz, em 1936, o Clube acabou servindo como veículo de propaganda para o Partido Comunista desde seus primórdios. Gollancz preencheu todo o quadro pessoal do *Clube* com membros do partido. Sheila Lynd, Emile Burns, John Lewis, Betty Reid, eram todos membros do PGCB, ou estavam a serviço dele. Todas as decisões políticas, mesmo as mais insignificantes, eram discutidas com seus dirigentes, e Gollancz chegava até mesmo consultar Henry Pollitt, o

---

<sup>486</sup> Como ele mesmo escreveu: “Não me passaria pela cabeça publicá-los, tal como não passaria pela minha cabeça publicar um artigo de Goebbels durante a guerra contra a Alemanha.” JOHNSON, Paul. *Intellectuais*. Lisboa: Guerra e Paz, 2008, p.371.

secretário-geral do partido. Dos quinze primeiros livros selecionados, só três não eram de autoria de um membro do partido.<sup>487</sup>

De todo, essa relação tão próxima muitas vezes chegou a preocupar Gollancz, que temia pela impressão que se poderia passar de que o Clube não era independente. Um dos principais ideólogos do partido, Palmer Dutt, chegou até mesmo demonstrar entusiasmo numa carta a John Strachey sobre o fato de o público acreditava que o Clube “era uma empresa independente” e não “um veículo de propaganda de uma determinada organização política.”<sup>488</sup> De fato, o critério para publicação obedecia à linha de orientação do PCGB. Existem casos flagrantes — que não se restringem ao próprio *Clube*, porque do escritório de sua editora, Gollancz seguia critérios muito parecidos. Leonard Woolf padeceu dessas inconveniências. Como um de seus livros continha críticas duras a Stalin, Gollancz ameaçou suprimir a publicação. Mas como Woolf tinha sua própria editora e sabia mais do assunto que ele, ameaçou fazer barulho e publicidade do fato se o acordo fosse quebrado. O livro saiu, mas Gollancz não fez esforço algum para que o livro vendesse.<sup>489</sup> Ele também recusaria tanto *Homage to Catalonia* [Homenagem a Catalunia], que denunciava as atrocidades cometidas pelos comunistas espanhóis contra os anarquistas, como *Animal Farm* [Revolução dos Bichos], uma sátira sobre a União Soviética, de George Orwell.

Assim, se em 1934, por conta da pressão dos acontecimentos na esfera internacional, e até interna, ele começou a refletir sobre a possibilidade de aderir ao comunismo, o *Conselho* talvez tenha vindo reforçar isso e feito alguma diferença. “Falar com os comunistas me fez compreender a debilidade de minha própria posição e a maldade da sociedade do século XX em que vivo.” Ou seja, o contato com comunistas suscitou um tipo de questionamento e de reflexão que o fez repensar no seu posicionamento.

No entanto, somente o contato com Martin ou Amabel Williams-Ellis não explica essa leve oscilação em direção ao comunismo, afinal, seu contato com a esquerda é mais antigo — podemos dizer talvez que remonta a 1919, quando ele participou do *Clube 17*, fundado por seu amigo Leonard Woolf na esteira da Revolução Russa e que tinha entre seus membros o futuro Primeiro-Ministro trabalhista Ramsay

---

<sup>487</sup> Ibidem, p.366-367.

<sup>488</sup> Ibidem, p.367.

<sup>489</sup> Ibidem, p.368-369.

MacDonald. De todo, no momento em que ele participou do *Clube 17*<sup>490</sup> a situação não era tão extremada como na década de 1930 quando o comunismo aparentava ser a única alternativa para fazer frente ao fascismo. Havia sim uma situação tensa, uma desilusão, especialmente entre os membros do *Bloomsbury* por conta do conflito, mas não havia um embate ideológico pairando sob a Europa. Nessas circunstâncias, nos idos de 1919-1920, ele ainda se sentia inteiramente confortável em sua posição para querer mudar alguma coisa em suas convicções. Mas na segunda metade da década de 1930 as coisas eram diferentes, e os acontecimentos que tiveram lugar nos meses seguintes podem ter suscitado ou catalisado as reflexões que vinha fazendo.

Meses depois de assumir a presidência do *Conselho*, houve o episódio de Olympia que, como vimos, acabou em uma luta encarniçada entre fascistas e comunistas nas ruas de Londres. A violência que irrompeu ali, e que vinha se manifestando na Alemanha e na França do mesmo modo como tinha se manifestado na Itália no começo da década de 1920, agora batia a sua porta. Além disso, no plano internacional esse foi um ano marcado pelo assassinato do Primeiro-Ministro Austríaco, Engelbert Dollfuss, perpetrado nazistas austríacos, e pela *Noite dos Longos Punhais*, quando Hitler eliminou seus adversários e deu os primeiros passos em sua política externa para livrar a Alemanha das amarras de Versalhes e, com isso, iniciar a sua expansão pela Europa. Se ele tinha prestado pouca atenção ao fascismo até então, a partir de 1934, com a mudança na conjuntura interna e externa, ele foi forçado a prestar mais atenção nele.

Assim, é possível estarmos pensando que o ano de 1934 pode ter marcado o início de uma reflexão sobre o assunto por conta não só da demonstração de força que o nazismo deu a partir daí mas também pela sua frustração com os problemas que se acumulavam e que as democracias ocidentais simplesmente não demonstravam ter meios para resolver. É compreensível. Com os problemas se acumulando, e com a falta de perspectivas, ele pode ter pensado: “não seria o momento de mudar?”

---

<sup>490</sup> Em sua autobiografia Leonard Woolf narra o processo que levou a fundação do Clube 17: “[Nesse ano], 1917, ajudei a fundar o Clube 17 e Virginia e eu começamos a Hogarth Press. O Clube 17 foi um fenômeno estranho. Nunca gostei de clubes. E fui membro de apenas três, em Londres, ao longo de toda a minha vida, o Trade Union, o 1917 e o Athenaeum. (...). Não me lembro de quem foi a ideia de criar um clube de Esquerda em 1917. Prefiro pensar que isso começou com uma conversa com Oliver Strachey, irmão de Lytton, e eu. De qualquer maneira, em abril nós estávamos falando sobre isso com várias pessoas e encontramos apoio em vários lugares. Éramos uma espécie de comitê informal, e o primeiro encontro se deu em 23 de abril (...).” WOOLF, Leonard. *Beginning Again*. New York: Harcourt Brace, 1972, p. 215-217.

Se esse ano marcou um ponto de inflexão, o que veio a seguir se resume a uma série de manifestações rasas, esporádicas e com pouca convicção. Talvez seu posicionamento tenha se tornado menos cambiante com relação a isso na medida em que a situação internacional caminhava claramente na direção do conflito — e isso quer dizer a partir de 1939. Nessa época, diante da ameaça nazista que pairava sob a Europa, que ele temia mais do que o comunismo, os ideais, bem como as instituições democráticas, lhe pareciam indefesas. E tanto seu comportamento como sua atuação na imprensa e na B.B.C. nessa época são resultados dessa sua preocupação com a sobrevivência desses valores ante a possibilidade de qualquer um desses dois regimes de dominarem o continente.

Em outras palavras, embora tenha demonstrado certa abertura com relação ao comunismo, no fundo ele sentia que não era o momento para mudar de posicionamento, mas o de defender os valores nos quais acreditava — como ele escreveu numa carta a Hilton Young, de 17 de novembro de 1939, em meio a uma querela que envolvia alguns de seus artigos publicados: “Apenas acredito na democracia porque tenho medo de acreditar em qualquer outra coisa: a história me dá uma boa razão para ter esse medo.”<sup>491</sup> Não havia nele um espírito aventureiro. Não havia nele uma disposição para experimentos em política. Diferente de seu amigo Leonard Woolf, ele nunca se empolgou com os eventos ocorridos na Rússia. “A Revolução Russa de 1917”, escreveu Woolf, “foi um acontecimento importante para mim e para todas aquelas crenças e esperanças que haviam sido moldadas pelo desejo revolucionário de liberdade, igualdade e fraternidade.”

[Mas] olhando em retrospecto [o ano de] 1917, passado quase meio século, [e contando agora] com o conhecimento e talvez a sabedoria que esse tempo nos fornece, é fácil ridicularizar nossas esperanças e entusiasmo, nosso discurso e resoluções no *Leeds Albert Hall* [na Convenção do Partido Trabalhista]. Para mim, esses 46 anos e a noção do que acabou acontecendo ali não me leva a me arrepender ou a me retratar. Nunca gostei e sempre desconfiei de discursos e, à luz dos eventos, eu queria acrescentar emendas ao nosso texto [produzido na Convenção]. Mas se voltarmos para 1917 com a noção e a experiência de 1963, eu daria boas vindas a Revolução Russa pelas mesmas razões que, anteriormente, eu o havia feito. Como a Revolução Francesa, ela destruiu um regime, um tumor maligno na sociedade europeia, que foi essencial para o futuro da civilização da Europa. O revolucionário inteligente sabe, de qualquer maneira, que toda revolução irá frustrá-lo. Não há nada mais terrível do que a violência, e é bem verdade que na maioria das vezes que você fizer uso da espada você perecerá por ela. A violência das grandes

---

<sup>491</sup> I only believe in democracy because I am afraid to believe in anything else: history giving me, I submit, good reason for such fear. FURBANK, P.N.; LAGO, Mary. (ed.). *Selected Letters of E.M.Forster: 1921-1970*. Cambridge: Belknap Press, 1985, p.169.

revoluções se tornaram cada vez maiores e o homem civilizado que promoveu essa revolução violenta quase sempre acaba perecendo por conta dela (...). De qualquer maneira, a destruição do Antigo Regime na França e do czarismo na Rússia foram importantes — e, de fato, inevitáveis no sentido de que, se você for colocando água em um copo, depois que ele estiver cheio, ele irá transbordar. Por isso, se eu pudesse voltar a 1789 ou 1917, eu estaria do lado da revolução — embora não tenho dúvidas quanto ao fato de que acabaria sendo guilhotinado a mando de Marat ou liquidado por Stalin.<sup>492</sup>

Apesar de suas simpatias, E.M.Forster nunca chegou perto de expressar qualquer coisa próxima disso ou com essa linguagem — ele não era como Leonard Woolf, que disse ter nascido “um pouco Liberal — embora não tenha percebido isso de pronto — e um pouco revolucionário.”<sup>493</sup> Forster pode ter se aproximado da esquerda por influência dos Woolf durante ou no pós Primeira Guerra, mas mantinha-se a distância desse tipo de pensamento, especialmente do revolucionário. Embora tivesse um fetiche por se envolver afetivamente com homens da classe trabalhadora, não a achava melhor do que a sua própria classe para defender uma “ditadura do proletariado.” Ao contrário, ele chegava a depreciar os modos e a maneira de pensar de muitos desses homens com quem se envolveu — em seu diário, em 1925, quando estava envolvido com Frank Vicary, ele escreveu: “[De fato,] a brutalidade e a ternura podem conviver uma com a outra, mas uma paixão idealizadora ou amor não existem nas classes inferiores. Luxúria e desejo — e não se busca mais nada?”<sup>494</sup> O senso comum e a noção de prazer que ele encontrou nesses homens o irritava — busca-se apenas o prazer e não uma relação estável e duradoura baseada em um sentimento mútuo?

Nesse sentido, quando analisamos os registros e as menções que ele faz ao Comunismo, podemos verificar que havia sempre uma certa resistência. Em seu diário, Martin du Gard escreveu:

É possível que o Fascismo triunfe na França, dentro de alguns meses. Eu tomaria conscientemente o partido contrário. Sou avesso a toda ditadura, a todo estatismo. Mas, a ter de aceitar um tacão ditatorial, a ter de [se] submeter a ele meus instintos individuais, dispenso um regime de regressão, ainda prefiro a ditadura proletária, por mais perigosa que me pareça, porque, pelo menos, os beneficiários serão a maioria e ela esta no rumo do futuro.<sup>495</sup>

<sup>492</sup> WOOLF, Leonard. *Beginning Again*. New York: Harcourt Brace, 1972, p. 207-209 e 214-215.

<sup>493</sup> Ibidem, p.208.

<sup>494</sup> Coarseness and tenderness have kissed one another, but imaginative passion, love, doesn't exist in the lower classes. Lust & goodwill — is anything more wanted? FORSTER, Edward Morgan. GARDNER, Philip (org.) *The Journals and Diaries of E.M.Forster*. Vol.II. New York: Ashgate, 2011, p.77.

<sup>495</sup> WINOCK, Michel. *O século dos intelectuais*. Rio de Janeiro: Bertand, 2000, p. 311.

De todo, Du Gard não se expressou de maneira muito diferente de E.M.Forster nas vezes em que se manifestou sobre o assunto — “Se meu mundo for destruído preferiria que o comunismo ficasse em seu lugar, mas não lhe daria a minha benção até a minha morte.”<sup>496</sup> Tudo isso evidencia uma coisa: que ele nunca se manifestou a favor do comunismo com muita convicção — apenas flertou. E flertou não pelos motivos, digamos *convencionais* — motivos que levaram homens como Paul Nizan, Eugène Dabit, Henri Barbusse, Stephen Spender ou Cecil Day-Lewis a engrossarem as fileiras comunistas, ou seja, o ardor revolucionário, o descontentamento completo com a ordem vigente. Não. Não foi isso que o moveu. Impulsionado pelo contexto, seu *antifascismo* serviu como um agente capaz de negociar sua aproximação com o comunismo.

Evidente que ele não foi o único a ter sucumbido a esse expediente. Em 1934, depois das manifestações de fevereiro, vários intelectuais franceses assinaram uma petição a favor de uma “unidade de ação da classe operária” para “barrar o caminho do fascismo.” Dizia ela: “Esta unidade de ação que os operários querem e que os partidos colocam na ordem do dia é necessária, é urgente, é indispensável que seja realizada dentro do mais amplo espírito de conciliação exigido pela gravidade da hora.”<sup>497</sup> Pouco depois, em março, um grupo de intelectuais franceses fundaram o *Comitê de Vigilância dos Intelectuais Antifascista*, por iniciativa de um jovem auditor do Tribunal de Contas, François Walter, conhecido pelo pseudônimo de Pierre Gérôme, colaborador da revista *Europe*.

Nenhuma dessas organizações ou dessas petições teve qualquer efeito prático. É evidente — o próprio Gérôme, em 1983, admitiria: “É a história de um desastre. Tínhamos nos reunido para combater o fascismo e a guerra, [e] tivemos os dois e a derrota de quebra.”<sup>498</sup> No entanto, elas nos mostram como o antifascismo agiu como um agente capaz de soldar essa aproximação entre a intelectualidade europeia. E E.M.Forster é prova disso. Foi seu antifascismo que o levou ao Congresso em Paris em 1935, e a ajudar a fundar a organização que surgiu com ele.

Mais do que qualquer outra coisa, isso mostra o quanto sua atitude com relação aos dois foi diferente. E isso é interessante porque tanto os expedientes quanto a

---

<sup>496</sup> If my own world smashes, Communism is what I would like in its place, but I shall not bless it until I die. FORSTER, Edward Morgan. *The Prince's Tale and other uncollected writings*. London: Andre Deutsch, 1998, p. 283.

<sup>497</sup> WINOCK, Michel. *O século dos intelectuais*. Rio de Janeiro: Bertand, 2000, p. 312.

<sup>498</sup> *Ibidem*, p.321.



perversidade manifestada pelos líderes nazistas não perdiam em nada para os soviéticos, como ele mesmo acabou percebendo depois. De fato ele se omitiu e se esquivou de fazer uma condenação mais contundente com relação ao comunismo. Por quê? Embora seja difícil responder essa questão, podemos estar considerando alguns elementos que nos ajudam a compreender a maneira como ele reagiu e raciocinou.

Como ele deixou claro na carta a Day-Lewis, talvez carregasse esperança com relação à Rússia, e por isso, achava conveniente não atacá-la com virulência. De fato, ele fez críticas veladas até o momento em que já não era mais possível evitar o assunto. Na década de 1940 ele já tinha acumulado informações o suficiente para fazer seu juízo, e assim, não viu alternativa senão atacá-lo também — num dos primeiros rascunhos de *What would Germany do to us?* [O que a Alemanha pode fazer conosco], de 1940, Forster escreveu: “Lenin disse a mesma coisa a respeito da arte que Hitler, em 1905, embora ele não tenha introduzido esse fetiche pela raça. Lenin também decretou que o artista deve estar subordinado ao Estado.”<sup>499</sup> Ou seja, ele via o mesmo potencial totalitário que encontrava no fascismo no comunismo. Em seu *Commonplace Book* ele traduziu trechos de *Party Organization and Party Literature* [Organização Partidária e Literatura Partidária], de Lenin, publicado em novembro de 1905, e que foi incluído numa edição francesa intitulada *Sur la Littérature et l’Art: Karl Marx, Friedrich Engels*, com tradução de Jean Fréville, que ele tinha em sua biblioteca.

“Fiquei surpreso com a cultura humanista e a sensibilidade de Marx”, escreveu ele. “Marx e Engels evidentemente respeitavam o artista como indivíduo — [eles] não queria submeter seu trabalho ao estado.”<sup>500</sup> Se teve uma boa impressão sobre Marx e Engels, o mesmo não ocorreu com Lenin. Ele traduziu trechos de *Organização Partidária e Literatura Partidária* que o haviam alarmado: “A literatura tem que ser 90% uma literatura partidária (...). Abaixo os escritores sem partido.” Isso o assustou. “Leninismo é menos cultural do que o marxismo — é menos interessado em arte e na sua apreciação. Mas ele não denuncia abertamente o individualismo e indica uma emoção corporativa tal como o nazismo o faz.”<sup>501</sup>

---

<sup>499</sup> FORSTER, Edward Morgan. *The Creator as critic and other writings by E.M.Forster*. (ed) Jeffrey Heath. Toronto Dundurn Press, 2008, p.254.

<sup>500</sup> Surprised at M’s humanity culture and sensitiveness. M. and E. evidently respect the individual artist — and don’t set him to work for the state. FORSTER, Edward Morgan. *Commonplace Book*. Aldershot: Wildwood House, 1987, p.108-109.

<sup>501</sup> Ibidem, p.110-111.

A princípio poderíamos dizer que suas observações são um tanto superficiais, porque diferente de Raymond Aron, E.M.Forster nunca se aprofundou e nem nunca desenvolveu qualquer senso crítico com relação ao marxismo. Ao contrário de Aron, cujo conhecimento a respeito do assunto superava e muito o de muitos intelectuais marxistas franceses, como frisou Judt,<sup>502</sup> Forster nunca se preocupou com isso. Aparentemente não tinha interesse no assunto, e o pouco que demonstrou quando se propôs a ler esse material, não o levou muito longe. O marxismo era uma camisa-de-força a qual ele não estava disposto a vestir.

Ademais, o pouco interesse que demonstrou pelo marxismo era também um reflexo do pouco interesse que demonstrou pelo experimento soviético. Embora tivesse uma visão negativa a respeito, ela não tinha a mesma convicção e nem a mesma consistência da de T.S.Eliot ou Isaiah Berlin. Eliot, como conservador, simplesmente abominava ideias igualitaristas e tinha verdadeiro horror por um mundo padronizado que, como ele insistia, não traria outra coisa senão tédio e monotonia. Sua crítica às ideias igualitaristas se baseavam na premissa de que a estrutura de classe é natural à sociedade, e de que aristocracia e democracia não são antitéticas.<sup>503</sup> “Ordem e autoridade: creio nisso tão calorosamente quanto creio que se deva acreditar em qualquer ideia.”<sup>504</sup>

Uma vez tendo visto a revolução de perto, Berlin passou a antipatizar com qualquer forma de autoritarismo, em especial o soviético. Ele morava em São Petersburgo quando do estouro da Revolução, e foi por pouco que sua família escapou. As privações dessa época, dos anos entre o estouro da revolução até a chegada à Inglaterra em 1921 deixaram marcas. Ele perdeu parte da família e uma outra só voltou a ver quando, em 1945 conseguiu ir a Rússia junto com uma delegação do Governo Britânico. Foi durante uma de suas visitas que um de seus tios deixou escapar uma observação que pôs a realidade de suas vidas no regime soviético em relevo. Quando Berlin sugeriu que a vida como professor universitário não podia ser tão ruim, seu tio Leo perguntou objetivamente: “Você já esteve em Florença? Já esteve em Veneza?” Berlin fez que sim com a cabeça e ouviu: “Nós também gostaríamos de ir lá.”<sup>505</sup>

---

<sup>502</sup> JUDT, Tony. *O Peso da Responsabilidade: Blum, Camus, Aron e o século XX francês*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014, p. 201-202.

<sup>503</sup> KIRK, Russell. *A Era de T.S.Eliot*. São Paulo: É Realizações, 2011, p.511.

<sup>504</sup> *Ibidem*, p.320.

Algumas lembranças do ano de 1917 enrijeceram suas convicções e seu desprezo por experimentos em política. Quando pareceu seguro sair de casa, Berlin, então com sete anos, saiu em companhia de sua governanta para dar um passeio. Ele se curvava para examinar uma danificada tradução russa de Júlio Verne à venda por um livreiro que pusera suas mercadorias no meio da calçada cheia de neve, quando, de súbito, a rua foi tomada por um pequeno grupo de homens que carregavam uma pessoa assustada. Ele veio a saber a saber depois que se tratava de um *Pharaon*, um dos policiais municipais que haviam permanecido leais ao antigo regime. Ele fora localizado no telhado de um prédio e arrastado pelas ruas. O menino de sete anos só teve tempo de ver o homem contorcendo-se ao ser levado. A criança não podia saber para aonde o levavam e nem o porquê disso, mas mesmo então pareceu claro de que não escaparia com vida. Por mais breve que tenha sido esse momento, na década de 1930 ela era um antídoto contra as inclinações de seus contemporâneos pelo marxismo revolucionário.<sup>506</sup>

A E.M.Forster talvez tenha faltado isso para que fosse mais enérgico e deixasse esse idealismo de lado — conhecer pessoas que havia sofrido as consequências e a arbitrariedade do regime soviético. O fato de Isherwood ter vivido na Alemanha naqueles anos cruciais entre 1928 e 1933, e de ter se envolvido com um rapaz que depois ele tentou manter longe das garras de Hitler, pode ter feito a diferença com relação ao nazismo. É claro que havia uma objeção ideológica e moral, mas o fato de Isherwood ter vivido na Alemanha, e da própria imprensa estrangeira ter ficado atenta ao que acontecia ali, fez com que ele tivesse uma ideia mais viva e clara do que era o nazismo e do que aquilo significava. A densidade daquilo que ele tinha em mente com relação ao nazismo não era e nunca chegou nem perto daquilo que ele tinha com relação ao comunismo.

Fora o problema da credibilidade as informações que circulavam a respeito do regime soviético, ele se mostrou pouco propenso ou interessado em seu aprofundar a respeito. Como ele mesmo confessou numa transmissão na B.B.C. que foi ao ar em 1941: “Nunca estive na Rússia e não falo a língua. Nunca fiz nenhum estudo especial sobre as mudanças sociais e políticas que ocorreram ali nos últimos vinte e cinco

---

<sup>505</sup> IGNATIEFF, Michael. *Isaiah Berlin: uma biografia*. Rio de Janeiro: Record, 2000, p.147.

<sup>506</sup> *Ibidem*, p.31.

anos.<sup>507</sup> Em outras palavras: ele não tinha uma visão aprofundada da realidade soviética. Isso fez alguma diferença? Talvez.

Mas isso nem foi o mais importante. Existe um detalhe aqui o qual não podemos nos esquecer e que talvez tenha pesado e feito toda a diferença: sua atitude com relações aos propósitos do comunismo. “O comunismo é menos duro porque é mais humano do que o fascismo (...), e seus objetivos finais são inteiramente decentes.” Ao que acrescentou: “Esse idealismo e essa lisura é que são a força inspiradora do comunismo, uma característica que o distinguirá eternamente do fascismo.”<sup>508</sup> Foi por isso que sustentou uma posição tão diferente da de Eliot e Berlin. Foi seu antifascismo que o empurrou na direção do comunismo — ou pelo menos ser mais complacente com ele. Como ele mesmo disse: “se o meu mundo for destruído, preferiria que o comunismo ficasse em seu lugar, mas não lhe daria a minha benção até a minha morte.”<sup>509</sup>

O propósito do comunismo era a única coisa a que ele podia se agarrar no caso de a democracia ser derrotada pelo fascismo. Que havia certa ingenuidade com relação a esses propósitos como encontramos em André Gide havia. Que ele tinha informações sobre o que ocorria na União Soviética, isso podemos verificar em alguns de seus escritos e falas da B.B.C.. No entanto, ele passou por cima disso porque a realidade o forçou a fazer uma escolha por aquilo que achava ser o mal menor — e aqui é importante frisar que, embora tenha se sentido tentado e pressionado a fazer uma escolha, em momento algum ele se propôs a analisar o que seria a prática ou as consequências de se implantar esses propósitos.

Apesar disso, não podemos subestimar o peso daquela conjuntura, especialmente a partir de 1934, que foi um ano decisivo, para compreender esse seu comportamento. A conjuntura foi decisiva, e quanto a isso não há dúvida. Apesar disso, existem algumas questões que envolvem aspectos práticos que seria interessante estarmos

---

<sup>507</sup> I’ve never been to Russia, I can’t talk the language. I’ve made no special study of the mighty economic and political changes that occurred there in the last twenty-five years. FORSTER, Edward Morgan. *The Creator as critic and other writings by E.M.Forster*. (ed) Jeffrey Heath. Toronto Dundurn Press, 2008, p.256.

<sup>508</sup> Communism is less sound than Fascism because it is more human (...), its final aims are thoroughly decent (...). This Idealism and warmheartedness is an inspiring force in Communism, the quality that distinguishes it from Fascism eternally. FORSTER, Edward Morgan. *The Prince’s Tale and other uncollected writings*. London: André Deutsch, 1998, p. 293-294.

<sup>509</sup> If my own world smashes, Communism is what I would like in its places, but I shall not bless it until I die. Ibidem, p. 2282-283.

considerando porque nos ajudaria a compreender melhor não só seu posicionamento, mas a maneira como abordou e expôs sua visão favorável ao comunismo.

Poderíamos dizer que em vez da conjuntura, ele tendia a se mostrar mais favorável com relação ao comunismo não só porque tinha uma disposição para isso, mas porque o espaço que conquistara na imprensa era, em boa medida, em jornais de esquerda. Por exemplo: ele tinha um espaço considerável no *New Statesman and Nation*, fundado por Sidney e Beatrice Webb, o qual o editor era ninguém menos do que Kingsley Martin. Num artigo publicado ali, *Writers in Paris* [Escritores em Paris] no qual ele fala do Congresso Internacional, ele se mostra francamente favorável aos soviéticos e contra os trotskistas diante da denúncia de que o escritor belga Victor Serge estava preso em um campo de concentração na região dos Montes Urais — “Minha simpatia estava com os ortodoxos.”<sup>510</sup>

Escrevendo para um jornal fundado pelos membros mais notórios da Sociedade Fabiana e cujo editor era um homem ligado ao PCGB, e que tinha uma relação próxima com Victor Gollanz e com *Clube do Livro de Esquerda*, dificilmente ele poderia fazer uma crítica mais contundente ao regime soviético do tipo da que Eliot fazia na *Criterion*. Ademais, a julgar pelo comportamento de Gollanz e Martin no *Clube do Livro de Esquerda*, podemos imaginar que essas práticas poderiam ter sido estendidas aqui. Faz sentido, mas isso não se sustenta. E não se sustenta porque não podemos nos esquecer que, se quisesse, E.M.Forster poderia abordar o assunto em jornais ligados aos *tory*.

Poderíamos dizer, então, que ele não fez uma crítica mais contundente ao comunismo ou não se utilizou do espaço que tinha em jornais de direita para não se contradizer. Faz sentido. Se havia se mostrado favorável, e se o achava uma opção melhor do que o fascismo naquela conjuntura convinha não evidenciar uma opinião em contrário. Faz sentido, mas não se sustenta. E não se sustenta porque ao aceitarmos isso, estaríamos dizendo que ele agia contrariando os próprios princípios de amor à verdade. Em outras palavras, que ele estaria sendo cínico por esconder a visão negativa que tinha do regime soviético apenas para não se contradizer. De fato, ele pode ter se mostrado cínico em alguns momentos. Pode ter se equivocado também em outros como André Gide, mas o fato é que ele nunca se comprometeu seriamente para depois ter de se retratar pelo que quer que seja. Pode ter se mostrado um pouco ingênuo em alguns

---

<sup>510</sup> My own sympathy was with the orthodox. FORSTER, Edward Morgan. *Writers in Paris*. *New Statesman and Nation*, julho, 1935, p. 9.

momentos, como evidenciou nesse artigo sobre o Congresso em Paris ou durante sua atuação no *Conselho Nacional para as Liberdades Civis*, no entanto, o que explica realmente seu comportamento é a conjuntura: ele tinha que fazer uma opção, e como qualquer pessoa numa situação complexa, optou pelo que considerava o mal menor.

Apesar disso tudo, é difícil acreditar que se as coisas tivessem sido diferentes, que se ele tivesse uma visão mais apurada e densa da realidade soviética como a que tinha da alemã sob o nazismo, que ele continuasse a se manifestar a favor do comunismo como vinha fazendo. E mais difícil ainda, se quem tivesse fornecido a ele essa visão fosse um amigo refugiado. É difícil acreditar que fosse capaz disso porque era um homem leal a seus amigos — “Se eu tiver de escolher entre trair o meu amigo e trair o meu país, espero ter a força necessária para trair o meu país,”<sup>511</sup> escreveu ele em *What I Believe* [No que eu acredito]. E é difícil acreditar também porque, ainda que estivesse diante de uma situação difícil, ainda havia a democracia. Nesse sentido, caso tivesse uma visão mais densa da realidade soviética, como veio a ter depois de conhecer e ler os livros de Arthur Koestler, em 1941, ele estaria sendo cínico ao ponto de defender algo que contrariava os valores que estavam dentro da órbita da qual ele gravitava; estaria sendo cínico porque ainda havia uma opção, que embora estivesse desacreditada, ainda estava de pé. Em outras palavras, estaria faltando com a verdade e descartando uma possibilidade que, de todas as que estavam a postos, era a única que propiciava o que ele mais desejava: as liberdades individuais.

Isso não seria do seu feitio. O comunismo seria sua opção somente no caso das democracias ocidentais se verem derrotadas frente ao fascismo. Ele não seria uma opção quando as democracias ocidentais ainda estivessem de pé. E podemos dizer isso com relativa segurança porque, na medida em que foi ficando claro que a Alemanha seria derrotada, ele passou a defender a democracia com mais frequência, pensando já no futuro e na reconstrução da Europa. Ou seja, ele deixou de pensar no comunismo como alternativa quando ficou claro que a democracia não seria derrotada pelo fascismo.

Assim, essa sua opção e essa aproximação com o comunismo acabou tomando forma quando o temor que nutria com relação ao capitalismo e a industrialização, que herdou de Butler no começo da vida adulta, se juntou às pressões exercidas pela conjuntura e com sua inclinação a idealizar homens da classe trabalhadora — afinal,

---

<sup>511</sup> “If I had to choose between betraying my country and betraying my friend, I hope I should have the guts to betray my country. FORSTER, Edward Morgan. *Two Cheers for Democracy*. New York: A Harvest Book & Harcourt Brace & Company, 1951, p. 68.

quem poderia se beneficiar com um regime comunista eram eles. Foi isso o que aconteceu. Tudo isso facilitou a penetração da ideia de justiça social pregada tanto por socialistas como por comunistas. No entanto, ele não se sentia tentado a adentrar esse mundo. Ele desconfiava dessas boas intenções e principalmente dos métodos a serem empregados na busca por maior igualdade. Tinha medo de que isso se tornasse uma verdadeira ameaça às liberdades individuais, uma vez que a igualdade, como alguns autores salientaram, e Isaiah Berlin foi um deles, não é inteiramente compatível com ela. Para se ter um grau maior de igualdade, é preciso antes que se abra mão de certo grau de liberdade — e vice-versa. E como a liberdade lhe era mais importante, ele não podia compactuar com esses propósitos e seguir o caminho dos Webb ou Bernard Shaw — como ele mesmo disse: “a parte do comunismo e do cristianismo que me interessa não é a do seu tedioso igualitarismo.”<sup>512</sup>

Se não queria mais igualdade, o que ele queria para os homens da classe trabalhadora com quem tinha laços de amizade e com travou relacionamentos duradouros? É difícil responder essa questão. É provável que estivesse pensando na chance que esses homens poderiam ter de se desenvolver moral e intelectualmente tal como ele havia tido. Quando pensava na classe trabalhadora, em seu desenvolvimento, não era propriamente em termos materiais. Era em termos espirituais, morais. O que não significa que não quisesse que tivessem uma melhora em suas condições materiais. Queria. Mas queria também que tivessem suas liberdades preservadas.

De todo, essa é uma preocupação com a qual ele nunca conseguiu lidar de maneira muito satisfatória. Sempre encontrava alguma resistência ou algum conflito antes de ir mais afundo quando o assunto era o comunismo ou a esquerda. Quando, em 1944, leu *The Road of Serfdom* [O Caminho da Servidão] de Hayek e *Faith Reason and Revolution* [Fé, Razão e Revolução] de Harold Laski, ele ficou particularmente inquieto, e transmitiu essa inquietação em sua fala na B.B.C. na qual tratou dos dois livros. Concordava com Hayek, mas parecia se ressentir em ter de fazê-lo — e uma das coisas que o incomodava era o fato de o “Professor Hayek não mencionar o amor em todo o seu trabalho. [Já] o Professor Laski o aprova, [e o aprova] pelo fato dele vir a ser útil

---

<sup>512</sup> The parts of Communism and Christianity that interest me are not their boring equalitarianisms, but their attempts to the cut out the money. FURBANK, P.N.; LAGO, Mary. (ed.). *Selected Letters of E.M.Forster: 1921-1970*. Cambridge: Belknap Press, 1985, p.172-173.

como um [laço de] união social. ”<sup>513</sup> Concordava com algumas colocações de Hayek a respeito do que acontecia na Rússia mas ficara particularmente incomodado pelo fato dele criticar o planejamento estatal. Concordava com algumas ideias de Laski, mas tinha medo de seguir os passos da União Soviética.

De fato, ele não conseguiria resolver esse problema nesse momento. Posteriormente, no pós-guerra, quando se defrontou com a perspectiva real do planejamento estatal na Inglaterra, ele definiu uma posição e se aproximou das colocações feitas por Hayek. As liberdades individuais eram mais importantes do qualquer promessa repleta de boas intenções ou de qualquer bem-estar que o estado pudesse promover — e foi isso que ele defendeu frente o coletivismo de fascistas e comunistas.

---

<sup>513</sup> Professor Hayek doesn't mention love at all in his treatise. Professor Laski approves it, on the ground that it may be useful as binding social force. FORSTER, Edward Morgan. *The Creator as critic and other writings by E.M.Forster*. (ed) Jeffrey Heath. Toronto Dundurn Press, 2008, p.283.



## “ELE FEZ COISAS QUE EU ACHO MUITO RUINS”

Se por um lado essa atitude com relação ao ganho material e ao capitalismo além de seu antifascismo convergiu fazendo com que ele se aproximasse do comunismo, por outro, os valores herdados dos Thornton agiram como barreira de contensão, impedindo que ele ingressasse nessa selva ideológica dominada por fascistas e comunistas. Na medida em que refletia sobre o assunto, ele foi percebendo o que sua adesão poderia significar e no que ela acarretaria: isso significaria uma mudança completa em suas convicções; significaria ter de abandonar e ver destruído todas as suas crenças e a substituição delas por uma ideologia planeada por um homem que tinha pouco apreço pela civilização que ele admirava. E esse é o primeiro ponto a ser destacado aqui: a da incompatibilidade entre o comunismo e os valores que ele herdou do mundo pré-guerra — os valores herdados dos Thornton. Ou para dizer de outra forma, a incompatibilidade de sua “disposição conservadora” com essas ideologias.

Sua consciência e seus valores agiram como uma espécie de barreira de contensão, impedindo que ele vazasse para o outro lado. Era impossível conciliar seu senso de continuidade e seu respeito pelo passado com o regime soviético de Lenin e Stalin; era impossível conciliar seu senso de continuidade com a noção de ruptura que o comunismo pregava. Embora muitas de suas ideias e de seus valores pudessem ir de encontro com o comunismo na teoria, na prática isso era impossível. Como ele mesmo disse a Christopher Isherwood, em 1935, “Não sou um comunista porque não consigo adequar meu espírito ao comunismo.”<sup>514</sup> Era um homem conservador no temperamento, mas não em política. E sendo conservador no temperamento, não tinha disposição para qualquer tipo de radicalismo em termos políticos. Era um homem extremamente reservado e desprovido de desenvoltura para esse tipo de expediente. Nesse sentido, o ardor revolucionário do comunismo deve ter parecido pouco atrativo para ele.

Além disso, como individualista que era a própria disciplina partidária, com sua hierarquia e seus dogmas, faria com que ele entrasse em rota de colisão com os dirigentes do partido se tivesse entrado, e com a ideologia, se a tivesse aceito. E.M.Forster não era e nunca foi um homem que pudesse entregar sua vida a um partido

---

<sup>514</sup> I can't be a communist because I can't apply my mind to communism. ZEIKOWITZ, Richard. *Letters between Forster and Isherwood on Homosexuality and Literature*. New York, Palgrave MacMillan, 2008, p.40.

ou uma causa como Lenin ou Stalin, ou encarar a perspectiva de um compromisso cego como foram os casos de Henri Barbusse e Louis Aragon. E aqui vale ressaltar que só foi possível manter esse posicionamento ambíguo e oscilante porque estava na Inglaterra, onde as condições, a despeito das enormes dificuldades que despontaram ao longo da década de 1920, como as que apontamos anteriormente, lhe permitiram isso. Foram essas condições, a manutenção do sistema democrático e das liberdades, que lhe permitiram flertar com o comunismo sem que precisasse estreitar os laços.

Desde o final do século XIX os conservadores dominaram o cenário político na Inglaterra, sem que com isso precisassem se utilizar da força. E não precisaram porque não havia ameaças sérias. Por mais que houvesse problemas econômicos ou sociais, não houve partidos ou movimentos, comunistas ou fascistas, que conseguissem galvanizar uma força capaz de se impor e de ameaçar a ordem vigente e as instituições. Nenhum desses partidos conseguiu ampliar sua força a ponto de obrigar o *establishment* britânico recorrer a alianças e meios mais escusos como acabou ocorrendo em outros lugares naquele momento. Tanto que o próprio Partido Trabalhista, que desde o seu surgimento na virada do século, foi aos poucos se tornando o maior partido de esquerda moderada da Grã-Bretanha, não só conseguiu crescer e ocupar o espaço que antes era dos liberais, como conseguiu chegar ao poder por três vezes ao longo dos anos vinte e trinta.

De todo, as coisas seriam inteiramente diferentes se ele estivesse na França ocupada. Ali o leque de opções era muito limitado, o que quer dizer que não existia mais a possibilidade de manter a atitude que manifestou ao longo daqueles anos. Na França, ele só tinha a opção de ou se matar ou se calar ou entrar para a resistência, já que apoiar o regime de Vichy ou colaborar com os nazistas estariam fora de cogitação. Mas considerando sua saúde e sua natureza comedida, é pouco provável que ele optasse pela resistência. Ele não tinha a desenvoltura de Malraux ou de outros intelectuais franceses que participaram desses movimentos. O mais provável é que tentasse fugir, e, se não conseguisse ou achasse arriscado demais, ele se calaria. Talvez ele seguisse um caminho parecido com o da escritora americana radicada na França, Gertrude Stein, que durante toda a ocupação, mesmo sendo judia e lésbica, conseguiu sobreviver e viver com relativo conforto em sua casa de campo com sua companheira Alice Toklas — mas é claro que isso só foi possível porque ela tinha contatos no alto escalão do governo, o que lhe garantiu alguma proteção.

Se a própria situação interna da Inglaterra permitiu que ele mantivesse essa postura oscilante, e se os valores herdados dos Thorntons em conjunto com seu

individualismo o mantiveram a distância do ardor revolucionário do comunismo, era impossível imaginar que ele viesse a subscrever ou pactuar com ideias como as que Paul Nizan, porta voz intelectual do Partido Comunista Francês, expressou em *Literatura Revolucionária na França*, um artigo publicado na *La Revue des Vivants*, em 1932: “Uma literatura revolucionária no sentido real (...), compreenderá todos os escritos que exaltem e preparem a revolução proletária, extraindo dela todos os seus temas e suas inspirações.”<sup>515</sup> Ou seja: não haveria espaço para qualquer outro tema.

E acrescenta:

Esta literatura pretende, evidentemente, romper com as tradições espirituais e formais da literatura burguesa: como tem algo novo a dizer, como tem algo que a literatura burguesa não diz, devendo chegar a outro público e remover outras paixões, tende a criar um instrumento que lhe seja próprio (...). Os livros recentes de [John] Dos Passos, *Paralelo 42* e *The man whose name was Jones*, são exemplos dessa dupla metamorfose literária. (...).

A literatura é propaganda. A propaganda burguesa é idealista, esconde o jogo, dissimula os fins que persegue em segredo: esses fins são inconfessáveis. A propaganda revolucionária sabe que é propaganda, publica seus fins com uma completa franqueza. (...). Para nós a arte é o que faz a propaganda ser eficaz, o que é capaz de comover os homens no mesmo sentido que nós desejamos.<sup>516</sup>

“A literatura é propaganda”— o que Nizan parece ignorar deliberadamente ao escrever isso é a liberdade de criação, a liberdade do indivíduo para pensar e agir e criar, como o próprio Forster observou em diversas ocasiões. Forster não acreditava que a arte tivesse que se sujeitar a qualquer ideologia. Se assim fosse, não seria arte. Isso seria sacrificar a literatura em favor de uma finalidade. “A literatura revolucionária descreverá, do ponto de vista revolucionário, todos os objetos, incluindo a burguesia e a natureza,”<sup>517</sup> escreveu Nizan no mesmo artigo. Tivesse lido isso — e é pouco provável que o tenha feito —, E.M.Forster certamente se veria perguntando em algum artigo que poderia muito bem ter sido publicado na *Criterion*, de T.S.Eliot: “O que seria descrever as coisas do ponto de vista revolucionário? Como se poderia descrever a natureza a partir do ponto de vista revolucionário? Descrever a burguesia do ponto de vista revolucionário seria ataca-la e dizer que ela explora o proletariado?” Caso seja isso, a

<sup>515</sup> NIZAN, Paul. *Por una Nueva Cultura*. Ciudad do Mexico: Ediciones Era, 1975, p.29.

<sup>516</sup> *Ibidem*, p.29.

<sup>517</sup> *Ibidem*, p.30.

literatura revolucionária seria um tanto repetitiva e pedante, o que lhe pareceria simplesmente intolerável.

Não. Ele jamais aceitaria qualquer forma de autoritarismo. Na verdade, ele tinha verdadeiro pavor de ver a tradição e as artes subjugadas a uma ideologia. Não é a toa que muitas das queixas que ele tinha contra o regime nazista serviam também para o regime soviético, ainda que ele não tenha sido muito incisivo nisso. E não o foi porque ele acabou dando um tratamento diferenciado aos dois. A queima de livros, o exílio forçado de parte da intelectualidade alemã, tudo isso parece ter tido um impacto maior sobre ele do que a violência que imperou durante da Revolução Russa e que foi denunciada por dissidentes e por intelectuais. De todo, nem mesmo as informações sobre os campos de concentração soviéticos ou dos expurgos foram capazes de demovê-lo a fazer uma crítica mais contundente. Artigos sobre as prisões haviam sido publicados na imprensa alemã, francesa, britânica e norte-americana ao longo da década de 1920. O escritor francês Raymond Duguet publicou, em 1927, *Un bagné en Russie Rouge* [Uma colônia penal na Rússia Vermelha], um livro que, como frisou Applebaum, é surpreendentemente preciso nos seus detalhes sobre o campo-prisão que ficava na Ilha de Solovetsky, no Mar Branco. Nele ele descrevia desde a personalidade de Naftaly Frenkel, o homem que aperfeiçoou o sistema dos campos de concentração soviéticos, até a tortura dos pernilongos — amarrava-se a pessoa, em geral nua, a um mastro no meio das matas, as quais no verão boreal viviam infestadas de mosquitos, que a atacava, fazendo com que, em pouco mais de meia hora a pessoa desfalecesse de dor.<sup>518</sup> Em 1926, o georgiano S.A.Malsagov, oficial do Exército Branco que havia conseguido fugir dali, publicou *An Island Hell* [Inferno na Ilha], em Londres — um relato sobre seu cotidiano em Solovetsky.<sup>519</sup>

De fato, não sabemos se E.M.Forster leu esse material que estamos citando aqui, como o livro de Duguet e Malsagov, mas ele leu, por exemplo, a tradução inglesa de *Retour d'URSS*, de Gide, e publicou uma resenha no *Listener* em 12 de maio de 1937.<sup>520</sup> Após conhecer Arthur Koestler (1905-1983), em setembro de 1941, Forster leu o seu *Darkness at Noon* [Trevas ao meio-dia], um romance que narra sua experiência como prisioneiro político na União Soviética. Em carta ao autor, poucos meses depois, ele

<sup>518</sup> APPLEBAUM, Anne. *Gulag: uma história dos campos de prisioneiros soviéticos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009, p. 65.

<sup>519</sup> Ibidem, p. 101-102.

<sup>520</sup> KIRKIPATRICK, B.J. *A Bibliography of E.M.Forster*. London: Rupert Hart Davis, 1968, p.136.

escreveu: “O diário de Rubashov [protagonista do romance] foi a maior condenação do stalinismo que eu já vi.”<sup>521</sup> É evidente que o livro de Koestler foi influente à época, e que a condenação que ele fez do regime de Stalin foi contundente, mas Forster fala como se ninguém tivesse feito algo parecido antes. Koestler foi um dos muitos dissidentes que desde o início da década de 1920 moviam esforços para mostrar ao Ocidente o que era o regime soviético. Do jeito como ele se expressou nessa carta, fica a impressão de que nada daquilo que esses dissidentes haviam feito até então fora capaz de lhe dar uma visão lúcida e crível do que acontecia ali.

É certo que o livro de Gide, que fez sucesso mais pelo seu *gesto* do que pelo conteúdo daquilo que denunciava, não parecia muito confiável aos olhos de muitos contemporâneos, e talvez por isso ele não o tenha levado a sério.<sup>522</sup> A razão disso foi Martin du Gard quem expôs: “O admirável prefácio, para mim, é como um imponente pórtico que se abre para pouca coisa. A promessa inicial não é mantida.” E acrescenta: “Esse livro nunca será lido por alguém que queira documentar-se sobre as falhas do regime soviético e fundamentar suas críticas.”<sup>523</sup>

Se o livro de Gide não teve nenhum efeito sobre sua visão a respeito do assunto, houve um caso mais concreto que, como o contato e o livro de Kostler, poderia ter exercido alguma influência sobre ele ainda em 1935. Mas por uma série de motivos, nada aconteceu.

Durante o Congresso em Paris, a despeito da ação dos soviéticos, e das vaias, Magdaleine Paz denunciou a prisão de Victor Serge e apelou para que outros intelectuais intercedessem para que ele deixasse um Campo de Concentração na região dos Montes Urais onde estava preso havia algum tempo. Como o próprio Forster indica em *Writers in Paris* [Escritores em Paris], ele parecia avesso a acreditar nisso: “Os fatos são discutíveis, mas Victor Serge é (aparentemente) um escritor revolucionário francês que obteve a cidadania soviética e que no momento esta preso (...).”

Seu caso foi acolhido pelos partidários de Trotski, que exigem que ele deva ser julgado ou autorizado a deixar a Rússia. Os delegados ortodoxos [stalinistas] ficaram inflamados e acusaram os trotskistas de sabotagem e mentiras, e o escândalo só foi contido pela intervenção de André Gide. Minha

<sup>521</sup> FURBANK, P.N.; LAGO, Mary. (ed.). *Selected Letters of E.M.Forster: 1921-1970*. Cambridge: Belknap Press and Harvard University, 1985, p.198.

<sup>522</sup> E é provável até que tenha feito essa resenha por essa ter sido mais uma obra de Gide que havia sido traduzida do que pelo assunto.

<sup>523</sup> WINOCK, Michel. *O século dos intelectuais*. Rio de Janeiro: Bertand, 2000, p.376.

simpatia estava com os ortodoxos. Parece-me que o governo soviético tem problemas internos especiais e que está tentando resolvê-los de uma forma civilizada.<sup>524</sup>

Importante frisar algumas passagens: “Os fatos são discutíveis”, isso significa que ele tinha dúvidas acerca da veracidade dos fatos. Ou pelo menos estava cético com relação a eles. Outra coisa: “Minha simpatia estava com os ortodoxos”. Isso significa que ele estava alinhado, ou que pelo menos, tendia a acreditar na versão dos stalinistas. Se não chegou a acreditar inteiramente nos stalinistas, ao menos tinha desconfiança séria com relação aos trotskistas. E de muitas maneiras, não há nada de estranho nessa reação — isso era comum naquele momento.

Não é possível dizer que não se sabia da brutalidade e da violência praticada pelo regime soviético naquele momento. O problema, à época, nem sempre foi a falta de informação, mas o *crédito* que se dava a ela — e esse episódio em Paris, tanto a reação dos stalinistas como a de E.M.Forster, ilustra isso muito bem. Aqueles intelectuais e membros dos partidos comunistas no Ocidente que seguiam as diretrizes de Moscou sempre trabalharam para por em suspeição tudo o que trotskistas e dissidentes soviéticos diziam. Foi assim que, por exemplo, muitos relatos em primeira mão do gulag soviético acabaram repudiados ou depreciados. Foi também, por medo de uma reação por parte das potências ocidentais com relação às informações que tinham sobre os campos, que a partir de abril de 1930 o regime soviético passou a descrever, em todos os documentos oficiais, os campos de concentração como *Ispravitelno-Trudovye Llargerya* (ITL), Campos de Trabalho Correccional.<sup>525</sup> Se regime mudou a forma como descrevia, é porque essas informações corriam no Ocidente — eles não fariam isso de forma gratuita.

É provável que ele tenha ficado sabendo depois o que acabou acontecendo com relação à Serge porque Romain Rolland e André Gide se envolveram pessoalmente com seu desfecho. Gide intercedeu e Romain Rolland foi recebido por Stalin, com quem ele

---

<sup>524</sup> After rumbling for several days in the couloirs exploded during an afternoon session. The facts are in dispute, but Victor Serge is (apparently) a French revolutionary writer who obtained soviet citizenship and is at present restraint “for divagation to the Left” — i.e. for advocating extreme measures after the Government judges them inopportune. His case has been taken up by Trotsky party, who demand that he shall either be tried or shall be allowed to leave Russia. The orthodox delegates grew warm and accused the Trotskyites of sabotage and lying, and the scandal was only stayed by the intervention of André Gide. My own sympathy was with the orthodox. It seems to me that Soviet Government has special internal problems and that it is trying to solve them in a civilized way. FORSTER, Edward Morgan. *Writers in Paris*. New Statesman and Nation, julho de 1935, p. 9.

<sup>525</sup> APPLEBAUM, Anne. *Gulag: uma história dos campos de prisioneiros soviéticos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009, p. 18-19, 102-103.

discutiu o assunto. Serge foi autorizado a deixar a União Soviética, mas dado seu histórico, não lhe foi permitido entrar na França. Com isso, ele seguiu para a Bélgica, onde foi recebido por Charles Plisnier, e onde acabou conhecendo Emmanuel Mounier, que na década de 1960 escreveria uma biografia de Stalin que não deve nada em matéria de adulação a de Henri Barbusse — o mesmo Mounier que no Congresso diria: “Quanto conformismo, quanta complacência com o Grande Stalin e a URSS infalível.” Ele também acabou conhecendo alguns colaboradores da Revista *Esprit*, onde havia repercutido e onde fora publicado uma resenha sobre o livro de Marcel Martinet, *Où va la révolution russe? L'affaire Victor Serge* [Para onde vai a Revolução Russa? O Caso Victor Serge], e tomara a defesa do deportado do Ural.

De todo, não há razão para imaginar que ele ignorasse ou não tivesse se atentado às informações divulgadas pela imprensa e pelos dissidentes desde a década de 1920 — seu amigo Leonard Woolf teceria críticas duras ao regime soviético em *Barbarians at the Gate* [Bárbaros no portão], de 1939, a ponto de seu editor Victor Gollancz quase se recusar a publicar o livro. Ele sabia o que estava acontecendo, o que houve foi certa negligência da sua parte de abordar o assunto com a mesma seriedade e a mesma dureza com que o fez com relação ao regime de Hitler.

Por mais que no final da década de 1920, e principalmente na década de 1930, a esquerda no Ocidente passasse ao largo das notícias a respeito dos assassinatos, dos exílios forçados ou dos campos de concentração da URSS, o caráter autoritário do regime soviético era inegável. Com a chegada de refugiados e perseguidos políticos a partir de 1922, como foi o caso do sociólogo russo Pitirim Sorokin (1889-1968), do escritor e jornalista Mikhail Osorgin (1878-1942), que ficou famoso quando foi correspondente na Itália, o professor e historiador, fundador do Partido Democrático Constitucional, que fizera oposição a Lenin, em 1917, Alexander Kizeveter (1866-1933), os filósofos Semion Frank (1877-1959), Lev Karvasin (1882-1952) e Nikolai Losski (1870-1965), ou o crítico literário Ivan Ilin (1883-1954), todos escolhidos a dedo por Lenin e deportados no *Vapor Filosofia*, as informações a respeito do caráter autoritário do regime bolchevique começaram a circular com mais facilidade.

No exílio, esses intelectuais se juntaram não só para preservar a cultura russa fora de casa, mas para fazer oposição ao regime bolchevique. E a vida intelectual russa floresceu em Berlim e em Praga, a despeito das dificuldades financeiras que os acometia e que sempre os acompanhou. A capital alemã era a cidade ideal para que eles pudessem desenvolver suas atividades. Eles fundaram clubes, como o *Clube dos Escritores*, que se

reunia no Café Leon, na Nollendorfplatz. E ali eles encontraram poetas da nova geração, como Maiakovski e Esenin, com quem mantiveram contato. Os escritores e críticos mais vanguardistas tinham um ponto de encontro no Prager Diele, na Plager Platz, perto da Pension Krampe. Em Berlim também havia cerca de 86 editores russos que produziram mais de 2 mil títulos entre 1918 e 1924. Muitos dos exilados publicaram livros já no ano seguinte a sua chegada, junto de muitas obras clássicas russas, que foram relançadas na esteira dessa efervescência cultural — algo parecido aconteceria na década de 1930 quando muitos intelectuais alemães partiram para o exílio por conta da perseguição e da situação insustentável instaurada na Alemanha de Hitler. Muitos dos relatos ficcionais, hoje clássicos, sobre a ascensão dos nazistas ao poder e os primeiros anos do Terceiro Reich são desse período. *Os Oppermanns*, de Lion Feuchtwanger, *O Machado de Wandsbeck*, de Stefan Zweig, escritor e colaborador do compositor Richard Strauss, que cometera suicídio no Brasil, em 1942, *A resistível ascensão de Arturo Ui*, de Bertold Brecht, *Mefisto*, de Klaus Mann.<sup>526</sup>

Estando num ambiente propício, e dispondo de liberdade, esses intelectuais não contiveram seus esforços e dispararam contra o regime soviético, que havia lhes roubado tudo. E por isso mesmo nunca conseguiram entender é a atitude de muitos intelectuais ocidentais com relação a Stalin. Enquanto estava em Cambridge, ainda na década de 1920, Vladimir Nabokov se deparou com um inconveniente: “Não tardou que eu visse como minhas opiniões — opiniões [contrárias ao regime de Lenin] pouco vulgares num democrata russo no estrangeiro — eram recebidas com surpresa magoada pelos democratas ingleses *in situ*.”<sup>527</sup> E ele não foi o único. Outros exilados sentiam-se particularmente incomodado pela defesa que homens como Romain Rolland, Bernard Shaw e Edmund Wilson faziam do regime de Lênin.

De todo, as simpatias e o interesse de boa parte da intelectualidade europeia pelo regime soviético é uma questão que, o que tem de interessante, tem de complexa. Nem todos agiram da mesma maneira e nem todos aderiram com a mesma convicção. Como vimos anteriormente, existem diferenças no comportamento, nas motivações e no grau de radicalismo e adesão que manifestaram. Mas apesar de divergirem em diversos aspectos, existe um substrato e um denominador em comum que pode ser detectado, e que ajuda a compreender as diferenças entre eles. “A despeito de meu desgosto, a

<sup>526</sup> EVANS, Richard. *O Terceiro Reich no poder*. São Paulo: Editora Planeta, 2011, p.185-186.

<sup>527</sup> NOBOKOV, Vladimir. *Fala, Memória*. Lisboa: Relógio D'Água, 2013, p.240.



despeito de meu horror (...), aceito o recém-nascido,<sup>528</sup> escreveu Romain Rolland ao escritor russo e autor do livro adulatório sobre os campos de concentração e uso do trabalho forçado na construção do Canal do Mar Branco — que Soljentisin chamou de “vergonhoso”<sup>529</sup> —, Máximo Gorki. De muitas maneiras, essa frase sintetiza aquilo que foi a atitude da maioria dos intelectuais ocidentais com relação aos experimentos russos. Existiram aqueles que, a despeito de seu desgosto e do seu horror, mantiveram suas convicções e seguiram apoiando o regime soviético; e existiram aqueles que simplesmente aceitaram o recém-nascido e não sentiram nenhum desgosto e nenhum horror pelo que Lênin e Stalin estavam construindo.

E para que possamos compreender esse fenômeno, precisamos ter em mente que isso, esse apoio, não era uma simples questão de definição de um posicionamento. Por detrás disso tudo havia o que Tony Judt chamou de *fé*. “A história da União Soviética, para aqueles que tinham fé nela, seja comunista, seja como companheiros de viagem progressistas, não estava, na verdade, relacionada com o que viam.” Perguntar por que as pessoas iam para lá e não viam a realidade é “não entender o essencial. A maioria das pessoas que entendiam o que estava acontecendo na União Soviética não precisava ir até lá. Ao passo que aqueles que iam (...) como verdadeiros crentes geralmente voltavam na mesma condição.” Isso por que “o tipo de verdade que um crente estava buscando não era testável por referência à evidência contemporânea, mas aos resultados futuros. Tratava-se de acreditar em uma omelete futura que justificava um número infinito de ovos quebrados no presente.”<sup>530</sup> Portanto, não é de se estranhar que aqueles intelectuais, como Louis Aragon, Bernard Shaw, Henri Barbusse, Sidney e Beatrice Webb que estavam convictos e reverenciavam Stalin passassem ao largo das informações que chegavam ao Ocidente sobre a brutalidade, a violência e o autoritarismo do regime soviética.<sup>531</sup> O caso deles era o daqueles que simplesmente aceitaram o recém-nascido e não viram motivo para ficarem escandalizados ou inquietos com o que quer que seja — a revista *Monde*, de Barbusse, atacou o Professor

<sup>528</sup> ROLLAND, Romain apud CHAMBERLAIN, Lesley. *A Guerra Particular de Lenin: A deportação da Intelectualidade Russa pelo Governo Bolchevique*. Rio de Janeiro: Record, 2008, p.297.

<sup>529</sup> SOLJENÍTISIN, Alexander. *Arquipélago Gulag*. São Paulo: Difel, 1976, p. 12.

<sup>530</sup> JUDT, Tony. *Pensando o Século XX*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014, p.114-115.

<sup>531</sup> Principalmente na década de 1930, período de expansão dos campos de concentração. A população de presos quase duplicou de 1° de janeiro de 1935 e 1° de janeiro de 1938, passando de 950 mil para 1,8 milhão. APPLEBAUM, Anne. *Gulag: uma história dos campos de prisioneiros soviéticos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009, p.158.

Salvemini, que em seu discurso no *Congresso Internacional dos Escritores*, em Paris, havia *ousado* comparar a ditadura fascista com a ditadura do proletariado.

Esses intelectuais comunistas como frisou Judt, se sentiam parte de uma *comunidade*, o que lhes dava a sensação de que não só estavam fazendo a coisa certa, como também que estavam se movendo na direção da história. Isso colocava o indivíduo comunista não só no centro de um projeto histórico, mas de um projeto coletivo.<sup>532</sup> E, muito embora isso tenha afetado a todos em maior ou menor grau, houve uma parcela desses intelectuais em que isso fez toda a diferença. A despeito do seu horror e do seu desgosto, ao longo da década de 1930, André Gide foi um desses. Os que integram esse grupo ingressaram inebriados pela ideia de fazer a coisa certa, de estar do lado certo, a despeito daquilo que acontecia ali — André Malraux criticaria esse setor da intelectualidade francesa, mas como frisou Lottman, ele estaria ao lado de muitos daqueles “sentimentalistas do tipo pacifista convertidos a revolucionários.”<sup>533</sup>

Embora tenha criticado alguns de seus colegas por isso, Malraux deve ser colocado nesse grupo e não no outro. E Victor Serge nos dá boas razões para isso: “Malraux representa uma mistura de revolucionário marxista — bem pouco marxista — de estética e temeridade, inteiramente adequada aos jovens que veem na revolução uma atraente aventura, porque se sentem imobilizados em uma sociedade senil.”<sup>534</sup> O antifascismo exerceria um papel preponderante ao longo de toda sua atuação na década de 1930, assim como na de Romain Rolland. Na verdade, depois da chegada de Hitler ao poder, Rolland já não separava mais a luta contra o fascismo de seu esforço em favor do comunismo.<sup>535</sup> E ele não foi o único que não conseguiu separar as coisas. Na verdade isso foi tão comum, que George Orwell parece não ter resistido em falar desse assunto em um tom provocador e irônico: “Você conhece todo este tipo de conversa”, diz a personagem George Bowling, que estivera ouvindo um conhecido palestrante antifascista: “sujeitos deste jaez podem bater nesta tecla durante horas. Exatamente como uma vitrola. Vire o braço do toca-disco, aperte o botão e tudo recomeça. Democracia, fascismo, democracia.” Ao que acrescenta: “É uma coisa curiosa, pensei eu, ser apontado como ‘Sr. Fulano de tal, o conhecido antifascista.’ Este sujeito,

<sup>532</sup> JUDT, Tony. *Pensando o Século XX*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014, p.115-116.

<sup>533</sup> LOTTMAN, Herbert. *La Rive Gauche: Intelectuales y política em París*. Barcelona: Blume, 1985, p.33.

<sup>534</sup> WINOCK, Michel. *O século dos intelectuais*. Rio de Janeiro: Bertand, 2000, p.288.

<sup>535</sup> *Ibidem*, p.293-294.

suponho, ganha a vida escrevendo livros contra Hitler. Mas o que fazia ele antes que Hitler surgisse?” Ele vive “tentando insuflar o ódio nesta audiência, mas [isso não é nada comparado] ao ódio [que ele mesmo] sente.” E arremata: “Cada palavra de ordem, é uma verdade evangélica (...) talvez, até seus sonhos sejam slogans.”<sup>536</sup>

O antifascismo ou o pacifismo — era por uma dessas portas que esses intelectuais ingressavam nesse recinto marcado por esse idealismo e por adesões superficiais. O próprio Henri Barbusse iniciou suas atividades na esperança de que a revolução ocorrida na Rússia trouxesse paz entre os homens.<sup>537</sup> O autor de *Feu* era um idealista que havia aceitado o recém-nascido fechando os olhos para os campos de concentração e a violência da coletivização forçada tal como Shaw ou os Webb. Dedicara todas as energias, todo seu talento, todas suas atividades a serviço do partido, do qual se tornou figura de proa até morrer em Moscou, poucos meses depois do Congresso em Paris, em 1935.

No caso de Gide, Martin du Gard tinha suas dúvidas quanto as convicções que, naquele momento, ele dizia defender. A respeito de sua conversão, Martin du Gard foi certo: “Ele esta menos convicto de seu comunismo do que se pensa, do que se diz, do que se quer fazer crer nos meios militantes aonde o arrastam.”<sup>538</sup> Em outra ocasião ele foi ainda mais sincero, chegando a vaticinar alguns acontecimentos: “O Partido devia estar muito confiante, ou muito mal informado, para apostar em Gide! (...) Que imprudência atribuir tanto valor à filiação de um intelecto que é, naturalmente, incapaz de convicção, sempre em outro lugar que não aquele que, na véspera, parecia ter se fixado! Temo que, com o tempo, e apesar de sua boa vontade, um dia ele decepcione seus novos amigos.”<sup>539</sup> Na verdade, foi exatamente isso que aconteceu quando Gide publicou *Retour de l'URSS* [Retorno da URSS]: ele caiu no ostracismo, sendo acusado de traidor.

Difícilmente poderia ser diferente. Ao contrário de Henri Barbusse ou Bernard Shaw, Gide não conseguiria se calar diante de certas iniquidades. E de fato não se calou porque parecia estar pouco afeito a fazer muitas concessões para manter sua nova posição — “Pretendo poder ser profundamente internacionalista sem deixar de ser

---

<sup>536</sup> ORWELL, George. *Um pouco de Ar, por favor!* Belo Horizonte: Itatiaia, 2000, p.147.

<sup>537</sup> WINOCK, Michel. *O século dos intelectuais*. Rio de Janeiro: Bertand, 2000, p. 222.

<sup>538</sup> Ibidem, p. 370-371.

<sup>539</sup> Ibidem, p.371.

profundamente francês. (...) Também pretendo seguir sendo profundamente individualista em pleno assentimento comunista e até com a ajuda do comunismo. Pois minha tese tem sido sempre essa: é sendo mais particular que cada indivíduo serve melhor será a comunidade.”<sup>540</sup>

A maneira como se aproximavam, bem como as motivações que os levaram a isso, seja o pacifismo, como foi o caso de Barbusse, ou esse idealismo, como era o caso de Gide, acabava se refletindo depois no seu comportamento. E esse comportamento podia ser de dois tipos: os mais ativos eram aqueles que manifestavam alguma pretensão de servirem de guia para uma nova sociedade. Era o caso dos Webb, Bernard Shaw, H.G.Wells. “[Ele] tem profetizado o futuro político de todos os homens; profetizado com agressiva autoridade e retumbante determinação nos detalhes. Será humilde o profeta do futuro de todos os homens?”<sup>541</sup> escreveu G.K.Chesterton sobre Wells. “A sensação associada ao Sr. Shaw nos últimos anos é a criação repentina da religião do super-homem. Ele, que ao que tudo indica zombava das religiões do passado remoto, descobriu um novo deus num futuro inimaginável,” escreveu. “Ele, que punha todas as culpas nas ideais, instituiu o mais impossível de todos os ideais, o ideal de uma nova criatura.”<sup>542</sup> Ou seja, o novo homem que seria capaz de aceitar as mudanças que deveriam fazer para que a humanidade alcançasse o verdadeiro progresso.

Como vimos, E.M.Forster nunca compartilhou esse tipo de pretensão. Ele parecia naturalmente avesso a isso, e diferente de Gide, seu individualismo serviu de barreira de contenção para impedir que ele fraquejasse ante ao apelo coletivista para justificar os métodos empregados por Stalin. Ele sabia dos muitos problemas e das injustiças que havia no meio e na sociedade em que vivia, mas não estava nem um pouco inclinado ou propenso a justificar esse tipo de expediente — como ele mesmo disse: “Se contribuo para os males da sociedade contemporânea, eles [os comunistas] também o fazem.” Na prática isso quer dizer que ele não sentia a necessidade e nem acreditava que as ideias defendidas pelos comunistas eram melhores do que as soluções que poderiam ser, eventualmente, encontradas numa democracia. Essa era a diferença entre intelectuais da estirpe de Bernard Shaw, H.G.Wells e Paul Nizan.

---

<sup>540</sup> LOTTMAN, Herbert. *La Rive Gauche: Intelectuales y política em París*. Barcelona: Blume, 1985, p.107-108.

<sup>541</sup> CHESTERTON, G.K. *Hereges*. Campinas: Ecclesiae, 2012, p.91

<sup>542</sup> *Ibidem*, p.82.

Enquanto esses eram mais ativos, outros, como Malraux e Barbusse seguiam integralmente as orientações do Partido, ou mantinham uma posição mais independente, como era o caso de André Breton e seus colegas surrealistas. Não que esses não pudessem manifestar a mesma sanha dos Webb ou de Shaw, ou que fossem menos idealistas, mas entre aqueles intelectuais que podemos estar colocando nesse grupo, estão os que agiram em conformidade dentro das diretrizes do Partido Comunistas e daquelas enviadas por Moscou. Se Barbusse conseguia se conformar dessa forma, a ponto de ter dedicado todas suas energias nisso, E.M.Forster não conseguiria. Para ele isso seria o equivalente a uma prisão. Ele jamais conseguiria se ajustar, e essa resistência em aderir e em se enquadrar ao comunismo é um tanto característica, e talvez ela deva algo ou seja um reflexo da resistência da própria sociedade inglesa, a julgar pelo desempenho do próprio Partido Comunista da Grã-Bretanha.

Como frisou Tony Judt, PCGB nunca obteve grande apoio fora dos seus primeiros redutos na indústria naval escocesa, em algumas comunidades mineradoras e um punhado de fábricas na região centro-oeste da Inglaterra. No entreguerras, o número de filiados nunca passou dos 20 mil. Seu desempenho nas eleições ilustra muito bem o seu fracasso: na eleição de 1924 eles conseguiram um assento no Parlamento tendo apresentado oito candidatos; nas eleições de 1929 e 1931 apresentaram 25 e 26 candidatos, respectivamente, e não conseguiram nenhum assento; em 1935 apresentaram dois, sendo que um conseguiu ser eleito — de todo, o máximo que ele conseguiu foi 102 mil votos na eleição geral de 1945, tendo conseguido fazer dois parlamentares. Nas eleições de 1951, o número de votos foi bem menor, 21 mil.<sup>543</sup>

Enquanto na Inglaterra o comunismo teve certa dificuldade para penetrar e conseguir adeptos, especialmente entre a intelectualidade, em outros lugares, como a Alemanha e na França, por exemplo, as coisas foram bem diferentes. No caso da França, existe um componente histórico que precisamos levar em consideração para compreender a adesão maciça da intelectualidade ao comunismo. Ali, o atrativo por soluções violentas representava mais do que uma simples projeção de experiências recentes, como frisou Judt. Acusações de colaboracionismo e traição, pressões a favor de punições e de um novo começo não tivera início com a libertação de Paris em 1944. Ela é mais antiga e remonta aos tempos revolucionários. Desde 1792, os polos

---

<sup>543</sup> JUDT, Tony. *Pós-guerra: Uma história da Europa após 1945*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p.216-217.

revolucionários e contrarrevolucionários da vida pública francesa exemplificam e, acima de tudo, reforçam a divisão do país: a favor ou contra a monarquia, a favor ou contra a revolução, a favor ou contra Robespierre, a favor ou contra a Constituição de 1830 e 1848, a favor ou contra a Comuna. Nesse sentido, nenhum outro país tinha uma experiência tão longa e ininterrupta de uma política bipolar tão acirrada e, muitas vezes, extremada.<sup>544</sup>

Não de outro modo, mais do que qualquer outro país ocidental, a França era um país cuja intelectualidade flertava e tinha uma tendência a reverenciar a violência enquanto ferramenta na luta política. Não que fosse uma constante, mas esse traço pode ser encontrado em diversos intelectuais e em períodos distintos com uma frequência no mínimo espantosa. Em 1869, com a liberalização do regime imperial de Luís Bonaparte, novos jornais foram criados, e François e Charles Hugo, filhos de Victor Hugo, lançaram um com Rochefort. O autor de *Os Miseráveis*, então no exílio, declinou do convite para contribuir no jornal porque acreditava que só poderia cooperar quando a França estivesse livre. A despeito disso, animou seus filhos: “O inimigo tem direito a todos os nossos golpes; um só que lhe falhe e estamos sendo injustos. Ele merece ser metralhado incessantemente e exclusivamente.”<sup>545</sup> Edouard Hériot, que foi o presidente francês que reconheceu a União Soviética, em 1924 — já que lhe era simpático a causa —, anunciou à época do fim da ocupação alemã que uma vida política normal só seria possível depois que a “França passasse por um banho de sangue.”<sup>546</sup>

Talvez fosse apenas retórica, mas o fato é que a violência é um traço marcante nas revoltas e revoluções que se sucederam na França nos séculos XVIII e XIX. Os combates e as execuções da Semana Sangrenta, durante a Comuna de Paris, tiveram cerca de 20 mil mortos — “Foi no momento em que enterrávamos o pobre Charles Hugo”, escreveu Verlaine, “que aconteceu o drama da rua des Rosiers. (...) Ao mesmo tempo, as barricadas improvisadas, armando-se com canhões, metralhadoras e se eriçando com baionetas na ponta de fuzis carregados. (...) Havia cheiro de pólvora e se podia sentir também o [de] sangue.”<sup>547</sup>

---

<sup>544</sup> Ibidem, p.222.

<sup>545</sup> WINOCK, Michel. *Victor Hugo na arena política*. Rio de Janeiro: Difel, 2008, p. 77.

<sup>546</sup> JUDT, Tony. *Pós-guerra: Uma história da Europa após 1945*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p.223.

<sup>547</sup> WINOCK, Michel. *Victor Hugo na arena política*. Rio de Janeiro: Difel, 2008, p. 90.

Na sexta-feira, 25 de fevereiro de 1848, após a queda de Luís Felipe e da Proclamação da República, o *Le Moniteur universel* publicou uma *Proclamação do Governo Provisório ao povo francês*, em que dizia: “Um governo retrógrado e oligárquico acaba de ser derrubado pelo heroísmo do povo de Paris. Esse governo fugiu, deixando atrás de si um rastro de sangue que o impede de voltar um dia.”<sup>548</sup> Meses depois, as revoltas operárias de julho resultaram em 1500 revoltosos fuzilados e 25 mil prisioneiros.

Essa violência e esse tipo de linguagem era algo um tanto comum para os franceses, e fazia tempo que estavam habituados a ela — ou seja, que mudanças no curso da história e matanças *purificadoras* caminham lado a lado. Não de outro modo, essa familiaridade francesa com o radicalismo revolucionário predispôs muitos intelectuais a aceitarem as desculpas apresentadas pelos comunistas para a brutalidade soviética, facilitando sua penetração no país — a ironia é que essas pessoas, como Marcel Péju que, comentando o julgamento de Slánsky, nas páginas da revista de Sartre, *Temps Moderns*, dizia que não havia nada de errado em eliminar inimigos políticos,<sup>549</sup> parecem acreditar que nunca seriam vítimas dessa onda de violência como o acabaram sendo Marat e Robespierre ou Kamenev e Zioniév; parecem encarar a possibilidade de verem seus inimigos políticos e adversários serem eliminados sem nunca serem atingidos ou sofrerem uma única perda nessa ambiente. Na verdade, isso parece ser uma constante. Todos os que apoiaram ou que se envolveram com regimes autoritários e que depois acabaram em desgraça, nunca imaginaram que a violência dispensada aos seus inimigos políticos poderia, em algum momento, atingi-los.

Essa predisposição para a violência e soluções revolucionárias, em conjunto com o encanto com noções de *justiça social*, *progresso* e *igualdade*, fizeram com que muitos intelectuais franceses, em visita ao bloco soviético, ficassem mais liricamente entusiasmados do que a maioria dos colegas ocidentais ao contemplar o comunismo em construção <sup>550</sup> — e não foram poucos: André Gide, André Malraux, Pierre Herbart. Esse tom idealizador, e ingênuo, aparece em muitos dos escritos ou discursos desses intelectuais franceses nesse momento, e até mesmo depois, durante a Guerra Fria. Paul Eluard, em visita a Bucareste, em 1948, diria: “Venho de um país onde ninguém mais ri,

---

<sup>548</sup> WINOCK, Michel. *As Vozes da Liberdade*. Rio de Janeiro: Bertand, 2006, p.413.

<sup>549</sup> JUDT, Tony. *Pós-guerra: Uma história da Europa após 1945*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p.223.

<sup>550</sup> *Ibidem*, p.223.

onde ninguém canta. Vocês descobriram o raio de sol da Felicidade.”<sup>551</sup> Henri Barbusse, pouco tempo antes de morrer, em 1935, diria: “Se Stalin tem fé nas massas, a recíproca é verdadeira.”<sup>552</sup>

E os críticos do regime soviético não se esquivavam de se utilizar dessa cegueira para atacar esses intelectuais. Em sua autobiografia, *Chronicles of Wasted Time* [Crônicas de uma época de devastada] Malcolm Muggeridge (cuja mulher era sobrinha de Beatrice Webb), que trabalhou no início da década de 1930 como repórter do *The Guardian* em Moscou, falou dessa empolgação da intelectualidade europeia com relação à experiência russa e da ingenuidade que movia muitos desses homens:

[De todo,] para aqueles jornalistas estrangeiros que residiam em Moscou, a chegada de visitantes famosos era também uma ocasião de gala, mas por uma razão diferente. Eles nos propiciavam nosso melhor — [era] praticamente o único que tínhamos — momento cômico. Por exemplo, ouvir [George Bernard] Shaw, acompanhado de Lady Astor (...) dizer que estava encantado por descobrir, em um banquete fornecido pelo Partido Comunista, que não havia escassez de comida na URSS, era algo [que tinha um] efeito humorístico irresistível. Ou ouvir [Harold] Laski cantar glórias à nova Constituição Soviética, de Stalin.

Jamais me esquecerei destes visitantes, e jamais deixarei de me assombrar com eles; de como discursavam cheios de pompas sobre as maravilhas do regime, de como eles iluminavam continuamente nossa escuridão, guiando, aconselhando e nos instruindo; em algumas ocasiões, um tanto confusos e envergonhados, mas sempre prontos para se reerguer, colocando seus capacetes de papelão e montando em seus Rocinantes para saírem galopando mundo afora em novas incursões em nome dos pobres e oprimidos.

Sem dúvida, eles são uma das maravilhas de nossa época, e irei guardar para sempre na memória, com grande estima, o espetáculo que era vê-los viajando com radiante otimismo até as regiões famintas do país, vagueando em bandos alegres por cidades esqueléticas e sobrepovoadas, ouvindo com inabalável fé as insensatezes balbuciadas por guias cuidadosamente treinados e doutrinados, repetindo, assim como crianças de colégio repetem a tabuada, as falsas estatísticas e os estúpidos slogans que eram incessantemente entoados para eles.

Eis ali, pensava eu ao ver essas personalidades, um ardoroso burocrata de alguma repartição local da Liga das Nações, eis ali um devoto Quaker que já havia tomado chá com Gandhi, (...) eis ali um ferrenho defensor da liberdade de expressão e dos direitos humanos, eis ali um indômito combatente da crueldade contra animais; eis ali meritórios e cicatrizados veteranos de centenas de batalhas em prol da verdade, da liberdade e da justiça — todos, todos eles cantando glórias a Stalin e à sua Ditadura do Proletariado. Era como se uma sociedade vegetariana se manifestasse apaixonadamente em defesa do canibalismo, ou como se Hitler houvesse sido indicado postumamente para o Prêmio Nobel da Paz.<sup>553</sup>

<sup>551</sup> Ibidem, 223.

<sup>552</sup> LOTTMAN, Herbert. *La Rive Gauche: Intelectuales y política em París*. Barcelona: Blume, 1989, p.65.

<sup>553</sup> MUGGERIDGE, Malcolm. *Chronicles of Wasted Time*. Vancouver: Regent College Publishing, 2006.



E isso foi um tanto comum. E essa cegueira não se restringia àqueles intelectuais que apoiavam o regime soviético. Não é possível imaginar Ezra Pound se remoendo ou tentando se exculpar pela violência empregada pelo regime nazista. Nem Pound e nem Drieu. Independente do quanto sabia a respeito da Solução Final, isso não impediu Pound de estar ao lado de Hitler e Mussolini até se ver preso e deportado para os Estados Unidos. Mas essa cegueira era um problema não para os intelectuais fascistas, mas para os comunistas. Que havia contradições dentro do universo fascista, quanto a isso não há dúvida. Suas ideias e seus propósitos se contradiziam com muita frequência e em muitos pontos — cultuavam a violência e o uso da força e pretendiam fazer uso disso para purgar a nação de elementos considerados incômodos. Mas e depois que tivessem feito isso? O que seria e para onde seria canalizada essa violência e esse ódio por grupos minoritários? É óbvio que a necessidade faria com quem criasse outro grupo a ser perseguido, e que fariam com esse grupo o que haviam feito com aquele que haviam exterminado anteriormente. O fascismo depende disso, portanto, não podemos imaginar qualquer tendência pacifista ou qualquer possibilidade dele de se acomodar depois de um certo ponto. Um regime fascista não pode se acomodar. Ele tem de estar em movimento, perseguindo e tentando se livrar de algo, o que significa que ele nunca vai alcançar o futuro que almeja — o da nação uma e racialmente saudável.

Embora essa fosse uma contradição evidente, isso não preocupava Ezra Pound ou Robert Brasillach. Eles pensavam mais naquilo que tinha que ser feito no presente do que no futuro. No caso dos intelectuais comunistas acontecia algo parecido. Mas eles enfrentavam um problema que não podiam resolver. Como frisou Judt, a esquerda tinha de lidar com o fato de a revolução ter ocorrido num país atrasado, agrário e se conformar com o fato de as previsões de Marx não terem se confirmado.<sup>554</sup> Além disso, tinham de se preocupar com o fato de a revolução, que pretendia libertar o homem e que deveria trazer igualdade e prosperidade, se utilizava de métodos questionáveis. O estado soviético era violento, decididamente liderado de cima, e isso era inegável — ele era, na verdade, tudo o que os fascistas almejavam e julgavam que faltava na política de suas sociedades. Ele confirmava que um partido podia fazer uma revolução, que podia apossar-se de um Estado e governar pela força.<sup>555</sup> O próprio Drieu la Rochelle acreditava que Lenin tinha feito a maior contribuição para a política do século XX: “A

---

<sup>554</sup> JUDT, Tony. *Pensando o Século XX*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p.115-116, p.182.

<sup>555</sup> *Ibidem*, p.182

inovação da parte de Lênin foi demonstrar novamente o valor da velha receita de conquistadores, revolucionários, e capitães vitoriosos de todos os séculos: para fazer uma omelete é preciso [antes] quebrar alguns ovos.”<sup>556</sup> Por “quebrar ovos” entenda-se: eliminar inimigos políticos ou grupos incômodos — a burguesia, no caso dos comunistas, os judeus, no caso dos nazistas.

Em 1934 ele escreveu:

A Revolução Russa foi uma guerra liderada por homens que não temem a violência, que saúdam isso como uma necessidade. Os revolucionários russos não só destruíram seus adversários; eles também destruíram todos aqueles em suas fileiras que hesitaram em empregar a violência. A longa luta e a feroz vitória dos bolcheviques contra os outros partidos chamados revolucionários (mencheviques, social-revolucionários e etc) foi (...) a vitória do espírito de guerra na revolução sobre o espírito pacifista. (...) As revoluções italiana e alemã também foram alcançadas por homens que francamente admitiam a necessidade de violência, ao contrário dos homens que fugiam dela ou se recusaram a reconhecê-la.<sup>557</sup>

Essa contradição entre os ideais de igualdade e fraternidade e a realidade era evidente quando se olhava para a União Soviética. Claro, muitos simplesmente ignoraram isso. Acusavam ser mentiras dos trotskistas, como ocorreu no Congresso em Paris quando Magdeleine Paz denunciou a prisão de Victor Serge. Outros podiam justificar e até mesmo aceitar essa realidade pensando no futuro — como o historiador Eric Hobsbawm. Mas independente da atitude em particular de cada um, o fato é que essa realidade era incômoda e os colocava em uma situação difícil diante de seus adversários e do público que pretendiam conquistar ou cativar.

De todo, E.M.Forster nunca explorou isso. Sua crítica sempre foi velada, tímida e circunscrita. Não se sentia atraído pelo ardor revolucionário do comunismo, mas demonstrou ter pouca disposição para criticá-lo. Não estava disposto a ir muito a fundo na crítica às implicações daqueles propósitos que ele achava que eram “decentes.” Nem mesmo seu caráter dogmático e engessado, que se chocava frontalmente com seu individualismo, foram alvo de suas críticas. De todo, ele parece não ter sentido a necessidade de fazê-lo, até porque nunca teve uma visão mais densa e apurada da realidade soviética para poder falar a respeito do mesmo modo como acabou acontecendo com relação à alemã. A Rússia era uma realidade distante, quase

---

<sup>556</sup> SOUCY, Robert. *French Fascism: The Second Wave: 1933-1939*. New Haven: Yale University Press, 1995, p. 290.

<sup>557</sup> *Ibidem*, p. 290-291.

inacessível e, como demonstrou, ele estava disposto a apoiar o regime soviético somente em caso extremo.

Como frisou Crews, é justamente a consciência da desordem e da impermanência do mundo real que o impeliu a ressaltar o valor único da arte e a se apoiar nela como antídoto contra os problemas prementes,<sup>558</sup> contra as ideologias que haviam dominado o debate e colocado o mundo em constante tensão. Não era a política, não era o fascismo e nem o comunismo que poderia fazer frente a um mundo a beira do abismo, mas arte e a literatura. “A arte é algo valioso”, escreveu ele, “não porque ela seja instrutiva (embora também o seja), não porque ela seja recreativa (embora também o seja), não porque todos [a princípio] possam apreciá-la (porque nem todos o fazem), e nem mesmo porque ela esta conectada com a beleza.” Não é por nada disso. “Ela é valiosa porque ela promove a ordem, e porque cria pequenos mundos interiores possuidores de grande harmonia, [tudo isso] no seio de um planeta desordenado.”<sup>559</sup> Ela é “parte da nossa armadura”, disse ele num discurso na *Academy of Arts and Letters* de Nova York, em 1949. Ela era a armadura e o antídoto num mundo marcado por rupturas e pela superficialidade de um embate ideológico.

---

<sup>558</sup> CREWS, Frederick. *E.M.Forster: The Perils of Humanism*. Princeton: Princeton University Press, 1967, p.34.

<sup>559</sup> Art is valuable, not because it is educational (though it may be), not because it is recreative (though it may be), not because everyone enjoys it (for everybody does not), not because it has to do with beauty. It is valuable because it has to do with order, and creates little worlds of its own, possessing intern harmony in the bosom of this disordered planet. FORSTER, Edward Morgan. *Two Cheers for Democracy*. New York: Harcourt & Brace, 1951, p.59-60.

**CAPÍTULO VI**  
**DOIS VIVAS À DEMOCRACIA**

## NO QUE EU ACREDITO

Lily Forster morreu em março de 1945, portanto, pouco antes da guerra acabar na Europa. E aqui, como em 1924, a vida de E.M.Forster deu outra guinada. E por pura ironia, essa guinada se inicia também com uma mudança de ambiente. Na verdade, com um retorno a um lugar que ele conhecia muito bem — o *King's College*, em Cambridge. Era um retorno que renunciava uma vida sem grandes sobressaltos — a guerra havia acabado e, com ela, a ameaça nazista. Nos anos seguintes, a Europa Ocidental, a despeito de todas as adversidades, iria concentrar suas energias na sua reconstrução, e o debate político, seguindo a direção contrária ao da década anterior, ficaria restrito ao centro e a esquerda — pensamento e opiniões de direita foram praticamente eclipsados no pós-guerra.<sup>560</sup>

Nessa nova conjuntura, ele se distanciaria do debate político, cujo conteúdo, embora tivesse se transformado repentinamente com a queda de Hitler, Mussolini e seus partidários, permaneceu inalterado em seu *tom*. A guerra entre as democracias ocidentais e o fascismo mal havia terminado quando o embate fora substituído por outro, o entre comunistas e anticomunistas.<sup>561</sup> Diante desse quadro, ele preferiu a distância. Já tinha visto o suficiente e o peso da idade logo se faria sentir. O resultado disso não poderia ser outro — não haveria nenhum ato e nem nada parecido com sua ida à Paris, em 1935. Ele deixaria isso a encargo da geração de intelectuais que iria despontar nos anos seguintes a derrocada do fascismo — Arthur Koestler, Isaiah Berlin, Raymond Aron, Claude Mauriac, Albert Camus, Jean-Paul Sartre. Alheio aos temas debatidos, ele não participaria do *Congresso para a Liberdade da Cultura*, em 1950, realizado em Berlim, e que foi criado como uma resposta ao Congresso promovido pelos comunistas em Wroclaw, em 1948. Ele também acabaria se distanciando do *Conselho Nacional para as Liberdades Civis* ainda no final da década de 1940 devido aos inúmeros incidentes envolvendo os membros que trabalhavam para o PCGB.

De todo, essa distância era sintomática, assim como o fato de ter encabeçado a delegação britânica no *Congresso Internacional dos Escritores* anos antes. Em junho de 1935, longe dos incidentes que envolveram André Breton, e que culminaram no suicídio de René Crevel durante os preparativos para o *Congresso*, E.M.Forster chegou à Paris

---

<sup>560</sup> JUDT, Tony. *Pós-guerra: Uma história da Europa após 1945*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p.210.

<sup>561</sup> *Ibidem*, p.209.

junto com James Hanley — cujo livro ele citaria em seu discurso porque havia sido censurado no ano anterior. Ele se instalou no Hotel Recamier, de onde, no dia seguinte da abertura das atividades escreveu para sua mãe:

Sinto-me bem cumprindo com o meu dever, [mas] tudo esta tão cansativo quanto eu imaginava. (...) Tivemos 3 horas de conferência na noite passada, 3 esta tarde (...). Mal consigo entender o que falam, já que o microfone distorce tudo e os franceses falam muito rápido, e os outros de outras nacionalidades de maneira ruim. Acho que me sai consideravelmente bem — creio que não ouvi bem porque eu estava mais alto que o microfone. Charles [Mauron] deu-se melhor, e sua tradução foi muito boa, tendo me acompanhado parágrafo por parágrafo. (...). Falamos a mesma coisa, embora muitos tenham dito que são comunistas e outros não. O microfone é uma maldição — você não pode levantar sua voz, ou se lançar sobre ele que a coisa explode, e se você solta sua voz, a coisa foge de controle.<sup>562</sup>

Ele esta falando do microfone por conta de um incidente que não chegou a relatar nessa carta. A escritora americana Katherine Anne Porter, que esteve presente, nos conta o que aconteceu:

Acho que foi logo depois que André Malraux (...) pulou sobre o microfone como uma raposa para reter os aplausos dirigidos à fala de Julien Benda, que um homem esguio com uma testa larga e com um queixo tímido, foi apresentado e começou a ler o discurso que ele havia cuidadosamente preparado para a ocasião. Ele não prestou atenção ao microfone, mas movia [seu rosto] para cima e para baixo, e de um lado para o outro suavemente, e, toda vez que seu rosto passava perto do aparelho eu conseguia ouvir uma sílaba ou duas, [mas] nunca uma palavra inteira, apenas um leve sussurro como o do vento que desce da chaminé (...). Depois, e de maneira surpreendente, ele fez uma pausa por um momento diante do microfone, e nisso toda a sala pôde ouvir claramente, mas [em tom] melancólico, uma sentença completa: “Eu REALMENTE ACREDITO na liberdade!”<sup>563</sup>

Essa passagem diz muito sobre ele. Não só sobre o aspecto físico — era um homem magro, de nariz aquilino, cujo rosto tinha o “formato de um coração”, como descreveu David Garnett — mas principalmente sobre aquilo que pensava e acreditava. *I DO believe in liberty* [Eu REALMENTE acredito na liberdade] — poucas coisas dizem tanto a seu respeito como essa frase; são poucas coisas, como esse gesto aparentemente isolado em Paris, que nos ajuda a compreender suas motivações, não só para aceitar o convite para se pronunciar num *Congresso*, cuja maioria esmagadora dos participantes eram partidários de uma causa com a qual ele não compactuava, como para aceitar a

<sup>562</sup> FURBANK, P.N.; LAGO, Mary. (ed.). *Selected Letters of E.M.Forster: 1921-1970*. Cambridge: Belknap Press and Harvard University, 1985, p.132.

<sup>563</sup> PORTER, Katherine Anne apud FURBANK, P.N. *E.M.Forster: a life*. Vol. II New York: A Harvest Book & Harcourt Brace & Company, 2010, p.194.

presidência do *Conselho*, um ano antes — as liberdades individuais, que ele defendeu em seu discurso:

Eu me importo com a preservação e a extensão da liberdade. E vim a esse congresso principalmente para ouvir o que esta acontecendo e o que tem sofrido outros lugares. Em meu país nós também estamos vivendo um período difícil, e não tenho dúvidas com relação a isso (...).<sup>564</sup>

E ele reforçou esse posicionamento pouco depois quando publicou no *London Mercury*, em 1938, aquele que seria seu ensaio mais famoso — *What I Believe* [No que eu acredito]. Como muitos outros escritos dessa época, especialmente entre 1938 e 1939, este ensaio segue a mesma toada: seus canhões estavam voltados para os avanços da Alemanha de Hitler. No entanto, sua artilharia estava concentrada não no ataque propriamente dito, mas naquilo que ele considerava o antídoto — a defesa da democracia frente ao autoritarismo; a defesa dos valores privados e das liberdades individuais ante as ideias coletivistas do fascismo.

“Como confiar nas relações pessoais”, escreveu ele, “ou nos aferrarmos a elas em meio à tormenta política?”

As relações pessoais são desprezadas hoje. Elas são vistas como um [apetrecho] burguês supérfluo, um produto de uma época agora passada, o qual temos de nos livrar para nos dedicarmos a algum movimento ou causa. Eu odeio a ideia de causas, e se eu tiver que escolher entre traír meu amigo ou meu país, espero ter a coragem necessária para traír meu país. Semelhante escolha pode escandalizar o leitor moderno, e seu patriotismo pode fazê-lo estender a mão para pegar o telefone e ligar para a polícia. No entanto, isso não deixaria Dante, que colocou Brutus e Cassio no último círculo do Inferno por terem escolhido traír seu amigo, Julius Cesar, ao invés de seu país, Roma, surpreso. Dificilmente alguém pediria a outra pessoa para fazer uma escolha agonizante como essa. [A despeito disso] há, no verso de cada credo, algo de terrível e difícil que pode fazê-lo, ao fiel, sofrer algum dia; e existe, inclusive, terror e complicações até mesmo na crença nas relações pessoais, por mais pacífica e delicada que ela pareça. O amor e lealdade dedicados a um indivíduo podem contrariar as exigências do Estado.<sup>565</sup>

---

<sup>564</sup> I do care about the preservation and extention of freedom. And I have come to this congress mainly to listen to what is being done and suffered in other lands. My own land — we're in for a bad time, too, I've no doubt about it. FORSTER, Edward Morgan. *Abinger Harvest*. London: Edward Arnold, 1946, p.63.

<sup>565</sup> How, then, can we put any trust in personal relationships, or cling to them in the gathering political storm? (...) Personal relations are despised today. They are regarded as burgeois luxuries, as products of a time of fair weather which is now past, and we are urged to get rid of them, and to dedicate ourselves to some movement or cause instead. I hate the idea of causes, and if I had to choose between betraying my country and betraying my friend I hope I should have the guts to betray my country. Such a choice may scandalize the modern reader, and he may stretch out his patriotic hand to the telephone at once and ring up the police. It would not have shocked Dante, though. Dante places Brutus and Cassius in the lowest circle of Hell because they had chosen to betray their friend Julius Caesar rather than their country Rome. Probably one will not be asked to make such an agonizing choice. Still, there lies at the back of every

De fato, lealdade a um amigo na Alemanha nazista seria um problema — a única e verdadeira lealdade e devoção deveriam ser dirigidos à comunidade a qual pertencia à raça ariana e não a indivíduos isolados. As lealdades e a devoção deveriam ser canalizadas para o líder e a comunidade — somente eles eram dignos disso. A despeito das menções veladas — “semelhante escolha pode escandalizar o leitor moderno, e seu patriotismo pode fazê-lo estender a mão para pegar o telefone e ligar para a polícia”, “amor e lealdade dedicados a um indivíduos podem contrariar as exigências do estado”, ou a crítica desferida mais adiante ao culto do líder —, fica muito claro qual era o alvo que ele pretendia atingir. Mas como dissemos, ele não se centrou nas críticas diretas como chegaria a fazer, em 1940, na B.B.C., mas no antídoto. E quando expôs o antídoto para os problemas e as vicissitudes de sua época, ele acabou por dar um panorama dos valores em que acreditava: “As pessoas que mais admiro”, escreveu ele, “são aquelas que têm sensibilidade e que desejam criar ou descobrir algo sem contemplar a vida [a partir] da perspectiva do poder.” São “‘pessoas comuns’, que são criativas em suas vidas privadas e que, por exemplo, criam seus filhos decentemente ou ajudam seus vizinhos.” Ao que acrescenta: “Todas essas pessoas precisam se expressar; e elas não podem fazer isso a menos que sua sociedade as permita, e a sociedade que as permite ter tal liberdade é a democrática.”<sup>566</sup>

Ante o coletivismo ostensivo e sufocante dos revolucionários de direita e de esquerda, sua reação não poderia ser outra — defender as liberdades individuais frente àqueles apreciados pela comunidade. Não havia outra alternativa — e nesse aspecto, ele foi coerente do começo ao fim; ele não se perdeu no meio do caminho como André Gide. Assim, não é de duvidar que sua atitude no pós-guerra era a que ele teria sustentado na década anterior não fosse pela atmosfera carregada e polarizada que o forçou a acompanhar a contagem regressiva para a guerra de Hitler — uma vida reclusa, discreta. Poucos dias depois do estouro do conflito, em carta a Christopher Isherwood,

---

creed something terrible and hard for which the worshipper may one day be required to suffer, and there is even a terror and a hardness in this creed of personal relationships, urbane and mild though it sounds. Love and loyalty to an individual can run counter to the claims of the State. FORSTER, Edward Morgan. *Two Cheers for Democracy*. New York: A Harvest Book & Harcourt Brace & Company, 1951, p. 68-69.

<sup>566</sup> The people I admire most are those who are sensitive and want to create something or discover something, and do not see life in terms of power (...). ‘Ordinary people’, who are creative in their private lives, bring up their children decently, for instance, or help their neighbours. All these people need to express themselves; they cannot do so unless society allows them liberty to do so, and society which allows them most liberty is a democracy. *Ibidem*, p.69.



ele deu demonstrações claras de que, apesar da guerra, a vida continuava e que ele iria se concentrar naquilo que lhe interessava: “Meus planos são i) viver ii) entregar o flat em Brunswick Square e alugar um mais barato mais perto do Bob iii) tocar e fazer notas sobre as Sonatas de Beethoven.”<sup>567</sup> E ele não estava delirando — a despeito das restrições impostas pela guerra, e dos pequenos incidentes e apreensões experimentadas naqueles anos, sua atitude não mudou: continuou a se dedicar e cuidar de sua mãe, então quase 90 anos, e alugou, em outubro de 1939, um flat em Chiswick que, como ele dissera a Isherwood, tinha “uma adorável vista sob Turnham Green que me lembra Harrogate.”<sup>568</sup> De fato, Beech Lodge, onde ele começou a escrever *Maurice* enquanto Lily fazia seu tratamento em Harrogate, tinha uma vista para os gramados e árvores que era muito parecida com a do flat do n°9 da Arlington Park Mansions.

Embora fosse capaz de tocar a vida fingindo que nada estava acontecendo, existiam momentos em que a realidade se impunha. As próprias dificuldades para viajar em tempos de guerra, a impossibilidade de viajar para fora do país o traziam de volta para a realidade, uma vez que isso era algo extremamente doloroso, como ele confessou a Isherwood, em 1942: “tenho anseios violentos por fragmentos do meu passado — principalmente de pequenas peças e cenários estrangeiros, com costas nubladas —, cheguei [até mesmo] a reconstruir despedidas as quais eu não imaginava que seriam por tanto tempo.”<sup>569</sup> E isso o inquietava: a tendência autoritária havia minado as liberdades individuais e interferido de maneira decisiva na sua e na vida de muitos. “(...) Atualmente as nações se comportam muito pior umas com as outras do que no passado: enganam, roubam, intimidam, simulam e fazem guerra sem aviso prévio.”<sup>570</sup> E isso tinha implicações sérias: isso afetava o indivíduo, que de repente via sua vida ser destruída e totalmente modificada por um turbilhão forças com as quais ele, muitas vezes, não tinha qualquer relação.

---

<sup>567</sup> My “plans”(!) are (i) to live by journalism rather than by govt subsidy for propaganda work[;] (ii) to give up the B[runswick] Square flat, and take a cheaper and safer one near Bob[;] (iii) to play and make notes on Beethoven’s Sonatas. ZEIKOWITZ, Richard. *Letters between Forster and Isherwood on Homosexuality and Literature*. New York: Palgrave MacMillan, 2008, p. 89.

<sup>568</sup> A lovely view over Turnham Green which reminds me of Harrogate. *Ibidem*, p. 89.

<sup>569</sup> I have violent longings for fragments of my past—mostly small pieces of scenery abroad, with blurred edges—and I reconstruct partings which I hadn’t at the time known would be for so long. ZEIKOWITZ, Richard. *Letters between Forster and Isherwood on Homosexuality and Literature*. New York: Palgrave MacMillan, 2008, p.104.

<sup>570</sup> (...) The nations of today behave to each other worse than they ever did in the past, they cheat, rob, bully and bluff, make war without notice (...).FORSTER, Edward Morgan. *Two Cheers for Democracy*. New York: A Harvest Book & Harcourt Brace & Company, 1951, p. 10.

Assim, o que ele queria quando defendeu a democracia e as liberdades individuais era preservar um estado em que as pessoas pudessem ter uma garantia de que poderiam viver suas vidas. Era preservar um estado onde ele pudesse viver a sua. No começo da vida adulta ele parecia não se preocupar com o estado das coisas porque tinha a impressão de que elas não mudariam — de fato ele foi pego de surpresa pela guerra e pelo estado caótico suscitado por ela. Assim, não fosse por isso, e pelos desdobramentos imediatos do conflito iniciado em 1914, a ascensão do fascismo e do comunismo como alternativas à democracia liberal, além de sua homossexualidade e as privações suscitadas por ela, talvez ele não sentisse a necessidade e nem teria saído de sua torre de marfim e feito a defesa de seus valores de forma tão contundente. É provável que continuasse recluso em seu próprio mundo em Weybridge lidando com seus conflitos internos, tentando concluir algum romance inacabado e aguentando, pacientemente, as reprimendas e as censuras de sua mãe. É provável que teria vivido de maneira despretensiosa e reclusa como acabou fazendo no pós-guerra. Mas nesse momento a situação era alarmante e, como ele mesmo frisou, “(...) muitas pessoas passaram a não acreditar mais na liberdade.”<sup>571</sup> Diante disso, como T.S.Eliot, ele não viu alternativa a não ser se utilizar dos instrumentos que tinha para trazer um pouco de lucidez ao debate público. Ele o fazia como escreveu, “porque esses são dias árduos e sérios, e [porque] todos gostam de dizer o que pensam quando têm liberdade para falar — e é possível que essa liberdade não dure muito.”<sup>572</sup>

A despeito de seus esforços durante aqueles anos em que a Alemanha de Hitler avançava sobre a Europa, e durante os momentos críticos do conflito, suas energias logo se esvaíram, assim como sua vontade de continuar acompanhando ou participando do debate político. E ainda que tenha se defrontado com outras ameaças no pós-guerra, que podiam ser tão ou mais tenebrosas do que as da década anterior, ele não se sentiu impelido a reagir; não sentiu a necessidade de tentar trazer um pouco de lucidez ao debate travado por comunistas e anticomunistas ao longo das décadas de 1950 e 1960 do mesmo modo como o sentiu naqueles anos diante da escalada nazista. A democracia havia ganhado uma sobrevida com a derrota de Hitler, e com a idade chegando, ele resolveu se retirar para sua vida privada e aproveitar os anos que lhe restavam — afinal, era isso o que importava.

---

<sup>571</sup> (...) Many people do not believe in freedom. (...). Ibidem, p. 10.

<sup>572</sup> (...) Because these are strenuous and serious days, and one like to say what one thinks while speech is comparatively free: it may not be free much longer. Ibidem, p. 10.

## CONCLUSÕES

Em 1967, em sua autobiografia, Leonard Woolf escreveu: “a escala de crueldade e da barbárie alemã sob Hitler nos anos que vão de 1933 a 1945 é tão colossal que parece distinta qualitativamente da barbárie de qualquer outro povo europeu.”<sup>573</sup> Como judeu Leonard Woolf podia ter motivações extras para dizer isso. No entanto, sua visão não é muito diferente daquela que ainda impera no Ocidente, uma visão que praticamente ignora outros números — os 6 milhões que pereceram de fome na Ucrânia entre 1932-1933,<sup>574</sup> os cerca de 2 ou 3 milhões que morreram nos campos de concentração e os 20 milhões que passaram por eles na União Soviética, isso para não falarmos da China de Mao Tsé Tung. Auschwitz, Bergen-Belsen ou Buchenwald são nomes conhecidos no Ocidente. Mas Vorkuta ou Kolyma, os dois maiores campos de concentração da União Soviética, não o são. Não podemos negar que existe uma discrepância quando o assunto é a escalada de violência perpetrada por esses regimes — pelo menos no que diz respeito ao senso comum, que ignora os números, os dados e nomes relativos ao regime soviético. E essa discrepância, como frisou a historiadora americana Anne Applebaum, pode ser detectada em acontecimentos corriqueiros como o vivido por ela quando estava em Praga:

A primeira vez que percebi esse problema foi vários atrás, quando caminhava pelo Kaluv Most, a ponte Carlos, grande atração turística em Praga, cidade que acaba de redemocratizar-se. Ao longo da ponte, havia músicos de rua e garotas de programa, e mais ou menos a cada cinco metros, alguém vendia exatamente o que se esperaria encontrar à venda num cartão postal tão perfeito. Expunham-se pinturas de ruas adequadamente bonitinhas, junto com pedacinhos de bijuteria e com chaveiros com a palavra “Praga.” Em meio ao bricabraque, podia-se comprar parafernália militar soviética (quepes, insígnias, fivelas), pequenos *buttons*, as imagens de Lenin e Brejnev que os escolares soviéticos outrora prendiam nos uniformes.

A cena me pareceu estranha. A maioria dos que compravam esses objetos era de americanos ou europeus-ocidentais. Todos eles ficariam [simplesmente] enojados com a ideia de usar uma suástica. No entanto, ninguém ali fazia [qualquer] objeção a ostentar a foice e o martelo numa camiseta ou num boné. Foi um episódio menor, mas às vezes é justamente por coisas assim que se observa melhor o clima cultural (...).

Se entre os turistas em Praga havia falta de sensibilidade sobre o stalinismo, isso em parte se explica pela escassez de imagens sobre o tema na cultura popular ocidental. A Guerra Fria produziu James Bond e *thrillers*, mais os russos de gibi do tipo que aparecem nos filmes de Rambo; nada porém, tão ambicioso quanto *A Lista de Schindler* ou *A Escolha de Sofia*. Steven

<sup>573</sup> WOOLF, Leonard. *La muerte de Virginia*. Barcelona: Lumen, 2012, p.19.

<sup>574</sup> SNYDER, Timothy. *Terras de Sangue: A Europa entre Hitler e Stalin*. Rio de Janeiro: Record, 2010, p 71-89.

Spielberg, provavelmente o principal diretor de Hollywood (gostem disso ou não), preferiu fazer filmes sobre os campos de concentração japoneses (*Império do Sol*) e sobre os campos de concentração nazistas, mas não sobre os campos de concentração stalinistas.

A cultura dita elevada não se tem mostrado muito mais aberta ao sistema. A reputação do filósofo alemão Martin Heidegger foi profundamente prejudicada pelo breve apoio explícito ao nazismo, um entusiasmo que se desenvolveu antes de Hitler ter cometido suas maiores atrocidades. Por outro lado, a reputação do filósofo francês Jean-Paul Sartre não sofreu nada com o vigoroso apoio ao stalinismo durante todos os anos do pós-guerra, quando provas abundantes das atrocidades de Stalin estavam disponíveis para qualquer interessado. “Já que não éramos membros do partido”, escreveu Sartre, “não era obrigação nossa escrever sobre os campos soviéticos de trabalhos forçados; desde que nenhum fato de importância sociológica tivesse ocorrido, estávamos livres para permanecer distantes das desavenças sobre a natureza do sistema.” Em outra ocasião, ele disse a Albert Camus: “Assim como você, acho esses campos execráveis, mas acho igualmente execrável o uso que todos os dias se faz deles na imprensa burguesa.”<sup>575</sup>

Não nos cabe aqui entrar em detalhes sobre o fenômeno relatado por Applebaum — a escassez de imagens sobre a violência do regime soviético no Ocidente, sua causa e suas consequências. Mas ele é sugestivo. E é sugestivo porque esse fenômeno tem uma relação direta com o que foi discutido até aqui — o papel que a intelectualidade teve naquela conjuntura, no entreguerras e, claro, no pós-guerra. Quando intelectuais condenam e movem esforços contra um regime, mas se utilizam de todos os meios para exculparem os crimes cometidos por outro, o resultado só pode ser uma anomalia desse tipo. Mas também não é isso o que nos interessa. O que queremos frisar a esse respeito é isso: o que se viu na Alemanha nazista, a violência contra inimigos políticos, a barbárie dos campos de extermínio, além da própria crueldade nos campos de batalha no leste, não pode ser pensado como fenômeno único como sugeriu Leonard Woolf.

A Alemanha nazista tem de ser pensada dentro de um contexto mais amplo: o dessa crença que se disseminou no início do século XX de que os homens deveriam trabalhar para alcançar uma sociedade perfeita. Sem que entendamos que os regimes nazista e soviético são resultado dessa crença, e que essa crença os levou a tomar um caminho muito parecido em vários aspectos, não teremos chance de compreendê-los e nem de analisar o comportamento da intelectualidade nesse período — em carta a Noel Willmet, de 18 de maio de 1944, George Orwell escreveria: “Os intelectuais tem uma perspectiva mais totalitária do que a gente comum. No conjunto, a *intelligentsia* inglesa se opôs a Hitler, mas somente ao preço de aceitar Stalin.” Ao que acrescenta: “A

---

<sup>575</sup> APPLEBAUM, Anne. *Gulag: uma história dos campos de prisioneiros soviéticos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009, p.16.

maioria esta perfeitamente pronta para métodos ditatoriais, polícia secreta, falsificação sistemática da história.”<sup>576</sup>

E foi isso o que tentamos compreender até aqui: esse comportamento migratório e, claro, o movimento em contrário, cuja figura de proa é E.M.Forster. Tentamos compreender o que levou homens como Ezra Pound, Robert Brasillach, Paul Nizan, Henri Barbusse engrossarem as fileiras revolucionárias, ao passo que T.S.Eliot, G.K.Chesterton, Hillaire Belloc e Leonard Woolf a se oporem a esses arroubos ideológicos. Do esforço empreendido, o que fica são algumas considerações que queremos registrar:

a) No momento em que a intelectualidade europeia desse período sucumbiu a essa crença — e, como vimos, boa parte dela migrou para o lado revolucionário da balança —, ela saiu em defesa da revolução em que acreditava, e isso abriu espaço para que fizesse uma distinção entre um regime e outro, como se não fossem filhos de uma mesma crença. “O fim sublime justifica os meios odientos,” escreveu Raymond Aron em o *Ópio dos Intelectuais*, na década de 1950, fazendo referência ao procedimento daqueles intelectuais que se esquivam ante a realidade dos regimes que apoiavam.<sup>577</sup>

b) É certo que alguns intelectuais se queixaram ante a possibilidade de ter de apoiar um regime com tendência totalitária contra outro — e E.M.Forster foi um desses. Mas esses foram uma minoria. A maioria não fez o raciocínio de Eliot: “A pergunta moderna, como popularmente é feita, diz: ‘A democracia esta morta, o que irá substituí-la?’ Ao passo que deveria ser: ‘O arcabouço da democracia foi destruído; como podemos, com os materiais que temos à disposição, construir uma nova estrutura em que a democracia possa viver?’”<sup>578</sup> Ou, como ele frisou na introdução de *Notes Towards the*

<sup>576</sup> ORWELL, George. *Uma vida em cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p.256.

<sup>577</sup> ARON, Raymond Apud WINOCK, Michel. *O Século dos Intelectuais*. Rio de Janeiro: Bertand, 2000, p.663.

<sup>578</sup> KIRK, Russell. *A Era de T.S.Eliot*. São Paulo: É Realizações, 2011, p. 320.

*Definition of Culture*: “Não podemos dizer: ‘Devo transformar-me em uma pessoa completamente diferente’; podemos dizer apenas: ‘vou abandonar este mau hábito e tentar adquirir aquele bom.’” Do mesmo modo, a respeito da sociedade somente podemos dizer: ‘Devemos tentar aperfeiçoá-la quanto a este ou àquele aspecto em particular, em que o excesso e a ausência é evidente; devemos tentar incluir simultaneamente em nossa visão tantas coisas, de maneira que possamos evitar estragar alguma outra conforme consertamos algo.’”<sup>579</sup> Diferente de Eliot, a maioria se esquivou e preferiu a encarar as coisas de uma maneira mais simplória: “Existem duas alternativas, e uma delas tem que vencer. Não importa os defeitos que aquela que apoiamos tem, temos simplesmente de apoiá-la contra a outra.” Foi exatamente isso o que muitos fizeram. Era essa a lógica — correram para a solução mais simples, incorrendo o risco de ter de se exculpar depois por ter apoiado um regime que cometeu as maiores atrocidades. E a plêiade aqui é enorme: André Gide, Ezra Pound, Sartre, Mircea Eliade.

É preciso que tenhamos isso em mente para compreender o que aconteceu naquele momento. O senso de perda e o estado caótico experimentado naqueles primeiros anos após o fim do conflito em 1918 impôs a necessidade de se fazer uma escolha. Impôs a necessidade de escolher um lado para recomeçar e construir um mundo novo. Foi assim que ideias revolucionárias e antirrevolucionárias emergiram e polarizaram o debate.

E quando nos defrontamos com esse embate entre essas forças, o caso de E.M.Forster se torna sintomático. Ou pelo menos sugestivo. Sua análise até aqui, nos permitiu ver o grau de atração que o debate político exerceu sobre a intelectualidade europeia naquele momento. Seu caso é, por assim dizer, emblemático. E o é porque só isso explica o fato de que um romancista de meia idade, cuja carreira estava liquidada por conta de um bloqueio criativo, e pouco afeito a discutir política, tenha adentrado esse universo e se mostrado disposto a presidir um órgão da sociedade civil, a participar e se pronunciar em eventos no exterior, e a utilizar a imprensa e o rádio para tentar

---

<sup>579</sup> ELIOT, T.S. *Notas para a definição de cultura*. São Paulo: É Realizações, 2011, p. 21.

influenciar a opinião pública. Sem essa atração que esse debate exerceu, ou que as forças políticas de então exerceram, não conseguimos explicar a mobilização da intelectualidade europeia naquele momento.

O contexto, a atmosfera carregada do entreguerras, é o elemento decisivo aqui. É ele que explica o fim da carreira de E.M.Forster como romancista, uma vez que a ruptura suscitada pela guerra de 1914-1918 gerou um bloqueio criativo, e é ele que explica sua mudança de atitude com relação à política na década que se seguiu à Versalhes. Foi ele, o contexto, com todos os seus reveses e vicissitudes, que forçou a intelectualidade europeia a se mobilizar, incluindo E.M.Forster. Como o próprio Forster, que disse que “personagens não podem vir à luz, lutar e guiar o mundo”, esses intelectuais engajados talvez tenham sentido que a melhor maneira de encarar essa situação era através de ações concretas — e seus talentos foram colocados a serviços dos regimes e das ideologias radicais que despontaram no entreguerras.

Seja por livre e espontânea vontade, como foi o caso de Drieu, com o seu *Gilles*, seja por coerção dos regimes franquista, salazarista, nazista ou comunista, a intelectualidade se dobrou aos apelos dessas forças políticas em ação. Mesmo os que não cederam a elas, como o próprio Forster, ou T.S.Eliot, tiveram de agir para tentar conter o avanço dessas forças. Assim, de uma maneira ou outra, todos acabaram se envolvendo, em maior ou menos grau. Uns se silenciaram, outros se exilaram; alguns foram mortos, outros, como Robert Brasillach e Henri Barbusse trabalharam voluntariosamente.

Muito embora tenha atendido a uma espécie de chamado como muitos de seus contemporâneos, ele não cedeu ao radicalismo. É certo que a incompatibilidade de seus valores e de seu temperamento com a carga radical professada pelas ideologias que se digladiaram no entreguerras o impediu de seguir o caminho de escritores que admirava como foi o caso de André Gide. E nesse ponto, seu temperamento conservador, herdado dos Thornton, funcionou como uma barreira de contenção; e as crenças adquiridas no começo da vida adulta, quando ainda estava em Cambridge, serviram como uma advertência sobre o que ele poderia perder caso a Europa sucumbisse à ação de homens como Hitler e Stalin. Em conjunto, seus valores e seu temperamento moldaram sua atuação na imprensa. Moldaram suas inclinações políticas e definiram seu posicionamento, posicionamento esse que ele defenderia frente a uma situação política e social adversa. Posicionamento esse que foi norteado pela sua crença, uma crença quase

voltaireana no indivíduo e em suas virtudes: “O que há de bom nas pessoas, e por conseguinte no mundo, é seu empenho criador, sua fé na amizade e na lealdade.”<sup>580</sup>

---

<sup>580</sup> What is good in people — and consequently in the world — is their insistence on creation, their belief in friendship and loyalty. FORSTER, Edward Morgan. *Two Cheers for Democracy*. New York: A Harvest Book & Harcourt Brace & Company, 1951, p. 72.



## CRONOLOGIA

- 1879 Nasce em 1° de Janeiro no número 6 da Melcombe Place, Dorset Square, Londres.
- 1880 Morte de seu pai, Edward Morgan Llewellyn Forster, de tuberculose.
- 1882 Forster e sua mãe se mudam de Londres para Rooknest, Stevenage, Hertfordshire. Essa casa serviu de inspiração para *Howards End*.
- 1890 Forster vai para a escola preparatória Kent House, em Eastbourne.
- 1893 É transferido para Tonbridge. Se muda de Rooknest com sua mãe para Dryhurst, Dry Hill Park Road, Tonbridge.
- 1895 Primeira viagem à França.
- 1897 Ingressa no Kings'College, em Cambridge, onde estuda História e Letras Clássicas.
- 1901 Deixa Cambridge e logo em seguida Forster e sua mãe viajam pela Suíça, Itália, Sicília, e Áustria.
- 1903 Parte para um cruzeiro na Grécia e, próximo a Olímpia, tem a ideia para um de seus primeiros contos, *The Road from Colonus*.
- 1904 Muda-se para Harnham, sua casa em Weybridge.
- 1905 Parte para a Alemanha para servir de tutor das filhas da Condessa de Armin, em Nasseheide, na Pomerânia. É ali que recebe e revisa as provas de *Where Angels Fear to Tread*, publicado em outubro desse ano, pela Edward Arnold.
- 1907 Publica *The Longest Journey*.
- 1908 Nova viagem à Itália. Publica *A Room with a view*.
- 1910 Publica *Howards End*, que é eleito o romance do ano.
- 1911 Morte de sua avó materna, Louise Whichelo. Publicação de sua primeira coletânea de contos, *The Celestial Omnibus*.
- 1912 Viagem à Índia.
- 1913 Retorna da Índia. Começa a escrever *A Passage to India*. Conhece Edward Carpenter e seu companheiro George Merrill, em Millthorpe. Essa visita o inspira a escrever o único romance publicado postumamente *Maurice*.
- 1914 Segue trabalhando em Maurice. Estoura a Primeira Guerra Mundial.
- 1915 Parte para Alexandria para trabalhar como voluntário na Cruz Vermelha.
- 1917 Conhece Mohammed el Adl, com quem tem seu primeiro relacionamento.
- 1919 Retorna à Inglaterra.
- 1921 Parte para a Índia para servir como Secretário Particular do Marajá do estado de Dewas.

- 1922 Em janeiro volta ao Egito e revê Mohammed el Adl, que morre poucos meses depois. Publica *Alexandria, a History and a Guide*. Conhece o poeta J.R.Ackerley.
- 1923 Publica *Pharos and Pharillon*, dedicado (secretamente) à Mohammed.
- 1924 *A Passage to India* é publicado, obtendo estrondoso sucesso de crítica. Muda-se com sua mãe para *West Hackhurst*, em Abinger Hammer, no Surrey, a única casa projetada por seu pai, e que pertencia a sua tia, Laura Forster, morta em maio daquele ano.
- 1927 Profere uma série de palestras no Clark Lectures, em Cambridge, que serão publicadas posteriormente em *Aspects of the Novel*.
- 1928 Manifesta-se na imprensa contrário à censura do romance *The Well of Loneliness*, de Radclyffe Hall. Publica *The New Censorship* e uma carta assinada também por Virginia Wolf no *Nation and Athenaeum* a respeito do romance de Hall. Publica sua segunda coletânea de contos, *The Eternal Moment*.
- 1930 Conhece o jovem policial Robert Buckingham, que se torna seu companheiro e amigo para o resto da vida. Inicia sua atuação na B.B.C. Viagem à África do Sul.
- 1932 Morte de Lytton Strachey.
- 1934 Torna-se o primeiro Presidente do recém-fundado *Conselho Nacional para as Liberdades Civis*. Publica a biografia de seu professor e amigo, *Goldworthy Lowes Dickinson*, morto em 1932.
- 1935 Encabeça a delegação britânica no Congresso Internacional dos Escritores, em Paris, em junho. Publica *International Congress of Writers*, no *New Statesman*, em julho, e o discurso proferido na ocasião, *Liberty in England*, em Agosto, no *London Mercury*.
- 1936 Publica sua primeira coletânea de artigos e ensaios, *Abinger Harvest*.
- 1937 Visita a Exposição Mundial em Paris. Publicação de *The Last Parade*, no *New Writing*.
- 1938 Publica *The Ivory Tower*, no *London Mercury*, e *The Long Run*, no *New Statesman and Nation*.
- 1939 Publica seu ensaio mais famoso, *What I Believe*, e uma série de artigos a respeito da perseguição racial perpetrada pelos nazistas — *Comment and Dream: Jew-Consciousness*, no *New Statesman and Nation* e *Racial Exercise*, no *Time and Tide*. A Alemanha de Hitler invade a Polônia. França e Inglaterra declaram guerra. Começa a Segunda Guerra Mundial.
- 1940 Queda de Paris. Forster atua numa série de transmissões na B.B.C. ante a ameaça da invasão

- alemã durante a Batalha da Inglaterra — *Two Cultures: The Quick and Dead, What has Germany done to the Germans?, What would Germany do to us?*
- 1941 Sua transmissão *Voltaire and Frederick the Great* vai ao ar. Inicia sua transmissão para a Índia na B.B.C. A Alemanha invade a União Soviética. Suicídio de sua amiga Virginia Woolf.
- 1942 É eleito novamente Presidente do *Conselho Nacional para as Liberdades Civis*. Vai ao ar a transmissão *The Duty of Society to the Artist*.
- 1944 Preside a Conferência da PEN, em Londres, onde conhece Arthur Koestler. Transmitido pela B.B.C. A *Clash of Authority*, resenha de *The Road of Serfdom*, de F.A.Hayek, e *Reason, Faith and Civilization*, de Harold Laski. Publicado *A Book that Influenced Me*.
- 1945 Retorna a Índia para mais uma conferência da PEN. Sua mãe morre em março. A guerra acaba na Europa em maio, com a rendição da Alemanha. É eleito Honorary Fellow do King's College, Cambridge.
- 1947 Parte para os Estados Unidos onde profere palestra na Universidade de Harvard, *The Reason d'Etre of Criticism in the Arts*.
- 1949 Retorna aos Estados Unidos e profere a palestra *Art for Art Sake*, na Academia de Artes e Letras. Começa a trabalhar no libreto de *Billy Budd*, da ópera de Benjamin Britten, junto a Eric Crozier.
- 1951 Publicação de segunda coletânea de artigos e ensaios, *Two Cheers for Democracy*.
- 1953 Publica *The Hill of Davi*, uma coletânea de cartas e artigos sobre a Índia.
- 1954 Sua amiga Florence Barger morre.
- 1956 Publica *Marianne Thornton*, como forma de homenagear sua benfeitora.
- 1960 Aparece como testemunha no processo contra *Lady Chatterley*, de D.H.Lawrence.
- 1967 Seu amigo J.R.Ackerley morre.
- 1969 Recebe a Ordem do Mérito.
- 1970 Morre em Coventry, na casa de Bob Buckingham, aos 91 anos.
- 1971 Publicação de *Maurice*.
- 1972 Publicação de *The Life to come*.

## BIBLIOGRAFIA

- ARENDDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras: 2013.
- \_\_\_\_\_. *Eichmann em Jerusalém*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- APPLEBAUM, Anne. *Gulag: uma história dos campos de prisioneiros soviéticos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.
- BARBUSSE, Henri. *Stalin: Um mundo novo visto através de um homem*. Rio de Janeiro: Leitura, 1945.
- BECKER, Jean-Jacques. *O Tratado de Versalhes*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- BELL, Quentin. *Bloomsbury*. São Paulo: Ediouro 1993.
- \_\_\_\_\_; NICHOLSON, Virginia; MACWEENEY, Alen. *Charleston: a Bloomsbury house & garden*. London: Frances Lincoln, 2004.
- BENDA, Julien. *La Traición de los Intelectuales*. Santiago: Ediciones Ercilla, 1951.
- BERLIN, Isaiah. *Limites da Utopia: Capítulos da História das Ideias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- BERTONHA, João Fábio. *Entre Mosley, Whittaker e Plínio Salgado: interfaces entre o universo fascista do Brasil e do mundo anglo-saxão*. Porto Alegre: Interfaces Brasil/Canadá, V.1, N.2, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Sobre a Direita*. Maringá: EDUEM, 2000.
- BEUAMAN, Nicola. *Morgan: A biography of E.M.Forster*. London: Hodder & Stoughton, 1993.
- BLINKHORN, Martin. *Fascism and Right in Europe: 1919-1945*. Edinburgh: Pearson, 2000.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BLOCH, Marc. *A Estranha Derrota*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.
- BRACHER, Karl Dietrich. *La ditadura alemana*. Vol.I e II. Madrid: Alizan Editorial, 1973.
- BRASILLACH, Robert; BARDÈCHE, Maurice. *Historia de la Guerra de España*. Valencia: 1966.
- BURKE, Edmund. *Reflexões sobre a Revolução na França*. Rio de Janeiro: TopBooks, 2012.
- CARTER, Miranda. *Os Três Imperadores: Três Primos, Três Impérios e o caminho para a Primeira Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.
- CECIL, Hugh. *Conservatismo*. Barcelona: Labor, 1929.
- CHESTERTON, G.K. *Hereges*. Campinas: Ecclesiae, 2012.
- CHURCHILL, Winston. *Grandes Homens do Meu Tempo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- CIANO, Galeazzo. *Diario: 1937-1943*. Milano: Rizzoli, 1980.
- CLEMENCEAU, Georges. *Grandezas y Miserias de una Victoria*. Madrid: Aguilar, 1930.
- COOK, Don. *Charles De Gaulle*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.
- COLVIELLE, John. *Winston Churchill and his inner circle*. New York: Wyndham Books, 1981.

- CREWS, Frederick. *E.M.Forster: The Perils of Humanism*. Princeton: Princeton University Press, 1967.
- DARROCH, Sandra Jobson. *Ottoline: The Life of Lady Ottoline Morrell*. London: Chatto & Windus, 1976.
- DENMAN, Roy. *Missed Chances: Britain and Europe in the Twentieth Century*. London: Indigo, 1997.
- DAVIES, Peter. *The Extreme Right in France: 1789 to the Present: From de Maistre to Le Pen*. London: Routledge, 2002.
- \_\_\_\_\_; Lynch, Derek. *The Routledge Companion to Fascism and the Far Right*. New York: Routledge, 2005.
- DAWSON, Christopher. *Dinâmicas da História do Mundo*. São Paulo: É Realizações, 2010.
- DE FELICE, Renzo. *Autobiografia del fascismo: Antologia di testi fascisti: 1919-1945*. Torino: Einaudi, 2004.
- DE FELICE, Renzo. *Il Fascismo: Le interpretazioni dei contemporanei e degli storici*. Roma: Laterza, 1970.
- EATWELL, R. *Fascism: A History*. London: Vintage, 1996.
- ELIADE, Mircea. *Memória: Las Promesas del equinocio*. Madrid: Taurus, 1982.
- ELIAS, Norbert. *Os Alemães: A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- ELIOT, T.S. *Notas para a definição de cultura*. São Paulo: É Realizações, 2011.
- ELEY, Geoff. *What Produces Fascism: Preindustrial Traditions or a Crisis of a Capitalism State*. IN: *Politics and Society*, 1983.
- ESPADA, João Carlos. *Ensaio sobre a Liberdade*. São João do Estoril: Principia, 2002.
- EVANS, Richard. *A Chegada do Terceiro Reich*. São Paulo: Editora Planeta, 2010.
- \_\_\_\_\_. *O Terceiro Reich no Poder*. São Paulo: Editora Planeta, 2011.
- \_\_\_\_\_. *O Terceiro Reich em guerra*. São Paulo: Editora Planeta, 2012.
- FELDMAN, Matthew. *Ezra Pound's Fascist Propaganda: 1935-1940*. London: Palgrave MacMillan, 2013.
- FERGUSON, Niall. *O Horror da Guerra*. São Paulo: Planeta, 2014.
- FORSTER, Edward Morgan. *Abinger Harvest*. London: Edward Arnold, 1946.
- \_\_\_\_\_. *Two Cheers for Democracy*. New York: A Harvest Book & Harcourt Brace & Company, 1951.
- \_\_\_\_\_. *The Prince's Tales and other uncollected writings*.
- FURBANK, P.N. (ed.). London: Andre Deutsch, 1998.
- \_\_\_\_\_. GARDNER, Philip (org.) *The Journals and Diaries of E.M.Forster*. New York: Ashgate, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Goldsworthy Lowes Dickinson*. New York: A Harvest Book, s/d.
- \_\_\_\_\_. *Marianne Thornton*. New York: A Harvest Book, s/d.

- \_\_\_\_\_. *The Longest Journey*. London: Oxford University Press, 1960.
- \_\_\_\_\_. HEALTH, Jeffrey M. (org.). *The Creator as Critic and other writings by E.M.Forster*. Toronto: Dundurn Press, 2008.
- \_\_\_\_\_. GARDNER, Philip (org.). *Commonplace Book*. Aldershot: Wildwood House, 1988.
- FURBANK, P.N.; LAGO, Mary. (ed.) *Selected Letters of E.M.Forster: 1879-1920*. Cambridge: Belknap Press and Harvard University, 1983.
- FURBANK, P.N.; LAGO, Mary. (ed.). *Selected Letters of E.M.Forster: 1921-1970*. Cambridge: Belknap Press and Harvard University, 1985.
- FURBANK, P.N. *E.M.Forster: a life*. New York: A Harvest Book & Harcourt Brace & Company, 2010.
- FURET, François. *Pensar la Revolución Francesa*. Barcelona: Editorial Petrel, 1980.
- HOLROYD, Michael. *Lytton Strachey: The new biography*. Nova York: W. W. Norton & Company, 2005.
- HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- HUMM, Maggie. *Snapshots of Bloomsbury: The private lives of Virginia Woolf and Vanessa Bell*. New Brunswick: Rutgers University Press, 2006.
- HUNTINGTON, Samuel. *Conservatism as an Ideology* IN: *The American Political Science Review*, 51, n.2, p.460, 1957.
- HYNES, Samuel. *The Auden Generation: Literature and Politics in England in the 1930s*. London: The Bodley Head, 1976.
- GARDNER, Philip. *Critical Heritage*. London: Routledge, 2002.
- GORDON, Lyndall. *Virginia Woolf: A Writer's Life*. Nova York: W. W. Norton & Company, 2001.
- GOTTILIEB, Julie; LINEHAN, Thomas. *The Culture of Fascism: Visions of the far right in Britain*. New York: I.B.Tauris, 2004.
- IGNATIEFF, Michael. *Isaiah Berlin: Uma Vida*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- ISHERWOOD, Christopher. *Christopher and His Kind*. New York: Farrar Giroux Strauss, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Diaries of Christopher Isherwood: 1939-1960*. Katherine Bucknell (ed.) New York: Harper Collins, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Lost Years: 1945-1951*. New York: Harper Collins, 2000.
- JEFFREYS, Peter. *The Forster-Cavafy Letters: Friends at Slight Angle*. Cairo: The American University in Cairo Press, 2009.
- JUDT, Tony. *Pós-guerra: Uma história da Europa após 1945*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Pensando o Século XX*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.
- \_\_\_\_\_. *O Peso da Responsabilidade: Blum, Camus Aron e o século XX francês*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.
- JOHNSON, Paul. *Intelectuais*. Lisboa: Guerra e Paz, 2009.
- KEYNES, John Maynard. *Dos Recuerdos*. Barcelona: Acantilado, 2006.
- KING, Francis. *E.M.Forster and his world*. London: Charles Scribner's Sons, 1978.

- KINNEAR, Michael. *The Fall of Lloyd George: The Political Crisis of 1922*. Toronto: University of Toronto Press, 1973.
- KIRKPATRICK, B.J. *A Bibliography of E.M.Forster*. London: Rubert Hart-Davis, 1968.
- KIRK, Russell. *A Política da Prudência*. São Paulo: É Realizações, 2013;
- \_\_\_\_\_. *A Era de T.S.Eliot*. São Paulo: É Realizações, 2011.
- LARKIN, Maurice. *France since the Popular Front*. Oxford: Oxford University Press, 1991.
- LENIN, Vladimir. *O Estado e a Revolução*. Porto: Meditação, 1970.
- LEHAMMAN, John. *Christopher Isherwood: a personal memoir*. London: Weidenfeld and Nicholson, 1987.
- LEBEDOFF, David. *O mesmo homem: Evelyn Waugh e George Orwell*. Rio de Janeiro: Difel, 2011.
- LEWIS, D.S. *Illusions of grandeur: Mosley, fascism and British society: 1931-81*. Manchester: Manchester University Press, 1987.
- LINEHAN, Thomas. *British Fascism, 1918-39: Parties, Ideology and Culture*. Manchester: Manchester University Press, 2006.
- LOCHERY, Neil. *Lisboa: A Guerra nas sombras da Cidade da Luz: 1939-1945*. Barcarena: Editorial Presença, 2012.
- LOTTMAN, Herbert R. *La Rive Gauche: Intelectuales y política en París: 1935-1950*. Barcelona: Editorial Blume, 1985.
- LUKCAS, John. *Cinco Dias em Londres: negociações que mudaram o Rumo da II Guerra*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- \_\_\_\_\_. *O Duelo Churchill x Hitler: 80 dias cruciais da Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Junho de 1941: Hitler e Stalin*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- MacDONOGH, Giles. *The Last Kaiser: The Life of Wilhelm II*. New York: St. Martin's Press, 2000.
- MACAULAY, Rose. *Life Among English*. London: William Collins, 1942.
- MACRIDIS, Roy. *Ideologias Políticas Contemporâneas*. Brasília: Editora UnB, 1982.
- MALCOLM, Janet. *Dois vidas: Gertrude e Alice*. São Paulo: Paz & Terra, 2008.
- MALIA, Martin. *Russia under Western Eyes: From Bronze Horseman to the Lenin Mausoleum*. London: Belknap Press, 1999.
- MANN, Michael. *Fascistas*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- MARDER, Herbert. *Virginia Woolf: a medida da vida*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- MARTIN, John S. *E.M.Forster: The Endless Journey*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- MARX, Karl. *O Capital: Crítica da Economia Política*. Vol.I e II. Rio de Janeiro, 2006.
- MAYER, Arno J. *A força da tradição: a persistência do Antigo Regime*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- MAYER, Arno. *Dinâmicas da Contra-Revolução na Europa*. São Paulo: Paz e Terra, 1977.
- MAZOWER, Mark. *Continente Sombrio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

- \_\_\_\_\_. *O Império de Hitler: A Europa sob domínio nazista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- MEE, Charles. *The End of Order: Versailles, 1919*. New York: E.P. Dutton, 1980.
- MENESES, Filipe Ribeiro. *Salazar*. São Paulo: Leya, 2011.
- MUSSOLINI, Benito. *Scritti e Discorsi. Dall'Intervento al Fascismo: 15 novembre 1914 – 23 Marzo 1919*. Milano: Ulrico Hoepli Editore, 1934.
- \_\_\_\_\_. *Scritti e Discorsi. Il 1924*. Milano: Ulrico Hoepli Editore, 1934.
- \_\_\_\_\_. *Scritti e Discorsi. Dal 1925 al 1926*. Milano: Ulrico Hoepli Editore, 1934.
- \_\_\_\_\_. *Scritti e Discorsi. Dell'Imperio*. Milano: Ulrico Hoepli Editore, 1934.
- MOFFAT, Wendy. *E.M.Forster: A New Life*. London: Bloomsbury, 2010.
- NABOKOV, Vladimir. *Fala, Memória*. Lisboa: Relógio D'Água, 2013.
- NEUMANM, Franz. *Behemoth: the Structure and Practice of National Socialism*, New York: Oxford University Press, 1942.
- NISBET, Robert. *O Conservadorismo*. Lisboa: Editorial Estampa, 1987.
- NIZAN, Paul. *Por una nueva cultura*. Cidade do México: Ediciones Era, 1975.
- ORWELL, George. *Dentro da Baleia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Diarios*. Alfragide: D.Quixote, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Literatura e Política: Jornalismo em tempos de guerra*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Um pouco de ar, por favor!* Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Uma vida em cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- POUND, Ezra. *Esta é a voz da Europa*. Lisboa: Hugin, 1996.
- PAGE, Norman. *Auden and Isherwood: The Berlin years*. New York: St. Martins Press, 2000.
- PAGE, Norman. *E.M.Forster*. London: Macmillan Press, 1987
- PATERSON, Michael. *Winston Churchill: The photobiography*. New Abbot: David & Charles, 2006.
- PAXTON, Robert. *A Anatomia do Fascismo*. São Paulo: Paz & Terra, 2007.
- PAYNE, Stanley. *El Fascismo*. Madrid: Alianza Editorial, 1986.
- PINCHIN, Jane Lagoudis. *Alejandro: Cavafis, Forster y Durrell*. Granada: Al-Andaluz y el Mediterraneo, 2004.
- PUGH, Martin. *State and Society*. London: Bloomsbury, 2012.
- RÉMOND, René. *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- SASSOON, Donald. *Mussolini e a ascensão do fascismo*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.
- SKINNER, Quentin. *Liberdade antes do Liberalismo*. São Paulo: Editora UNESP/ Cambridge University Press, 1999.
- SNYDER, Timothy. *Terras de Sangue: A Europa entre Hitler e Stalin*. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- SOUCY, Robert. *French Fascism: The Second Wave: 1933-1939*. New Haven: Yale University Press, 1995.
- SOLJENÍTISIN, Alexander. *Arquipélago Gulag*. São Paulo: Difel, 1976.
- SPENDER, Stephen. *The Temple*. London: Faber and Faber, 1988.



- SPENGLER, Oswald. *La decadencia de Occidente*. Vol. I e II. Madrid: Espasa Calpe, 2009.
- STALLYBRASS, Oliver (ed.). *Aspects of E.M.Forster*. New York: A Harvest Book & Harcourt Brace & Company, 1969.
- STEIN, Gertrude. *Guerras que he visto*. Barcelona: Alba Editorial, 2003.
- STONE, Wilfred. *The Cave and the Mountain: a study of E.M.Forster*. Stanford: Stanford University Press, 1966.
- TASCA, Angelo. *El Nacimiento del fascismo*. Barcelona: Crítica, 2000.
- TAYLOR, A.J.P. *Historia de Inglaterra: 1914-1945*. Ciudad do Mexico: Fondo de Cultura Economica, 1989.
- TAYLOR, A.J.P. *The Origins of The Second World War*. London: Penguin, 1991.
- TODD, Pamela. *Bloomsbury at home*. New York: Harry N. Abrams Publishers, 1999.
- TOOLEY, Sarah. *The Personal Life of Queen Victoria*. London: Hodder and Stoughton, 1896.
- THOMSON, George H. *The fiction of E.M.Forster*. Detroit: Wayne State University Press, 1967.
- THOMSON, David. *World History from 1914-1960*. London: Oxford University Press, 1963.
- THURLOW, Richard. *Fascism in Britain: A History: 1918–1998*. London: I.B.Tauris, 1998.
- TUCHMAN, Barbara. *Canhões de Agosto*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994.
- ZEIKOWITZ, Richard. *Letters between Forster and Isherwood on Homosexuality and Literature*. New York: Palgrave MacMillan, 2008.
- VIERECK, Peter. *Conservatism: from John Adams to Churchill*. New Jersey: Van Nostrand, 1956.
- WHITE, Michael. *Tolkien: uma biografia*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- WILLMOTT, H.P.. *World War I*. London: Dorling Kindersley, 2008.
- WINOCK, Michel. *As Vozes da Liberdade: os Escritores Engajados do Século XIX*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- \_\_\_\_\_. *O Século dos Intelectuais*. Rio de Janeiro: Bertand, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Victor Hugo na arena política*. Rio de Janeiro: Difel, 2008.
- WOOLF, Leonard. *Beginning again: an autobiography of the years 1911 to 1918*. New York: Harcourt & Brace, 1972.
- WOOLF, Virginia. *Diário: 1915-1926*. Lisboa: Bertrand, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Diário: 1927-1941*. Lisboa: Bertrand, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Momentos de uma Vida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1986.